



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS		
EVENTO: Reunião Externa	Nº: 0221/06	DATA: 15/3/2006
INÍCIO: 08h30min	TÉRMINO: 18h35min	DURAÇÃO: 10h05min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 09h53min	PÁGINAS: 323	QUARTOS: 119

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
TESTEMUNHA Z - Testemunha; LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Testemunha; MARIELI CORRALES ABAD - Testemunha; JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Testemunha; BEATRIZ PEREIRA - Testemunha JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Testemunha; PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Testemunha ; JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Testemunha; JORGE ALBERTO BASTOS PEREIRA - Testemunha; ADRIANA FARIAS DA SILVA - Testemunha; RUDINEI GOULART BASTOS - Testemunha. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Testemunha; RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Testemunha.

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES
A reunião foi realizada em Uruguaiana, Rio Grande do Sul. O início e o término da reunião não foram gravados. A reunião foi suspensa e reaberta várias vezes. Há expressões ininteligíveis. Há falhas na gravação. Há oradores não identificados. Há intervenções inaudíveis. Grafias não confirmadas: Aníbal Vignoli, Paulo Bozo, Clavê, Flávia Klaus, Nenê, Ernani Vilela Nelsins, Felipe Schervenski; Dr. Farley; Paulo Chicuto; Pono; Pilo; Valau; Valauzinho



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - *(Início não gravado)*

...Inquérito destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas. Solicito à força-tarefa que introduza a primeira testemunha. Agradeço a compreensão das senhoras e senhores da imprensa, Sras. e Srs. Vereadores, senhoras e senhores que nos acompanham, assessores da CPI, assessores de Parlamentares. Esta fase será aberta ao público. Há um momento em que poderá ser reservada.

E queremos também agradecer a presença do Exmo. Sr. Carlos Henrique Macedo Bara, Procurador da República, ilustre representante do Ministério Público Federal. Cumprimento também as senhoras e senhores que representam a Polícia Federal, a Polícia Rodoviária, a nossa Brigada Militar, a Polícia Civil, o nosso Ministério Público Estadual.

Acompanhado pelo Relator da CPI, Deputado Paulo Pimenta, e pelo Deputado Colbert Martins, vamos à primeira testemunha. *(Pausa prolongada.)*

Por se tratar de oitiva de testemunha convocada, solicito ao senhor que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal. O convocado foi previamente qualificado pela CPI do Tráfico de Armas. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal:

“Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial ou em juízo arbitral.”

TESTEMUNHA Z - *“Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Prestado este compromisso, de imediato, passamos ao Relator, Deputado Paulo Pimenta, que ouvirá a testemunha convocada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, Deputado Francisco Appio, Deputado Colbert, antes de mais nada, quero perguntar à testemunha se ele se encontra à vontade para poder falar a verdade, se tem sofrido algum tipo de pressão, algum tipo de constrangimento ou alguma tentativa de interferência no seu depoimento que será dado a esta CPI no dia de hoje.



TESTEMUNHA Z - No dia de hoje não, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas, nos últimos dias, tem sofrido algum tipo de pressão, de constrangimento, de ameaça, alguma coisa?

TESTEMUNHA Z - Só minha família.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sua família tem sido ameaçada?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aqui em Uruguaiana?

TESTEMUNHA Z - Aqui em Uruguaiana. Inclusive elas compareceram até a Polícia Federal, onde relataram ao delegado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso aconteceu nos últimos dias?

TESTEMUNHA Z - Nos últimos 15 dias.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A família do depoente tem sido ameaçada. Eu gostaria que o nosso pessoal da Polícia Federal pudesse conferir essa informação e saber qual a decorrência desse relato que ele está nos fazendo.

Mesmo assim, o senhor encontra-se disposto a prestar o depoimento e revelar aqui tudo o que sabe em relação às situações que envolvam o tráfico de armas e crimes correlatos aqui em Uruguaiana e na região?

TESTEMUNHA Z - Sim, e muitas coisas também eu gostaria de falar em reservado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeitamente. O senhor terá uma oportunidade para poder falar sobre isso. Nós estamos aqui hoje por 2 motivos. O primeiro deles, para dar andamento a uma investigação em curso que analisa o papel que hoje essa região do nosso País cumpre, supostamente como uma rota de entrada de armas, de drogas, de roubo de cargas, de lavagem de dinheiro. O senhor gostaria de dizer, na sua opinião, a respeito do papel que o Município, que a região hoje tem nesse esquema e até que ponto realmente existe uma conexão, a partir de Uruguaiana, ou que passe por Uruguaiana, com o resto do Brasil, na ocorrência desse tipo de crime? O que o senhor tem a nos dizer sobre isso?

TESTEMUNHA Z - Olha, Deputado, como eu já tinha comentado com o senhor, em Porto Alegre e até em Brasília, Uruguaiana é uma rota, sim, porque Uruguaiana tem 2 fronteiras abertas, de pouca fiscalização, onde as autoridades que deviam fiscalizar não fiscalizam. E é assim o livre comércio de armas que passam por Uruguaiana e chegam até São Paulo e as demais grandes capitais do País.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa sua afirmação, ela decorre de quê?

TESTEMUNHA Z - É decorrente de várias pessoas de Uruguaiana que eu conheço. Eu, trabalhando como informante da polícia, me infiltrei em várias quadrilhas dessas. Ajudamos até o Ministério Público a dismantelar várias. E eu tenho de fonte segura e certa, não só pelo meu testemunho, mas de várias pessoas que lidavam com isso e que foram presas pelo Ministério Público, que Uruguaiana é assim. E tem, em Uruguaiana, um dos grandes responsáveis pelo envio dessas armas, pela compra e repasse delas, entendeu? Ganha muito lucro com isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E essas armas seriam originárias de onde?

TESTEMUNHA Z - Essas armas seriam originárias da Argentina, da cidade de Paso de Los Libres, Mendoza e também de Buenos Aires, que teria o receptor lá na pessoa do Sr. Aníbal Vignoli, que teria o seu contato em Uruguaiana com a pessoa do Sr. Jair Rodrigues, que é o grande intermediário desse tráfico de armas. Também no Uruguai, na pessoa do seu Marcelo Luiz Braga de Deus, que é um foragido da Justiça, que se encontra lá, e também do Marcelo Alibes, que é um uruguaio, que fazem esse repasse, via fronteira, para Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor afirma que existe uma conexão da qual fazem parte essas pessoas que foram citadas e que faz com que essas armas cheguem até Uruguaiana?

TESTEMUNHA Z - Com certeza.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E, posteriormente, qual seria o destino dessas armas?

TESTEMUNHA Z - Como eu já havia lhe informado na outra sessão, essas armas, muitas delas... Há cerca até de 7, 8 meses atrás, foi a última vez que eu tive contato, de fato, com isso. Foram levados fuzis, uma metralhadora e pistolas por um elemento conhecido da população que levou essas armas até São Paulo, entregando lá para a quadrilha do PCC. O senhor sabe que a pessoa do Macarrão, que era o responsável pelo recebimento, inclusive teria uma central telefônica interligada com Uruguaiana, a qual os presos, para não serem captados por alguma escuta telefônica, negociavam essas armas e várias outras armas. Em Uruguaiana tem 4, 5 pessoas que trabalham para esse empresário que até hoje continuam



trabalhando. E esse empresário, o Sr. Jair Rodrigues, quando se diz que ele é um empresário, eu gostaria de falar que até uma década atrás, menos de 10 anos, o Sr. Jair Rodrigues não tinha nada em Uruguaiana. E ele não tem como provar de onde ele tirou esses recursos dele. Se hoje ele diz que lida com títulos, é bom provar que ele lida com esses títulos. Só que ele não nasceu em berço de ouro. E esses títulos seriam somente para ludibriar uma fiscalização, porque ele não nasceu rico. E esse dinheiro tem um propósito. Que eu saiba, ele não ganhou em nenhuma loteria. E ele é conhecido lá em Uruguaiana, sempre quando ele afirma que eu tenho problemas, ele também tem vários processos por estelionato e falsidade ideológica, inclusive com condenação criminal transitada em julgado já. E eu reafirmo que ele é o responsável. Inclusive, se ele não se envolve diretamente, ele sempre tem uma pessoa, seu testa-de-ferro, na pessoa do Sr. Rudinei Goulart Bastos, que é um rapaz que, até pouco tempo, não tinha nada em Uruguaiana, até 1 ano e meio atrás, que hoje é dono de várias... tem carros, caminhonetes, caminhões, e sendo, inclusive em Libres, responsável grande por roubo de cargas em Libres e o transporte de armas para Uruguaiana. Essa pessoa cresceu do nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - As acusações que o senhor faz são acusações muito contundentes, são acusações muito graves, que, evidentemente, na medida em que não forem comprovadas, poderão ensejar conseqüências da mesma proporção das acusações com relação a V.Sa.

TESTEMUNHA Z - Não tenho medo disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quais são os elementos que o senhor apontaria como elementos de prova de que isso que o senhor está nos dizendo aqui deva ser compreendido por esta Comissão Parlamentar de Inquérito como verdade?

TESTEMUNHA Z - Deputado, como a gente conversou em Porto Alegre, eu lhe passei às mãos várias contas de remessas de dinheiro nesta CPI, lhe passei vários nomes de pessoas. Até quando eu estava em Porto Alegre eu lhe passava o nome de uma pessoa que, poucas horas depois, teria sido presa na rodoviária de Porto Alegre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse fato é um fato verdadeiro.

TESTEMUNHA Z - Sim, eu falava de uma pessoa que estava transportando armas.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No depoimento que o senhor estava dando na CPI em Porto Alegre, o senhor nos comunicou que uma pessoa estava se deslocando para Porto Alegre...

TESTEMUNHA Z - Com armas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que tinha uma arma, uma 44, se não estou enganado.

TESTEMUNHA Z - E uma arma calibre 12.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma arma calibre 12.

TESTEMUNHA Z - É, que estava sendo enviada pelo Sr. Jair Rodrigues. Aí se confirmou o fato e ele foi preso na rodoviária de Porto Alegre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pessoas estavam indo para Caxias e foi feita uma interceptação no ônibus...

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...e a pessoa foi identificada, e realmente enrolada em jornais, dentro de uma sacola, ela tinha a pistola e essa arma calibre 12. Isso aí de fato foi comprovado. Essa pessoa foi ouvida inclusive pela CPI.

TESTEMUNHA Z - É um ex-brigadiano que trabalhava como segurança no estabelecimento comercial do Sr. Jair Rodrigues, no caso o restaurante dele, na frente do Instituto Rio Branco, coisa que ele nega. E os demais fatos, eu, assim como informante da polícia, várias outras pessoas que estavam ligadas a ele foram presas por depoimento meu e estão presas até hoje. E os demais, que ele mesmo, em conversas, quando das ameaças que comecei sofrendo, ele mesmo afirmou que nunca seria pego por causa que ele não metia a mão diretamente, que ele lavava bem o dinheiro dele. Só que eu acredito que, com as interceptações telefônicas que a CPI deve ter feito, com as conversas que ele tem com esses demais integrantes criminosos que eu peguei e citei, que seria fácil de colocar a mão nele, caso não houvesse essa quebra de sigilo que colocou a minha vida em risco, a vida da minha família e me trouxe grandes transtornos para a minha família. Porque eu, mesmo trabalhando para a Polícia, realmente várias pessoas da própria polícia ficam contra, porque uns são corretos, mas em toda a cúpula sempre existem aqueles que estão fora da lei. Então, eu venho sofrendo várias represálias. Hoje inclusive essas pessoas que denunciei, que são policiais que fariam esse tráfico, me ameaçaram,



foram à minha casa. Isso quando eu estava em Brasília ainda. (*Ininteligível.*) e para o Haroldo que estariam na minha casa para me coagir a trocar o depoimento. Minha mãe registrou 3 ocorrências, nos meses de agosto e setembro, desses brigadianos que foram até a minha casa para me intimidar para que eu trocasse o depoimento. E eu tive até muito medo disso. Eu me senti.... Por isso eu pedi para sair do Programa de Proteção à Testemunha. Mesmo arriscado eu voltei a Uruguaiana, coisa que hoje eu sei que não deveria ter feito, pelas represálias que se encontram contra mim, que as ameaças continuaram e se tornaram piores, as ameaças do Sr. Jair Rodrigues, inclusive ameaçando minha família, me fez até ir à frente do promotor de Justiça dar uma versão falsa, que seria tudo uma armação contra ele, para preservar minha família, coisa que eu fiz, mas em seguida comuniquei até ao delegado Dornelles, da Polícia Federal em Brasília, dizendo que estava sendo ameaçado e teria dado esse depoimento e queria retirar esse depoimento, que seria mais para, no caso, ficar tudo às quietas. Mas eu acho que, assim como confiei no senhor, Deputado Paulo Pimenta, no Deputado Francisco Appio e demais Deputados, eu só não confio no Deputado Pompeo de Mattos, porque se hoje está tudo isso aí vazado, se a CPI não conseguiu juntar provas, a culpa é dele, que vazou esse depoimento. E isso eu falo na frente dele, porque a Polícia Federal muito me ajudou, e os Deputados também. Basicamente, se algo não for apurado, é em decorrência disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - V.Sa. tem consciência de que nós estamos hoje aqui também para investigar esse suposto vazamento de um depoimento.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que é considerado por nós todos, pelo Presidente da CPI, Deputado Moroni Torgan, pelo Presidente da Casa, Deputado Aldo Rebelo, um fato bastante grave. Quais são os motivos que levam V.Sa. a reafirmar aqui a acusação de que teria ocorrido a participação de um Parlamentar no vazamento desse depoimento que supostamente teria provocado essa situação de ameaças e constrangimentos que o senhor acaba de relatar à CPI e a todos aqui presentes?

TESTEMUNHA Z - Inclusive sofreu um atentado à bala, registrado na polícia. O que me leva a crer é o seguinte, Deputado: eu retornei de Brasília em setembro. Fiquei em Porto Alegre aguardando um retorno para o programa e retornei a



Uruguaiana. Nesse meio tempo, a minha família sofreu várias ameaças. Eu, chegando a Uruguaiana, inclusive já era de conhecimento dos agentes da Polícia Federal, do agente Haroldo e do delegado Dornelles, que havia rumores na cidade, só que não achei que chegava a tanto, que eu teria delatado várias pessoas, criminosos, empresários de Uruguaiana, que estaria um comentário na cidade. Só que eu acreditei... que eu sabia que nenhum Deputado ou jamais o delegado que sempre foi coerente comigo, todas as pessoas da CPI jamais iam pegar e dar meus depoimentos para alguém. Mas, para minha surpresa, num sábado pela tarde, recebi um telefonema do advogado José Maurício Braccini, que queria falar comigo. Eu atendi, perguntei o que seria. E ele falou: *“Não, isso aí é sobre o Jair”*. Eu disse: *“Mas que Jair?”* — *“Não, o Jair Rodrigues, meu cliente”*. Eu disse para ele: *“Olha, não sei de nada.”* — *“Não, não adianta tu negar por causa que eu tenho os papéis que tu delatou ele para uma CPI”*. Falei: *“Não, o senhor está enganado. Isso eu não fiz”*. Ele disse: *“Bueno, ou tu vem comigo falar no escritório, calmamente, ou isso vai vazar, e eu vou entregar para todo mundo o seu depoimento”*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa ligação teria sido feita para o seu telefone celular?

TESTEMUNHA Z - Sim, para o telefone celular (55) 8115 5152.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E teria sido originada de qual telefone celular?

TESTEMUNHA Z - Do telefone celular do Sr. Maurício Braccini, se não me engano: 8112 1678.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor afirma que recebeu uma ligação do telefone celular do Sr. Braccini?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Num sábado à tarde. O senhor recorda, mais ou menos, em que época foi isso?

TESTEMUNHA Z - Se eu não me engano, em novembro — se eu não me engano.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

TESTEMUNHA Z - Final de novembro, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes de o senhor concluir o seu raciocínio, nós recebemos cópia de um bilhete que o senhor teria deixado em baixo



da porta do escritório do Sr. Braccini com o número do seu telefone celular, solicitando que as pessoas fizessem contato com o senhor, que o senhor teria assuntos de interesse delas a tratar, inclusive dando a entender, nesse bilhete, que seria alguém da Polícia Federal o autor desse bilhete. O senhor deixou um bilhete para o Braccini, para o Jair Rodrigues, pedindo que os mesmos fizessem contato com o senhor?

TESTEMUNHA Z - Não, não foi bem assim como o senhor está colocando. Aconteceu que depois de eu falar com ele, de sofrer as ameaças, ele pegou e me disse: *“Olha, para nós termos confiança de que tu não vais fazer nada contra, nós não podemos ser ameaçados de, depois, tu pegar e ser coagido... Então, nós não podemos ficar assim como se fosse coagido”*. Então, ele me pediu... que eu teria de fazer um bilhete, que eu queria dar informação para eles espontaneamente e não que eles viessem até mim, no caso, entendeu? E eu, como estava ligando várias vezes para Brasília, porque estava sendo ameaçado... o delegado me orientou a não sair de casa. Mas assim mesmo eu fiquei com medo, porque ele tem bastante dinheiro, se ele não fizer, pode mandar alguém. Eu fiz o que ele me pediu. Inclusive, não foi só isso. Ele também pediu que eu gravasse uma fita, no caso, acusando o Prefeito Caio de ser ele que teria me passado as informações para dar à CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos retornar, então. O senhor recebeu uma ligação, num sábado à tarde, do Dr. Braccini, pedindo que o senhor entrasse em contato com ele para tratar assuntos relativos ao Jair. É isso?

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E aí?

TESTEMUNHA Z - Aí, eu peguei e fui até o escritório dele. Chegando no escritório...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso. O senhor foi no escritório dele no próprio sábado?

TESTEMUNHA Z - No próprio sábado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde é o escritório?

TESTEMUNHA Z - O escritório fica na Rua 15 de novembro, entre a Rua Dr. Maia e Rua Presidente Vargas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha mais alguém no escritório quando o senhor chegou lá? Era um sábado à tarde?



TESTEMUNHA Z - Era um sábado à tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aqui em Uruguaiana?

TESTEMUNHA Z - Aqui em Uruguaiana. Neste sábado, depois, foi chamado o Sr. Jair Rodrigues.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor chegou no escritório dele por volta de que horas?

TESTEMUNHA Z - Eram mais ou menos 3h30 da tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só o senhor?

TESTEMUNHA Z - Só eu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi sozinho?

TESTEMUNHA Z - Fui sozinho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Chegou lá, estava só ele?

TESTEMUNHA Z - Estava só ele. Depois que veio chegar o Sr. Jair Rodrigues.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já tinha ido outra vez no escritório do Braccini?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi outra vez no escritório do Braccini?

TESTEMUNHA Z - Fui várias vezes depois.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Depois, o senhor foi várias vezes. Essa foi a primeira vez que o senhor foi.

TESTEMUNHA Z - Foi a primeira vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já conhecia o Braccini?

TESTEMUNHA Z - Não. Conhecia ele por ser advogado, pelo jornal de Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conheceu ele pessoalmente nessa data?

TESTEMUNHA Z - Nessa data. Então, nessa data, ele pegou e começou a me relatar que ficaria ruim para mim, pois que era um cliente dele, uma pessoa de muito dinheiro, que eu podia me prejudicar. Eu falei... Eu até neguei para ele: *"Não, mas eu não falei nada. Isso aí é uma invenção". "Não, nós temos fonte segura".* Aí eu falei: *"Fonte segura como?"* Aí, ele começou a me dizer assim: *"Não, tem um*



Deputado da CPI que era do partido do Jair, é amigo dele. Inclusive, já veio várias vezes jantar com ele aqui, em Uruguaiana.” Eu fiquei até aterrorizado com isso. Eu disse: “Mas quem é esse Deputado?” — “O Deputado Pompeo. Este é amigo do Jair”. Eu falei para ele: “Não, tu me dizer isso não adianta. Tem que provar isso aí.” Foi no momento em que ele pegou... Tinha um documento restrito da CPI, embaixo dizendo “Aos cuidados de Jair”, que falava parte dos meus depoimentos. Tinha o nome de todas as pessoas que acusei, várias delas até escritas à caneta, que estava em posse do advogado. A partir disso daí até fiquei atemorizado. Depois, entrei em contado, senão no mesmo dia, na segunda-feira, à primeira hora, com Brasília, para informar isso aí. Aí, foi quando chegou o seu Jair e começou aquela...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só um pouquinho, nossa testemunha. O senhor afirma que viu um documento.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era um documento da CPI?

TESTEMUNHA Z - Da CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Documento da CPI. O senhor disse que era escrito à mão o nome das pessoas?

TESTEMUNHA Z - Não. Nesse papel, era um documento timbrado, com símbolo e tudo da República, que dizia: “CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito). Termos de declarações acerca de depoimento do Sr. Felipe da Silva Vieira, conhecido como Testemunha Z” e várias coisas. E nos outros papéis que ele tinha, tinha nomes escritos à caneta de policiais que estariam envolvidos e de outras pessoas que estariam envolvidas juntas, que teriam também dado depoimento à CPI. Aí, eu me estarreci com isso. Foi no momento em que ligaram para o Jair para ele comparecer no escritório, no qual ele chegou...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor chegou a manusear esse documento?

TESTEMUNHA Z - Peguei na minha mão. Inclusive, eu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Olhou o documento?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha ali depoimento seu?

TESTEMUNHA Z - Tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O seu depoimento?



TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual depoimento seu?

TESTEMUNHA Z - Depoimento no qual eu afirmo que o Sr. Jair Rodrigues...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual depoimento? Aquele dado em Porto Alegre ou dado em Brasília?

TESTEMUNHA Z - Dado em Porto Alegre, dado em Porto Alegre, dado em Porto Alegre. Dizia a receita dos brigadianos, foi a parte que eu consegui ver, porque ele não deixou eu ver, e da parte do Sr. Jair Rodrigues, que estaria envolvido também com outros empresários. Então, eu vendo aquilo, me estarreci. Aí, o Sr. Jair Rodrigues chegou na sala, chegou na caminhonete dele, num Jeep importado, desceu, até foi bem educado comigo à primeira vista...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já conhecia o Sr. Jair Rodrigues?

TESTEMUNHA Z - Já. Já conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já tinha trabalhado para ele?

TESTEMUNHA Z - Já tinha feito alguns serviços para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tipo de serviço?

TESTEMUNHA Z - Serviços que eu gostaria de falar em reservado. Não gostaria de falar ao público. Mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, ele chegou ali, já lhe conhecia?

TESTEMUNHA Z - Sim, me conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já sabia quem o senhor era?

TESTEMUNHA Z - Sabia quem eu era. Mas a informação que ele tinha... Ele não tinha, no caso, foto minha. Sabia quem eu era, ele sabia o meu nome, mas não sabia todo o meu sobrenome para eu ligar a pessoa dele a outra. Mas o advogado falou que ele já sabia, que seria só um jogo dele, que não sabia quem era. Ele chegou bem calmo, tranquilo, inclusive me oferecendo ajuda financeira até, depois disso. O primeiro tom foi a partir de ameaças, foi quando eu me apavorei, que ele sabia onde morava minha família, sabia onde eu andava. Então, ele começou. Foi bem assim. Ele começou a me dizer tudo o que teria acontecido, que eu teria envolvido ele, que não teria como pegar ele, porque ele tinha várias pessoas que eram suas testas-de-ferro. Ele pegou e me comunicou que eu teria que retirar esse



depoimento, que ele poderia me dar uma ajuda de 10 mil reais caso eu fosse até a Promotoria Pública Federal falar com o Sr. Procurador, Sr. Carlos, para desmentir esse depoimento. Só que esses 10 mil seriam dados para mim se eu desmentisse na frente do *Procurador* e também, posteriormente, quando fosse chamado à CPI, porque ele falou que o Deputado Pompeo de Mattos iria pedir uma acareação para a CPI. Então, para pegar esses 10 mil reais, eu teria que desmentir para a Procuradoria Federal e também perante os Srs. Deputados. Como eu já não estou fazendo isso, eu estou reafirmando que ele é. Então, ele pegou um rádio com uma fita e pediu para eu gravar uma fita dizendo, me orientou: *“Olha, foi assim, o Caio fez isso aqui para mim, o Caio”...*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor estava no escritório com o Braccini, com o Jair Rodrigues...

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... e lá no escritório...

TESTEMUNHA Z - No escritório.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... o Jair Rodrigues teria conversado com o senhor...

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...feito uma proposta de que o senhor fizesse um novo depoimento...

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - e lá mesmo gravaram uma fita.

TESTEMUNHA Z - Gravaram.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Gravaram uma fita lá no escritório, sábado à tarde.

TESTEMUNHA Z - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual o aparelho que utilizaram para gravar a fita?

TESTEMUNHA Z - Olha, o aparelho que ele tinha na frente, que ele falou que estava rodando a fita era um som mais ou menos desse tamanho. Um rádio mais antigo que estava bem fixado em frente ao seu sistema de computador, que ele falou que iria gravar para ele ter uma prova que...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem ia gravar, o Braccini?



TESTEMUNHA Z - O Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E essa fita foi gravada?

TESTEMUNHA Z - Olha, até que eu saiba, sim, porque, inclusive, ele colocou parte dela e entregou para a RBS, onde ele pegava e... Primeiro ele me orientou que eu devia dizer que o Prefeito Caio era o responsável por todas as acusações, que ele, inclusive, se dava bem com o Presidente da Comissão, o Deputado Moroni Torgan, que teriam sido vizinhos na época em que o Deputado Caio era Deputado. E me orientou acerca disso, que eu desse, ameaçando sempre e dizendo assim: *"Olha, tem a tua família, não fazer nada, mas tu sabes o que pode acontecer."* E eu fiquei com medo e comuniquei isso. Nesse mesmo dia da gravação, ele ligou para o Procurador-Geral de Justiça que está aí na frente, mas foi indicado que o telefone estava na caixa postal. E ele, para mim, tinha deixado mensagem. Então, teria uma funcionária do Jair Rodrigues que conhecia o *Procurador*. Então, ele me deu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o nome da funcionária?

TESTEMUNHA Z - Eu não estou me recordando agora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Repita, por gentileza.

TESTEMUNHA Z - Eu não me recordo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, repita de novo a história.

TESTEMUNHA Z - Não, a partir daí, eu fiz a gravação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No sábado à tarde?

TESTEMUNHA Z - Isso. E ele me falou que teria um amigo dele que seria Procurador da Promotoria Federal de Uruguaiana, que eu não conhecia, mas agora eu conheço, o Sr. Carlos Bara. E ele falou assim: *"Não, ele vai sempre almoçar no meu restaurante, ele vai jantar lá e é meu amigo."* Aí eu peguei... e disse assim: *"Não, fica tranquilo, porque eu já conversei com ele e tu vais lá e vais retirar todas as acusações que têm hoje contra mim. Se tu fizeres isso aí lá e na CPI para os Deputados, eu vou te dar 10 mil reais para te ajudar a ir embora."* Aí eu peguei e fiquei até apavorado. Mas ele tem o procurador mesmo, porque o telefone do procurador. Quem tinha era a funcionária. Depois, em conversa com o promotor, posteriormente...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que funcionária é?

TESTEMUNHA Z - Que conhecia o procurador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas tinha uma funcionária lá?



TESTEMUNHA Z - Não, no restaurante. O Jair ligou e pediu o telefone do procurador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Jair ligou lá do escritório?

TESTEMUNHA Z - Do escritório do Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ligou para uma pessoa?

TESTEMUNHA Z - Isso. E essa pessoa, pelo telefone, ele falou que era funcionária dele e que conheceria o procurador que está aí na frente. Então, a partir disso aí, ele fez um contato telefônico com o procurador. Só que o procurador, ela falou que estava viajando. Ela sabia disso porque eu acho que ele não teria ido no restaurante freqüentado naqueles dias. Então, ele ficou de posse daquele telefone e teria marcado uma audiência para segunda-feira para eu desmentir tudo isso aí na frente do procurador. Então, eu fiquei até achando que o procurador realmente estava, era amigo dele e iria ajudá-lo a desmanchar esse depoimento, porque lá chegando, o procurador estava lá e até se surpreendeu que o advogado Braccini estaria comigo e ainda me perguntou, na minha frente e do Braccini, se eu não estaria sendo constrangido a dar aquele depoimento. Como eu achava que o procurador era amigo mesmo deles, conhecido, eu peguei e falei: *“Não, não tem”*. *“Mas o senhor sabe, Sr. Felipe, que o senhor pode ser responsabilizado, na forma da lei, por estar prestando falso testemunho, alguma coisa?”* Eu falei: *“Procurador, eu sei, assumo qualquer risco”*. Foi daí que o procurador pediu que eu subisse até o segundo andar da Procuradoria e prestasse depoimento, porque teria sido orientado pelo Sr. Jair Rodrigues e o Braccini. Coisa que... Depois de 2 dias, eu liguei para a Procuradoria, pedindo para falar com urgência com o procurador. E acho que ele estava viajando. Depois de 2 dias, ele me retornou e pediu (*falha na gravação*). A partir daí, eu comecei a confiar no procurador. Muito estranho eu ter ido lá inocentar o Jair Rodrigues, que o procurador não era amigo dele, inclusive disse que teriam vários processos contra o Jair Rodrigues naquela Procuradoria. Que ele não seria amigo dele e que, realmente, sim, ele freqüentava o restaurante do Jair Rodrigues, mas como qualquer pessoa comum, e que conhecia a funcionária do Jair Rodrigues, mais nada. Foi daí que eu acreditei no procurador. E a partir disso aí, imediatamente — dessa declaração que eu dei contra o Prefeito Caio e, no caso, isentando o Jair Rodrigues — que começou... que ele começou a me ameaçar... me ameaçando... Antes disso, é bom lembrar que eu liguei para o delegado Dornelles e eu falei assim:



“Olha, delegado, eu não sei o que eu faço, porque, inclusive, ele está ameaçando em colocar no jornal todas as pessoas que eu acusei, informando, e distribuir panfletos para as pessoas”.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está disposto a repetir o que o senhor está dizendo aqui na frente do Jair Rodrigues e do Braccini?

TESTEMUNHA Z - Com certeza, com certeza. Não preciso nem de capuz para isso, entendeu? Porque ele fez, entendeu... ele fez, com certeza, e quem está pagando por isso aí hoje sou eu. Tenho vários policiais que são muito meus amigos, que se dão comigo, inclusive são testemunhas no caso da minha prisão e várias pessoas da polícia que estavam envolvidas nisso aí que são contra mim. Mas eu não tenho medo disso aí. Eu sei que eu, em Uruguaiana, não quero ficar mais. A minha intenção é voltar ao Programa de Proteção à Testemunha e não voltar mais aqui. Porque eu achei que seria mais fácil, mas a partir desse vazamento que houve aí, das ameaças contra a minha família, desse atentado contra mim, tornou-se inviável.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem noção da consequência de uma acusação de que um Deputado teria vazado um depoimento da CPI e, por enquanto, a única coisa que o senhor nos apresentou foi que o advogado disse para o senhor que era amigo do Deputado.

TESTEMUNHA Z - Não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não poderia ter sido citado o nome de qualquer outro Deputado como uma forma de tentar, supostamente, mostrar para o senhor uma influência? Por que nós deveríamos crer que o Deputado Pompeo de Mattos cometeria essa atitude?

TESTEMUNHA Z - Pelo seguinte: primeiramente, têm várias coisas que indiciam isso aí, o senhor vai entender. Ele, Jair Rodrigues, mostrou fotos, primeiro, com o Deputado. Isso aí é normal, tirar uma foto, nada até aí. Mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso, quando?

TESTEMUNHA Z - Fotos anteriores.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No sábado à tarde?

TESTEMUNHA Z - Não, depois... depois...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não foi no sábado?

TESTEMUNHA Z - Não, mas ele mostrou fotos. Isso eu não levei em conta.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando?

TESTEMUNHA Z - Eu acho que foi na segunda-feira, antes de eu ir falar com o procurador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi falar com o procurador de manhã ou à tarde?

TESTEMUNHA Z - Foi à tarde. Na segunda-feira, ele não pôde me atender, foi atender na terça-feira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E tu voltaste ao escritório do Braccini, na segunda-feira?

TESTEMUNHA Z - Voltei ao escritório do Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E quem estava lá?

TESTEMUNHA Z - Estava o Braccini e o Jair. E a Marieli.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Marieli?

TESTEMUNHA Z - Marieli é a ex-mulher dele, eu acho, ou amante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse detalhe, para nós, é irrelevante. Tu retornaste ao escritório na segunda-feira pela manhã ou pela tarde?

TESTEMUNHA Z - O depoimento... retornei junto com o advogado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa moça a quem o senhor fez referência é a secretária do escritório?

TESTEMUNHA Z - Não, a secretária do escritório é a filha do Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela estava lá?

TESTEMUNHA Z - A secretária ou a...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguém mais, eu quero saber se teria alguém...

TESTEMUNHA Z - Tem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... alguém que possa comprovar que tu voltaste lá na segunda-feira.

TESTEMUNHA Z - A filha do Braccini estava lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mais alguém, tinha algum cliente, tinha alguma pessoa que pudesse...

TESTEMUNHA Z - Cliente... Tinha um rapaz, que estava fazendo obras no escritório.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é? Conhece a pessoa?



TESTEMUNHA Z - Conheço de vista, mas nome não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estava em obras o escritório?

TESTEMUNHA Z - Estava em obra.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E tu voltaste ao escritório na segunda-feira?

TESTEMUNHA Z - Voltei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E aí?

TESTEMUNHA Z - Daí, lá, é que ele começou com tudo. Ele disse assim: *“Olha, o teu depoimento, eu quero a cópia”*. Ele pegou a cópia, quando eu saí do Ministério Público. A cópia não ficou comigo. Ele pegou a cópia. Disse que ficaria com ele. Aí, eu peguei e disse: *“Olha, Jair, eu não quero nenhum problema contigo. Já te fiz tudo que pediu.”* Só que ele não sabia que eu já tinha ligado para o delegado Dornelles e informado toda a situação do que teria acontecido. Então, o Jair pegou e disse assim: *“Olha, tu falas o que eu te disse, entendeu, senão vai complicar para ti, por causa...”*. E o Braccini disse assim: *“Olha, não sei como tu conversas com esse cara ainda. Se fosse comigo, eu já teria dado um fim nele.”* Bem assim o Braccini disse. Aí... *“Não, não é por aí. Ele vai me ajudar. Vai tirar, porque não tenho nada a ver com isso aí. Não vão provar nada contra mim.”* Aí, eu peguei e disse bem assim: *“Não, fica tranquilo, porque eu vou confirmar tudo o que eu falei para o procurador. Vou confirmar na frente dos Deputados.”* Coisa que fui forçado a isso, coisa que eu teria dito na fita. A partir daí, chegou lá. O senhor pode confirmar. A Marieli Abad chegou com uma criança no colo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Marieli Abad, quem é essa pessoa?

TESTEMUNHA Z - Olha, é a ex.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, a Marieli Abad.

TESTEMUNHA Z - É. É ex dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Do Braccini ou do Jair.

TESTEMUNHA Z - Do Jair. Agora, ele é casado com a Flávia Klaus, ao que consta. Então, ela foi lá pedir mais dinheiro para ele para cuidar da criança, porque estaria sem dinheiro, momento em que ela perguntou a ele quem era: *“Quem é esse rapaz aí”*. Ele disse: *“Não, isso aqui...”*. Daí, ela perguntou para o Jair: *“Quem é esse rapaz aí?”* *“Não, esse aqui é um amigo meu inclusive”*. Daí, falou coisas que não vêm ao caso, depois. Quando eu tive certeza...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conversou com Marieli Abad?

TESTEMUNHA Z - Troquei palavras.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas ela te viu ali?

TESTEMUNHA Z - Me viu, com certeza. Com certeza, me viu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que mais?

TESTEMUNHA Z - Então, eu achei muito frágil a argumentação dele, mas, como eu tinha visto aqueles documentos e que só eu sabia que eu falei aquelas mesmas palavras e eu falei para os Deputados...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Viu o documento de novo?

TESTEMUNHA Z - Sim. Eu vi depois. Inclusive eu liguei para o delegado Dornelles depois de ver esse documento. E eu pedi para ele: *“Olha, delegado, não tem como o senhor mandar agora... Ligar para a Polícia Federal de Uruguaiana e mandar fazer uma busca e apreensão e pegar esse documento que está lá?”* Eu vi. Estava nas minhas mãos. Esse é um depoimento de 98, que teria sido retirado da Promotoria Pública de Uruguaiana e colocado... Ele disse, o Maurício Braccini, que estaria nas mãos de um radialista, que ia distribuir para todos os envolvidos em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem seria?

TESTEMUNHA Z - Quem seria? Nas mãos do Sr. Roberto Vargas que estaria esse depoimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é essa pessoa?

TESTEMUNHA Z - O Sr. Roberto, eu conheço ele, por causa que ele teria sido citado por mim em 98 por ser proprietário de um barco no qual se vendiam drogas. Só que eu não fiz a relação de que ele venderia, fiz que ele seria o proprietário. Então, a partir disso aí, eles entregaram esse depoimento de 98. Aí, então, eu vi nas minhas próprias mãos. E falei para o delegado Dornelles, da Polícia Federal de Brasília: *“Delegado, mande agora alguém no escritório do Braccini. Tem uns depoimentos lá”*. Só que o delegado disse que não tinha como fazer isso com rapidez, pois ele não tinha um mandado de busca e teria que, primeiro, comunicar a CPI, por causa que um escritório de advogado, teria várias regulamentações na lei que impediriam de ir agora lá, porque a prova estava lá. No momento eu liguei, momento da prova. Acho que o delegado confirma. Eu liguei para ele e disse: *“Delegado, está lá. Faça uma batida lá e ache”*. E, a partir disso aí...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E aí o que mais?

TESTEMUNHA Z - E daí, fora esse documento, que eu acho que é a prova principal, o telefonema, que ele pegou e, dentro da fala do advogado, ele fez uma ligação do celular dele, um Motorola V-3, colocando no viva-voz, e a pessoa de outra linha se identificando como o Deputado Pompeo de Mattos. Que inclusive o Deputado pegou e conversou com ele abertamente, perguntando assim: *“Olha, está tudo na mão? E o nosso negócio?”*. *“Não, tá certo”*. Disse assim: *“Não, aquele cara é o que te falei, não vai dar nada para ti”*. Inclusive o Deputado confidenciou para ele que teria pedido vistas da cópia do meu documento e coisa que eu constatei depois, que o senhor mesmo sabe: que no mesmo intermédio de dias que eu falei que o meu depoimento estaria nas mãos do Sr. Jair Rodrigues e do Maurício Braccini, a própria Comissão eu sei que apurou, com certeza, que o Deputado Pompeo pediu vista naquele mesmo tempo das minhas declarações. E eu acho que, quando ele pediu essa vista, eu levo a crer que ele tirou cópias e enviou ao Sr. Jair Rodrigues. Depois, o Jair Rodrigues foi à rádio, dizendo que não teria nenhuma amizade com o Deputado Pompeo, que seria apenas seu amigo. Mas, depois, retornou à *Rádio 93* e outras rádios, dizendo que sim, que se encontrou com ele. Foi um acaso, em Porto Alegre, e que o Deputado teria comentado com ele — está nas rádios gravado — que o seu nome estaria envolvido numa CPI. Mas só isso, mais nada. Ele disse que não levou muita atenção disso aí e voltou para Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe o número desse telefone do Jair Rodrigues?

TESTEMUNHA Z - Eu acho que é 8404-0057. Eu não me lembro, não me recordo bem. Não me recordo. Ele tem 5 telefones. Não é só um. São 5 celulares. Mas o que ele fez a ligação é de um Motorola, modelo V-3, esse celular.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Oito quatro alguma coisa. É isso?

TESTEMUNHA Z - É. É um Motorola V-3, que ele fez a ligação. E o Deputado falou abertamente com ele, inclusive...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Permita-me. Não poderia ser uma outra pessoa do outro lado, querendo, como diz o cidadão, querendo te passar uma conversa, fazendo de conta que tinha acesso, para te assustar?

TESTEMUNHA Z - É, mas e as coisas que ele falou no telefone só os senhores saberiam. Eu não acredito que... Eu sei como é que a Comissão, confio no



senhor. Eu sei que jamais sairia das suas mãos o depoimento. E coisas ditas que eu falei...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse telefonema foi longo? Esse telefonema foi uma conversa longa entre eles?

TESTEMUNHA Z - Foi uma conversa, mais ou menos, de 2, 3 minutos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o que foi tratado na conversa?

TESTEMUNHA Z - Não, foi tratado que ele inclusive falou o meu nome, que eu seria a Testemunha Z, falou o meu nome, falou assim: *“Olha, ele denunciou mais uns brigadianos, uns policiais, mas fica tranqüilo, Jair, que não vai dar nada contigo, não tem como provar isso aí”*. E daí ele perguntou pelo presentinho dele. *“O presentinho, não, fica tranqüilo, que isso aí já está na mão”*. O que eu estranhei. Aí, o Deputado falou um trecho de um depoimento meu, certamente, certo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que trecho seria, lembra?

TESTEMUNHA Z - Seria um trecho de um depoimento que eu me lembro que eu falei que de Uruguaiana estaria saindo um Vectra, no caso dirigido por um assaltante. Teria ido vindo São Paulo, para eles levar as metralhadoras Desert Eagle e pistolas. Esse trecho só quem sabia era eu e os Deputados. Eu não acredito que outra pessoa saberia disso daí. Não existe vidente. Se é secreto, o depoimento foi dado secreto. Por causa de que, se não fosse isso aí, nada disso hoje estaria acontecendo. Eu estaria bem e não estaria dando todo esse transtorno à Comissão, que estou dando hoje. Porque não teria intenção nenhuma de eu mesmo pegar e revelar isso aí para o Jair e colocar a minha vida e a minha família em risco. Está tudo bem. Agora as pressões que eu sofro — o senhor sabe — são muitas por causa disso daí, por causa desse vazamento. E eu tenho certeza de que foi o Deputado Pompeo — e falo na frente dele — porque, inclusive, o Sr. Jair depois se desmentiu nas rádios, dizendo que *“não, que não teria encontrado”*. Depois, ele falou. E ele falou que o Deputado Pompeo se encontrou com ele. E o próprio Deputado Pompeo falou, na *Rádio Gaúcha*, que teria se encontrado com ele, mas por acaso, num corredor da Assembléia, se não me engano, e que teria comentado com ele, por alto, que seu nome estaria envolvido numa CPI. Eu acho que isso aí é bastante indício. E fora o outro indício de ele pegar e, na mesma época em que eu declarei que ele teria vazado depoimento, ele pedir cópias para a CPI, ele ir lá pedir cópias do meu depoimento. É muito estranho isso aí.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Duas últimas questões, Sr. Presidente, e posteriormente vamos ter que voltar a ouvir a testemunha. Uma história cheia de detalhes, não é? O senhor conhece o ex-Prefeito Caio Riela?

TESTEMUNHA Z - Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É uma pessoa de sua relação de amizade? O senhor tem alguma coisa contra ele?

TESTEMUNHA Z - Nada contra ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que razão o senhor fez um depoimento que poderia ser uma coisa gravíssima contra uma pessoa pública, com a qual o senhor não tem nada, depondo no Ministério Público, e fazendo um depoimento acusando o Caio Riela de ser o mandante dessa ação?

TESTEMUNHA Z - Contra o Jair Rodrigues, sim. Foi por, Deputado, puro medo mesmo, porque até hoje, eu acredito, o Jair tem muito dinheiro, muitas pessoas que podem ser compradas por ele. Tem muito dinheiro. Então, eu fiquei receoso. A única coisa que eu tenho de precioso na minha vida é a minha família. Tanto que não fui eu que cheguei para a CPI...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor falou, nesse depoimento, no Kiko Barbará.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Kiko Barbará é aquele rapaz que foi morto lá em Viamão ou não?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

TESTEMUNHA Z - Não, seria um Vereador da Câmara. Por causa que haveria... O Jair, no caso, ele queria ter uma coisa forte que tirasse ele, desvinculasse ele dessa ação de tráfico de armas. Então, como ele seria o inimigo político e até pessoal do ex-Prefeito Caio, que teria divergências, até parece, com o Vereador Kiko Barbará, ele pegou e disse que eu teria que fazer aquela acusação, que seria a única viabilidade de ele pegar e escapar dessa acusação de tráfico de armas. Que, no caso, que eu dissesse que foi o Prefeito Caio quem me repassou todas as informações, e que tudo era falso, porque ele disse: *"Ah, o teu principal testemunho, se tu falar aqui para o procurador e depois tu falar na frente da Comissão Parlamentar de Inquérito, falar para os Deputados que tu falou que tudo*



*era mentira, não dá nada para mim, e se der um problema para ti, tu responder na Justiça, eu pago o advogado para ti” — bem assim ele me disse. “E a tua família vai ficar tranqüila, vai poder andar tranqüila. E caso tu não fizer isso aí tu já sabe o que vai te acontecer. Eu vou botar foto tua nos jornais, eu vou botar todas as pessoas que tu denunciou nos jornais”. Como ele fez, e isso eu falei antes para o delegado Dornelles. Eu falei: “Olha, delegado, a situação está assim, ó: ele me prometeu colocar todas as pessoas que eu delatei na CPI nos jornais e na rádio”. Coisa que ele fez. Eu não teria como adivinhar isso aí. Isso aí prova que eu falei com ele, e inclusive falei para o delegado que estaria acontecendo isso. E ele realmente fez isso aí. Uma prova incontestável. Eu falei isso aí antes de acontecer, bem antes, e o delegado responsável pela CPI é testemunha disso, que eu falei: “Olha, ele vai colocar tudo nos jornais, vai nas rádios dizer as pessoas que eu delatei”, coisa que ele fez, porque ele ficou sabendo, através da revista *ISTOÉ*, que eu teria trocado o meu depoimento, que eu teria trocado na Procuradoria Federal. No momento daí que partiram as ameaças, porque até aí ele, no conceito dele, achava que eu iria até a CPI e iria dizer que ele não tinha nada a ver com isso. Mas quando ele ficou sabendo que realmente eu troquei o depoimento, começaram aí as ameaças.*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia 22/11, o senhor prestou um depoimento no Ministério Público Federal, em Uruguaiana, onde o senhor dizia o seguinte: *“Na mesma hora Braccini ligou para uma mulher que trabalha no restaurante Solar chamada Bia”*.

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor hoje não lembrava mais do nome dela?

TESTEMUNHA Z - Não. Não por causa que eu não sabia... Até quando eu fui na Polícia Federal, eu não sabia o nome dela. Quem me informou que seria a Bia — e daí eu liguei os fatos — foi o *Procurador*, que disse: *“Não, é a Bia a funcionária dele que ele conhecia, a única.”* E deu a entender no caso que seria ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Mais adiante o senhor diz o seguinte: *“Que o Sr. Jair ligou do telefone fixo do escritório do advogado Braccini na presente do declarante para mostrar que ele realmente conhecia o Deputado”*. E agora o senhor vem aqui e diz que ele falou de um telefone celular marca VR não sei das quantas.



TESTEMUNHA Z - V-3. É que esse depoimento, como o senhor pode ver, depois ele foi consertado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

TESTEMUNHA Z - Por causa de que eu falei ao telefone viva-voz do escritório do Sr. Braccini, e daí a autoridade policial que fez entendeu como se fosse um telefone fixo. Depois eu retornei a ela e falei que aqui, no outro depoimento, tem eu redizendo que foi o modelo V-3, que eu dei outro depoimento depois, no mesmo dia, dizendo que era um V-3. Isso aí não foi erro meu, foi erro da autoridade policial, que colocou, por eu dizer que seria um aparelho de viva-voz, seria um telefone fixo do escritório do Sr. Braccini. Depois eu inclusive fui à Polícia Federal várias vezes e dei o número dos telefones do Braccini, porque ele estava me ligando, dei os do Jair. E depois disso inclusive eu fui várias vezes ameaçado. Inclusive tem uns 5 depoimentos à Polícia Federal que comprovam essa versão aí, a mesma, que não foi mudada. E a versão que até hoje o senhor sabe que eu mantenho é contra o Sr. Jair Rodrigues. Aquela versão que foi dada no Ministério Público Federal realmente foi por ameaça, por coação. Só que ele... E a fita que ele gravou foi para dizer que não teria me coagido. Mas o que aconteceu foi realmente isso. Inclusive passou a imprensa a me ligar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

Eu não tenho mais nada para perguntar por enquanto, Sr. Presidente. Mas eu quero já de antemão solicitar que as testemunhas permaneçam à nossa disposição, porque elas serão ouvidas em várias oportunidades durante o dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Assim procederemos, Deputado.

Com a palavra, se desejar, o Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu acredito, Sr. Presidente, Sr. Relator, que a testemunha traz informações que já vêm sendo, ao longo de vários depoimentos repetidas algumas e mantidas outras. Eu gostaria somente de que pudéssemos, com a testemunha, confirmar uma aspecto que a mim interessa especificamente.

O senhor afirma que Uruguaiana é rota de tráfico internacional de armas.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Drogas também?



TESTEMUNHA Z - Também. Drogas muito mais.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mais?

TESTEMUNHA Z - Até quando eu fui ouvido na CPI... Inclusive até comentei com o Deputado Francisco Appio. Só que a CPI estava investigando armas. Comentei por cima com ele o tráfico de drogas.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Drogas? Que tipo de drogas, exatamente?

TESTEMUNHA Z - Cocaína, maconha, haxixe. E agora até há pouco tempo o craque.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então, estão juntos os tráficos de armas e drogas ou estão separados?

TESTEMUNHA Z - São conjugados. Por causa...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - São conjugados?

TESTEMUNHA Z - São. Porque as armas realmente são trocadas por drogas, e o contrário também.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Roubo de cargas?

TESTEMUNHA Z - Roubo de carga, muitos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De que países, principalmente?

TESTEMUNHA Z - Da Argentina.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Principalmente da Argentina?

TESTEMUNHA Z - Dos argentinos. Isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não do Uruguai?

TESTEMUNHA Z - Não. Que eu tenha conhecimento, mais da Argentina.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não do Paraguai, também?

TESTEMUNHA Z - Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não tem conhecimento da Argentina?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Lavagem de dinheiro?

TESTEMUNHA Z - Lavagem de dinheiro...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você tem alguma informação a respeito da existência de lavagem de dinheiro nesse tipo de tráfico, também?

TESTEMUNHA Z - Sim, tenho.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De que tipo?

TESTEMUNHA Z - Do tipo de empresários da cidade estarem colocando seu dinheiro em empresas, comprando caminhões e depois dando parte até de furto desses caminhões. Ou senão lavando seu dinheiro e comprando consórcio sendo contemplado, vários...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Esse dinheiro vai para países vizinhos também ou vem de países vizinhos?

TESTEMUNHA Z - Vem e vai.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor teve uma informação a respeito de um assalto ocorrido na fronteira, há um mês, de uma casa de câmbio?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tem alguma relação com o tráfico de drogas ou de armas ou de lavagem de dinheiro?

TESTEMUNHA Z - Não. Tem pessoas que fizeram esse assalto que foram citadas na CPI.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - São brasileiros?

TESTEMUNHA Z - São brasileiros. Só que tem argentinos lá que dão o serviço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas são brasileiros os que teriam praticado desse assalto.

TESTEMUNHA Z - São brasileiros.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor cita uma relação de pessoas ligadas ao tráfico de armas em países como a Argentina. O senhor citou aí o nome do...

TESTEMUNHA Z - Aníbal Vignoli.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Aníbal Vignoli. É argentino?

TESTEMUNHA Z - Argentino.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tem relações de trabalho aqui em Uruguiana, no Brasil?

TESTEMUNHA Z - Sim, tem.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas ele faz parte dessa organização que...

TESTEMUNHA Z - Faz parte.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ... que facilita a entrada de armas? Que tipo de arma, exatamente?

TESTEMUNHA Z - Olha, a Argentina é muito rica em armas, e a fiscalização lá é precária.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas que tipo de arma, exatamente?

TESTEMUNHA Z - Ah, são fuzis, são pistolas. Existem muitas, em Libres e na grande Argentina, pistolas Desert Eagle. São pistolas israelenses, muito comuns na Argentina. A sigla significa “Águia do Deserto”. São pistolas 9 milímetros, são fuzis 762. Até armas do calibre .30 estão vindo da Argentina.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Armas curtas também?

TESTEMUNHA Z - Armas curtas também. Revólveres...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Argentinos ou de outra nacionalidade?

TESTEMUNHA Z - Argentinos e de outra nacionalidade também.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Armas com algum tipo de identificação militar?

TESTEMUNHA Z - Também. Armas da Gendarmería.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Também?

TESTEMUNHA Z - Também.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Granadas? O senhor tem a informação?

TESTEMUNHA Z - Granadas... É a informação que eu presenciei, que eu não posso... Não vou lhe mentir. Foi a vez que levaram para São Paulo, entendeu?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas as informações de fuzis, de metralhadoras?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E munições?

TESTEMUNHA Z - Também. O caso é que a ... O que acontece é que não existe tráfico de armas sem munição. A arma sem munição não adianta de nada para o bandido, entendeu?



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas a pergunta não é essa. Desculpe. Vem junto? A arma vem junto com a munição ou a munição também tem um caminho separado?

TESTEMUNHA Z - A munição, às vezes, vem junto; e tem de quem comprar também, em Livramento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Passam pela ponte ou por onde?

TESTEMUNHA Z - Passam pela ponte ou pela via fluvial, pelo rio mesmo, pelos barcos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Passam por... Ultrapassam a fronteira tanto pela ponte...

TESTEMUNHA Z - Ultrapassam.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mesmo com a fiscalização?

TESTEMUNHA Z - Mas não existe fiscalização.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não existe? Não inibe que se...

TESTEMUNHA Z - E existe... Têm várias pessoas. E seu (*ininteligível*) prova aqui, de antemão. Certa vez — entendeu? —, quando eu trabalhava como informante da Polícia Civil, eu me infiltrei numa quadrilha e informei à Polícia Civil, no caso, que estavam vindo 25 quilos de maconha da Argentina e armas — entendeu? — com uma pessoa que hoje se encontra presa por minha declaração, como pode ser constatado no Ministério Público. Entendeu? E quem estaria trazendo era um ex-gendarme da polícia argentina, que foi preso em flagrante com a droga e com as armas, entendeu? Fato real.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Só uma informação que me interessa pessoalmente, até porque estou investigando isso: a Argentina fabrica lança-perfumes. É um dos únicos países que fabricam lança-perfumes. A pergunta é: alguma vez você — o senhor, desculpe-me — teve conhecimento de que há uma associação entre a entrada ilegal de lança-perfume e armas ou drogas?

TESTEMUNHA Z - Olha, não tenho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não. Bom, o senhor faz uma citação ao Deputado Pimenta de que parte da fita que teria sido gravada foi entregue a uma emissora de televisão...

TESTEMUNHA Z - Isso.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ...de rádio e televisão do Rio Grande do Sul.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu sugeriria que a CPI investigasse se essa rede de rádio e tevê recebeu, de alguma forma, algum tipo de fita ou outro instrumento de gravação. Outra questão do Deputado Pimenta é se esses telefonemas aqui citados tiveram sua quebra de sigilo telefônico e seus seguimentos já realizados. Eu acho que seria necessário...

TESTEMUNHA Z - Deputado, o senhor me permite? Se for quebrado o sigilo do número 8115-5152 e do telefone 9999-9450, vai ser realmente... Entendeu? Visto que o Jair Rodrigues entrava em contato diário comigo e recíproca... Entendeu? E também o advogado Maurício Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deputado, só um minutinho, por gentileza. Esses 2 telefones que V.Sa. repetiu agora são os seus telefones. É isso?

TESTEMUNHA Z - É, esse 8115-5152 não está em meu nome, mas estava em meu uso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É o telefone que usavas?

TESTEMUNHA Z - Está em nome de José Agir Coelho Pinto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E o outro?

TESTEMUNHA Z - O outro está em meu nome mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor afirma que, quebrados esses 2 sigilos, fato que já pode ter ocorrido...

TESTEMUNHA Z - Acredito até que sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...aparecerá ali os números de telefones do Sr. Jair Rodrigues.

TESTEMUNHA Z - Com certeza.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual o telefone?

TESTEMUNHA Z - Eu acho que do 8407-0057; também de outro, que eu não recordo o número; e os telefones do Braccini, do escritório, da casa dele e do celular dele mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor afirma que, obrigatoriamente, da quebra do sigilo telefônico aparecerão — ou apareceram — esses números?



TESTEMUNHA Z - Com certeza.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor recebia mais de uma ligação por dia, deles?

TESTEMUNHA Z - Cheguei a receber 4 ligações no mesmo dia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

TESTEMUNHA Z - Inclusive, eu não sei se é... uma coisa que eu sempre falei, se teria sido... Eu sempre disse para o Deputado e para o delegado que teria que ser quebrado esse sigilo, porque ele apontaria bem certinho os telefones que ele me fazia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Concluindo, o senhor entregou um bilhete, deixou um bilhete embaixo da porta de um escritório?

TESTEMUNHA Z - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O bilhete teria esta escrita: *"Polícia Federal, Brasília. Informações de seu interesse no telefone 55815..."*.

TESTEMUNHA Z - ...155.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor entregou esse bilhete?

TESTEMUNHA Z - Entreguei.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor colocou embaixo da porta?

TESTEMUNHA Z - Não, senhor. Isso foi dado no escritório.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa letra do bilhete é sua?

TESTEMUNHA Z - Se é o mesmo que eu falei, é a minha letra, sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa letra aqui é sua?

TESTEMUNHA Z - É minha.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E por que Polícia Federal, Brasília, se o senhor não é Polícia Federal...

TESTEMUNHA Z - Por causa que eles já sabiam que eu estava sob proteção da Polícia Federal, entendeu? E, no caso, pediram que eu colocasse isso, para, no caso, "desencolar" qualquer coação à testemunha. Porque o advogado falou: *"Não, isso aí é crime. Se nós denunciarmos..."* Podia ser até preso por coagir. Então tem que colocar...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas eu quero me dirigir à testemunha também de outra forma. O senhor tem problemas de entradas na



polícia, em várias circunstâncias. Aqui nós temos a informação. O senhor atribui a que essa quantidade de situações nas quais o senhor teve envolvimento?

TESTEMUNHA Z - É fácil lhe explicar. Em 98 e em 99 — entendeu? —, eu me envolvi em crimes — entendeu? — de estelionato, sendo, em todos eles, absolvido, nem uma condenação.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas o senhor confessa que se envolveu em crimes?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Confessa. A condenação é outra questão. Mas o senhor teve ações criminosas nesse período, aos 18 anos.

TESTEMUNHA Z - Isso, aos 18 anos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Alguma razão específica, que nós possamos perguntar por que nessa faixa de 18 anos?

TESTEMUNHA Z - Porque, na época, Deputado — entendeu? —, guri novo...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Se não tiver nada com relação ao que nós estamos tratando, o senhor fica desobrigado a responder.

TESTEMUNHA Z - Se o senhor quiser, eu posso lhe responder. Daí, com 18 anos — entendeu? —, eu me envolvi com uma quadrilha de comerciantes da cidade aqui e comecei a praticar golpes no comércio — entendeu? —, prática de estelionato, com farda militar, entendeu? Ia até uma loja e comprava. Aí, na época, um delegado da Polícia Civil descobriu isso, entendeu? Aí começou tudo. Aí ele pegou e me disse assim: *“Olha, vamos fazer o seguinte: não vou te prender, tu és um guri bom, tudo pela vida. Eu quero que tu te infiltres nessa quadrilha — entendeu? — e entregue para nós. E daí, a partir disso, tu não vais responder por isso, entendeu? Tu vais ser, no caso, inocentado das acusações”*. Coisa que ocorreu. Só que, daí, o problema foi todo que esse delegado que pediu para eu, no caso, interagir para ele como informante, ele também estava envolvido em outras quadrilhas, entendeu? E eu descobri isso aí. E a partir disso aí — entendeu? —, houve um grande fato em Uruguaiana. No ano de 99, eu fui até a Promotoria Pública Estadual, prestei depoimento lá, que acarretou, depois, na prisão de 72 pessoas — entendeu? —, na expulsão de 4 policiais civis e de 6 militares. Todos por informação minha, entendeu? Isso comprovado na Justiça, no Ministério Público e pelo então, na época, delegado do DPI, o Delegado Pedro Goldemir Urdangarin, que eram 4



policiais de Uruguaiana. Foram expulsos por minha causa. Por causa que eu me infiltrei e descobri tudo o que eles faziam, as práticas criminosas, entendeu? Coisa que eu fiz até nesse ano subsequente a 2005, e também foram presas pessoas — entendeu? —, por informações minhas, entendeu? Porque, desde esse tempo eu venho prestando informações para a polícia e trabalhando para a polícia, entendeu? Às vezes não-remunerado e às vezes remunerado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor também se utilizou de identificação falsificada de...

TESTEMUNHA Z - Da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ...da Polícia Federal e da Prefeitura também de...

TESTEMUNHA Z - Não, da Prefeitura não é falso. A Prefeitura é legítimo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É legítimo?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor trabalhou, então, para...

TESTEMUNHA Z - Trabalhei, com certeza.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Para a Prefeitura...

TESTEMUNHA Z - Municipal de Viamão.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa... Não houve falsificação?

TESTEMUNHA Z - Não. A única falsificação que tem é essa carteira da Polícia Federal — entendeu? —, que eu — entendeu? — vou falar na frente dos senhores, sem orientação de advogado, vou falar a verdade. Essa carteira eu fiz para minha própria defesa, pelas ameaças que eu sofria, entendeu? Até porque todo mundo achava assim: *“Ah, o cara tá na Federal, não vou fazer nada para ele”*. Entendeu? Então, eu fiz. Não teve nenhum agente da Polícia Federal que me deu, entendeu? Sempre foram bons comigo, entendeu? Não tem envolvimento de agente nenhum. As carteiras, eu assumo para mim. Agora, o problema de eu ter me identificado como policial federal para a Polícia Militar, isto, sim... aí, sim, interessa à CPI, foi uma armação. Eu lhe explico por quê. Deputado, 3 meses atrás — como eu já me referi no depoimento —, até a minha casa foram 3 PMs: o soldado Delamir, o sargento Bastos e mais um outro integrante. É que eu não estava aqui, estava em Brasília e em Porto Alegre. Fato esse que pode ser confirmado pelos agentes da Federal. Ligaram... Eu estava com os agentes federais, e eles ligaram, ameaçando



trocar os depoimentos. A minha mãe foi até a Polícia Civil e registrou 3 ocorrências contra esses PMs. Casualmente, esses PMs me procuraram mais vezes, mas não me encontraram. Só — e aí o senhor vê — que, na data da minha prisão, que eles dizem que eu me identifico como agente federal, quem eram os brigadianos que me prenderam? Os mesmos, todos eles, que estavam indiciados na CPI. Todos, entendeu? O que aconteceu realmente... *(Falha na gravação.)* ...testemunhas no processo, policiais e testemunhas minhas. Eu estava em frente à minha casa e fui abordado pelo soldado Delamir, da Inteligência da Polícia Militar de Uruguaiana, e ele me disse assim: *“Ah! Aqui está o Testemunha Z, este que nos delatou para a CPI. Agora tu vais ver, vamos te arrumar uma — eu estava de moto —, vamos encher a tua moto de multa, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo”*. O fato é que me pediram documento. Eu não tinha documento pessoal comigo, nenhum. Eu estava em frente da minha casa. Então, a minha esposa trouxe para mim os documentos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor — por gentileza, Deputado Colbert — afirma que existe uma ocorrência na polícia de Uruguaiana...

TESTEMUNHA Z - Três ocorrências.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Três ocorrências anteriores...

TESTEMUNHA Z - Anteriores ao fato, com certeza.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...à sua prisão...

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...na qual o soldado Delamir foi...

TESTEMUNHA Z - À minha residência...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...acusado de ser uma das pessoas que estavam lhe ameaçando.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O soldado Delamir e quem mais?

TESTEMUNHA Z - Sargento Bastos...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sargento Bastos...

TESTEMUNHA Z - E outro PM, discreto, que não me recordo o nome. Mas parece que seria o soldado Paulo Anderson. Este último...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foram esses os profissionais que lhe prenderam?

TESTEMUNHA Z - E a PM Adriana também.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A PM Adriana também?

TESTEMUNHA Z - Também indiciada na CPI. Então, a partir disso — entendeu? —, foi a represália que eu tive. Por causa que... Tudo bem que eu tenha errado em fazer uma carteira. Mas foi para minha defesa. É um crime. Só que a carteira não estava em minha posse. Então, descaracteriza o crime. Estava no meu bolso, e eu não me identifiquei... O caso... Porque, no caso, quando chegamos à delegacia de polícia, eles armaram que... Até, lá, a delegada falou assim: *“Olha, não vai dar flagrante”*. Inclusive, tem um repórter da RBS, o Mateus Rosário, que estava no local, lá, e a própria delegada falou para ele que não iria dar o flagrante, pois eu não teria me identificado como nada. Simplesmente foi encontrada, em revista, comigo, uma carteira da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu vou interromper a testemunha, somente para poder concluir, Deputado Pimenta e Deputado Appio, com uma pergunta sobre a questão do vazamento de informação de um depoimento para nós. Eu gostaria que o senhor repetisse, porque é uma coisa que esta Comissão... É um fato que esta Comissão se preocupa muito em preservar as testemunhas e as informações. Eu gostaria que o senhor, por favor, repetisse em que circunstâncias o senhor faz acusações a um Deputado de que haveria um vazamento de informação a ele atribuído, para que nós possamos fazer uma avaliação melhor dessa questão.

TESTEMUNHA Z - A partir do momento em que o Jair Rodrigues é conhecido dele, mostra fotos, mostra depoimentos meus dados à CPI, que só eu sei... Um depoimento que eu dei a que só os Deputados, os senhores, teriam acesso. Essa foi a primeira. A segunda foi na ligação que ele teve...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Desculpe, foi um depoimento reservado, Pimenta, ou foi público?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Reservado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Reservado?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Reservado. Prossiga, por favor.

TESTEMUNHA Z - Então, depois desse momento — entendeu? —, o Sr. Jair Rodrigues foi até às rádios da cidade dizer que não teria, nesses meses, conversado com o Sr. Deputado Pompeo de Mattos. E depois ele desmentiu, e o próprio Deputado também. Disseram: *“Não, nos encontramos por acaso na Assembléia Legislativa, nos corredores, perto dos elevadores, e eu realmente comentei com o*



Jair Rodrigues que eu estaria numa CPI em que ele estaria sendo acusado". Mas isso só já é um fato. Como é que um Deputado vai pegar e falar com o acusado que o nome dele está numa CPI? Isso ele falou em rádio, falou para a RBS, entendeu? O Jair Rodrigues falou nas rádios.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Algum jornalista da revista *ISTOÉ* ligou para o senhor e fez algum tipo de indagação?

TESTEMUNHA Z - Não, senhor. Nenhum. Até aquela reportagem, eu não sei de quem... de onde saiu.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Presidente, eu encerro por aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor afirmou, no início do depoimento, que parte dele gostaria de fazer reservado. Isso quer dizer que o senhor tem mais coisas para contar?

TESTEMUNHA Z - É. E coisas graves, que eu posso confirmar — e tenho provas disso aí —, que acarretariam até numa prisão do Sr. Jair Rodrigues.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na verdade, o senhor parece ser uma pessoa muito conhecida em Uruguaiana. Em que pese o senhor esteja de capuz, encapuzado, o senhor está falando... É uma sessão pública. O senhor acha que tem, neste momento, uma certa cautela, uma privacidade? Ou o senhor acha que está jogando aberto?

TESTEMUNHA Z - Não. Olha, nisso que eu falei, entendeu... Eu gostaria de sempre falar em reservado. Inclusive, quando a gente conversou, na Assembléia Legislativa, tudo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento de que há jornalistas presentes?

TESTEMUNHA Z - Tenho conhecimento. E alguns jornalistas — tem vários que eu conheço — são de confiança e alguns, não. Alguns são do jornal de Uruguaiana — entendeu? —, que é de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas algumas afirmações suas são opiniões suas. O senhor não tem como comprovar, por exemplo.

TESTEMUNHA Z - Isso que eu... Parte do que eu lhe falei, eu tenho. Já até entreguei vários documentos para... inclusive, telefone celular meu. Entendeu?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É importante lembrar que o senhor está depondo sob juramento...

TESTEMUNHA Z - Sim, com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ...na condição de testemunha. A preocupação que nós temos, naturalmente esclarecido o tráfico de armas — este é o objeto principal... Mas, a propósito do vazamento dessa informação denunciada pelo senhor: o senhor tem advogado?

TESTEMUNHA Z - Tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O advogado lhe orienta?

TESTEMUNHA Z - Mas... Sobre a CPI, eu nunca consultei advogado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Neste instante o advogado está presente?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor conversou com o advogado sobre o que o senhor diria aqui na CPI?

TESTEMUNHA Z - Não. Não, por causa que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, vamos aos fatos. O senhor fala... Nós temos interesse em 3 momentos: uma gravação; um documento e um telefonema. Vamos começar na gravação. A gravação foi proposta como ensaio do depoimento?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quer dizer, o senhor ensaiou o depoimento que daria, desmentindo depoimentos anteriores?

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Como era o gravador?

TESTEMUNHA Z - Olha, o gravador que eu vi, que ele me mostrou, em que seria gravado, era um gravador grande — entendeu? —, daqueles antigos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor é muito detalhista. Confesso que o senhor impressiona pelo conhecimento, pelos dados. Inspira, de certa forma, credibilidade, porque, em alguns momentos, isso foi comprovado, como a apreensão de armas em Porto Alegre e outras informações. Mas eu tenho dúvidas a respeito dessa gravação. É preciso que o senhor... Qual a marca do gravador?



TESTEMUNHA Z - Olha, a marca eu não vi, por causa que eu estava...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O formato do gravador.

TESTEMUNHA Z - O formato era daquele gravador antigo, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Era de fita?

TESTEMUNHA Z - De fita, com *deck* amarelo, que estava em cima... na frente do computador, em cima de um fichário. Foi o que vi na minha frente, que estava rodando uma fita. Ele falou, no caso, que seria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Fita cassete, das pequenas, ou aquele rolo antigo?

TESTEMUNHA Z - Não. Pelo tamanho do gravador é pelo rolo antigo, entendeu? Só que isso nada impede de ele estar com outro gravador no bolso e eu não tenha visto, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas de qualquer modo o senhor...

TESTEMUNHA Z - O que eu vi estava no gravador grande.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E percebeu a fita rodando?

TESTEMUNHA Z - Com certeza, porque ele me mostrou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Percebeu se ele estava gravando?

TESTEMUNHA Z - A fita estava rodando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele comandou o gravador?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ele disse: agora, repita aí o que você vai dizer lá?

TESTEMUNHA Z - Não. Primeiramente, ele me explicou: *“Olha, tu vais falar que o Prefeito Caio...”* Entendeu? Ele me falou toda aquela história. Depois que entendi tudo aquilo que ele ficou repicando, e falou assim: *“Bueno, agora tu falas assim para nós, que vou gravar isso aqui para ter... No caso, como nós não ter... não ser processado por te coagir — entendeu? —, para ter uma prova de que nós não te coagimos”*. Foi no momento que ele falou que era para eu falar que o



Deputado Moroni Torgan era amigo do Caio, que seria ele que teria armado tudo, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mais ou menos, como é que você fez? Tente reproduzir as suas palavras na época.

TESTEMUNHA Z - Na época eu falei assim: *“Olha, o que aconteceu foi uma armação aos Deputados. O Moroni Torgan era amigo do Prefeito Caio — entendeu? —, e através dele e de um delegado me levaram até a Assembléia Legislativa e pediram que eu pegasse e desse depoimentos sobre a organização do tráfico de armas. E eu dei depoimentos verdadeiros, e os que tangem... acerca do Sr. Jair Rodrigues eram falsos. Eu fui orientado pelo Prefeito Caio a pegar e a mentir — entendeu? — e imputar falsas acusações do Prefeito contra o Jair Rodrigues”. Aí ele pegou... E continuei dizendo: “Olha, o Prefeito foi o responsável, falou comigo. Ele falou que tinha broncas de caráter político e pessoal com o Jair Rodrigues, entendeu? E me orientou, no caso, a ir até a CPI e falar contra o Jair Rodrigues. Só que tudo isso aí foi apenas uma armação do Prefeito Caio. Inclusive ele pediu que botasse o nome da pessoa do Promotor Salts também na gravação, que não me recordo se ele gravou, para dizer também que ele teria ajudado nisso aí, entendeu? Por causa que também ele tem uma divergência com o promotor”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Essa gravação foi nesse tempo mais ou menos, ou teria sido mais longa?

TESTEMUNHA Z - Não, foi mais longa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mais longa?

TESTEMUNHA Z - Foi mais longa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor acrescentou mais detalhes espontaneamente ou porque ele induziu?

TESTEMUNHA Z - Não, tudo que ele me falou eu falei. Tenho boa memória, entendeu? Tudo que ele me falou eu comentei a risco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Essa gravação, eventualmente, foi ao ar por alguma emissora de rádio?

TESTEMUNHA Z - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Qual emissora?

TESTEMUNHA Z - Olha, de rádio não escutei, mas eu sei que na 93.3, a rádio do radialista Marcos da Cunha, ele ia colocar, mas o Marcos da Cunha não



deixou ele colocar por causa que ele não teria me localizado para dar a contra-resposta. Mas na RBS TV foi colocado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A sua voz...

TESTEMUNHA Z - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ...daquela gravação foi colocada?

TESTEMUNHA Z - Foi, na RBS TV.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Logo após esse encontro?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Muito tempo depois?

TESTEMUNHA Z - Acho que uns 15, 20 dias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Aí encerrou a reunião e saiu.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Esse é o momento. E, claro, esse depoimento você não deu mais tarde. Ou deu um depoimento nessa linha?

TESTEMUNHA Z - Dei nessa linha, perante o Procurador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quer dizer, o depoimento que tu destes ao Procurador foi orientado nesse encontro da gravação?

TESTEMUNHA Z - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. O segundo momento ou um dos momentos é quando o senhor foi chamado e exibiram documentos da CPI.

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Fiquei com uma dúvida a respeito do documento. Era uma pasta grande, tinha capa... Tinha capa?

TESTEMUNHA Z - Não, ele estava anexado tipo... O senhor tem esses documentos assim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mais ou menos assim?

TESTEMUNHA Z - Isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o que dizia no cabeçalho? Porque você deve ter olhado a primeira página, não é?

TESTEMUNHA Z - É, tinha... Dizia: Câmara dos Deputados — que eu me recordo —, Brasília, CPI Tráfico de Armas, testemunhos acerca do depoimento da Testemunha Z, conhecida como tal... O trecho que eu lembro, que eu li, foi o trecho que dizia que eu acusava o Jair Rodrigues de dar dinheiro ao tal de Marron. E outro trecho que eu consegui ver foi um que eu acusava o Aníbal Vignoli de ser o sócio dele na Argentina. Coisa que eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele folheou o..

TESTEMUNHA Z - Sim, folheou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou deu para o senhor?

TESTEMUNHA Z - Era uma folha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou ele deu para o senhor?

TESTEMUNHA Z - Não, ele meu deu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aí, você...

TESTEMUNHA Z - Quando eu fui pegar para ler mais, ele pegou e me tomou e disse assim: *“Isso vai ficar comigo”*. Até, depois, na segunda vez que eu retornei lá, eu liguei para o delegado e disse: *“Olha, delegado, está lá o depoimento, estão lá todas as coisas da CPI. O senhor manda alguém da Polícia Federal lá”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E havia assinatura nesse depoimento?

TESTEMUNHA Z - Não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na capa, ou um encaminhamento?

TESTEMUNHA Z - Não me recordo, porque tinha bastante folha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O que tinha na primeira página?

TESTEMUNHA Z - Na primeira página tinha a minha identificação, aqueles depoimentos. E daí seguia, na segunda página, depois (*ininteligível*). Embaixo dizia: *“Aos cuidados de Jair”*. Entendeu? Em caneta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Era um xerox ou era um fax?



TESTEMUNHA Z - Era parecido com fax, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor manuseou, não pode ter dúvida.

TESTEMUNHA Z - Manuseei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Xerox ou fax?

TESTEMUNHA Z - Era fax, pelo que eu entendo de papel, não é? É que tem vários papéis em sulfite, assim, não é? Em papéis ofício, que parecem ser de fax. Mas tinha mais papéis, do tipo de folha sulfite também. Era um outro depoimento, de 98, no Ministério Público, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quantas páginas, aproximadamente? O volume? Claro que você não contou o número de páginas, mas pode estimar, não é?

TESTEMUNHA Z - Entre os 2, seria um pouquinho maior do que esse. Entre o da CPI e o do Ministério Público. Seria um pouco maior do que isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Era volumoso.

TESTEMUNHA Z - Era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Algum carimbo?

TESTEMUNHA Z - Não. Tinha só a insígnia da República, entendeu? Era papel timbrado, tipo assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Esse documento ficou com você ou retornou às mãos dele?

TESTEMUNHA Z - Retornou às mãos dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mãos de quem?

TESTEMUNHA Z - Do advogado Maurício Braccini. Era secreto só, não é? Sigiloso, não devia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem estava presente no momento em que você leu esse documento?

TESTEMUNHA Z - Que eu li? Estavam o Jair e o Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mais alguém?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E aí aconteceu o outro momento importante dessa investigação: o telefonema. Foi nesse instante?

TESTEMUNHA Z - O telefonema de... para confirmar...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Para um Deputado.

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem tomou a iniciativa do telefonema?

TESTEMUNHA Z - Quem tomou a iniciativa foi o Maurício Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Por que o telefonema? Por que você não acreditou ou...

TESTEMUNHA Z - Não, porque eu queria saber mesmo se era o Deputado mesmo, porque eu não acreditava que tinha passado as informações. Um Deputado que sempre... O senhor sabe, o senhor mesmo e o Deputado Moroni Torgan foram sempre... O que me prometeram, cumpriram, entendeu? E eu não acreditava que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O que é que nós prometemos e que foi cumprido?

TESTEMUNHA Z - Que o senhor ia... que iam me tirar de Uruguaiana e me colocar sob proteção federal — entendeu? — para, a partir daí, eu ter uma nova vida, fora de Uruguaiana. Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O telefonema. O senhor fala de um Motorola.

TESTEMUNHA Z - É, modelo V-3, igual a esse que o senhor tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Como é que o senhor viu?

TESTEMUNHA Z - Hã?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor viu o meu telefone?

TESTEMUNHA Z - Eu sou detalhista. O senhor disse, não é? (*Riso.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor viu esse telefone aqui.

TESTEMUNHA Z - Esse aí é um Samsung.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor é especialista em telefone. O senhor viu esse aqui?

TESTEMUNHA Z - Sim, o Motorola V-3.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor disse que o Deputado teria... que o advogado teria 5 telefones.

TESTEMUNHA Z - Cinco telefones. Eu sei o modelo dos 5.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então diga.

TESTEMUNHA Z - Um Motorola V-3; um aparelho Samsung Premium Cam; um aparelho LG Voicer; o outro aparelho, um Nokia, modelo 3105; e o outro — deixe-me lembrar — seria um Motorola V-300 azul.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Por que razão o senhor se preocupou tanto com os telefones? O senhor tinha uma convivência freqüente com o Braccini?

TESTEMUNHA Z - É que, a partir das ameaças, eu ia todos os dias ao escritório para eles me orientarem — entendeu? — como é que eu tinha de seguir, entendeu? Então, eu fui várias vezes lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ele usava os telefones todos lá.

TESTEMUNHA Z - Ele anda com todos os telefones na mão. Cinco telefones na mão, sempre.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quer dizer que, se nós o convidarmos para depor, provavelmente ele virá com os telefones?

TESTEMUNHA Z - Aí eu já não posso lhe afirmar isso aí, não é? Por causa que, depois de todo esse vazamento, se ele vai vir ou não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aí, o telefonema, quem fez?

TESTEMUNHA Z - Quem fez o telefonema foi o...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem discou?

TESTEMUNHA Z - Quem discou foi o Sr. Braccini. Ele botou na mão do Jair e botou no viva-voz. Abriu ele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem ligou foi o Braccini.

TESTEMUNHA Z - Isso, mas quem pegou o telefone foi o Jair.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem deu o número do telefone para ele?

TESTEMUNHA Z - O número do telefone foi o Jair. E ele tinha, ele tinha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tinha num papel...

TESTEMUNHA Z - Não, na agenda. Até, isso eu gostaria de comentar. Na agenda do Braccini, que eu falei para o Delegado Dornelles, teria o telefone do Deputado Pompeo de Mattos ali.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas o telefone não era do Jair.

TESTEMUNHA Z - O telefone celular? Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não. Quem ligou, usou o telefone... O telefone era de quem? Esse Motorola V-3.

TESTEMUNHA Z - Do Jair Rodrigues.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ele tinha na própria agenda. Ele discou e deu para o Braccini. É isso?

TESTEMUNHA Z - Não. O telefone estava numa agenda do Braccini, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, vamos refazer, porque tem confusão. O telefone estava na agenda do Braccini e não do Jair? O número.

TESTEMUNHA Z - Isso. Quem deu o número foi o Braccini, que discou e colocou em cima da mesa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, o Braccini tinha o número do Deputado gravado no seu telefone.

TESTEMUNHA Z - Não. No seu telefone, não. Numa agenda...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Separada?

TESTEMUNHA Z - Separada, de papel, de suas anotações.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que tipo de agenda?

TESTEMUNHA Z - Uma agenda... capa marrom, com feixe de velcro, de *jeans* — entendeu? —, toda rabiscada, do ano de 99.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, pelo que eu percebo aqui, você é capaz de reconstituir toda a sala, dizer todos os...

TESTEMUNHA Z - Sei tudo que tem na sala dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ...tudo que tem. E a gente pode ir lá e conferir?

TESTEMUNHA Z - Inclusive, eu lhe digo que, no mesmo dia, o computador dele estava estragado e ele o trocou. Agora, na sala dele tem um computador novo. Estragou o que ele estava...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Perfeito. Mas vamos ao telefonema. Ele retirou o nome de uma agenda, discou no Motorola V-3...



TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ...do Jair...

TESTEMUNHA Z - Do Jair.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Do Jair?

TESTEMUNHA Z - Do Jair.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas não era do Braccini?

TESTEMUNHA Z - O quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O telefone?

TESTEMUNHA Z - Não, o telefone era do Jair, mas quem discou foi o Braccini. Ele pegou o número da sua agenda, assim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas os telefones que o senhor relatou aqui não eram os do Braccini?

TESTEMUNHA Z - Não. São 5 telefones do Jair Rodrigues.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, é o Jair o proprietário?

TESTEMUNHA Z - Claro. Dos 5 telefones, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas nós estávamos falando do Braccini antes.

TESTEMUNHA Z - Não. O senhor se enganou, mas eu falei que o telefone era do Jair. E reiterarei isso. Até o senhor perguntou se ele traria os telefones.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Vou retomar. Telefones do Jair: Motorola, Samsung, LG etc. Agenda do Braccini. Anotação na agenda do Braccini. Telefone discado do Jair. Quem discou?

TESTEMUNHA Z - Quem discou foi o Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O Braccini pegou o telefone...

TESTEMUNHA Z - ... e discou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas ele copiou esse número imediatamente no telefone ou fez uma anotação?

TESTEMUNHA Z - Não. O telefone já estava anotado na agenda de trabalho dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. O telefone está anotado. Mas ele copiou, pegou da agenda e anotou na sua frente o número? Você chegou a ver o número? É a isso que eu quero chegar.



TESTEMUNHA Z - Olha, a agenda... Eu estava sentado aqui, e a agenda estava aqui. Automaticamente, os números saíram de cabeça para baixo. Eu não consegui ver, porque ele pegou ali, digitou o telefone...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A agenda escrita... manuscrita, a caneta...

TESTEMUNHA Z - A caneta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Caneta. Aí, Braccini discou?

TESTEMUNHA Z - Isso. Inclusive, nessa agenda o senhor pode, se o senhor apreender...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No telefone do Jair?

TESTEMUNHA Z - Isso. E o Jair pegou, disse “alô” e colocou em cima da mesa. Aí começaram...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A agenda do escritório do Braccini?

TESTEMUNHA Z - Do escritório do Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito.

TESTEMUNHA Z - Foram usadas canetas preta e vermelha nessa agenda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Aí, vocês estão sentados ou de pé?

TESTEMUNHA Z - Sentados. Eu sentado na frente da...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na frente... Quem está sentado na escrivaninha?

TESTEMUNHA Z - Na escrivaninha está o Braccini e do lado, o Jair.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O Jair.

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aí, Jair liga o número?

TESTEMUNHA Z - Não, quem ligou foi o Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Braccini?

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E Braccini liga o número? Você acompanhou, porque você é detalhista. Você deve ter visto os números que foram teclados.



TESTEMUNHA Z - Não, eu não tinha proximidade para enxergar o visor do aparelho. Eu enxerguei que ele digitou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E atendeu, já na primeira discagem?

TESTEMUNHA Z - Sim. Demorou... acho que uns 3 toques, mais ou menos. Ele falou "*alô*" primeiro e colocou na mesa, no viva-voz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E qual foi o instante em que colocou o viva-voz? Porque o viva-voz não é automático.

TESTEMUNHA Z - Não, o viva-voz, depois que a pessoa atende, o senhor aciona ele. A partir do atendimento do telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Reproduza a primeira palavra que ele disse.

TESTEMUNHA Z - Ele falou "*alô*". Disse assim: "*Deputado?*" Daí, pegou, se não me engano, disse assim: "*Oi! Tudo bom? Como é que está? Como é que vai o amigo?*" Daí, começaram a comentar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tu ouviste a pessoa, do outro lado, dizer: "*Como vai, Jair? Tudo bem?*"

TESTEMUNHA Z - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Está bem.

TESTEMUNHA Z - Se o senhor tiver dúvida, pode colocar a voz do Deputado Pompeo de Mattos, e eu lhe digo se é ou não é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Voltemos a esse ponto, porque existem dúvidas, e o inquérito precisa esclarecer. Nessa ligação com o telefone Motorola V-3, quem discou foi Jair?

TESTEMUNHA Z - Não. Quem fez a discagem foi o Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Quem atendeu foi Jair?

TESTEMUNHA Z - Quem atendeu a ligação feita pelo Deputado Pompeo foi o Jair.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, mas quem ligou não foi o Deputado Pompeo. Foi Braccini quem ligou para o Deputado Pompeo.

TESTEMUNHA Z - Não, quem fez a discagem, o senhor entenda, foi a pessoa do advogado Maurício Braccini. Quem atendeu a ligação feita pelo Deputado



Pompeo foi o Jair. Depois, colocou em cima da mesa, no qual eu pude ter acesso e ouvir, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Repita claramente. Volte e repita todos esses passos. Nós estamos gravando. É importante que o senhor decida a versão definitiva.

TESTEMUNHA Z - É a mesma que eu estou lhe falando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então repita.

TESTEMUNHA Z - O telefone foi dado. O advogado Braccini pega a agenda, abre, acha o número do Deputado Pompeo, digita, liga. No momento que ele passa o telefone ao Jair Rodrigues, que atende, diz “alô” e coloca o telefone em cima da mesa, aberto, e aciona o viva-voz. Porque esse aparelho tem um viva-voz bem alto. O senhor pode saber, o senhor é proprietário. É muito bem nítido o viva-voz desse aparelho. Foi o momento em que eu comecei a ouvir a conversa dos 2.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Qual foi a primeira palavra, então, do Jair ao interlocutor, que você não sabia quem era?

TESTEMUNHA Z - Ele falou: “*Oh, alô.*” Daí o Pompeo disse assim: “*Oh. “Sim, é o Jair.” “Oh, tudo bom? Como que vai o amigo?”*” Aí eles começaram a falar, sendo que eu não tenho como lembrar todas as palavras — entendeu? —, porque depois disso aí eu tive várias... Entendeu? Com as ameaças que eu vinha sofrendo, de muitas coisas eu não me lembro, não me recordo. Mas eu recordo que ele falou num presentinho. Ele disse: “*Não te preocupas que o presentinho está na mão, o presentinho está garantido.*” Isso aí foi uma palavra que ele falou. E o presentinho...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor ouvia claramente a outra voz?

TESTEMUNHA Z - Claramente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Teve algum momento em que ele disse quem estava falando?

TESTEMUNHA Z - Mas ele falou que era o Deputado Pompeo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele disse: “*Aqui é...*”

TESTEMUNHA Z - Não, o Jair falou: “*Oh, Pompeo.*” Ele ficou falando: “*Como é que está a CPI?*”



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, porque, quando eu lhe perguntei sobre a primeira palavra, você não disse "*oi, Deputado Pompeo*". Você disse "*alô*".

TESTEMUNHA Z - Sim, alô. O Deputado Pompeo, só fiquei sabendo... Porque, realmente, eu, para mim, já sabia que era ele, entendeu? Não tinha mais dúvidas. Agora, para o senhor... Agora, a partir da...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu quero fazer um apelo a você, até pelo rigor do inquérito, que deixe bem claro qual foi a primeira frase do Jair.

TESTEMUNHA Z - "*Alô, como é que vai o amigo? É o Jair.*" Ele falou assim: "*Ah!*" Ele falou: "*Oh, Pompeo!*" Daí o Deputado começou a conversar com ele normalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aí você não tem dúvida nenhuma de quem estava do outro lado da linha?

TESTEMUNHA Z - Não, por causa que ele relatou um trecho do depoimento meu por telefone. Inclusive, falou de 2 brigadianos. Ele disse assim: "*E qual é o outro brigadiano que está aí?*" Ele falou: "*Não, o Bastos e o Delamir.*" Ele falou: "*Não, tá. Então, fica tranquilo, isso não vai dar em nada*". Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Em algum momento desse telefonema ele mencionou que o senhor estava presente na sala?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quer dizer, o Deputado não ficou... se era o Deputado, não ficou sabendo quem estava presente no momento. Eu ele mencionou Braccini?

TESTEMUNHA Z - Não, não mencionou quem estava na sala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Teria sido o primeiro telefonema do dia? Na tua opinião, achas que eles já tinham conversado antes?

TESTEMUNHA Z - Olha, pela interjeição que ele falou... "*Ah, é o Jair. Oh, Pompeo*". Eu acho que não. Eu acho que eles teriam conversado... Se conversaram, eu acho que foi no sábado, por causa que no sábado o engenheiro tinha até um...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quanto tempo demorou essa ligação?

TESTEMUNHA Z - Um minuto e pouco, eu acho.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Conversaram sobre o depoimento?

TESTEMUNHA Z - Sim, porque depois eu peguei e saí num Gol branco com o Braccini — 0500 a placa dele, entendeu? Ele foi até o restaurante para saber o telefone do procurador, o outro, que ele não estava conseguindo falar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Você, naquele momento, concordou com os termos que o Jair estava usando em relação ao episódio, que você ia mudar o depoimento. Por que você concordou?

TESTEMUNHA Z - Ora, Deputado, a pessoa ameaçada... Entendeu? Sabendo toda a sua vida, onde o senhor mora, a minha família... Tenho criança pequena, tenho esposa... Sabendo tudo que ele faz, entendeu? Sabendo do risco que eu corria, estando em Uruguaiana, assim, eu acho que qualquer pessoa... Mesmo assim, eu tentei entrar em contato com Brasília e não consegui. Depois desse depoimento, eu consegui entrar em contato, contei tudo para o delegado, o que acontecia. E contei que ia pegar e retirar isso aí. Que ele me ajudasse, me tirasse de Uruguaiana o mais rápido possível. O delegado foi bem rápido nisso aí. Ele enviou os papéis — entendeu? — da CPI para o programa, pedindo o retorno. Entendeu? Só que, nesse meio tempo, ocorreu tudo isso aí, não é? Foi difícil para entrar lá no programa, o senhor sabe. Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A última palavra do Jair ao interlocutor você não lembra?

TESTEMUNHA Z - Não. Ele só... O Deputado perguntou para ele: “*E meu presentinho?*” Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o que disse o Jair?

TESTEMUNHA Z - “*Fique tranquilo.*”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E quem teria desligado primeiro? O interlocutor ou o Jair?

TESTEMUNHA Z - Ah, isso aí eu não tenho como lhe dizer. Eu sei que o Jair pegou e fechou o...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem se despediu?

TESTEMUNHA Z - Não houve despedida formal. Houve só: “*Está tudo bem, então.*”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E daí?



TESTEMUNHA Z - E daí o Jair só pegou o telefone e disse: "*Viu? Está aí*". Entendeu? "*O Pompeo é meu amigo em vários tempos*". Entendeu? Ele tem, inclusive, várias fotos com o Deputado Pompeo, que estavam em posse dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas não naquele momento — as fotos —, não é?

TESTEMUNHA Z - Não, fotos anteriores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim. Mas não foram exibidas naquele momento.

TESTEMUNHA Z - Não. Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Deputado Paulo Pimenta, V.Exa. tem a palavra.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma última questão, Presidente. Como já disse, a testemunha vai permanecer à nossa disposição, não é? Quais foram os soldados que participaram da sua prisão?

TESTEMUNHA Z - O soldado Delamir; a soldado Adriana; 2 soldados de que eu não tinha conhecimento; mais um outro soldado, Paulo Anderson, que estava. Eram várias viaturas. Eram 7 viaturas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sete viaturas.

TESTEMUNHA Z - Sete viaturas. Inclusive, ontem eu tive audiência no fórum, e eles se contradisseram perante o juiz. Eles mesmos. Um dizia que eram 2 viaturas; outro, que eram 3. Um falava que o Delamir estava. Outro falava que ele não estava. Se enrolaram todos, perante a audiência, ontem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que estava depondo ontem?

TESTEMUNHA Z - Eu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, quem é que se contradisse?

TESTEMUNHA Z - O Delamir e a soldada Adriana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

TESTEMUNHA Z - Por causa. Inclusive, eles falaram que eu folguei... disparei com a moto. Se eu fosse me identificar como agente federal, jamais...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, perfeito. Então, o senhor disse que o Delamir e o Bastos estavam na sua prisão...

TESTEMUNHA Z - Não, o Bastos não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. O Delamir estava.



TESTEMUNHA Z - O Delamir estava. E a soldada Adriana também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Adriana também. A Adriana também tem envolvimento com eles?

TESTEMUNHA Z - Sim. Inclusive, ela está anexada... o nome dela na...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está certo.

TESTEMUNHA Z - Inclusive...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde o senhor foi preso?

TESTEMUNHA Z - Na frente da minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na frente da sua casa. O senhor estava parado.

TESTEMUNHA Z - Com a moto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com a moto. Estacionado?

TESTEMUNHA Z - Não, em cima dela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas estava parado?

TESTEMUNHA Z - Parado, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E onde é que mora o Paulo Bozo?

TESTEMUNHA Z - O Paulo Bozo mora a mais ou menos quatro quadras e meia da minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não teria sido preso na frente da casa do Paulo Bozo?

TESTEMUNHA Z - Não. Ele mora na Rua Tiradentes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor tinha estado na casa do Paulo Bozo naquele dia?

TESTEMUNHA Z - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece o Paulo Bozo?

TESTEMUNHA Z - Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É amigo dele?

TESTEMUNHA Z - Não. Não sou amigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor saiu da casa do Paulo Bozo naquele dia?

TESTEMUNHA Z - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem certeza?



TESTEMUNHA Z - Tenho certeza. Isso foi uma maneira de ele dizer o porquê da abordagem, porque não teria que me abordar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Paulo Bozo?

TESTEMUNHA Z - Paulo Bozo é conhecido ladrão. É assaltante em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está solto ou está preso?

TESTEMUNHA Z - Agora caiu preso. Faz uma semana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Faz uma semana que está preso.

TESTEMUNHA Z - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tenho 2 perguntas ainda. Qual é o motivo de o senhor ter recusado ingresso no programa de testemunhas, em nível nacional? Por que o senhor pediu para sair?

TESTEMUNHA Z - Eu pedi para sair por causa que eu estava constrangido, com a minha mãe me ligando chorando, pelas ameaças que ela estava sofrendo. Inclusive, os agentes que estavam comigo na época, o Aroldo e o Clavê, presenciaram. Ela ligou chorando, que o Delamir passava lá todo dia para eu retirar os depoimentos, senão ia complicar para ela — entendeu? —, que podiam invadir lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E aqui no Estado o senhor não quis entrar no programa de testemunha?

TESTEMUNHA Z - Eu quis.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E por que o senhor não ingressou?

TESTEMUNHA Z - Por causa que o senhor sabe... Não é que eu não quis entrar. É que tinha aquele mandado de prisão em Santa Catarina, que tinha sido extinguido em 1998, que o juiz me liberou. Só que esqueceu de dar baixa na POLINTER. Então, aquilo constava no sistema. E, como o senhor sabe, o programa de proteção à testemunha não pode colocar detento sob proteção. Eu aguardei o retorno dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi procurado agora em dezembro pelo Protege.

TESTEMUNHA Z - Fui, para eu aguardar — entendeu? —, porque ele... teria dado um problema justamente com esse mandato. Eu até liguei, e o delegado estava de férias. Eu liguei para ele, estava de férias, para ele pegar e dar um jeito de



tirar esse mandado de prisão do sistema, porque não existia, para eu ir para o programa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor conhece o Coronel Melo, que era comandante da Polícia Militar aqui?

TESTEMUNHA Z - Conheço. O Coronel Melo foi até acusado de vários fatos ilícitos em Monte Negro, por estupros e... Conheço, conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor o conhece?

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece-o pessoalmente?

TESTEMUNHA Z - Não, por nome e por telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor falou com ele?

TESTEMUNHA Z - Falei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sobre o quê?

TESTEMUNHA Z - Ele me ligou para o hotel em que eu estava...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde?

TESTEMUNHA Z - Lá em Porto Alegre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor estava como testemunha...

TESTEMUNHA Z - Já.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...da CPI...

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...e o comandante da Polícia Militar de Uruguaiana ligou para o senhor?

TESTEMUNHA Z - Ligou. Tem como comprovar pelo meu telefone celular.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. Mas ligou para quê?

TESTEMUNHA Z - Para dizer que... Inclusive, não ligou para mim. Ligou também para o Agente Aroldo, ligou para o Delegado Gasparetto, ligou para o Delegado Pedro. Entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Comandante da Polícia Militar de Uruguaiana ligou para todas essas pessoas para quê?

TESTEMUNHA Z - Ah, para saber o meu paradeiro, porque ele queria me ouvir, entendeu? Até fui orientado pelo Agente Haroldo e pelo Delegado que eu não desse conversa para ele, entendeu? Só que ele me ligou para eu retirar as acusações que eu teria feito contra policiais militares.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor recebeu uma ligação de um oficial da Polícia Militar...

TESTEMUNHA Z - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que era o comandante em Uruguaiana.

TESTEMUNHA Z - Élon Melo da Silva.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele pediu para o senhor retirar as acusações que fez contra os policiais na CPI?

TESTEMUNHA Z - Pediu. Pediu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que ele sabia que o senhor tinha feito acusações aos policiais militares?

TESTEMUNHA Z - Por isso aí é que deu todo... A partir desse momento, entendeu? Porque eu comuniquei ao Delegado Dornelles e ao Delegado Aroldo que alguém tinha falado alguma coisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando aconteceu isso?

TESTEMUNHA Z - Isso aconteceu lá em Porto Alegre, no mês de agosto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Veja bem, o suposto vazamento do depoimento teria ocorrido agora. *(Falha na gravação)*

TESTEMUNHA Z - ...pegaram, e desconfiava que teria sido o responsável pelo Protege, que é Major da Brigada — entendeu? —, o Major Santiago, por causa que, inclusive, quando fui entrar no programa... O senhor sabe que não deixaram eu entrar porque eles queriam que eu não conversasse mais com vocês nem com o delegado. O senhor sabe disso. Entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, eu não tenho nada mais a perguntar. Certamente voltaremos a conversar várias vezes hoje, durante o dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sr. Relator, Deputado Paulo Pimenta, Sr. Deputado Colbert Martins, o procedimento a seguir, ajustado por esta Comissão, será de retirada da testemunha para um local reservado, onde será *(ininteligível)*. Por isso, peço ao Delegado Dornelles, da Polícia Federal, e aos agentes, que procedam... E convido as pessoas que permaneçam, porque logo retornaremos para novos depoimentos. Também convido o ilustre representante do Ministério Público Federal, o Sr. Procurador, e o Sr. Delegado Fabrício que nos



acompanhem, pedindo a compreensão da imprensa, das senhoras e dos senhores, porque há um momento desejado pela testemunha de fazer revelações extremamente reservadas.

Está suspensa a audiência. (*Pausa.*)

(*A reunião é suspensa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Declaro reaberta a audiência da CPI do Tráfico de Armas.

Informo aos senhores que está presente, como convidado, o Sr. Luiz Carlos Repiso Riela, convidado desta CPI, e que já tomou assento, a nosso convite.

Antes de passar a palavra ao depoente, peço a atenção dos senhores presentes para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Câmara dos Deputados. Concederemos ao ilustre convidado 20 minutos, prorrogáveis a juízo desta Mesa, para prestar informações do que tem conhecimento, já que, além de Parlamentar, foi Prefeito desta comunidade e, por isso, julgamos importante a sua fala como contribuição aos trabalhos que estamos realizando. Com a palavra, por até 20 minutos, o Sr. Luiz Carlos Repiso Riela.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Bom-dia aos nossos Parlamentares que vêm à nossa cidade, através da Comissão Parlamentar de Inquérito. Como ex-Parlamentar e ex-Prefeito, é uma alegria poder rever meus colegas Parlamentares e, ao mesmo tempo, Uruguaiana, a imprensa e a comunidade poderem ter contato com aqueles que estão investigando, em nível parlamentar, essa questão tão debatida, tão alardeada e tão necessária em nosso País. Nós, que vivemos aqui numa cidade tripartite, com certeza, convivemos com isso desde a sua origem. E eu gostaria, primeiramente, de dizer aos nobres Parlamentares que também tive como surpresa, quando soube dos depoimentos que foram divulgados na imprensa local, exatamente no dia da Califórnia, quando estava no ginásio municipal assistindo, e o pessoal da imprensa, da RBS e do *Zero Hora*, me pediu uma entrevista. E foi nesse momento que fiquei sabendo do envolvimento do meu nome nas entrevistas concedidas anteriormente ao pessoal da imprensa. Para mim foi muito estranho porque, totalmente fora, sem ter conhecimento nenhum, envolvimento nenhum, sem conhecer ou ter qualquer tipo de intimidade, envolver o nosso nome foi realmente uma surpresa. E, como nós temos uma vida pública em torno de 20 anos aqui na nossa região, na nossa comunidade, é óbvio que sempre, no caminho democrático



da política e da vida pública, sempre nos deparamos com adversários políticos que defendem outras teses, outros caminhos. E não foi diferente conosco, que trabalhamos com uma conduta e norteamos nossa vida, desde que nos conhecemos por gente, pelos princípios basilares da correção, da transparência, da ética e da família. Mais uma vez, não só a família, os amigos, receberam com tristeza, pela injustiça, a notícia de que o nosso nome foi referenciado por pessoas que talvez... E a nós não importa as condutas que elas tenham perante a sociedade, mas o nosso nome estar envolvido na boca dessas pessoas... Até porque, quando se faz o mal se paga com o mal. E quando se faz o mal e se quer esconder através do bem, ficam realmente prejudicadas as pessoas que tem esse comportamento. Mas, em todo caso, disse à imprensa naquela noite que, como eu desconhecia o assunto, no outro dia eu gostaria até de saber, de me informar, porque eu não sabia de nada daquilo. No outro dia procurei as pessoas para saber quem era a Testemunha Z, que depois ficamos sabendo que era o Sr. Felipe Vieira, que tinha uma série de passagens pela polícia. Mas não tendo nenhuma intimidade, nenhuma participação. No fim, acabamos também vendo pela imprensa e até pelo próprio Felipe Vieira que o ex-Prefeito não tinha nada a ver com essa história, que foi tudo uma armação, sei lá com que intenção, se de extorquir, se era... Na verdade nós logo em seguida ficamos tranquilos porque a mesma pessoa que deu o nosso nome como se fosse orientador ou sei lá o que disse que era tudo invenção e que o ex-Prefeito não tinha nada a ver com isso. Isso nos deixa tranquilos. Mas já estávamos tranquilos e continuamos tranquilos porque não temos envolvimento com absolutamente nada e desconhecemos esse assunto. O que a gente sabe é exatamente aquilo que a imprensa divulga. Ademais, estou à disposição dos Deputados, até porque desconhecemos totalmente essa matéria. Sabemos daquilo que a imprensa divulga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sr. Relator, Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor saberia nos informar se existe alguma motivação, algum fato objetivo que explique o porquê do envolvimento do seu nome nessa denúncia?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO CAIO RIELA - Pois é, o que eu posso imaginar? Como as pessoas que estão envolvidas dos 2 lados, creio eu, eu aqui em Uruguiana, depois que assumi a Prefeitura, passei a receber por parte da



imprensa, durante todo o tempo em que fui Prefeito, por parte dela, uma crítica muito contundente, uma crítica política, inclusive criando fatos inexistentes, como posso citar, o que abalou— abalou, digo, a questão pessoal, emocional, familiar, porque criaram, inclusive, uma história dentro desse periódico local de que o ex-Prefeito Caio, na época o Prefeito, teria entrado atolado num hospital. E isso foi divulgado na cidade, na região, no Estado, no País e, claro, sofri com isso. Mas como não tinha nada, nunca aconteceu absolutamente nada, foi uma invenção e logo em seguida as pessoas desse jornal foram à Polícia Civil e deram depoimento desmentindo e dizendo como aconteceu a invenção dentro do jornal. O.k. Perante aqueles que não me conhecem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse jornal pertence ao...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Ao Sr. Jair Rodrigues — *Jornal de Uruguaiana* —, a ele, enfim, a sua equipe. Logo mais adiante, de novo, para incomodar, para, sei lá, fazer com que tivéssemos mais um abalo emocional, sentimental, enfim, criaram um tal de seqüestro que eu, Prefeito, que meu gabinete tinha seqüestrado uma jornalista. Mais uma vez lá se desmontou toda a história, porque em toda mentira a verdade vem à tona. E agora a terceira é essa, quando se envolve de novo, mais uma vez, o meu nome nessas histórias de tráfico de armas, como se fosse orientador, o que levou o testemunho a Brasília, que estive com o Presidente Moroni Torgan, que estive na Assembléia, enfim, uma série de coisas que saíram em páginas inteiras, meu nome foi estampado nas capas de jornais, colocando que o ex-Prefeito Caio orienta não sei o quê. Tudo isso, para a gente que trabalha num lado correto, que tem uma família, que tem uma profissão, que tem uma conduta, é óbvio que abala perante a família, perante os filhos, aquela coisa porque ficam: pô, estão falando isso do seu pai. Então, isso é ruim, mas a gente superou porque a gente tem uma base familiar forte, uma estrutura consolidada e, graças a Deus, uma população que nos conhece pela nossa postura, pela nossa transparência, pelo nosso caminhar nos 20 anos da vida pública, nos 5 mandatos que exercemos tanto como Presidente desta Casa, como Deputado Estadual, Federal e Prefeito. Então, são aqueles caminhos, aqueles espinhos, aquelas pedras pelo caminho que se vai fazer o quê? Então, na verdade, eu diria assim: eu não tenho absolutamente nada contra os proprietários desse jornal, contra o Sr. Jair Rodrigues, absolutamente nada, porque eu não tenho que ver com o que ele faz,



não me diz respeito onde vive, de onde tira, não me dizem respeito as suas amizades, não me diz respeito absolutamente nada, cada um tem sua vida e faz dela o que bem entender. O que me diz respeito, sim, é quando mexe com o meu nome, com o meu caráter, quando me faz difamação, calúnia. Quanto a isso, sim, eu tenho que tomar providências, como aconteceu várias vezes. Nesse sentido, tirando a calúnia, a difamação, essa malversação da palavra — e o papel aceita tudo —, colocar aos 4 ventos que a pessoa de Luiz Carlos Repiso Riela, Caio Riela, tenha participado disso ou daquilo, com tudo isso, eu vou buscar sempre na Justiça, como fiz até hoje, para reparar essa questão da calúnia, da difamação. Caso contrário, eu quero deixar muito claro, e é bom, é importante a CPI aqui porque volta e meia fazem alguma coisa e parece que o nome Caio Riela é um álibi para poder... sei lá se é para desorientar ou se é para criar alguma expectativa ou essas questões aí das ilegalidades, das ilicitudes, dos desmandos, dos descaminhos. Mas estamos tranquilos. Graças a Deus, a única coisa que paira perante mim e essas pessoas é a questão da vida política. São adversários políticos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece a testemunha que teria num primeiro momento creditado a V.Sa. essas acusações?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, como eu vou dizer assim, nesse dia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já conhecia antes?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Em setembro, no mês de setembro, não sei precisar a data, eu estava em Porto Alegre, foi logo em seguida que eu deixei de ser um dos Procuradores da Fundação de Assistência Social do Governo Fogaça, quando exerci por 6 meses como um dos Procuradores, logo no final, quando saí da Procuradoria, no início de setembro, eu estava na rodoviária chegando e sempre em cima da hora para pegar o ônibus para vir para Uruguaiana e estava acompanhado de um colega advogado, vereador, Dr. Kiko Barbará, quando estávamos chegando uma pessoa me abordou, que eu não conhecia até então. “Prefeito?” Olhei. “Tenho notícias” — eu não me lembro os termos que usou — “bombásticas, vai acontecer uma devassa em Uruguaiana, vai ser não sei o que, vão acontecer prisões, vai acontecer uma operação”. Mais ou menos nesse sentido, não me lembro direito, mas foi por aí. Eu não me recordo, mas conversando com o Kiko Barbará ele me disse que a pessoa se apresentou como agente da Polícia Federal



ou como protegido da Polícia Federal, algo assim nesse sentido. E era a Testemunha Z, era o Felipe Vieira. Eu disse: “Olha, eu estou pegando o ônibus, eu tenho escritório em Uruguaiana, estou indo para Uruguaiana.” “Eu vou procurá-lo.” “O.k. Não tem problema algum.” Pegamos o ônibus, vim embora. Lá, passado um tempo, não me lembro quantos dias, 20 ou 30 dias, apareceu em meu escritório, na Rua Tiradentes, aqui em Uruguaiana, o Sr. Felipe Vieira. Eu não estava no escritório e ele aguardou na sala. Falou com a minha secretária. Apresentou-se, inclusive, como pessoa da Polícia Federal. Ela disse que eu não estava. Que não tinha horário para chegar, que eu não tinha nada agendado naquela tarde, mas ele disse que iria esperar. Na sala de espera tinham outras pessoas aguardando e ele aguardou lá por 30, 40 minutos. Quando cheguei, minha secretária disse: “Olha, tem aí um agente, uma pessoa da Polícia Federal o aguardando”. Achei que se tratava de alguma intimação ou infração ou algo assim, mas pedi que entrasse no meu escritório, passasse à minha sala. Passando à minha sala, ele imediatamente, disse: “Sou a Testemunha Z.”. Bom, aí já me veio logo a figura que me abordou lá em Porto Alegre. Aí por uns 15 ou 20 minutos, no máximo, colocou a mesma história, aquela de que estaria vindo uma equipe de Brasília, de agentes para fazer uma operação na região aqui na fronteira, enfim, que haveria prisões, aquela coisa toda. Escutei, não tinha nenhum vínculo ou qualquer coisa com essa pessoa. Mas aí começou a comentar a respeito de que estava... que era uma testemunha protegida em Brasília, que tinha feito uma série de depoimentos, que ficou sabendo lá em Brasília que eu era vizinho do Deputado Moroni Torgan, e na verdade fui realmente vizinho no apartamento funcional. Enfim, colocou assim uma série de particularidades com relação ao meu mandato em Brasília, com relação a quem eu era. Mas o intuito era o de me informar da presença deles “Não, quero lhe dizer que assim que vierem esses agentes vou lhe informar o dia”. “Tudo bem, a mim não importa. Se vierem, a imprensa divulga, enfim, sempre há...” O.k. Foi embora. Passado... e eu não esqueço a data, porque fui dar uma palestra no aniversário do Município de Bossoroca e, quando estava retornando, acompanhado da secretária e de mais outro colega, de outro amigo, toca o meu telefone celular, cujo número consta do meu cartão, ele é público e notório, todos conhecem, é sempre o mesmo, 9113-1414. Tocou lá pelas 10 horas da noite, 22 horas, foi no dia 07 de outubro, foi bem no aniversário da minha mãe, portanto, lembro dessa data. Tocou dizendo: “Prefeito,



aqui é o Felipe". Como têm várias pessoas que conheço com o nome de Felipe, disse: "Que Felipe?". "O Felipe, o Testemunha Z". "Ah, sim, pois não". "Não, só para lhe informar que amanhã está chegando o pessoal da equipe federal". "Bom, está o.k., está bem, vamos aguardar, vamos ver". Enfim, acredito que foi isso que disse. Vinha na estrada. E passou. Aí comentei com o meu pessoal: "A testemunha, aquele cara disse que amanhã estará chegando o pessoal da Polícia Federal, os agentes para fazer uma operação na região". O.k., vamos ver, vamos aguardar, vamos ver se isso é verdade, se não é, se esse cara é pirado, se é louco, sei lá o que ele é. E passou. Na verdade, não me lembro o quê, mas houve uma operação aqui na região. Andaram prendendo um pessoal, foi noticiado pela imprensa do Estado, Nacional. Digo: "Está bem informada a pessoa". Mas não lembro nem que foi, acho que foi em Livramento, Quaraí, não sei, por aqui. E depois o próximo contanto, Deputado Paulo Pimenta, foi aquele no dia da Califórnia, no dia em que eu fui chamado para dar a entrevista que estaria saindo no outro dia no jornal do Sr. Jair Rodrigues, entrevista dele, na qual ele me citou 20 vezes na entrevista dele, dizendo que a Testemunha Z, disse que eu era o orientador: "*Não, porque o ex-Prefeito Caio Riela é que orientava*". Dito pela Testemunha Z. O Sr. Jair Rodrigues falava que a Testemunha Z informava a ele que era eu que orientava. Então, não sei que armação fizeram lá, como é que foi, e foi a partir daí que eu vim, então, a saber bem quem era a figura da Testemunha Z, Felipe Vieira, essa coisa toda. Aí começaram a sair fichas dele nos jornais, na imprensa Esses foram os contatos. Aquele da rodoviária, rápido, e aquele do escritório, quando ele foi lá, e depois o outro telefonema dizendo que estavam vindo. Foi isso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tomou alguma medida judicial de responsabilização do Sr. Jair Rodrigues por esse episódio da divulgação do seu nome?.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Eu quero dizer assim que no momento em que saiu na televisão, naquele mesmo dia, sábado, e a própria Testemunha Z, o Felipe Vieira, disse que o ex-Prefeito não tinha nada a ver com aquilo, ficou claro que foi uma armação, foi alguma coisa. Então, consultei os meus: "Não, se ele já disse que não tem nada a ver, seu nome não está envolvido em nada, que é tudo uma armação, uma invenção", *sei lá o que,...*"



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O fato de que outra pessoa o teria procurado e proposto vantagem financeira para que ele envolvesse o seu nome...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Pois é o comentário que está na cidade, que estaria...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas não teve nenhuma...?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, eu não fiz até pelo seguinte fato: se continuar com a invenção e com a mentira envolvendo meu nome, é óbvio que isso desencadeia uma ação. Mas como foi desmentido logo, no mesmo dia da entrevista, não preciso...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem informação de que esse depoimento, posteriormente, foi seguido de um outro depoimento no qual surgiu o nome do Deputado Pompeo de Mattos? O senhor conhece o Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Conheço. Fomos colegas Deputados Estaduais, fomos colegas Deputados Federais. Nunca, durante todo esse tempo, ao longo de quase 20 anos em que eu o conheço — não tenho intimidade, não nos visitamos, mas, na vida parlamentar, convivemos dentro da Assembléia por 8 anos, convivemos em Brasília —, nunca vi absolutamente nada que desabonasse a conduta do Deputado Pompeo, muito pelo contrário.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito obrigado. Eu não tenho mais nenhuma questão, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu também serei bem objetivo. As citações aqui da Testemunha Z são várias com relação ao senhor e começam pela afirmação de que ele teria se baseado em informações suas para fazer determinadas acusações. O senhor, nas suas declarações, mostra que não teve nenhum tipo de contato anterior para o informar.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Exatamente. Absolutamente nada.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor teve 2 momentos nos quais o encontrou. O senhor foi Prefeito aqui nos últimos 4 anos?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Correto.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tinha conhecimento de tráfico de armas ou drogas aqui por Uruguaiana?



O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - É o que todo mundo sabe pelo que sai na imprensa, quando há as apreensões, enfim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas como Prefeito o senhor tem alguns contatos com o Ministério Público, com Polícia Federal, com o Ministério Público Estadual ou Federal. Essas informações davam seqüência além da rotina do que sai no jornal de nomes ou pessoas envolvidas em tráfico de armas ou drogas?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Do meu conhecimento, não. Do meu conhecimento, não. Que tivesse ido buscar alguma informação a respeito ou... comigo não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O controle do trânsito é da Prefeitura Municipal?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - É, o controle é da Secretaria de Segurança e Trânsito do Município.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não há nenhuma solicitação da Justiça ou da Polícia para identificação de carros ou nas circunstâncias em que possam ter sido usados com assalto ou em tráfico? O senhor tinha conhecimento disso?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, não, até porque o controle pela Prefeitura do trânsito, pelos nossos agentes fiscais, era com a questão do dia-a-dia, essa questão aí acho que nem era com os nossos agentes fiscais de trânsito.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Multas a Prefeitura não...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, isso sim, multas, enfim, fazendo *blitz* essas coisas internas dentro do perímetro urbano.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas em nenhum momento isso o senhor...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Que eu lembre ...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Que o senhor lembre não teve nenhum envolvimento, ou preso, ou multas de carros que pudessem ter sido envolvidas em tráfico?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Em tráfico de arma ou qualquer outro tipo de tráfico ...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De droga ...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - ...não lembro.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tráfico de pessoas nem outro tipo de situação?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não lembro, até porque acho que esse tipo de questão assim, quando é uma coisa que dá mais repercussão chega ao conhecimento do Prefeito. Caso contrário, aí é o Diretor de Trânsito ou o Secretário de Trânsito...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A relação do senhor com o Departamento de Trânsito, com a Polícia Civil e a Polícia Militar do Estado...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Aqui, como Prefeito, na época, como Parlamentar ou como pessoa?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Como Prefeito.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Como Prefeito, normal, como Prefeito e a corporação da brigada, mas...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eles não pediam apoio à Prefeitura para qualquer tipos de ação desse tipo que visasse coibir tráfico ou coisa parecida?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A Prefeitura não ajudava em nenhum momento?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Olha, se eu disser vou mentir. Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A Polícia Federal o procurou nesse período para poder ajudar...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Com relação a tráfico de armas?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ...a combater o tráfico de armas ou drogas, qualquer situação dessa?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, o único trabalho que fizemos em parceria foi com o Governo Federal, com a Secretaria Nacional de Antidrogas, com o General Uchôa. Nesse trabalho aí tivemos convênio com o Município de Libres, aqui do lado, criamos aqui uma comissão, o Conselho Municipal Antidrogas, mais nessas questões assim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - No caso das prisões que aqui ocorrem... Aqui tem um presídio?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Sim.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A Prefeitura tem algum tipo de relacionamento...?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, nenhum envolvimento. A Prefeitura, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A testemunha que o citou aqui repetidas vezes coloca que essas informações, traduzidas depois em jornais locais, mostram que teriam processos contra o senhor? É verdade? O senhor responde a algum tipo de processo?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Dessa natureza, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De algum outro tipo?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Os processos que têm são processos administrativos, processos que estão ainda em curso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De ordem administrativa?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - De ordem administrativa ou desses que já falei com relação à difamação, calúnia, que a gente entrou, enfim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor conhece a Testemunha Z. Conhece de quê? De família? O conhecimento é somente superficial?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, conheci pela imprensa, pela...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Antes o senhor não o conhecia?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não o conhecia.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor conhece também o Sr. Jair Rodrigues, proprietário do *Jornal de Uruguaiana*.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - É uma pessoa da cidade, né?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor o conhece perfeitamente?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não tenho nenhum laço de amizade, nenhum...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O jornal fez oposição a sua administração?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Ferrenha, durante os 4 anos.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A informação dada da divulgação de informações que a Comissão teria com relação ao Deputado Pompeo de Mattos o senhor a conheceu através dos jornais também ou teve algum outro tipo de informação?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, também pelos jornais, pelo que saiu das matérias.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Antes o senhor não tinha informação que houvesse essa...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Com relação ao Deputado Pompeo?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS -... a divulgação de um depoimento que o Deputado Pompeo pudesse ter facilitado?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, pela imprensa. Fiquei sabendo pela imprensa.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor leu a revista *ISTOÉ* ou viu pela televisão?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Sim, pela revista *ISTOÉ*, pelos jornais locais, pelos jornais do Estado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O.k. Estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Caio Riela, tive o prazer de conhecê-lo e ser seu colega na Assembléia e depois acompanhar o seu... E o surpreendeu a entrevista publicada no jornal, à época?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Do jornal? Soube que saiu na íntegra todo o depoimento, inclusive, o *Jornal de Uruguiana* colocou a página inteira. Acho que deve fazer parte aí da CPI, não sei se tem, mas uma página inteira e citaram o meu nome mais de 30 vezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o surpreendeu, isso?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Mas, pelo amor de Deus, foi um absurdo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou teria ocorrido isso antes, Riela?



O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Como o jornal... Como eu disse em outras questões, como aquela questão que inventaram dos aiatolás, depois de seqüestro, aí vem mais, essa seria terceira, eu diria assim, das mais que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ao longo do mandato de Prefeito?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Ao longo do meu mandato, exatamente. Então, claro que surpreendeu, mas como era algo ridículo, por não ter nada de verdade naquilo ali...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A que atribui essa ação?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Como dizem, é uma testemunha que me envolveu na história...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, mas o senhor cita 3 episódios: o do hospital, esse da CPI e o caso do falso seqüestro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Riela, um minuto, por favor. Só como uma informação, Deputado Paulo Pimenta: essa publicação do que aconteceu no *Jornal de Uruguaiana* refere-se ao depoimento reservado da Testemunha Z ou ao depoimento público por ele realizado antes?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não entendi, Deputado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A publicação que aconteceu no *Jornal de Uruguaiana* da parte do depoimento nos quais essas citações ocorrem em relação ao Sr. Riela são parte do depoimento público?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O depoimento que foi dado ao Ministério Público.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Pela Testemunha Z.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Do Ministério Público?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Exatamente. Aquele depoimento que 2 dias depois foi desmentido.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nesse meio tempo, o depoimento esse, que teria sido forjado, virou notícia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Muito obrigado.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Eu gostaria de registrar que foi esse depoimento forjado que serviu para a ampla divulgação...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não foi desmentido depois? Não foi publicado de novo...

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - O desmentido, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No mesmo dia em que foi publicado pelo jornal o Felipe veio a público desmentir ou fez isso num depoimento?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Numa entrevista. Eu o vi na RBS — isso foi no jornal do almoço — dizendo que o ex-Prefeito Caio não tinha nada a ver. Pelo menos com relação a mim, o resto não sei como é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, existem pelo menos 3 fatos que caracterizam... É um desafeto político, é um inimigo seu?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, inimigo não é, porque nós não temos nenhum tipo de relação, nunca tivemos. Político, porque sempre o jornal, o Sr. Jair Rodrigues teve seus apoios políticos, seus envolvimento políticos. Então, eu diria, não inimigo, mas adversário político. Adversário todos nós temos. Mas nada além disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Sr. Jair Rodrigues participa da política local aqui?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Se ele participa?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Olha, pelo que a gente vê pela imprensa, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas ele foi candidato?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Foi, foi candidato a Vereador aqui na cidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na última eleição, agora?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, não. Acho que não foi nessa última. Foi na de 2000, se eu não me engano, acho, não me lembro direito. Foi candidato a candidato a Deputado Estadual — também não me lembro se ele chegou a ser candidato — pelo PDT, depois saiu e foi pelo PPS. Mas ele tem aquela participação de quem é empresário e dono de jornal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas não na militância político-partidária, recentemente, não...



O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Ele é Presidente do PPS. Foi ele que trouxe o PPS para cá, Presidente do PPS. E hoje é o Presidente de honra do PPS.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está bom. Da minha parte, não há mais nenhuma consideração.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu também gostaria de concluir, Caio, mas com a pergunta que o Relator já fez sobre as providências que foram tomadas. Em relação a esse episódio, V.Sa. já declarou que, tendo havido o desmentido, considerou que não havia necessidade. Mas não se sentiu atingido pela publicação a ponto de, por exemplo, merecer uma ação jurídica?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Com certeza, pelo próprio destaque, pela amplitude da divulgação, não só em Uruguaiana, como no Rio Grande e em todo o País, nos *sites* de vários provedores...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas não demandou na Justiça?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, pelo fato de que, no momento em que foi divulgado que a CPI viria a Uruguaiana e faria todo esse trabalho, que ouviriam, que haveria desdobramentos, e que houve a parte do desmentido... E, como eu sou uma pessoa muito conhecida e quem me conhece sabe, eu não teria por que... Qual seria a vantagem de buscar na Justiça aquilo que já foi esclarecido? Então...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E nos episódios anteriores?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Esse tá andando, tá andando na Justiça, está na Justiça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Está processando pelo episódio do hospital ou do falso seqüestro?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Os dois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Os dois?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Os dois estão tramitando na Justiça, por difamação, calúnia, essa coisa toda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Alguma vez o senhor foi processado pelo Sr. Jair?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, que eu saiba, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quem é o proprietário do jornal, é ele?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Olha, isso também é outra coisa que... eu não tenho acesso a essas coisas. E o editorial volta e meia troca os nomes, enfim, quem é diretor presidente, quem é isso, quem é editor. Então, na verdade eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas é da família?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Não, é ele, ele é o proprietário. Enfim, acho que é mais fácil perguntar a ele, ao pessoal do jornal, eu não sei, não tenho intimidade com o pessoal...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Também estou satisfeito com as informações do...

(Falha na gravação.)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O convidado está dispensado, só com a necessidade de ser reinquirido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Isso. Só, como última oportunidade, se desejar acrescentar algo para a CPI a respeito de tráfico de arma, se conhece, se tem conhecimento, se avalia qual a posição de Uruguaiana nesse contexto do tráfico de armas.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Deputado Francisco Appio, Deputado Paulo Pimenta, Deputado...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Colbert Martins.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - ...Colbert Martins, da Bahia, é uma alegria, até, poder rever Parlamentares daquele Estado, com o qual temos uma ligação muito forte — a família Riela. Itabuna para Uruguaiana é como Uruguaiana para Itabuna. Assim como aqui tem a origem dos Riela, Itabuna tem um time completo de basquete, campeão da cidade de Itabuna, só de Riela. Eu queria agradecer e dizer que as dificuldades que nós enfrentamos, nós que somos de fronteira, são inerentes a toda aquela falta de estrutura que é por demais conhecida pelos Parlamentares, pela sociedade, pela mídia e por todos, que é a questão de pessoal. Nós temos uma fronteira muito grande, fronteira seca, o rio que nos divide, mas as pontes que nos ligam, as carências de pessoal, as dificuldades todas com relação à infra-estrutura que esses servidores federais têm nessas fronteiras. Todos



nós que aqui vivemos e aqui convivemos sabemos que quem quer passa na hora que quer. Porque se há dificuldade, se há falta de equipamentos, a operacionalidade... A gente vai a Paso de Los Libres, vai e volta, quem é daqui, com a maior facilidade, sem problema nenhum. É revistado, às vezes é por... nem todos os carros são abertos e revistados de uma forma mais detalhada. Fronteira, na madrugada, na noite, nos rios, na parte rural, enfim, há uma dificuldade imensa para o País poder fazer essa segurança.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu gostaria de lhe perguntar: é óbvio que o senhor muitas vezes atravessou a fronteira, todos fazem isso, na verdade há uma....

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Quem é de Uruguaiana faz umas 3 ou 4 vezes por semana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Há pessoas que tem a dupla cidadania, não é?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Sim, sim, tranqüilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Do lado argentino é possível comprar armas em lojas?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Eu não tenho experiência nisso, mas, pelas informações, dizem que sim, para comprar munição, essas coisas, dizem que sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Alguma vez viu armas em vitrines de lojas de Libres?

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Sim, sim. Têm lojas do outro lado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É possível. Armas à venda.

O SR. LUIZ CARLOS REPISO RIELA - Como eu não me lembro, porque sinceramente eu não tenho convívio com armas, nunca comprei, nunca tive uma arma e nunca fui em busca de arma ou de munição ou de qualquer coisa. Então, quando vou a Libres, para ser bem sincero, eu não me lembro, não sei nem onde fica a loja de armas lá. Nem sei, mas diz que tem. Então, quem é mais do ramo deve saber. Mas a própria CPI pode atravessar e ir lá conhecer e ver, fica fácil. Mas é comum isso aqui, acho que nas áreas de fronteira, ter esse acesso. Mas, Deputado Appio, eu queria, Deputado Pimenta, deixar muito claro porque a comunidade... Nós,



em Uruguaiana, temos uma peculiaridade. Aqui se dá muita notoriedade, muita divulgação, nos mínimos detalhes, e se tem facilidade de dar desdobramentos. E eu queria deixar muito claro, porque a gente vê que tem platéia, que tem presença, que tem imprensa, que tem líderes, que tem, enfim, uma série de profissionais liberais, pessoas de todos os segmentos da comunidade aqui na assistência. Todos me conhecem. Eu queria mais uma vez reforçar a tranquilidade, a transparência e a seriedade com relação àquilo que tenho dito muitas vezes: eu não tenho nada a ver com todas essas pessoas envolvidas, não convivo com essas pessoas, não sou amigo de seus amigos e não frequento a sociedade que frequentam. Para que fique muito claro, eu não tenho absolutamente nada a ver de onde tiram dinheiro para viver, profissão que têm, os negócios que fazem, absolutamente nada, porque não me diz respeito a vida das outras pessoas. O que me diz respeito é a minha vida, a minha família, os meus amigos. E a estes eu devo a lealdade, a estes eu devo o compromisso honrado perante a sociedade e ao matrimônio: à esposa, aos meus filhos e aos amigos e a minha carreira pública em particular. A esses devo e, portanto, me diz respeito o que faço e de onde tiro para viver, meu dia-a-dia. Não tenho, e não é um direito meu, absolutamente, em nada questionar cada pessoa como faz para viver. Então, quero que fique muito claro isso: eu não estou preocupado por que a pessoa venceu na vida. Cada um tem a sua história, cada um constrói a sua riqueza, constrói os seus amigos, constrói o seu patrimônio, constrói a sua vida pública e particular da maneira como ela fez para si. Então, às vezes jogam na imprensa que o Caio está preocupado com o fulano, de onde tira.... Eu não estou preocupado com ninguém. Eu sou uma pessoa simples, tranquila, que tem facilidade de fazer amigos e que gosta de fazer o que faz. E, portanto, não alimento inimizades, não dou lugar para o ódio, jamais na minha vida convivi com o rancor e com aquelas pessoas que possam atirar pedras ou agredir com palavras a minha família e aqueles com quem convivo. Não guardo esse tipo de coisa porque sou um homem público, tenho meus defeitos e as minhas virtudes, mas carrego isso para que fique muito claro. Saio daqui tranquilo e acho que esta CPI está fazendo um belo trabalho e muito trabalho ainda terá pela frente e muitos depoimentos haverão de vir e muitos esclarecimentos haverão de acontecer. Queria deixar bem registrado isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A CPI agradece ao convidado, à testemunha convidada Luiz Carlos Repiso Riela e suspende a sessão por 5 minutos enquanto é providenciado o acesso da próxima testemunha.

Está suspensa a reunião.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Reiniciamos os nossos trabalhos. Já convidamos a próxima testemunha, que está à Mesa na condição de testemunha convidada. Temos a qualificação?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sra. Marieli Corrales Abad, convocada para comparecer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Convocada. Por se tratar de oitiva de testemunha convocada, solicito à Sra. Marieli que preste o juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.

Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto a depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal, art. 342: *“fazer afirmação falsa, ou negar, ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial ou administração em juízo arbitral”*.

Solicito ao funcionário da CPI Paulo Sérgio Silva dos Santos que proceda ao encaminhamento desse juramento.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - *“Faço, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e do que me for perguntado.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Passo a palavra de imediato ao Relator, Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em primeiro lugar, Sra. Marieli, eu quero agradecer a senhora por ter prontamente atendido à nossa convocação. Nós convocamos V.Sa. para se fazer presente em função de seu nome ter sido citado por um depoente. Estamos aqui hoje em nome da Câmara dos Deputados para proceder a uma série de investigações e entendemos que a sua presença poder colaborar, contribuir no sentido de elucidar algumas coisas que nós estamos investigando. Então, desde já quero reafirmar que nós agradecemos e contamos com a sua colaboração. Eventualmente queremos nos desculpar em função de alguns transtornos que possamos ter causado por ter sido convocada de última



hora, mas achamos que era importante para nós e para a senhora, afinal de contas, o seu nome foi aqui citado em uma audiência pública.

A senhora conhece o Sr. Jair dos Santos Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sim, conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Sr. Jair dos Santos Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - A gente teve um relacionamento e temos uma filha juntos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora tem uma filha com o Sr. Jair Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora mantém algum tipo de contato, de relação com ele, de amizade?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sim, ainda temos, em função da nossa filha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. A senhora conhece o Advogado José... o Advogado Braccini?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Conheço, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe onde fica o escritório dele?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós temos uma testemunha que relata que, em um determinado momento, encontrava-se no escritório do Advogado Braccini, em uma conversa com o Sr. Braccini e o Sr. Jair Rodrigues e que, nesse dia, a senhora chegou lá nesse escritório, no sábado à tarde. A senhora se recorda desse episódio?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Recordo, sim. Não me recordo dessa pessoa, mas eu estive lá a respeito de um problema particular meu, que era com a S Sul, mas não me recordo dessa pessoa. Falei só com o Braccini e saí após isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora se recorda de que dia era?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não me recordo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era dia de semana, era final de semana, era sábado?



A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não posso lhe dizer porque não me recordo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora foi só essa vez ao escritório do Braccini?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, talvez tenha ido mais algumas outras vezes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que a senhora sabe que é esse dia que eu estou falando?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Porque estava o Jair. E os outros dias que eu fui, não estava o Jair.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa foi a única oportunidade em que a senhora...?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora foi lá para falar com o Braccini?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Com o Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não foi lá para falar com o Jair?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não recorda quem era essa pessoa que estava lá?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não lembra de ter falado com ela?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Nem vi, para falar a verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nem enxergou a pessoa?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lembra se era de manhã ou era de tarde?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Eu estive duas vezes lá com o Braccini, nessa oportunidade em que eu estava com problema a respeito da S Sul. Eu estive uma vez na manhã, que o Sr. Braccini não se encontrava, e estive uma vez à tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora estava sozinha?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Eu estava sozinha.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não estava com uma criança?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - A minha filha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, estava a senhora e...?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - A minha filha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A sua filha. A senhora confirma então que em um... A senhora não viu essa pessoa, como é que a senhora sabe que tinha essa pessoa lá?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Porque o senhor falou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não sabia que tinha outra pessoa lá?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora achou que era só o Braccini e o Jair Rodrigues que estavam lá?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não. Inclusive, só soube que o Jair estava lá, porque, quando estacionei o carro, vi a camionete dele na frente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tinha secretária?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nem sabia que tinha uma outra pessoa lá dentro?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Do que vive o Sr. Jair Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Ah, isso não sei lhe dizer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não teve um relacionamento com ele? Tem uma filha com ele?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sim, tive, mas a respeito...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que ele trabalha, qual é a atividade profissional dele?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - É empresário.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De que ramo?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Tem jornal, tem algumas firmas na cidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele é dono de jornal?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Isso.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o jornal?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - *Jornal de Uruguaiana*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *Jornal de Uruguaiana*. E quais são as firmas que ele tem?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Olha, a gente tem um relacionamento, mas já faz algum tempo que a gente terminou. Hoje, nos dias de hoje, eu não posso lhe dizer o que ele tem, porque eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na época a senhora sabe o que ele tinha?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Era o *Jornal de Uruguaiana* e o partido, onde trabalhávamos juntos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No partido. A senhora trabalhava em um partido?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Isso, junto com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o partido?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - PPS.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora trabalhava no PPS.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Advogado Braccini é o advogado do Sr. Jair Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - É, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Normalmente as questões de natureza jurídica que, porventura, necessitem...

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Nesse aspecto eu não sei lhe dizer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que a senhora sabe que o Braccini é o advogado de Jair Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Porque quando eu pedi para ser verificada essa parte da S Sul foi ele que me indicou o Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, foi o Jair Rodrigues que indicou o Braccini. A senhora sabe de algum outro processo, de alguma coisa que o Braccini tenha defendido ou seja o advogado do Jair Rodrigues?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não. A princípio, não. A gente não fala sobre esses assuntos, fala sobre assuntos de meu interesse.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então, para nós aqui, a única confirmação que nós precisamos é exatamente da sua ida até o escritório e, nessa oportunidade, ter encontrado lá o advogado Braccini juntamente com o Sr. Jair Rodrigues. Deputado Colbert, a Sra. Marieli está à sua disposição.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhorita recebeu algum telefonema em alguma dessas circunstâncias pedindo telefones de outras pessoas? A senhora foi contactada por telefone também...

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ...para que se pedisse telefone de algum outro Deputado ou pessoa ligada à política ou ao Ministério Público?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, para mim, jamais. Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em nenhum momento. A senhora trabalha em quê?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Eu não trabalho, eu estudo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhora estuda e mantém-se... E a manutenção da sua vida é feita com base na sua atividade de estudante?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhora tem outra...?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Tenho a minha família. Eu moro com a minha família. E tenho, óbvio, ajuda de custo também do Jair em função da minha filha.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Esse episódio que a senhora cita dessa empresa tem alguma relação com o tipo de conversa, com o tipo de discussão de hoje ou não? Essa empresa que a senhora citou e por que foi procurar esse advogado?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Como assim? Desculpa, eu não entendi.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhora foi procurar o advogado em razão de um problema com uma determinada empresa...

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sim.

SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tem alguma coisa a ver com a discussão que travamos hoje aqui?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não tem nada a ver.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhora tem informações sobre tráfico de armas ou drogas aqui em Uruguaiana?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Nenhuma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nunca ouviu falar?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, jamais.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhora frequenta Paso de Los Libres, do outro lado?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Frequento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Também não ouviu nem conversas que exista tráfico de armas ou drogas aqui?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Jamais, porque são poucos os lugares onde eu frequento e nunca se ouviu falar. Eu vou muito ao cassino, abastecer, são coisas que... comer, coisas que o pessoal, todo mundo faz aqui.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Seqüestros, essa questão da violência aqui... não há nenhuma relação quando se trata de a senhorita ter ouvido informações com relação...

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, ao meu saber, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O nível de violência em Uruguaiana é alto, baixo?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Isso, mais ou menos, em todo lugar tem.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A senhorita ou sua família, de alguma forma, foram atingidos por algum nível de violência, seqüestro ou coisa parecida?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Há informações de trânsito com relação a drogas ou armas na fronteira, pela ponte ou alguma outra qualquer?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas não tem... na escola onde a senhorita estuda não há nenhum tipo de posse de armas ou alguém que andou com arma na escola ou foi surpreendido...?



A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não tem, porque eu faço faculdade e há algum tempo já, há uns seis meses, eu estou um pouco afastada, porque eu tive neném, então, eu não estou freqüentando hoje.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então não tem conhecimentos maiores com relação à questão de tráfico de armas ou drogas?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não tenho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Vai ter carnaval aqui essa semana?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Ah, isso, sim. Todo mundo sabe.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Isso aumenta de alguma forma essa freqüência de pessoas que vêm aqui de outros lugares, da fronteira? Ou podem ter trazido até... aumenta a violência no carnaval? Trazem armas? Você tem informação disso?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não tenho informação, mas pode-se gerar sim. Há muita gente de muitos lugares que vem para cá, até porque o carnaval é fora de época.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Lança-perfume vem também?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Ah, isso eu não sei dizer.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas tem no carnaval?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Olha, eu não posso nem afirmar, porque, na realidade, eu nem conheço lança-perfume. Eu não tenho esse conhecimento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O.k. Da minha parte não tenho mais nenhuma questão, Deputado Francisco Appio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, desculpe, senhora, se eu fizer alguma pergunta que eles já fizeram, porque eu tive que me ausentar por alguns instantes. A senhora conhece o Felipe?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não conheço e nunca o vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ouviu falar do nome dele, leu nos jornais alguma coisa?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Ah, isso foi muito comentado na cidade, não é? Então, não tem quem não tenha ouvido falar.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A senhora tem conhecimento de que foi citada por estar presente no encontro, numa reunião com o Dr. Jair e com o Dr. Braccini quando ele estava presente?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, isso foi uma surpresa para mim, até, quando o pessoal foi até a minha casa agora, porque eu não tinha esse conhecimento, não sabia e não o vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas já houve um momento em que a senhora, no escritório do Dr. Braccini, encontrou Jair e Braccini.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Ah, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Em algum momento... A senhora tem relações de amizade com ambos, não é, Jair e Braccini?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Em algum momento eles comentaram com a senhora o nome do Felipe, as denúncias que o Felipe estava fazendo?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não, não há esse comentário, até porque os meus assuntos com o Jair são outros e com o Braccini era totalmente diferente a questão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nessa reunião a que a senhora compareceu, eventualmente um dos 2 citou a denúncias nessa reunião? Alguém comentou?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, porque isso não era uma reunião. Eu estive lá justamente para saber da posição do que,,, eu tinha um pedido inclusive que eu tinha entrado com relação à (*ininteligível*) e eu estive lá rapidamente só para verificar como estava o andamento disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Mas ninguém comentou com a senhora a...

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não e nem eu vi essa pessoa lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não viu?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mais alguém, viu mais alguém?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, ninguém.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não havia mais ninguém.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Essa sua visita ao escritório durou quanto tempo? Porque, ao que tudo indica, a testemunha arrola o seu nome referindo-se a uma reunião prolongada. Sua visita foi rápida?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Como eu já dizia antes, eu só estive lá para saber desse processo e fui rapidamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Entrou e saiu?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Entrei e saí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Era possível, na sala, que houvesse alguma pessoa e que a senhora não tivesse visto? Eu não conheço a sala, não sei como é o escritório.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, porque eu entrei na porta, falei assim rapidamente dali, inclusive andava com a minha filha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, não chegou a entrar no escritório.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não, não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, é possível que tivesse mais alguém. A senhora não viu, mas era provável, poderia ter.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Não eu entrei na sala, mas eu não vi ninguém. Eu só estava...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, sim, a senhora entrou na sala?

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Sim, entrei. Inclusive, a janela estava aberta. Se tivesse alguém, até o pessoal da rua poderia ter visto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O escritório dá para a rua.

A SRA. MARIELI CORRALES ABAD - Dá para a rua, é, inclusive, na rua, na calçada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Sem mais perguntas. Podemos dispensar a testemunha. Muito obrigado. Está dispensada a testemunha. *(Pausa.)*



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na seqüência dos trabalhos, solicitamos à assessoria que introduza no recinto a testemunha Dr. José Maurício Braccini, para depor na condição de testemunha.

Queremos informar aos senhores e às senhoras que não haverá interrupção dos trabalhos. *(Pausa.)*

Queremos justificar algo: algumas testemunhas chegaram já na primeira hora de nossa audiência; entretanto, há uma ordem cronológica que se impõe, de acordo com as informações. Certamente todas elas haverão de compreender a contribuição que estão dando a essas investigações. Pode ser desconfortável, mas não existe uma outra forma para apuração dos fatos. *(Pausa.)*

Na seqüência dos trabalhos, convidamos a testemunha Dr. José Maurício Braccini para tomar assento à mesa, na condição de oitiva de testemunha.

Antes de passar a palavra ao depoente, peço atenção dos senhores para o procedimento que, em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, adverte a testemunha das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal:

“Art. 342 - Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral (...)”

Por se tratar de oitiva de testemunha, solicito ao Sr. José Maurício Braccini que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - *“Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”*. Ressalvo a V.Exa. que eu, na condição de advogado, também tenho a prerrogativa estabelecida no art. 7º, inciso XIX, da Lei nº 8.906/94, o Estatuto da Advocacia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Obrigado, Dr. Braccini. Pergunto se o senhor se faz acompanhar por algum colega advogado, ou não há procuração nesse sentido?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Há procuração nesse sentido, e gostaria que o colega me acompanhasse, ao meu lado, o Dr. Higino Macagnani.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Solicito ainda que aguarde um instante, por favor.



Peço uma reunião com os Deputados. *(Pausa.)*

Vamos à nossa audiência, agradecendo ao Dr. José Maurício Braccini. Suas colocações estão registradas.

De imediato, passamos a palavra ao Sr. Relator, Deputado Paulo Pimenta, que ouvirá a testemunha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na realidade, Dr. Braccini, nós estamos aqui hoje a fim de, em primeiro lugar, contribuir com a investigação que está sendo desenvolvida pela Câmara dos Deputados que diz respeito à questão do tráfico de armas e também para elucidar uma questão específica que envolve o suposto episódio de vazamento de um depoimento, que poderia ter ocasionado prejuízo à investigação não só da CPI como também da própria Polícia Federal, fato esse que é de conhecimento de V.Sa. e que, do nosso ponto de vista... *(Falha na gravação.)* Eu gostaria de, primeiramente, colocar a palavra a sua disposição, caso o senhor tivesse interesse em relatar e apresentar a sua versão, digamos assim, desse episódio.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Bom, inicialmente quero dizer a V.Exas. que eu ratifico o depoimento prestado aos 8 dias do mês de fevereiro de 2006, na sede da Delegacia de Polícia Federal, perante o Delegado Fabrício Chedid Padilha, Delegado de Polícia Federal, juntamente com o seu escrivão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor já conhecia o Sr. Felipe da Silva Vieira?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como o senhor o conheceu?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Conheci ele no sábado, dia 5 de novembro, à uma e meia da tarde, quando fui procurado por essa pessoa na minha casa, localizada à Rua Tiradentes, 3.123.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa pessoa procurou o senhor na sua casa?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Procurou a mim na minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com que finalidade?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Dizendo que sabia ele que eu era advogado do Jair e que ele tinha um reparo a fazer, uma vez que ele tinha sido testemunha protegida na CPI do Tráfico de Armas; e que queria fazer um reparo



num depoimento que ele teria prestado junto a esta CPI. Me mostrou, inclusive, documentos que eu exigi. Eu disse: “Sim, mas eu nem te conheço”. Aí, ele me mostrou termos de compromisso da CPI, termos de desligamento, recortes de *Zero Hora*, onde ele aparecia encapuzado. Aí, realmente, eu me interessei. Peguei ele e levei para o meu escritório de advocacia, mesmo sendo sábado, pela tarde. Ele me disse que necessitava urgentemente prestar esse esclarecimento, que ele pretendia ir embora de Uruguaiana, dizendo que se sentia ameaçado. Levei ele para o meu escritório de advocacia, inicialmente, e aí expliquei para ele: “Sim, mas hoje é sábado, de tarde. Nós não temos como entrar em contato na Procuradoria da República, porque hoje está fechada”. Aí, eu sugeri para ele: “De repente, vamos na Polícia Federal, perante os delegados da Polícia”. *“Não, na Polícia Federal eu não posso ir, porque foi lá exatamente onde eu prestei esse depoimento que eu quero retificar.”* Bom, fiquei estupefato, porque ele me falou coisas extremamente graves e queria reverter. Eu pretendia, de qualquer forma, entrar em contato com o Procurador da República, Dr. Carlos Henrique, que, na época... Aliás, nem era especificamente com o Dr. Carlos Henrique, eu queria entrar em contato com um Procurador da República. Aí me lembrei que num restaurante de Uruguaiana, localizado em frente à Receita Federal, sempre estavam presentes procuradores, delegados da Polícia Federal, enfim, juízes de Direito; e que a *promoter* dali — ela sempre teve esse cuidado, eu conheço o trabalho dela — sempre anotava o número dos celulares das autoridades e das pessoas que lá compareciam para eventual convite de outras festas de natureza particular. Lembrei. Liguei pra casa do Jair e disse: “Jair, eu preciso do telefone da Bia pra que ela me consiga o telefone do Procurador da República”. Aí o Jair me disse: *“Bom, eu vou entrar em contato com ela.”* E nesse meio tempo me veio, talvez em função até da larga experiência profissional na área criminal — que são 30 anos, como o povo gosta de dizer, de advocacia de porta de cadeia —, me veio o estalo de gravar essa pessoa, porque, afinal de contas, eu ia levar ele perante uma autoridade, inclusive sem saber quem ele era. Aí, deixei ele na sala de espera, fui lá na casa do Jair e peguei um gravador. Em função do jornal, lá sempre tem gravador, que eu não tinha no meu escritório. Voltei, ele estava me esperando. Tentei entrar em contato com o Procurador da República. Liguei do meu telefone do escritório: 34114743, deu na caixa postal do Procurador da República, deixei o recado na caixa postal do Procurador da



República, dizendo que quem falava era o advogado José Maurício Braccini e que precisava urgente falar com ele, pois tinha algo muito grave de uma pessoa que queria, enfim, prestar um depoimento. Bom, não conseguindo esse intento, eu disse para ele: “Olha, agora nós só podemos resolver essa situação segunda-feira, visto que tu não queres ir na Polícia Federal e o Procurador só vai estar na Procuradoria segunda-feira”. Bom, aí combinamos e ele disse: *“Bom, então, segunda-feira eu vou no teu escritório”*. Quando eu cheguei, eram 8 horas da manhã, ele já estava na frente do meu escritório. Fomos na Procuradoria da República. Inicialmente, falamos com os funcionários e os funcionários nos disseram: *“O Procurador chega por volta de nove e meia, dez horas”*. Aí eu disse pra ele: “Bom, então vamos voltar para o meu escritório”. Voltamos para o meu escritório. Dez horas fomos ali. Aí o Dr. Procurador marcou para às 14 horas. Voltamos para o meu escritório de novo, e foi aí que, então, uma vez a audiência marcada, eu resolvi gravá-lo. Eu digo: “Bom, agora tu vais chegar lá na frente do Procurador, obviamente a autoridade vai te perguntar como é que tu conseguiste chegar nesta CPI. Tu não foi lá, tu não caiu de pára-quedas”. Foram exatamente as palavras que eu disse pra ele. E aí ele começou a relatar o que está gravado. Eu já entreguei uma cópia desse CD para a Polícia Federal. Foi enviada uma outra cópia lá para a CPI, em Brasília. Enfim, foi essa gravação onde ficou gravado tudo o que ele me falou antes de ir para o Procurador da República. Chegando lá, no Procurador da República, eu me apresentei para o Procurador. Aliás, eu já conhecia ele de uma outra audiência anterior, mas uma relação meramente profissional. Expliquei para ele: “Essa pessoa aqui foi testemunha numa CPI e ele disse que tem um depoimento para reverter”. Deixei ele na frente do Procurador e disse: “Olha, o senhor me dê licença, eu vou me retirar para deixar os senhores à vontade”. Aí ele manifestou interesse, ali na frente, de prestar o depoimento para o Procurador. Eu me retirei. Nesse meio tempo, quando ele sai da sala do Procurador para ir prestar o depoimento perante os escrivães — sei lá como é que se chamam os estagiários do Ministério Público —, eu entrei, pedi licença, entrei na sala do Procurador e, só nós dois, eu disse pra ele: “Procurador, eu tenho a gravação desse rapaz, porque eu tive esse cuidado de gravar ele antes de trazer ele pra cá”. Aí expliquei para o Procurador os motivos, inclusive, o porquê que eu tinha gravado ele. Aí o Procurador disse que não tinha necessidade da gravação. Ouviu ele. Eu voltei para o meu escritório. Quando foi por



volta de 16h, 16h30min, ele voltou com o depoimento, com a cópia já do depoimento. Aí, de posse desse depoimento, eu liguei para o meu cliente, o Jair. Ele foi no meu escritório, eu disse: “Este rapaz aqui que andava deixando... deixou um bilhete, parece, para o Jair...” Ah, anteriormente, uns 3, 4 dias antes, tinha um bilhete por baixo da porta do meu escritório que dizia: “*Polícia Federal, Brasília*”. E tinha um número de um telefone. Não me lembro mais o que dizia, se dizia que tinha um assunto importante para tratar e tal... Bom, de posse, então, ele voltou da Procuradoria com o depoimento. Nesse meio tempo, telefonam da Procuradoria para ele. Tinham esquecido de pegar as cópias dos compromissos, inclusive muitas notas fiscais que ele tinha, enfim, diárias, onde ele revelou que recebia parece que mil e quinhentos ou mil e setecentos como testemunha protegida, mais as despesas tudo pagas. Então, o Procurador queria as cópias desses documentos. Aí eu fui com ele aqui, ao lado da Câmara, tiramos xerox de tudo, entregamos na Procuradoria. Aí voltamos lá para o meu escritório. Foi aí que chegou o Jair. Aí, eu disse: “Olha, está aqui o depoimento, tal...” Aí, ele começou a insinuar de que ele tinha sido desligado da condição de testemunha protegida, que estava precisando de um auxílio, coisa e tal, e o Jair se fez de desentendido. Foi embora. No outro dia, pela manhã, ele voltou no meu escritório e foi taxativo, foi enfático. Ele disse: “*Ah, doutor, o senhor vai ter que me arrumar alguma coisa, porque eu preciso ir embora de Uruguaiana. Eu estou sendo ameaçado*”. Eu disse para ele: “Olha, rapaz, eu tenho 30 anos de advocacia, e não vai ser tu que vai me obrigar ou insinuar de eu extorquir dinheiro dos meus clientes para teu benefício”. Aí, ele ficou bravo comigo. Disse: “*Ah, porque eu posso dar outro depoimento*”. Eu disse: “Tu podes dar quantos depoimentos tu quiser. Agora, eu não vou servir de veículo para extorquir dinheiro dos meus clientes”. E assim ele continuou: ele continuou indo no meu escritório, tentando se aproximar, me convidando... Ele sabia, inclusive, que... Me convidando para sair na noite. Eu disse: “Não, eu não saio mais, estou retirado”. Até porque eu não conhecia ele. Bom, passada uma semana, eu venho saindo do fórum, e o radialista Roberto Vargas me apresentou uma série de folhas, onde era um depoimento que ele havia prestado, em 1998, perante o Ministério Público Estadual, onde acusava mil e um empresários de Uruguaiana, dizendo sobre tráfico de drogas; acusava o próprio radialista; fazia acusações, enfim, sobre... O nome eu não vou repetir, para não ficar expondo o nome das pessoas indevidamente a público, mas esse depoimento, inclusive, eu dei



cópias depois na Polícia Federal. E aí foi que eu me dei conta. Eu disse: “Puxa, mas que barbaridade! Eu não tinha me dado conta de que esse cara é o famoso Felipe Schervenski!” Ele era conhecido na época, porque uma vez ele se vestiu de coronel e aplicou um golpe em Uruguaiana terrível, em vários militares, em várias lojas, fazendo como se fosse um convênio de militares. Aí eu, chateado, diante da delicadeza do Procurador da República em ter me recebido, em ter dado todo o apoio, disse: “Pô, eu me sinto no dever de ir lá, no Procurador, pedir desculpas para ele, tendo em vista que, até então, eu não sabia quem era essa figura”. E foi o que aconteceu: voltei ali, no Procurador, fiz questão de falar com ele na frente da secretária dele. Digo: “Olha, Procurador, eu só vim para lhe dizer, lhe pedir desculpas, porque até então eu não sabia quem era essa pessoa que eu tinha trazido na sua frente. E essa pessoa é um demente.” Tanto é, que eu juntei também um laudo psicológico que tinha dele, na época, judicial, onde ficou constatado que ele é uma pessoa que não merece a mínima credibilidade. Bom, o Procurador disse: “*Não, não, fique tranquilo, eu já estou sabendo disso, tal...*” Bom, e foi o que aconteceu. Em síntese, é isso aí. Ah, outra coisa que me chamou atenção também é porque ele gosta de envolver autoridades. Inclusive, eu havia impetrado juntamente com o Dr. Higino um pedido, junto à CPI, de vistas dos autos. Isso foi... A primeira resposta veio em 10 de novembro de 2005. Então, a gente entrou, talvez, no final de setembro. E a primeira resposta veio através do Secretário Manoel Alvim, dizendo que ali não tinha informações públicas. Bom, aí a gente entrou, foi para o Presidente da CPI. O Deputado Moroni Torgan também nos respondeu dizendo que não tinha informações públicas a serem divulgadas. Aí eu e o Dr. Higino resolvemos: “*Não, mas, então...*” Já tínhamos um *habeas data* pronto. Eu digo: “Bom, então, vamos entrar com esse ‘habeas data’ lá no Supremo Tribunal Federal”. E tinha uma pessoa, que até eu não conheço, de nome Mauro — parece que é colega —, que foi o que encaminhou esse *habeas data*, tirando da CPI, para encaminhar até o Supremo. E, como nós já tínhamos o depoimento dele prestado, a cópia do depoimento dele prestado perante o Procurador da República, nós achamos por bem anexar esse depoimento no pedido de *habeas data*. Qual a minha surpresa! Eu e o Dr. Higino estamos indo para Itaquí, se não me engano, numa quinta-feira, me liga ele: “*Ah, agora já sei quem é o advogado de vocês lá em Brasília, quem é que está fazendo a intermediação. É o fulano.*” “Sim, e daí?” — eu disse pra ele. “*Agora tu vai começar*



também a querer intervir nos meus assuntos?" Porque eu já estava bravo com ele. Ele disse: *"Ah, quem me deu essa informação foi o Delegado Dornelles"*. Por sinal, hoje fiquei sabendo que é o Delegado de Polícia Federal que comanda essa investigação. Eu vi que realmente o laudo, feito em 1998, estava extremamente correto. O negócio dele é: quanto mais enredar as pessoas, melhor. Em síntese, é isso. Não sei se passou alguma coisa que eu não tenha dito no depoimento da Polícia Federal. Com relação ao Deputado Pompeo de Mattos, não conhecia o Deputado Pompeo de Mattos. Vim conhecê-lo numa janta da OAB aqui em Uruguaiana numa noite anterior, numa sexta-feira. Logo no sábado, saía a revista *ISTOÉ*. Nós já estávamos sabendo, porque através da Internet já tinham nos avisado: *"Olha, vai sair uma matéria"*. Aí, nessa sexta-feira mesmo, nessa janta, o Deputado me cumprimentou e disse: *"Pois é, estamos..."* Aí eu disse: *"Não, mas o senhor fique tranqüilo, Deputado, até porque o sujeito, quando mente, ele sempre vai se perder"*. E realmente, na revista *ISTOÉ*, baseado naquilo que estava escrito, ele disse que eu haveria, do meu escritório, teriam telefonado para o gabinete do Deputado Pompeo de Mattos, o que não é verdade, tanto que eu juntei cópia da conta telefônica. Não sei se V.Exas. têm essa cópia, devem ter. Não ficou constatado nada, quer dizer, então, automaticamente já caía por terra isso aí. E eu comecei a tomar conhecimento de que o nome do meu cliente estava envolvido na CPI pelo fato de a gente ter... Eu tenho 30 anos de profissão. Então, eu conheço todos os colegas, praticamente, que trabalham na área criminal. E quando prenderam, aqui em Uruguaiana, 3 ou 4 pessoas e levaram para Porto Alegre, foi um advogado criminalista amigo meu para lá, e voltou de lá e me disse: *"Olha, tchê, lá na CPI só perguntam pelo nome do teu cliente!"* Foi aí, então, que a gente... Isso foi em agosto, quando prenderam essas pessoas lá. Foi aí, então, que a gente começou a querer saber se, efetivamente, tinha o nome dele envolvido nessa CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto. Vou fazer 3 perguntas para o senhor. Do meu ponto de vista, elas são suficientes para que nós possamos, de fato, saber se o cidadão Testemunha Z está nos mentindo e tudo isso que ele fala é uma farsa ou se isso tem um fundo de verdade. A testemunha afirma que, na sua agenda de telefone do escritório, escrito a mão, tem o telefone do Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor, não tem esse telefone.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não tem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor poderia providenciar para nós a agenda telefônica do seu escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Está anotado, inclusive, na minha agenda, nesse dia, o número do Procurador da República. Não, nem está anotado o número.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Agenda de telefone do seu escritório? Tem uma agenda de telefone no seu escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, doutor, não tenho agenda telefônica no meu escritório; eu tenho, ao contrário, uma relação enorme, onde tem advogados. Não, não tem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem agenda telefônica?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não tenho agenda telefônica.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem uma lista de telefone?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Tenho lista telefônica.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Feita à mão?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor. Parte à mão e parte no computador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Quero dizer ao senhor o seguinte: se o senhor puder providenciar para nós essa lista, imediatamente...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Imediatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se essa lista for previamente identificada como a lista que ele diz ser a agenda telefônica, nós vamos constatar que ele mentiu e que o suposto telefonema que teria sido feito, a partir inclusive do número que está ali, não existiu. Então, gostaria que o senhor pudesse...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sem dúvida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Me parece que isso é um fato objetivo...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E outra coisa, Deputado: se tivesse havido esta ligação, obviamente estaria na minha conta telefônica.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, perfeito. Quanto a isso...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Permita-me uma pergunta à testemunha. Esta conta telefônica é de que telefone, doutor?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Do telefone do meu escritório.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Qual é o número do telefone?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - 3411-4743.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O.k.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Segunda questão: eu queria que o senhor me detalhasse, se eu entendi bem o que aconteceu nesse sábado à tarde. O cidadão foi na sua casa, o cidadão que o senhor não conhecia; relatou-lhe determinado episódio, que lhe pareceu num primeiro momento meio fantasioso, mas mostrou os documentos...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Mostrou os documentos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA -... o senhor achou que podia ter um fundo de verdade, ficou preocupado com seu cliente.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Mas evidente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pegou o carro, foi para o escritório. Era um sábado?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Um sábado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deixou o cidadão sozinho no seu escritório e foi buscar um gravador...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No meu escritório, não. Na sala de espera do meu escritório, fechada. Do meu escritório retirei ele e deixei ele na sala de espera.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na sala de espera do seu escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, não deixei ele dentro do escritório.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi à casa do Jair Rodrigues, conseguiu um gravador...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Consegui o gravador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com o Jair Rodrigues?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, o gravador de lá, da casa dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E retornou...



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Retornei. Ele estava na sala de espera do meu escritório.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Teve essa conversa com ele, gravou e assim por diante.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, a gravação não foi no sábado, doutor. A gravação foi na segunda-feira...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A gravação foi na segunda-feira?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Foi na segunda-feira, por volta de umas nove e meia, dez horas da manhã, após termos retornado do Procurador e o Procurador ter marcado para as catorze horas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando o senhor estava no escritório com ele, no sábado à tarde, o senhor recebeu algum cliente?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No sábado à tarde, não, senhor. Até porque todo mundo sabe que não trabalho nem... muito menos no sábado. Eu só trabalho praticamente pela parte da manhã, até durante a semana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, mas no sábado o senhor não trabalha?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No sábado, não trabalho, nem pela manhã nem pela tarde. Isso que me chamou a atenção, porque eu fui no sábado à tarde. Inclusive, quando uma....

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem secretária no escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Tenho, é minha filha. É minha filha a minha secretária.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela também não estava lá no sábado?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, de forma nenhuma, até porque, o seguinte: a minha preocupação em gravar essa pessoa foi porque eu não tinha com quem dialogar com relação a esses fatos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando o senhor foi lá buscar o gravador, o senhor relatou para o Jair Rodrigues o que estava acontecendo?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Relatei. Ele inclusive já tinha me falado que ele tinha recebido um telefonema para ir em frente a um mercado, que teria uma



pessoa que queria falar com ele, mas que ele não teria ido. Eu disse: “Olha, tem uma pessoa no meu escritório lá, mas tu não vais lá porque senão vai dar problema”.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então, no sábado...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, no sábado à tarde ele tomou conhecimento de que tinha essa pessoa lá, que estava disposta a ir no Ministério Público Federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Jair Rodrigues não foi no escritório nesse sábado com o senhor?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor. Não, senhor. Senão nós íamos arrumar até uma coação à testemunha, como é comum. Inclusive, isso alertei ao Procurador da República.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Posteriormente, na segunda-feira, após o depoimento no Ministério Público Federal, após ter ido lá levar o xerox, vocês foram de volta para o seu escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim. E aí, sim, eu chamei o Jair. Aí o Jair ficou conhecendo ele. Disse: *“Ah, mas esse foi o cara que inclusive eu estava numa lanchonete e me entregou um bilhete”*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E aí era o Expedito... A sua filha estava lá no escritório também, nessa segunda-feira?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Nessa segunda-feira, não, senhor. A minha filha não estava esse dia lá. Estava só eu e o Jair.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem alguma pessoa que pudesse, enfim, servir como nossa testemunha de que de fato vocês estavam lá nessa segunda-feira?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não recebeu ninguém?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não que eu me recorde. Como eu lhe digo, como foi à tarde, as pessoas são acostumadas a me procurar pela manhã. À tarde, elas sabem que eu não trabalho à tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor alguma vez ligou para essa testemunha?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olhe, antes de eu saber quem ele era, possivelmente. Ele me ligava a toda hora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, o senhor. O senhor conheceu ele no sábado; na terça-feira, o senhor já sabia quem ele era.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Só vim saber praticamente na outra semana, na outra semana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor alguma vez ligou para ele?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Que eu me recorde, não. Que eu me recorde, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não digo nenhuma vez, mas várias vezes o senhor ligou para essa pessoa?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não, até porque eu não costumo ligar. O meu telefone é de cartão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não. O senhor quer que eu busque, juntamente com outras pessoas, essa lista telefônica lá do meu escritório? Vou buscar, tudo bem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Logo em seguida. O senhor conhece a Sra. Marieli?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Marieli Corrales Abad, conheço. A família dela é minha cliente. Entrei com uma ação contra a S Sul, e ela é mãe de um filho ou de uma filha com o Jair também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor lembra de tê-la recebido no seu escritório em alguma oportunidade em que lá estava a testemunha?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha, esse sujeito, antes de eu saber quem ele era, esse cidadão...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nessa... uma semana que o senhor não sabia quem ele era?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Isso. Ele estava indo seguido no meu escritório. Inclusive, um dia que eu cheguei lá, ele estava dentro do meu escritório e a minha filha, sentada. Eu a chamei e disse para ela: "Olha, tu não me deixa pessoas entrarem no meu escritório enquanto eu não estiver".



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E o senhor alguma vez a atendeu no seu escritório durante esses dias, junto com o Jair Rodrigues?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olhe, junto com o Jair Rodrigues, dentro do meu escritório, não. Me recordo... parece-me que ela passou um dia na frente do meu escritório. O Jair estava lá. Ela nem desceu e pediu um dinheiro para ele. E ele foi lá na frente e entregou um dinheiro para ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha, e não sei se não foi no dia em que... na segunda-feira, logo após o depoimento dele, quando eu chamei o Jair lá no meu escritório. Parece-me que ela passou ali na frente, parece que foi exatamente nesse dia. Parece que foi exatamente nesse dia, se não me engano; ou, se não foi nesse dia, foi no outro dia. Foi mais ou menos exatamente quando eu tinha entrado com a liminar contra a S Sul e ela passou ali e pediu... Me lembro que ela chamou o Jair lá na frente e pediu um dinheiro. Agora, eu não sei se foi... *(Falha na gravação.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela não foi ao seu escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, ela não adentrou. Nesse...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, mas ela estava-se dirigindo ao seu escritório e, por acaso, encontrou o Jair? Porque ela estava querendo achar era o Jair, não era o senhor.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, sim, mas o carro do Jair é conhecidíssimo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Ela deve ter visto o carro ali na frente e deve ter parado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Ela não tinha nada para tratar com o senhor?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, nesse dia não tratou nada comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Nesse dia ela não tratou nada comigo. Ela esteve outras vezes no meu escritório para tratar os assuntos com relação à família dela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela estava passando, viu o carro do Jair, calculou que o Jair pudesse estar no escritório...



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sem dúvida, ali...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... e parou para pedir um dinheiro para o Jair?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Exatamente. Aí o Jair saiu do meu escritório, foi lá na frente, entregou o dinheiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Entregou o dinheiro, foi embora. Com o senhor, então, ela nem falou?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, nesse dia nem falou comigo. Ela pode ter falado noutros dias.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas nesse dia não?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, nesse dia não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E pode ter sido o dia em que a testemunha estava lá?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Pode ter sido o dia em que a testemunha estava lá, porque a gente não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas não foi no sábado?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, segunda-feira. Tudo segunda-feira, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tudo segunda-feira.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No sábado, só estávamos eu e ele à tarde ali.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. De minha parte, não há nenhuma outra questão. Estou curioso para ver a agenda telefônica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que já foi solicitada e a testemunha atendeu de pronto, inclusive se dispôs a que alguém vá buscar agora.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sem dúvida, sem dúvida, eu vou junto lá. Tenho a chave aqui, nós vamos lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Com a palavra o Deputado Colbert Martins. A testemunha está à sua disposição.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Braccini, estamos querendo confrontar. Acho que o Deputado Paulo Pimenta começa a fazer essas colocações de forma adequada, para que possamos ter segurança de que a testemunha que aqui prestou um testemunho antes possa estar, evidentemente, não conduzindo com



a verdade. V.Sa. pode trazer informações que claramente nos possam conduzir a um tipo de pensamento com relação a isso. V.Sa. não recebeu nenhum telefonema direto desta testemunha, a não ser esse que o senhor relatou em viagens? Quantos telefonemas o senhor relatou?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Ah, não, doutor. Antes de eu saber quem ele era... Que depois, quando eu soube quem ele era, que ele foi no meu escritório, eu disse para ele: "Oh, rapaz, agora eu sei quem tu és. Tu és o famoso Schervenski . Tu me fez passar uma vergonha. Tu somes daqui, cara".

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor identificava os telefones da chamada dele pelo número do seu aparelho ou apenas atendia?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Doutor, eu tenho o costume de atender todos os telefonemas, até porque o seguinte: agora que estou usando óculos de grau direto, mas antes eu tinha só óculos de leitura; então, era dificultoso colocar óculos, olhar o telefone. Eu atendo todos os telefonemas.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor pode dizer que telefone recebeu essas ligações dessa testemunha, é possível?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - O 8122-0768. O meu telefone é público. Ele está inclusive em anúncios de jornais.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor recebeu essas ligações nesse telefone?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Possivelmente. É o único que eu tenho ultimamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor fez ligações desse telefone para o telefone pessoal dele, o telefone celular ou outros quaisquer?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha, não me lembro de ter feito ligação. Como já referi anteriormente, esse meu telefone é de cartão e raramente eu faço ligações dele. Ele é praticamente exclusivo para receber ligações.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É, há pessoas que usam o telefone pré-pago por outras razões, até porque a identificação dele é mais difícil. Certamente o senhor não optou por esse telefone por esse motivo.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu já lhe disse, Excelência, que o meu telefone é público. Ele consta nos jornais, está escrito na porta do meu escritório,



como urgência. Na parede do meu escritório está escrito o meu nome, com os números dos telefones.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Inclusive esse telefone?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Inclusive esse. Está na porta do meu escritório: “*Urgência: 8122-0768*”.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Dr. Braccini, o senhor tem informações sobre tráfico de armas e drogas aqui na cidade de Uruguaiana?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor defendeu ou tem como — até para podermos ter o cuidado de preservar sua função como advogado — algum cliente que tenha tido algum tipo de envolvimento com o tráfico de armas ou drogas nessa cidade?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - De drogas, vários.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De drogas, vários?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Vários.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas de armas, não?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - De armas, especificamente, não. A uns 18 anos atrás, quando prenderam uma mulher com grande quantidade de cocaína, atrás do Hospital Militar, na casa dela encontraram uma metralhadora. Aí eu fui na Polícia Federal. Naquela época era o Delegado Mário Barros. Cheguei lá, estavam o Delegado Mário Barros, o Promotor Alexandre Saltes e um capitão do Exército, em função de que tinham encontrado essa metralhadora. Cheguei lá, eles estavam filmando a pessoa: uma senhora, uma coitada. Aí eu cheguei lá e disse: “Oh, mas o que é isso? Estamos em plena revolução novamente?” Eles não gostaram muito. Aí eu peguei, e usei, e disse para ela: “Olha, minha filha, tem o direito inclusive de não falar”. E não falou. Foi a única vez que teve ligação do tráfico de drogas com armas, foi nessa oportunidade. Mas isso faz 18 anos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Na atualidade...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Na atualidade, não, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor não tem conhecimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não conheço ligação nenhuma de tráfico com armas.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Com drogas?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Com drogas, sim. Isso é comum em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É freqüente?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - É freqüente em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Que tipo de drogas, principalmente?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha, cocaína e maconha.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - As duas? Vindo da Argentina ou de outras localizações?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha, a origem eu não sei lhe dizer, mas há vários flagrantes. Inclusive, agora, por último, teve um de um cliente meu que faz uns 15 anos que é meu cliente. E qual a minha surpresa? Eu chego à delegacia de polícia lá e a delegada me perguntou: *“Sim, mas por que do Dr. Braccini?”* — *“Por que o doutor é meu advogado há 15 anos”*. Então, isso aí me marcou exatamente sobre esse aspecto. Mas, com relação à origem, por onde vem e por onde sai, eu não sei. Nesses detalhes até nem entro em questão com os meus clientes, até porque eles não falam também, não é?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É lógico. Essa testemunha, esse senhor, a Testemunha Z, que dá essas informações aqui, o senhor passou a conhecê-lo a partir de um sábado, 5 de novembro de 2005. É essa data exata, não é isso?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A partir dessa data?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - A partir dessa data.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Antes disso o senhor não o conhecia ou não o identificava?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não identificava. Ouvia falar dele com relação a todas esses delitos que ele praticou anteriormente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor dizia que ele se vestiu de coronel um período aí?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E fez compras? O que foi que ele fez?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Ele fazia tipo um convênio nas lojas aí, se identificando como representante de vários... Eu sei que aplicou um golpe grande, Excelência.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ele tem passagens policiais várias. Nós temos a relação delas aqui.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Várias, várias.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor passa a ter conhecimento disso, relaciona a figura com os fatos, após o dia 5 de novembro?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, sim. Anteriormente eu não sabia quem ele era, tanto que no momento que eu soube quem ele era eu fiquei chateado e fui falar com o Procurador da República com relação a isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor é um advogado que milita nessa área criminal. O senhor falou claramente que ia até à cadeia. Essa figura não é uma figura conhecida, do ponto de vista policial, aqui em Uruguaiana?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu vou lhe explicar uma coisa: eu passei eventualmente num período, há uns 10 anos, exatamente quando ele estava no foco disso aí, eu passei um tempo um pouquinho afastado da advocacia. Por um acidente me caiu um comércio na minha mão. E esse comércio, eu estava mais dedicado a atender esse comércio, e me descuidei um pouquinho da advocacia. Então, nessa época realmente eu não acompanhava diretamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ele disse, na inquirição que aqui fizemos, que foi o período de 1998, quando ele teve um período de maior coincidência de crimes — foi o período de 1998 a 1999.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Exatamente, foi em 1998.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Provavelmente, nesse período, talvez, o senhor estivesse afastado.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Exatamente, eu estava afastado. Inclusive ele erradamente nomina o nome de um parente meu como sendo do tráfico; na realidade, ele queria dizer que era eu que fazia tráfico de drogas, nesse negócio que eu tinha.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa declaração dele inicial, e posteriormente desmentida, após ele procurá-lo... Ele o procurou com a condição



de, como advogado, o senhor pudesse fazer a intermediação para ele fazer o depoimento? Ou ele poderia fazer diretamente o depoimento, se quisesse?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, eu acho que ...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ou dependeria de um advogado para fazê-lo?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, o objetivo dele era exatamente tentar extorquir dinheiro. Isso foi o que eu senti no final.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Por isso ele o procura?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Por isso ele me procurou nessa época.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ele esteve no seu escritório num sábado, dia 5?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor, ele não esteve no meu escritório num sábado; ele esteve na minha casa no sábado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ah, os senhores não foram ao escritório...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Aí depois eu fui ao escritório com ele.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - No próprio sábado?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No próprio sábado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então, no sábado, os senhores estiveram — não estou fazendo questão de colocar a questão profissional —, no sábado o senhor esteve com ele no seu escritório?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No meu escritório.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em determinado momento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Pela tarde.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Pela tarde. Esses contatos que teriam sido feitos com o Deputado Pompeo teriam sido feitos no próprio sábado, nesse sábado a que estamos nos referindo agora, não? O que ele refere nos depoimentos?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - O que ele refere nos depoimentos — disso eu tomei conhecimento através da revista *ISTOÉ* — é que seria do meu escritório nesse dia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Na segunda-feira?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Ou no sábado.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nós não temos certeza exatamente dessa data.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu também não tenho certeza; só que, por exemplo, como ele afirmou na revista *ISTOÉ*, essa ligação para o Deputado Pompeo, ele refere taxativamente que teria sido feita do meu telefone fixo do meu escritório. E do meu telefone fixo do meu escritório — está aqui a conta telefônica — não foi feita ligação nenhuma. Na realidade, não foi feita ligação nenhuma para o Deputado de telefone nenhum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor, Dr. Braccini, o senhor traz uma relação de telefonemas a partir do dia 7 de novembro, não a partir do dia 5. Na lista que o senhor nos traz aqui, o primeiro telefonema é 7 de novembro, e não 5 de novembro.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sete, oito, quatorze.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Está incompleto aqui.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então, está incompleta essa nossa aqui.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Posso passar para V.Exa. isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu pediria que pegasse. Realmente, o que eu vi aqui seria...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É um documento público.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Foi apresentado na defesa do Deputado Pompeo?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - É.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Começa aqui dia 7 do 11? Como o senhor apresenta um documento que nós estamos aqui analisando...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Deputado, na Polícia Federal eu apresentei essa lista aí também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Permita-me, Deputado. A conta está em nome de Fátima, e não no seu nome.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Fátima é a minha irmã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas é o telefone do escritório?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não existe outro telefone lá. Inclusive é o que consta na parede como o telefone oficial do meu escritório. Não existe outro telefone nessa casa a não ser esse.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E, por último, para encerrar, o senhor teve um contato com o Deputado Pompeo numa reunião da OAB, em dezembro, aqui em Uruguaiana.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Estive lá na sexta-feira anterior à divulgação pela *ISTOÉ*, que foi no sábado; quer dizer, sexta-feira a gente já sabia via *Internet* isso. Inclusive o Deputado depois disse: *“Pois é, agora estão...”* Eu disse: *“Olha, Deputado, eu tenho 30 anos de advocacia — eu sempre faço questão de dizer — e eu acho que, quando a gente está com a verdade, a gente não precisa temer. O senhor pode ter certeza de que isso aí vai vir e vai ficar comprovado que não houve essa ligação, porque efetivamente não houve”*.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor, como advogado, teve o conhecimento de alguma forma antecipada dessa divulgação que teria acontecido de um depoimento fechado lá na CPI em Brasília? O senhor soube desse ponto?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, só fiquei sabendo desse depoimento através da revista *ISTOÉ*. Aliás, só o que foi divulgado pela *ISTOÉ*. Dos depoimentos de Brasília não sei de nada. Ele é que referia. Inclusive, na gravação que eu gravei, ele começa falando o nome de um outro empresário; aliás, de um médico, até eu acho que era.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Por último, para encerrar definitivamente: o senhor gravou em fita?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, era um gravador desses, que eu não sei lhe dizer se é fita ou não. Não, não é fita, é...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Porque o senhor manda um CD para Brasília.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, é.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Então, foi gravado direto no CD ou a gravação foi...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, é desse gravador, que eu não sei lhe dizer. Não tem fita nem nada; ele grava direto, eu não sei como é que é.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A pergunta é...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Gravador digital?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - É gravador digital, exatamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A pergunta é: se era um gravador digital, teve que ser transposto para um CD.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sem dúvida.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Quem fez a transposição?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A quem o senhor entregou essa fita depois que gravou, para que ela fosse transcrita?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - O gravador eu devolvi para o Jair, é lógico.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Devolveu e...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E ele que providenciou a degravação.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ele providenciou a degravação e a cópia em CD?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E a cópia em CD.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Foi feita, então?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Foi feita por ele, exatamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Obrigado ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu pergunto à testemunha, a partir exatamente dessa gravação: por que razão o senhor tomou essa providência de gravar a conversa?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Doutor, eu gravei a conversa dele porque me aconteceu um caso semelhante no Ministério Público Estadual há pouco tempo. Uma outra testemunha também — que a gente sempre está envolvido nesse meio de crimes — teria falado para um cliente meu que ele não teria dito aquilo na delegacia de polícia. Aí eu peguei, ele foi ao meu escritório, e eu perguntei para ele: “Quem é o teu advogado?” Ele me disse: “*É o doutor Roberto Galarreta*”. Aí eu liguei para o Dr. Roberto Galarreta e disse: “Olha, Galarreta, onde é que tu estás?” — “*Eu estou saindo de uma audiência do fórum; me espera aí que eu estou levando um cara que é teu cliente aí que tem um negócio aqui que ele está dizendo, que ele não disse, um negócio na polícia, que é muito importante.*”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Cinco de novembro.



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Eu estou lhe falando o porquê.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, sim, do outro episódio.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Do outro episódio. Estou justificando o porquê desse meu cuidado. Bom, aí, levamos ele perante o Promotor. O Promotor estava de júri. Aí o doutor... Como era do... cliente desse doutor, ele pegou e... Tinha que buscar as crianças no colégio, e ele disse: *“Olha, doutor, o senhor acompanha aí a apresentação dele para o Promotor de Justiça”*. Acompanhei para o Promotor de Justiça. E, em vez de ele levar essa testemunha para o Ministério Público, para fazer a oitiva dele lá, levou na polícia. O que aconteceu? Chegou lá na polícia o cara voltou para trás, disse: *“Não, é o advogado que me levou lá no meu escritório para tentar me pressionar”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E esse precedente motivou o senhor a ...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Motivou de eu gravar essa pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Talvez tenham ocorrido outros também nessa linha da precaução. O senhor costuma gravar?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Nunca tinha gravado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O gravador é seu?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor; o gravador é do Jair Rodrigues.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Gravador. Que espécie... Nós temos vários modelos e gravadores digitais, que não têm fita.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Era um gravador de bolso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Uma espécie de um MP3.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, tamanho de uma carteira de cigarro. Eu não sei lhe dizer, porque eu não entendo muito disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Do tamanho mais ou menos de um telefone.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Isso. Exatamente, do tamanho desse telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o senhor acionou o gravador ou ele já veio gravando?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, eu acionei o gravador. Aliás, eu me virei de costas, entrei numa outra salinha que eu tenho ali; coloquei, gravei. Tanto que, quando eu entro na gravação, tem um barulho de moto — que o meu escritório é bem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na rua.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - ... na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Doutor Braccini, gosto de usar gravadores também, até porque, fora da atividade parlamentar, eu sou radialista, sou repórter.

O senhor lembraria a marca desse gravador? Ele está... O seu cliente está de posse do gravador?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não sei lhe dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele lhe emprestou? O senhor pediu...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Emprestado o gravador nesse dia

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Porque o senhor foi procurado pela testemunha que queria fazer...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, essas declarações revertendo que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Essas declarações. Num sábado, que não era usual na sua atividade.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Exatamente. Porque se, naquele dia, nós tivéssemos encontrado um procurador. ..

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o senhor não sabia, não conhecia o teor das informações que ele prestaria, não é?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, ele me disse, obviamente, que ele me relatou, inicialmente ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Por telefone ele fez isso.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Por telefone? Pessoalmente, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Antes do dia 5, então. Porque a gravação foi efetuada no dia 5.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, a gravação foi efetuada na segunda-feira, no dia 7, pela parte da manhã.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas aí ele já tinha... Ah, antes do depoimento ao procurador.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Antes do depoimento ao procurador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. O senhor tomou a cautela... Tendo ouvido no sábado, o senhor tomou a cautela de gravar na segunda.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Na segunda.,

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Porque eu perdi ele de controle. Então, eu não sabia o que poderia ter acontecido no final de semana com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento de que a testemunha afirma que houve uma gravação no sábado, dia 5?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor, não tenho conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento de que a testemunha afirma que junto ao *rack* do seu computador ele viu uma espécie de gravador, de fita de rolo?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não existe isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não existe. O senhor tem conhecimento, colaborando com a nossa CPI, de que a testemunha afirma que o senhor treinou, ensaiou um depoimento para ser prestado ao procurador?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - De forma alguma, doutor. Tanto que se nota na gravação que ele, espontaneamente, vai falando. A única coisa que eu perguntei, que eu insisti, é perguntar foi se tinha alguma intervenção do Ministério Público Estadual com relação à participação dele na CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Após a gravação, quer dizer, o senhor se viu em uma sala... Desculpe, o senhor não é acusado, o senhor é uma testemunha. Eu estou apenas... Não estou não estou inquirindo V.Sa., apenas quero entender o processo de gravação. Portanto, pode responder e pode não responder. O senhor não é obrigado a responder... É um detalhe, o senhor colocou... ligou...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Coloquei no bolso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O telefone digital ele é mais complicado, ele não é um telefone convencional.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - O gravador, o senhor quer dizer?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É, o gravador, aliás. O senhor lembra quais os procedimentos para gravar?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, esse... Pelo que eu me recordo, é bem simples, é só apertar uma coisinha vermelha e ele está gravando; aperta de novo aquele botão e ele pára de gravar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Hum, hum. Aí o senhor colocou no casaco ou na camisa...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio)- Por dentro, né?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E foi conversar com ele. Uma conversa, um diálogo ou era uma espécie de depoimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, um diálogo. Eu coloquei para ele: *"Bom, agora tu vai chegar lá na frente do procurador e, obviamente, ele vai te perguntar: 'vem cá, como é que tu chegaste a essa CPI?'"* É a primeira coisa que eu acho que uma pessoa vai perguntar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E isso está no CD?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Está no CD.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) Inclusive sua voz?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Inclusive a minha voz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Tendo efetuado a gravação, o senhor entregou o gravador com o depoimento, com as declarações a quem?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Ao Jair.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que providenciou o CD?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - A degradação em CD.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Este CD agregado ao relatório, ao inquérito, está dentro da CPI? A pergunta eu faço ao Relator.

(Não identificado) - Posso fazer uma pergunta?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O telefone que o senhor tem, telefone de cartão, eu acho correto. Eu também tenho telefones, que colocam na imprensa, que eu gosto só de receber, porque fica mais fácil, fica disponível a todo instante.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu não tenho outro telefone, Excelência, eu só tenho o meu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, não, eu não ia perguntar isso. Porque facilita realmente, os clientes que lhe procuram, fica registrado, o senhor pode dar o retorno pelo telefone convencional. É isso, né?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, porque é quase impossível atender a todas as ligações, o senhor pode estar fora...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, eu atendo todas as ligações que vêm para o meu telefone celular. Eu não recuso nenhuma ligação. Tanto é que eu lhe falei que naquela época eu não tinha esses óculos que agora... Não preciso estar colocando. Então, agora ainda consigo olhar, identifico. Alguém que eu não quero atender agora eu identifico e não... Mas na época, não, eu tinha só óculos de leitura

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem o 81 com o senhor aí, o telefone?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - O 8122 07 68? Tenho sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Está com o senhor?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Está comigo.

(Não identificado) - Que aparelho é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito, perfeito. Aliás, um telefone bom de usar, muito bom de usar. Em relação à agenda ficou uma dúvida porque.. E aí eu lhe pergunto: o senhor tem conhecimento de que a testemunha afirma que o senhor retirou o nome de uma agenda?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Nome?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É. O telefone do Deputado Pompeo de uma agenda?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, eu não tenho agenda. É como eu falei, eu tenho a lista com vários telefones.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o senhor tem conhecimento que ele afirma que o senhor...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) -... localizou o número do Deputado Pompeo nesta lista?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não tenho conhecimento, o senhor que está me dizendo agora que ele afirmou isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, por isso eu estou lhe perguntando se o senhor tem conhecimento.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Agora estou tomando conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento de que a testemunha afirma que havia neste procedimento, nessa reunião, já na segunda-feira, portanto, a presença de um cliente seu? Que a gravação não teria sido efetuada, pelo que eu entendi, na segunda e no sábado, que o senhor contesta, dizendo que foi segunda.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Foi segunda, a gravação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele afirma, num determinado momento, que havia também nesta reunião, na segunda reunião, a presença de uma outra pessoa, que seria o seu cliente. É correto?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, o meu cliente só participou depois que ele prestou o depoimento na... perante o procurador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Houve, portanto, uma terceira reunião? A primeira do sábado, a segunda, de manhã, da gravação, e a terceira, depois do depoimento. Correto?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Claro, e ele pareceu com o depoimento... cópia do depoimento que ele prestou perante o procurador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E, neste instante, teria acontecido essa consulta à lista em busca de um telefone de alguém, para que seu cliente ligasse a propósito desse depoimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não foi feita nenhuma ligação por telefone, naquele instante, com a presença da testemunha?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nem o senhor, nem seu cliente teriam ligado...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Para quem, especificamente? Para o Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou para quem quer seja, naquele momento.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não! Não me recordo. Acho que não. Não tenho...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor teria obtido o número dessa lista, dessa agenda, efetuado a ligação... Isto não?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não. De forma nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Seu cliente...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Nessa agenda não consta telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E seu cliente teria efetuado alguma ligação?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor. Pelo mínimo que eu visse, não. Isso, quem pode esclarecer especificamente é ele. Mas não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor reafirma que a Sra. Marieli jamais participou de qualquer reunião...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Mas evidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... onde estivesse seu cliente e onde estivesse junto à testemunha?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não, de forma nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Relato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor gravou a conversa a fim de se preservar numa eventual mudança de depoimento. E aí o senhor entregou para o Jair Rodrigues a cópia? Não ficou com cópia?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Claro! Não tinha como ficar com cópia, porque era um gravador dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E o principal interessado era ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então, o senhor gravou para o seu cliente?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu gravei para o meu cliente e para mim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E no momento em que eu tive a degravação eu tive o cuidado de distribuir para 3 pessoas da minha extrema confiança essa gravação, que está com eles até hoje.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De quanto tempo foi essa conversa?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Da gravação?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, porque o senhor não tinha como parar a gravação, estava no seu bolso.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, sem dúvida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quanto tempo tem de gravação?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Olha, foi uns 40 minutos, talvez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quarenta minutos de gravação?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - É. Trinta, quarenta minutos, talvez. O suficiente para ele relatar como é que ele tinha chegado na CPI. Enfim...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uns 30 a 40 minutos?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu não sei. Eu acho que a gravação é o tempo suficiente que está...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Toda a conversa que o senhor teve com ele está gravada?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Está gravada. Toda a conversa está gravada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor retornou lá na casa do Jair com o gravador, correto?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, entrou no escritório, acionou o gravador...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor. Este gravador eu só acionei na segunda-feira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah! Na segunda-feira. Então, o senhor, quando o recebeu ele na sua sala o senhor buscou o gravador no sábado?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No sábado mesmo. No sábado, quando fui pegar o telefone do Procurador da República.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas, no sábado, o senhor não...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E aproveitei para ir lá, também, para pegar esse gravador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Então...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Mas no sábado não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não usou?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não usei. Usei ele na segunda.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, na segunda-feira, então, quando o senhor chegou, ele já estava lá lhe esperando...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O gravador estava lá no escritório, e o senhor...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim. Aí, primeiro, antes de gravar, nós fomos na Procuradoria — como lhe disse —, à primeira hora. Aí, os funcionários disseram que o Procurador só chegava às 10h...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Nós voltamos às 10h...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Aí, o Procurador marcou para de tarde. Quando nós voltamos para o meu escritório, eu digo: *“Bom, agora está marcado o teu depoimento. O que tu vais dizer para o Procurador?”*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A que horas isso?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Nove e meia, 10h.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor gravou segunda de manhã, depois que o senhor foi à Procuradoria?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Depois que o Procurador marcou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Desculpe-me, Deputado Pimenta. A pessoa, a testemunha não sabia que estava sendo gravado? O senhor gravou sem... Ele não sabia que estava sendo gravado?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não sabia que estava sendo gravado. Inclusive, isso aí eu alertei para o Procurador quando ele foi prestar o depoimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu disse para o Procurador: "Procurador, eu tenho a gravação. Se o senhor quiser, eu posso lhe conseguir..."

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem a gravação dos 40 minutos, mais ou menos, de conversa... 30, 40 minutos? Toda a conversa?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - A gravação que eu tenho é a que foi entregue na CPI, e que tenho cópias, também, nesses amigos meus, aos quais eu distribuí essa gravação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Uma última questão: o senhor sabe quem é o Sr. Mauro Portela?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Mauro Portela foi a pessoa... Não conheço, mas depois eu fiquei sabendo que era a pessoa que fazia as entregas dos requerimentos na CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que requerimentos?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Os requerimentos feitos era... por mim e pelo Dr. Higino Macagnani, solicitando informações a respeito do cliente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. Mas o senhor remetia para o Mauro Portela?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Eu fiz os requerimentos e disse para o Jair: "Olha, isso aqui nós temos que distribuir em Porto Alegre". Foi ele que providenciou através do Mauro, que eu não conhecia o Mauro, nem conheço o Mauro, nem sei quem é.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi entregue em Porto Alegre?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Em Brasília.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor que falou Porto Alegre.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Desculpe, então me enganei. Não, Porto Alegre, não. Em Brasília, porque sei lá, o foro competente é lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, foi o senhor que disse Porto Alegre. Então, o senhor... O Mauro Portela foi a pessoa que encaminhou para a CPI...



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Os requerimentos feitos por nós. Eu fiz os requerimentos todos com embasamento...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez o senhor ligou para o Mauro Portela?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, nunca falei com o Mauro Portela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe se o Mauro Portela (*Falha na gravação.*) esteve no gabinete do Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não sei não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe se o Sr. Mauro Portela foi orientado alguma vez a comparecer no Gabinete do Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não sei não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, eu gostaria que fosse designada uma pessoa para acompanhar o advogado ao seu escritório, para que pudesse providenciar imediatamente para nós a agenda telefônica e qualquer outro tipo de anotação que ele considere útil, para que a gente possa conhecer o teor dessas anotações e sabermos de fato se há ou não nessa lista o nome do colega Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nós estamos em processo de diligências também na CPI, trabalho externo, por isso, a seguir, nós tomaremos essa providência.

Gostaria de uma última pergunta à testemunha a propósito da vinda do Deputado Pompeo de Mattos. A publicação foi em 14 de dezembro, da revista ISTOÉ, e o senhor o conheceu numa reunião da OAB aqui....

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - No dia 13.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor não conhecia antes o Deputado Pompeo?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Pessoalmente não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ouviu do seu cliente alguma vez se este conhecia ou não o Deputado Pompeo?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Lógico, porque meu cliente também foi envolvido em política, e parece-me que eles eram do mesmo partido.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Do mesmo partido, né. V.Sa. tem filiação partidária?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor. Sou apartidário.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O Deputado Pompeo, quando aqui esteve... O senhor entende as razões, porque também essa investigação de um possível vazamento faz parte da nossa atribuição, do nosso objetivo aqui em Uruguaiana. O senhor... O que ouviu exatamente do Deputado Pompeo antes da publicação? Porque parte da história o senhor ficou conhecendo na *ISTOÉ*? Ou ficou conhecendo a história toda antes da *ISTOÉ*?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não... A história toda com relação à história...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O que conhecemos é o que está publicado aí na revista, né?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - A história do vazamento eu fiquei sabendo só pela *ISTOÉ*, foi o que me surpreendeu, aonde inclusive fazia relação do meu telefone particular. Foi onde eu afirmei com toda a certeza ao dizer: *"Poxa, se ele está dizendo que foi do meu telefone, obviamente vamos ter uma prova técnica"*. Efetivamente isso não ocorreu. Porque é muito simples: é só pegar a lista telefônica, vai ver que não tem, a conta telefônica e vai ver que não tem essa ligação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas posteriormente ele mudou o depoimento e afirma agora que foi de um telefone celular e do seu cliente.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Ele vai mudar sempre. Agora, se não for... De repente ele vai dar um outro depoimento para dizer que foi de outro telefone também, até chegar em algum...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento se houve quebra de sigilo bancário ou sigilo telefônico do seu cliente?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. O meu cliente ficou, se dispôs a entregar, e acho que entregou inclusive na Polícia Federal, ou como ele não tinha referência, ele vai trazer inclusive agora a lista telefônica da... desse telefone que ele fez referências para V.Exas. analisarem também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento, qual é o telefone a que ele faz referência?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor. Não, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, teria que formular neste instante, é isso? O senhor concorda?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não sei qual é o telefone a que ele fez referência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É de um telefone Motorola, V-3, semelhante a este. O senhor sabe se o seu cliente tem um telefone...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - O meu cliente tem 3 telefones celulares que ele usa ao mesmo tempo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ao mesmo tempo. Então, os senhor poderia solicitar ao cliente? O senhor não é obrigado, mas ele tem essa disposição...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, ele agora...Tem essa disposição, sem dúvida nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que ele nos oferecesse a conta telefônica dos 3 telefones daquele período, do início de dezembro.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sem dúvida nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O Deputado Pompeo afirmou, nesse encontro na OAB, sobre... que sairia uma matéria na Revista *ISTOÉ*? Ele já tinha conhecimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Mas evidente, porque através da Internet eu comecei a receber telefonemas de várias pessoas: *"Olha, o teu nome está citado"*. E digo: *"Mas que barbaridade"*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Portanto, no dia da janta...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Da janta já todo o mundo sabia. Inclusive o Deputado estava constrangido, até não me cumprimentava, porque a gente não se conhecia. *"Ó, o senhor é o fulano?"*. *"Ah, muito prazer, e tal"*. *"Pois é, o senhor veja, agora nós estamos nesse escândalo"*. Foi aí que eu disse para ele: *"Deputado, o senhor fique tranquilo, porque essa testemunha diz que saiu um telefone do meu escritório"*. E isso aí temos tecnicamente como provar que não houve. Então, fica cabalmente demonstrado que é uma mentira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento, Dr. Braccini, se houve alguma reunião do Deputado com mais alguém para tratar... O senhor não pode e não deve falar do seu cliente.



Obviamente, não é isso o que estou lhe perguntando. Estou lhe perguntando se ele teria realizado alguma reunião aqui, em Uruguaiana, antes ou depois da publicação para tratar desse assunto com alguém. Tem conhecimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Eu não sei disso não, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não tem conhecimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, nunca participei de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Com o senhor também nenhuma reunião?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não, de forma nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Das pessoas aqui referidas, Marieli, Dr. Jair, Felipe, creio que estes, quais são seus clientes aqui, sobre os quais o senhor não deve falar?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Bom, os meus clientes são o Jair, a Marieli, que é...mas são ações de natureza cível. Não tem relacionamento...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O ex-Prefeito Caio Riela é seu cliente?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, senhor, é meu amigo, meu vizinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem conhecimento se... Porque houve o envolvimento também do ex-Prefeito nesse episódio, porque o depoimento prestado na gravação referida inclui o nome. Posteriormente, houve o desmentido em novo depoimento da testemunha. A que o senhor atribui essa mudança do Felipe?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Problema psicológico dele, doutor. Inclusive esse laudo, que é de 1998, feito pela Justiça do Estado, é taxativo em dizer que ele não merece a mínima credibilidade. Não sei se esse laudo... Pelo mínimo eu entreguei na Polícia Federal esse laudo. E, depois, várias pessoas, quando descobriram quem era a Testemunha Z vieram me falar: *"Imagina, que ele aos 10 anos"* — vizinhos dele —, *"que ele aos 10 anos já tinha traçado um plano de assalto ao Banco do Brasil"*. Imagine. Agora, há poucos dias, mais recentemente, Excelência, um funcionário diplomático veio me dizer: *"Bah, mas essa Testemunha Z, um tempo, há uns 3, 4 meses, veio me dizer que tinha umas informações a*



respeito da minha namorada". (Risos.) Quer dizer, tudo com o objetivo óbvio de extorquir dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor sabe onde se encontra atualmente a Testemunha Z?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Na Penitenciária Modular de Uruguaiana, preso por porte de documento falso e acusado de ter assaltado um barbeiro, em que tomou mil reais dessa pessoa. E, pelo que sei, foi reconhecido na Delegacia de Furtos e Roubos e parece que também tem uma prisão preventiva com relação a isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Há datas como 5 de novembro, que é a primeira reunião; 7 de novembro, que foi a segunda reunião, o depoimento; e a terceira reunião, com a presença do seu cliente; 13 de dezembro foi o encontro com o Parlamentar; dia 14, a publicação. Nesse espaço, desde o depoimento até 13 ou 14 de dezembro, houve um novo contato seu com ele? Depois da gravação?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Depois da gravação, sim, porque até então eu não sabia quem ele era. Então ele queria se aproximar de mim, sempre com o objetivo de tentar com que eu conseguisse um dinheiro para ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Essa gravação foi disponibilizada para algum órgão de imprensa, Dr. Braccini?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Depois da publicação pela revista *ISTOÉ*, sim. Foi inclusive remetida para a própria revista *ISTOÉ*, como uma forma de direito de resposta. E eles não publicaram nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No dia 7 de novembro, depoimento do Felipe ao Procurador. Correto?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Só que o depoimento referia-se ao ex-Prefeito. Envolvia o ex-Prefeito.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A reunião realizada... É verdade que, em seguida, esse depoimento foi publicado nos jornais ou pelo menos num periódico de Uruguaiana?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Foi publicado no sábado que saiu a reportagem da *ISTOÉ*. Antes disso, não foi publicado em imprensa nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi publicado na edição do dia 14, então?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, do dia 14.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No dia 13, nós já sabíamos que sairia a matéria.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Isso. Aí no sábado saiu a matéria no jornal de Uruguaiana, dizendo do depoimento que ele havia prestado perante o Procurador e que eu tinha gravado ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não houve interesse, nesse período de 7 de novembro até 14 de dezembro, na publicação de uma matéria tão importante?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, porque... Aí eu não sei lhe dizer qual é o motivo da não-publicação disso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Porque a gravação que foi publicada no dia 14 de dezembro no jornal dava ao seu cliente o respaldo de que ele não era o responsável, e, sim, a acusação que a testemunha fazia era ao ex-Prefeito. Correto? Não foi muito tempo entre o depoimento e a publicação? Não convinha ao seu cliente a publicidade desse depoimento?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Para nós, nesse aspecto, até então, quanto menos publicidade, melhor, porque nós já tínhamos levado perante as autoridades e não havia interesse nenhum em desvendar tudo isso. Nós gostaríamos que as autoridades por si só chegassem a uma conclusão, a um determinado ponto. Nós só resolvemos publicar porque a *ISTOÉ* estava publicando aquilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Era a pergunta que eu ia fazer, se era em decorrência da publicação. Então, a resposta viria através do jornal, correto?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - E até porque é o seguinte... O senhor quer ver uma coisa? O dia 14 foi isso aí. Eu vim saber que realmente ele tinha esses problemas mentais, se não me engano, foi lá pelo dia 10 ou 9, quando o radialista me deu aquela lista. Aí eu me deu conta de quem ele era.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - De dezembro, então. Nove ou dez de dezembro. Ou na seqüência dos fatos de novembro?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Na seqüência dos fatos de novembro. Foi aí que eu fui lá pedir...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas aí o senhor tinha um depoimento que era favorável ao cliente.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, mas não interessava para nós divulgar isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. O depoimento seguinte da testemunha, o senhor sabe nos dizer em que data ocorreu, quando então desmente a sua gravação?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não sei. Eu só fiquei sabendo através da revista *ISTOÉ*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tendo saído no jornal, o senhor tem conhecimento se a testemunha veio a público, em seguida, desmentir aquela gravação?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Aí eu não sei. Eu não acompanho muito o problema de imprensa em Uruguaiana. Raramente até.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Para o senhor morreu ali na *ISTOÉ* e na publicação do jornal.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim. Eu não acompanho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Posteriormente, televisão, rádio.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Até me entrevistaram pela televisão, rádio, mas eu procurei sempre...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - De qualquer modo, a matéria da *ISTOÉ* desmentia a gravação do ponto de vista do Felipe.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim. Foi a partir daí que a gente resolveu publicar a gravação e o depoimento que ele havia prestado ao Procurador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Há alguma ação sua em nome do seu cliente, é claro, contra essa testemunha a título de reparação de danos?



O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Contra ele não, contra a *ISTOÉ*, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Contra ele não.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não. Tirar o quê dele, doutor? Ele não tem nada. Não sei nem se ele tem sanidade mental.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E contra a revista?

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Já estamos providenciando. O prazo é agora no dia 13. Até lá, vai estar ajuizada a ação, tanto em nome do meu cliente como no meu nome pessoal também, porque eu me senti extremamente atingido, até porque esse tipo de complicação, mesmo que a gente esteja com a razão, jamais vai reverter. O público, o povo aqui nos vê como membros de participar, enfim, de quadrilhas ou seja lá o que for.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu entendo V.Sa. Queremos agradecer a sua participação, a sua vinda à nossa Comissão Parlamentar de Inquérito com o objetivo de ajudar a esclarecer. Estamos apurando fatos que também estão ligados a um colega Parlamentar, por essa razão o senhor haverá de tolerar algum eventual excesso...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Porque estamos todos aqui cumprindo com o nosso dever constitucional. Se o senhor desejar no encerramento, fazer mais algum esclarecimento, dar alguma informação, já definimos a pessoa que vai acompanhá-lo.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sem dúvida.

(Não identificado) - Será o delegado?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Será um agente da Polícia Federal que vai acompanhá-lo para fazer chegar a esta CPI a sua agenda, ao tempo em que solicitamos também que o senhor materialize a vontade de seu cliente, expressa por V.Sa., de fornecer as contas dos 3 telefones que dispõe...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Em que pese a testemunha ter afirmado aqui que seriam 5 telefones.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas, particularmente, o telefone referido pela testemunha, que seria um Motorola, cujo número nós temos aqui, mas...

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Sim, agora ele vai esclarecer para V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Vai esclarecer. Se o senhor quiser acrescentar algo, disponha.

O SR. JOSÉ MAURÍCIO BRACCINI - Não, não tenho mais nada para acrescentar. Simplesmente dizer que o que tinha para esclarecer — e dentro das possibilidades — o que efetivamente ocorreu foi o que eu relatei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A Comissão Parlamentar de Inquérito agradece a contribuição que deu a esse inquérito o Dr. José Maurício Braccini e suspende por 3 minutos para providenciarmos o ingresso da próxima testemunha. *(Pausa.)*

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Reaberta a reunião, reiniciamos a atividade da Comissão Parlamentar de Inquérito que trata da investigação do tráfico de armas e que nesta oportunidade agradece, mais uma vez, a Câmara de Vereadores, seu Presidente e seus Vereadores e Vereadoras, pela cessão e deste recinto e pelo apoio neste plenário. Já está entre nós a próxima testemunha que foi convocada. E por se tratar de oitiva de testemunha, pergunto ao assessor da CPI se ela já está previamente qualificada.

(Não identificado) - Estou preparando a qualificação

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Está preparando a qualificação. Aguardaremos mais alguns instantes. *(Pausa.)*

Retomamos a nossa sessão. Por se tratar de oitiva de testemunha, solicito à Sra. Beatriz Pereira que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto a depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal:

“Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade, como testemunha, perito, contador, tradutor ou



intérprete em processo judicial, inquérito policial ou administrativo, ou em juízo arbitral”.

Solicito que proceda ao juramento.

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - “Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e que me for perguntado”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Com a palavra o Sr. Relator, o Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em primeiro lugar, nós queremos agradecer o seu pronto atendimento à nossa convocação e previamente pedir desculpas por algum transtorno que nós possamos ter causado, na medida em que, chamada de última hora, evidentemente que poderemos ter atrapalhado alguma agenda que a senhora tinha. Mas a sua convocação se fez necessária pelo fato de seu nome ter sido citado num depoimento e para nós não restou outra alternativa a não ser convocá-la, para que a senhora pudesse confirmar ou não as questões que foram aqui colocadas. Então, previamente, eu gostaria de fazer essa colocação para V.Sa.

A senhora trabalha num restaurante aqui em Uruguaiana?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Em qual restaurante?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora trabalha num restaurante?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Não. Atualmente, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora trabalhava?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Trabalhava num restaurante há 2 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Há 2 anos. Qual é a atividade que a senhora desenvolve?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - *Promoter.*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De uma forma geral, não é de uma...

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Não, não é. É só de um, na cidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Num depoimento que nós tivemos, uma testemunha, a fim de explicar o contato que procurou com o Procurador da República, relatou que era comum encontrar procuradores e delegados de polícia freqüentando um determinado restaurante da cidade. E diante da necessidade de falar com esse procurador, lhe ocorreu que possivelmente a senhora fosse a pessoa indicada para encontrar esse procurador. A senhora lembra



de ter sido procurada por alguém a fim de que pudesse localizar o Procurador da República ou coisa do gênero?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Não, eu recebi uma ligação — trabalhando neste local onde eu trabalho, que eu estava nesse dia —, eu recebi uma ligação me pedindo o telefone do Procurador para convidá-lo para uma janta. E aí eu tinha o telefone, como eu tenho o telefone de todas as outras pessoas que freqüentam, como *promoter*, para fazer os contatos de convite para festas, de venda de ingressos. Porque, como eu trabalho com venda de *shows* também, eu tenho contato com as pessoas. E eu tinha um telefone e eu passei esse telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. A senhora recebeu uma ligação de quem?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Do Sr. Jair Rodrigues.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Do Sr. Jair Rodrigues. A senhora recorda quando foi isso?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Olha, eu acho que no ano passado, em agosto, setembro, talvez. Não lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era dia de semana, era de manhã, de tarde, de noite?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Foi à tarde. Eu estava lá programando uma festa ou alguma coisa assim, não lembro, e... Foi à tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não lembra se era dia de semana, se era final de semana?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Creio que talvez possa ter sido entre quinta e sexta-feira, dia de semana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dia de semana. A senhora recebeu uma ligação do Sr. Jair Rodrigues, pedindo o número de telefone do procurador que, segundo ele, para convidá-lo...

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Para uma janta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...para uma janta. A senhora conhecia o Sr. Jair Rodrigues?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Sim, porque o restaurante que eu trabalhei há 2 anos era de propriedade do filho dele.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse restaurante em que a senhora trabalhava era de...

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Posteriormente, após essa ligação, a senhora teve algum outro contato?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Não, nada, nada. Uma coisa que para mim faz parte do meu trabalho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Claro, é o seu cotidiano.

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Então, é o meu cotidiano. Pessoas me ligam assim, como eles me ligam sabendo se tem ingresso, se isso e aquilo, inclusive essas pessoas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. A senhora tem alguma informação que considere relevante ou que possa colaborar com esse trabalho que está sendo desenvolvido pelo Congresso Nacional, pela Câmara dos Deputados sobre, eventualmente, possível envolvimento de pessoas de Uruguaiana com o tráfico de armas, tráfico de drogas ou coisa do gênero?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Não tenho conhecimento. Realmente não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem nenhuma contribuição que a senhora considere relevante?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Não tem nada que possa lhe dizer, a não ser o que ouço nos meios de comunicação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Na realidade, o que nos interessa mesmo é essa história do telefonema. Por incrível que pareça, ela pode ser uma coisa relevante no meio do contexto da investigação que estamos fazendo.

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero insistir com a senhora para a senhora botar a cabeça a pensar se, de fato, a senhora acha que isso foi numa quinta-feira ou numa sexta-feira, se foi dia de semana, se foi final de semana, se a senhora consegue... Eu sei que já faz tempo isso...

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Sim, sim. Foi o ano passado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas só... Se por acaso a senhora consegue...



A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Como a atividade da gente, a minha atividade era sempre à noite, então, às vezes meio que a gente se perde nisso aí. Mas de tarde eu tenho certeza que foi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que foi de tarde?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Que foi de tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não tem com a senhora aí qual foi esse número que a senhora forneceu?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Tenho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora poderia me informar?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Posso. O senhor quer que lhe diga?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero.

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - É 9982 92 45.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Quero, antes de devolver a palavra ao nosso Presidente, a fim de não permitir que haja qualquer especulação a respeito de sua presença aqui, dizer que não há absolutamente nada por parte desta CPI que diga respeito à sua pessoa. A senhora não tem nada a ver com a investigação que estamos fazendo, a senhora não tem nada a ver com o trabalho que levou esta Comissão a vir até aqui. E convocamos a senhora porque, por decorrência da sua atividade profissional...

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Entendo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...precisávamos checar uma informação. Não só não temos nada com relação a senhora como lhe desejamos total sucesso na sua atividade profissional.

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Muito obrigada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa informação que a senhora nos dá é relevante. O Jair Rodrigues ligou para a senhora de um celular? A senhora lembra se tinha o nome dele gravado? Sim ou não?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele ligou do celular dele para a senhora?

A SRA. BEATRIZ PEREIRA - Sim, até porque eu tinha contato com ele. Ele me ligava, ele trabalhava no que é dele.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora trabalhou com ele? Perfeito.

Deputado Colbert, V.Exa. tem alguma questão?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não, não. Agradeço à senhorita sua presença. O que queríamos realmente era conferir apenas essa informação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito obrigado. A senhora está dispensada. Agradeço a gentileza de ter comparecido aqui conosco. *(Pausa.)* Senhorita Bia, só aguarde um minuto para pegar um O.K. do seu depoimento. Vou pedir para passar o... *(Falha na gravação.)* de 3 minutos e solicitar que seja conduzido para depoimento o Sr. Jair Rodrigues. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - *(Falha na gravação.)* trabalhos queremos agradecer às pessoas que nos honram, comparecendo, testemunhando os trabalhos desta CPI. E, para o bom andamento do inquérito que estamos realizando, das investigações que estamos promovendo, quero fazer um apelo, e as pessoas haverão de compreender, às testemunhas que já prestaram depoimento, ou que prestarão depoimento que, no intuito de preservar, ou preservarmos a qualidade desse trabalho, a isenção desse trabalho, que essas pessoas compreendessem a necessidade de não acompanhar as demais audiências. Isso se impõe pela necessidade de preservarmos a qualidade do nosso trabalho. Tenho absoluta certeza de que a grandeza dessas pessoas permitirá a compreensão do que estamos solicitando neste momento. *(Falha na gravação.)*

Sr. Deputado Martins, por se tratar de oitiva de testemunha convocada, por se tratar de, repito, de convocado, solicito ao Sr. Jair dos Santos Rodrigues que preste juramento conforme o art. 203 do Código de Processo Penal. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho assim descrito no Código Penal: “Art. 342 - Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, inquérito policial, ou administrativo, ou em juízo arbitral.”

Que a testemunha proceda o juramento.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que soube e me for perguntado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Com a palavra o Sr. Relator, Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Jair dos Santos Rodrigues, esta CPI foi constituída a fim de proceder a investigação a respeito do tráfico de armas no nosso País. Mais especificamente o objeto do seu depoimento, neste momento pelo menos, se fez necessário por conta da suposta ocorrência de um episódio de vazamento de um depoimento desta CPI e que, eventualmente, poderia ter ocorrido a participação de um colega Parlamentar nesse fato. Então, nós gostaríamos de ter a sua colaboração, a sua contribuição para que a gente pudesse, de fato, elucidar esse caso, pela repercussão que ele adquiriu, pela relevância que ele tem. O nosso objetivo é podermos retornar a Brasília e prestarmos uma informação que nos é cobrada pelo Presidente da CPI, pelo Presidente da Casa, se de fato tal episódio ocorreu ou não ocorreu. Então, eu gostaria, em primeiro lugar, de perguntar a V.Sa. se o senhor conhece ou já conhecia esse cidadão conhecido como testemunha “Z” e que apresentou ao Ministério Público Federal e ao Congresso Nacional essa denúncia da suposta ocorrência desse vazamento de depoimento. O senhor conhece?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não conhece?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Conheci em novembro, no dia em que ele foi procurar o meu advogado. Não conhecia e nem sabia quem era.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabia quem era.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não sabia quem era.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhecia.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nunca tinha visto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que chegou ao senhor essa pessoa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu estava aqui numa lancheria, no centro, no sábado, e chegou um homem, tocou no meu ombro — eu estava numa roda de amigos — e me deixou um bilhetezinho dizendo: “*Polícia Federal, Brasília, contato urgente*”. Olhei e pensei: a Polícia não vai me dar um papelzinho para eu ligar sábado. Entendeu. Mas era um homem forte, que virou as costas e não vi nem a cara. Não vi nem a cara, porque virou e saiu. Eu fiquei preocupado e liguei: “*Ah, eu*



sou da Polícia Federal, informante — ou uma coisa assim —, trabalho para o serviço secreto e quero marcar um encontro contigo. Tem umas informações que é do teu interesse. Estão armando uma para ti. Querem de prender, querem fazer um rolo com a tua vida”. Eu disse: “Sim, mas e quem tu és?”. “Não, eu sou da Polícia Federal de Brasília” e isso, isso, isso. Aí marcou um encontro às 13h30min em frente ao Supermercado Simone. Aí eu fui em casa, almocei. E disse: “Não, mas a Polícia Federal não ia me deixar um bilhetinho para encontrar comigo em frente ao supermercado” E eu já fui assaltado uma vez. Toda hora querem me assaltar aqui em Uruguaiana, entendeu. A gente vive num clima pesado aqui em Uruguaiana. Digo: “Não vou aí”. Não fui. Para minha surpresa, depois eu fui saber que ele procurou o meu advogado e que já tinha deixado inclusive um bilhete, na semana, igual para o Dr. BRACCINI. E os 2 começaram a conversar. Aí o Dr. Braccini me colocou a par da situação. E aí eu digo: “Mas é muito grave isso aí, afinal de contas eu nunca comprei uma arma, nunca emprestei dinheiro para comprar arma, nunca mexi com qualquer tipo de droga, de arma”. Podem vasculhar a minha vida, não falei com ninguém nunca nos meus telefones com alguém que vendesse qualquer tipo de crime dessa natureza. E aí eu disse: “Olha, Braccini, vê o que tu podes fazer”. Entendeu? — “Vamos ver, vamos a fundo, porque isso é muito grave”. Aí começamos a desenvolver a situação de ele ir lá no escritório do Dr. Braccini, dar o depoimento na Promotoria, e nós começamos a aprofundar a situação. Eu não conhecia ele, nem o Braccini conhecia. Até não conhecer, tu dá crédito. Aí ele começou a me ligar, e me ligava e me ligava. Foi na minha casa 2 vezes e nem deixei entrar. Meus guardas trancaram ele. E aí meu guarda falou: “Bah, esse cara aí é perigoso”. Eu não conhecia. E aí disse: “Perigoso como?” — “Não, isso, isso, isso...” Eu digo: “Bom, mas se ele tá me ajudando, eu não sei de nada, estou sendo ajudado...”. Falou que o Deputado Caio Riela tinha levado ele para depor na CPI, falado com o Presidente da CPI, com Moroni Torgan, e apresentado ele, entendeu. Depois disso aí, na segunda-feira, que eu fui conhecer ele. Depois, num depoimento que ele deu na Procuradoria, ele relatou vários fatos ali que eu, que estava como vítima, estava preocupado. Eu digo: “O que o ex-Prefeito Caio quer armar para cima de mim?” — “Não, tu fez ele perder a eleição, tu trabalhou para outro candidato, o jornal teu atirou muita pedra nele”. Eu digo: “Mas isso é política. Terminou. Passou a



política, perdeu a eleição, continua tudo de novo”. Esse foi o meu encontro com ele. Não teve mais nada assim. Não conhecia, nunca tinha visto ele na minha vida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi contactado por ele num sábado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim, que ele deixou o bilhete foi sábado. Eu não fui ao encontro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E nesse mesmo sábado...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele foi no Dr. Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi no Dr. Braccini.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando é que o senhor tomou conhecimento disso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Dr. Braccini me telefonou de tarde me contando. Foi falar comigo, me contando que precisava falar inclusive com o Procurador, com alguém que o visse ele no final de semana. Que ele alegou que o ex-Deputado Caio Riela estava ameaçando ele de morte. Eu não sabia, entendeu? Em todo o caso... Aí o Braccini... Eu digo: *“Não, mas eu tenho uma amiga minha que deve conhecer esse Procurador, que eu também não conheço”*. A Bia trabalhava comigo, aí o Braccini foi na minha casa, ligou para a Bia e a Bia passou o telefone do Procurador para o Braccini. O Braccini disse que conhecia o Procurador não sei de onde também — ele é advogado —, ligou para o Procurador e eu acho que não encontrou o Procurador, o Procurador estava viajando, foi encontrar só na segunda-feira, se não me engano. Mas chegou a ligar e a deixar recado para o Procurador na secretária eletrônica do Procurador. Não se falou mais. Na segunda-feira ele prestou depoimento, depois eu fui falar com ele lá no escritório do Braccini. Então, não tive contato com ele, a não ser várias vezes ele me procurando. Depois, durante a semana, ele me telefonava...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Eu vou pedir para o senhor... sei que pode parecer até meio antipático de minha parte, mas nós precisamos ser bem precisos no relato para que a gente possa entender, de fato, tudo o que aconteceu. No sábado, ele procurou o senhor, marcou um encontro na frente do supermercado e o senhor não foi.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não fui.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí ele teria procurado o Dr. Braccini.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Informação do Dr. Braccini, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Como é que o senhor ficou sabendo que ele procurou o Dr. Braccini?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Dr. Braccini falou comigo. Ele foi na minha casa falar comigo depois.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Dr. Braccini ligou ou foi na sua casa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ou ele ligou ou foi... Pois é... eu sei que o Dr. Braccini falou comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por telefone ou pessoalmente?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que foi pessoalmente. Foi lá falar comigo. Acho que foi pessoalmente. Ele me pediu o telefone da Bia, para falar com a Bia e pegar o telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não tem certeza, mas acha que ele foi na sua casa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É. Em princípio, acho que ele foi lá em casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele chegou lá e pediu para o senhor o telefone da Bia?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Eu liguei para a Bia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor ligou para a Bia.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Liguei e pedi o telefone do Procurador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor ligou da sua casa para a Bia?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Liguei do meu celular.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Do seu celular. E pediu para a Bia o telefone do...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Do Procurador. Se ela tinha o telefone do Procurador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deu alguma explicação para a Bia por que o senhor precisava do telefone?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Não dei explicação, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só disse: *"Preciso do telefone da..."*

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - *"Tenho um caso urgente aí, Bia, vê se tu consegue aí para o meu advogado..."* Ela tinha o telefone e me deu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí o Braccini, lá da sua casa mesmo, ligou para o Procurador?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que ligou sim, da minha casa mesmo, do telefone dele. O telefone do Braccini, não do meu telefone. Do dele. Depois, voltou, ligou de novo. Disse que voltou e ligou um monte de vezes. Ligou durante a tarde para o Procurador, mas não localizou o Procurador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E aí? Da sua casa, o Braccini foi para onde?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que foi para o escritório dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi para o escritório dele.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que esse rapaz, o Felipe, estava no escritório dele até.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí o Braccini voltou para o escritório e...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - ... e tentou achar o Procurador, mas não achou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conseguiu. Que mais?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso aí: só foi achar o Procurador na segunda-feira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Além do telefone do Procurador, o Braccini lhe pediu mais alguma coisa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Não lembro, não pediu nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor emprestou alguma coisa para ele?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, o gravador. Ele queria gravar... um gravador que eu tinha lá. Isso, ele pediu um gravador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pediu um gravador?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pediu um gravador.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Disse que ia gravar a conversa desse rapaz, entendeu? E que não sentiu muita firmeza no que ele estava falando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor emprestou o gravador para ele?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Emprestei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que gravador era?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não lembro. Um pequenininho gravador. Da marca eu não lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E o Braccini gravou a conversa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Gravou depois a conversa dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E posteriormente o que ele fez com essa conversa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele gravou e aí gravou em disquete depois da gravação. Eu fiquei com uma cópia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que degravou isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Quem degravou foi na Rádio Charrua. Um amigo meu fez a degravação, o Roger.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fez a degravação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Fez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E quem é que fez a degravação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Roger, da Rádio Charrua.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Roger, da Rádio Charrua. Foi o senhor que solicitou?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Solicitei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele fez toda a degravação da conversa ali mesmo, segunda-feira, terça-feira, antes de...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi segunda ou terça, não lembro, um dia desses. Depois que ele... segunda ou terça-feira. Acho que foi terça de manhã.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Degravou toda a conversa?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Degravou até onde deu, porque era um gravador antigo, desse pequenininho. Até teve umas partes que saía fora, os motoqueiros estavam na rua andando também. Então, não se escutava muito bem. O que deu para escutar a gente degravou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí ele gravou isso depois da conversa de sábado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, isso foi a de segunda. Isso foi segunda-feira que ele gravou do...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele pegou o gravador sábado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pegou sábado, mas acho que gravou na segunda. Eu não estou lembrado da gravação, porque foi ele que fez, o Braccini. Não sei se foi sábado ou se foi segunda, mas acho que foi segunda.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí o senhor foi conhecer o Felipe quando?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Segunda de tarde, depois que ele prestou o depoimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Segunda de tarde. O senhor foi no escritório do...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Do Braccini, porque ele estava lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que o senhor foi lá?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Braccini me chamou para conhecer a pessoa que tinha dado uma acusação mentirosa da CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na segunda à tarde?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, foi segunda à tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Segunda à tarde. Tinha mais alguém lá?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não tinha. Não tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem alguém que testemunhou essa conversa de vocês?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, estava só ele, eu e o Braccini.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor recebeu a visita de alguém durante esse depoimento, essa conversa de vocês?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Quem que foi lá... que entrou dentro do escritório?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, quem teve lá na frente me procurando foi uma menina que tem um filho comigo e que foi falar comigo lá. Mas não entrou no escritório.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela foi lá para falar com o senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, pedir dinheiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi lá para falar com o senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, falar comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela não foi lá para falar com o Braccini?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Braccini também é advogado dela...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas ela entrou lá?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ela também tinha um... Ah, não... falou sim... acho que ela falou com ele, falou até sobre um negócio de um problema da S Sul de luz com ele. Ele é advogado dela também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela falou com ele ou não falou com ele?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que falou com ele, sim. Falou comigo também, mas ela não entrou dentro do escritório. Não lembro, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas ela chegou a ver o Felipe lá ou não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que não viu não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe onde está o original dessa gravação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Bah... nós mandamos para Brasília...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não o CD, quero saber o original, a fita que foi gravada.



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O original deve estar... acho que dei para o Dr. Braccini o original. E ele deu para o... não sei para quem o Dr. Braccini deu essa fita, esse original.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem o original?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu tenho cópia também, mas o original...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, o original.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu não sei se está comigo o original. Eu tenho uma cópia. Se estiver comigo a cópia, eu dou a cópia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, eu estou perguntado do original. Existe o original?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Existe um CD, ele gravou os 4 CDs.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, CD é a gravação, eu quero a fita.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas é desse gravadorzinho pequenininho que não tem fita, tu aperta e sai gravando. Ele não tem fita esse gravadorzinho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, não fica fita?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não tem fita. É um pequenininho até. Não tem fita, não é de fita.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É um digital?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É um digital...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor lembra se a gravação era grande, era pequena? Quanto tempo da gravação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, não lembro. Era uma conversa, acho que 10 ou 15 minutos, no máximo. Não tem mais que isso, acho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O cidadão que prestou depoimento afirma que num determinado momento teria ocorrido uma conversa entre o senhor e o Deputado Pompeo de Mattos, onde o senhor teria feito considerações a respeito desse assunto, dessa questão. Ocorreu alguma coisa?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não é verdade. Todos os meus telefones deixo checar. Nunca liguei para o Deputado Pompeo de Mattos nesse momento, em nenhum momento falei com o Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca ligou de nenhum dos seus telefones para o Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não liguei nessa data que ele falou, não liguei para o Deputado Pompeo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma outra data o senhor ligou?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Liguei no passado, por agosto. Até liguei e não consegui falar com ele, depois me encontrei com ele em Porto Alegre, lá ele também me disse que a CPI era outra área, que não era ele que cuidava, que não podia me ajudar em nada. Ele me desviou da situação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quantos telefones celulares o senhor tem?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tenho 4.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quatro. O senhor tem eles aí?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, tenho o número deles.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas o telefone, o aparelho?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, o aparelho não. Não tenho comigo. Tenho o número.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não tem por costume andar com eles?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Se eu ando na rua, ando com eles, mas normal. Aqui, para depor, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, eu sei, mas o senhor tem 4 telefones celulares?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Quatro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tipo de aparelho? O senhor sabe dizer?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Motorola...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu sei que é difícil saber modelo de aparelho, mas o senhor...



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É... um Motorola, agora, que modelo, não sei qual é o modelo deles.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está com um celular aí?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu tenho um aqui que é Motorola também. Este aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse aparelho aí é um Motorola V-3.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem viva voz?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Se tem, nunca usei. Não sei nem mexer nele. Só sei ligar e desligar, não sei mexer se tem viva voz. Não sei falar nisso, não mexo nisso aí. Tem? Não sei. Deve ter, mas nunca usei. Podem checar, nunca usei. Não usei nunca viva voz. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que razão o senhor avalia que acabaram envolvendo o seu nome nessa história?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Deputado, eu não tenho nem idéia por que meu nome foi envolvido nessa história, porque, uma, que eu não conheço esse Felipe, nunca vi na minha vida, nunca vi. Porque ele prestou essa informação que ele disse foi o Deputado Caio Riela que queria se vingar de mim por causa da eleição, porque é da política. Mas depois a gente veio a saber que ele era meio louco. Então, aí ele pode inventar um monte de coisa que eu também não acredito. Um dia deram um telefonema para a minha casa dizendo que iam me matar. Se a polícia gravou, se tem o meu telefone grampeado, vai ver essa gravação. E que o Deputado Caio Riela teria oferecido 150 mil para me matar. Deve estar na gravação. Não? Eu digo: mas 150 mil... É muito difícil. Aí ligou de novo, e eu disse: "Vamos nos encontrar, vamos falar com a delegada". Cheguei a falar com a delegada da Polícia Civil, registrei a ocorrência na Polícia Civil. "Vamos à delegacia, lá tu me diz como é que você descobriu isso aí?" E depois ele me contou uma história, ligou-me de novo e me contou outras histórias, mas no fim não apareceu essa pessoa. Mas eu estou sendo alvo de vários telefonemas, Deputado, tentando seqüestrar minha mulher, na frente da loja dela. Então, uma pessoa avisa. Sou presidente de uma escola de samba, então vai muita gente na escola de samba. *"Olha, querem seqüestrar a sua mulher"*. Então, a gente fica apreensivo. Já quase me mataram num assalto na minha casa. E aqui em Uruguaiana tu vives tranquilo, e eu não ando



com nenhum marginal. Não ando com ninguém, sozinho. Pode perguntar pra quem me conhece. Eu não ando com ninguém. Não telefono pra nenhum marginal, não falo com eles não, até porque tenho medo. Esses dias, eu estava no barracão aqui do Rouxinol, dessa Escola de Samba, chegou um rapaz lá e disse: *“Nós viemos aqui pra te pedir um dinheiro”*. Todo mundo testemunha, um monte de gente. Digo: *“Sim, mas pedir dinheiro? Por que pede dinheiro? Não te conheço.”* Diz: *“Não, porque nós vamos dizer, num depoimento na delegacia, que nós vamos matar o Felipe e que tu que mandou matar”*. Eu digo: *“Mas eu não mandei matar Felipe nenhum, nem vou mandar matar, nem me interessa mandar matar, não. Mas tu pode dizer o que tu quiser dizer, mas eu não vou te dar dinheiro”* — *“Não, mas, então, nós vamos... o pessoal... eu sei a informação é que o pessoal vai matar tu”*. Eu digo: *“Então, me mata. Eu não vou dar dinheiro, porque não dou dinheiro pra chantagista. Tu vem aqui...”*. Esse rapaz é um rapaz perigoso. Esse que foi lá no barracão é perigoso, entendeu? Felizmente, não foi mais lá, mas a gente vive intranquilo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor fez a ocorrência?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Fiz, fiz a ocorrência na delegacia. Fiz. Disseram pra mim só aguardar o...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é que fez essa ameaça ao senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi ameaça por telefone.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não, essa do barracão.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Esse foi o tal de... que deram um tiro, né, a brigada. Uma vez assaltou uma lotérica. Como é o nome dele? Como é que é? Um tem uma mãozinha torta, que levou um tiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor fez a ocorrência?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu fiz a ocorrência do telefonema.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não, esse caso...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso eu relatei acho que pela Delegacia Federal. Quando eu fiz um depoimento aqui para o delegado, há uns 20 dias atrás, eu contei essa história para o delegado... Eu falei para o delegado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dessa ameaça do barracão o senhor fez ocorrência?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu contei, não sei se o delegado botou na... Mas eu contei para o delegado há 15 dias atrás. Não sei se ele colocou no meu termo, no meu depoimento aqui na Polícia Federal. Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A pergunta que o Relator está fazendo é se o senhor, objetivamente, fez uma ocorrência dessa ameaça, que foi muito forte.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - A ocorrência que eu fiz foi do primeiro, que me ameaçaram, do Deputado Caio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Dessa daqui o senhor não fez.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Essa eu comentei para o Delegado Federal, há 15 dias atrás, não lembro se ele colocou no meu depoimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, porque o depoimento o senhor assina.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Assino.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor deve ter lido se colocou ou não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Às vezes eu leio, muitas vezes não leio. Assino. Muitas vezes não leio e assino, entendeu? Não estou com o óculos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Isso é um risco muito grande.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas não... Mas o delegado lembra, que eu comentei com o delegado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Para ajudar o Relator: não fez ocorrência, portanto...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Específica ocorrência disso, não fiz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E também não lembra o nome da pessoa.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas todo mundo conhece aqui. As pessoas da Polícia aqui sabem quem é. Ele levou um tiro, tem uma mãozinha...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. E, claro, havia testemunhas dessa ameaça.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim, claro, e...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Só para um bom andamento, eu recomendo ao senhor que faça a ocorrência imediatamente. Estamos tratando de vidas, entre as quais a sua.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Lógico. Eu estou sofrendo aqui em Uruguaiana uma ameaça constante. É constante, Deputado. Constante. *"Vão te assaltar", "Vão te matar", "Vão pegar tua mulher."* Então, estou intranquilo. Não dá pra sair. Eu não saio de noite, não ando com ninguém. Pode perguntar a quem me conhece. Eu não ando com ninguém. Sozinho. Me surpreendeu quando fiquei envolvido num crime de... de financiar arma. Mas de onde? Não tem condição. Não existe. Não tem prova. Se tivesse prova eu estava preso já, porque nunca financiei, nunca dei dinheiro pra ninguém, nunca emprestei dinheiro pra ninguém comprar nada. E tanto é que fui buscar na CPI informação...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que o senhor ficou sabendo que o seu nome poderia ter sido citado ou falado por alguém na CPI?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Dr. Braccini me falou que ouviu que o meu nome foi citado numa CPI, que eu estava financiando armas. Eu digo: *"Mas não pode!"* Aí, comecei... Depois começou a vazar. As 15 testemunhas, assim mesmo, começaram a falar aqui em Uruguaiana. Então, várias pessoas falavam: *"Olha, falaram isso, falaram aquilo, a gente ficou sabendo"*. E eu que estou preocupado, estou nervoso, natural, vou procurar saber. Como é que meu nome está envolvido de repente em armas, se eu não dou dinheiro pra ninguém? Fui procurar saber, fui buscar junto à CPI, mandei um ofício. O Deputado Moroni Torgan indeferiu, não deu. Entramos no Tribunal. Se o Deputado Pompeo de Mattos tivesse me dado a documentação que dizem que deu, eu não teria entrado na CPI, entrado no Tribunal, porque eu já tinha a documentação. Então, eu acho que isso é uma incoerência muito grande.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Sr. Mauro Portela?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O Mauro Portela, ele mora em Brasília, e nós mandamos um SEDEX pra ele entregar o ofício lá, lá na Câmara, na CPI, porque não ia fazer uma viagem...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse o que é? É advogado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não, não. Ele mora em Brasília, só lá. É corretor, amigo meu de carreira de cavalo, entendeu? Não tem nada de... Pra nós evitarmos de ir lá, a gente mandou um SEDEX pra ele: *“Vai e protocola na CPI esse documento pedindo pra CPI nos dar vista ao processo”*. Todo o trabalho dele foi entregar à CPI e, depois, foi distribuir o processo no Tribunal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele é aqui de Uruguaiana ou não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não. Ele mora em Brasília. Mora lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez o senhor orientou o Sr. Mauro Portela no sentido de que ele procurasse algum Deputado a fim de obter informações a respeito dos depoimentos que estavam ocorrendo dentro da CPI?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Ele mesmo foi na CPI escutar. Estava aberta a CPI lá e ele entrou e viu. Depois, me ligou: *“Ó, estão falando isso, isso, isso na CPI lá”*. Era pública. Acho que era pública.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nesse dia que ele foi lá, ele entrou...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu vou repetir a pergunta: alguma vez o senhor orientou o Sr. Mauro Portela para que ele procurasse algum Deputado a fim de obter informações a respeito dos depoimentos na CPI?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Deputado, eu pedi pra várias pessoas que pudessem me auxiliar. Não me lembro se pedi para o Mauro, mas pedi pra várias pessoas me auxiliar e ver como é... no que o meu nome estava envolvido. Pode ter pedido pra ele também: *“Ó, se tu conhece alguém aí, te informa aí, pra ver”*. Eu devo ter... Posso ter pedido. Não pedi só pra ele, pedi pra várias pessoas isso aí, até porque não sabia qual é a natureza do fato. Porque meu nome está envolvido numa coisa que eu sou inocente. Eu sou inocente, eu não tenho nada. Queria saber. Qualquer uma pessoa quer saber.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Vou ser mais específico. O senhor alguma vez solicitou formalmente ao Sr. Mauro Portela: *“Mauro, procura o fulano de tal aí e tenta ver se tem alguma coisa aí que me interesse.”* Pode ter ocorrido esse tipo de conversa?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pode, pode ter pedido pra ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Especificamente pedindo pra procurar alguém?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pode. Não me lembro de quem eu mandei procurar, mas eu posso ter pedido pra ele. Pode. Ele mora em Brasília, pode.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A quem o senhor teria pedido para que ele procurasse?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ó, ele me falou que ia procurar um advogado lá, que é Bastos, que mora em Brasília. Eu não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, algum Deputado.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Algum Deputado? *(Pausa.)* O Deputado Pompeo acho que não é. Não me lembro disso aí, entendeu? Não sei se ele conhece algum Deputado lá. Não sei se ele conhece. Posso ter lhe pedido. Pedi pra várias pessoas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu compreendo a sua situação e até o seu interesse em saber se de fato havia algum tipo de investigação.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Lógico. Eu até queria saber pra ir em Brasília depor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu até queria ir lá me apresentar de livre e espontânea, pra esclarecer a situação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se for necessário, mais adiante podemos até...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu até queria ir. O meu intuito era esclarecer o envolvimento do meu nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando eu cheguei aqui hoje, algumas pessoas da imprensa me perguntaram: *"Por que a CPI não afastou o Deputado Pompeo de Mattos?"* Porque não foi comprovado nada contra ele.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Lógico.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E no Brasil, até que se prove o contrário, as pessoas são inocentes. Não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Claro.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Portanto, nós temos o maior interesse em elucidar esse caso. Isso é uma informação muito relevante. Agora, eu vou fazê-la de forma mais direta. O senhor em algum momento pediu ao Sr. Mauro Portela que procurasse... *(Falha na gravação.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... a seu respeito?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Posso ter pedido. Posso ter pedido que ele falasse lá. Posso ter pedido, mas não tive êxito nenhum. Eu mesmo pedi para o Deputado. Nem foi o Mauro, eu pedi. O Deputado não me deu realmente nada. Me encontrei com o Deputado em uma feira em Ijuí e nem falamos nisso aí. Falamos... Se falou numa roda com muita gente em política normal. Não tivemos problema de indagações, de mais nada. Até porque eu já sabia... Tanto é que eu busquei o Judiciário. Se eu tivesse eu nem... Não teria buscado a guarida da lei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É possível que o senhor tenha solicitado ao Mauro...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Claro, é possível. Não... É possível. Mas o Deputado não deu informação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quanto a isso... não está em questão. Pode ter ocorrido...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pode, claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... uma tentativa...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, eu pedi pra outros amigos do Deputado, que trabalhavam com ele, informação. É um direito meu, de cidadão brasileiro. Eu quero saber. Meu nome está envolvido, eu quero... se alguém colheu alguma coisa. Mas ninguém me deu. No momento em que ninguém me deu, eu fui procurar a CPI pra me informar. A CPI negou, eu fui buscar o Judiciário.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor tem conhecimento de que possa a cidade de Uruguaiana estar servindo como rota para entrada, de forma ilegal, no Brasil, de armas e munições provenientes da Argentina ou mesmo do Uruguai, via fronteira tríplice, fronteira da barra? O senhor tem alguma informação ou conhecimento de algum fato relativo a isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Deputado, eu moro em... Fiquei 20 anos morando em Porto Alegre e voltei a Uruguaiana... Eu nunca vi uma apreensão de carregamento de arma em Uruguaiana. Eu nunca vi. Vi prender um



revolverzinho, mas carregamento de arma... Todos aqui são de Uruguaiana. Ninguém nunca viu isso, carregamento de arma. Agora, prender uma arma de Libres, que não vale nada? Também, para atirar aquilo ali não presta, é arma antiga... E daí? Não vale nada, não dá nem para usar. Não. Quer dizer, eu nunca vi. E nunca vi nenhum inquérito de contrabando de arma aqui em Uruguaiana. Eu nunca vi inquérito de arma. Tem um jornal aqui, está toda hora na polícia, mas inquérito "contrabandearam caixa de arma", nunca vi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor, após esse dia que conheceu a testemunha no escritório do Dr. Braccini, voltou a ter algum contato com essa testemunha?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas ele me ligou toda a semana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas o senhor voltou a falar pessoalmente?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Voltei. Falou. Foi na minha casa até falar comigo. Foi lá na minha casa, e aí eu senti que ele estava querendo é...: *"Ó, eu saí da testemunha, da proteção a testemunha, estou sem dinheiro, quem sabe..."* "Eu digo: "Mas esse cara, o que é que quer?" Aí, depois, eu disse para o Dr. Braccini, ele correu ele do escritório. Quase que correu ele, porque ele queria dinheiro. E aí ele chegou a ameaçar. Ele falou para o Dr. Braccini: *"Olha, se não me der dinheiro, eu vou dar um novo depoimento."* E, de fato, deu, desmentindo o primeiro que ele tinha dado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É possível que no telefone do Felipe apareçam ligações do senhor para ele?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É possível.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor ligava para ele?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, ele me ligava e eu não conhecia o nome, estava sem óculos, atendia até. Então que eu pedia o óculos, que vou ver o número. Aí ele me ligava. E como eu não conhecia ele, digo: Esse cara está me dando informação que eu não conseguia em lugar nenhum, dizendo que o Caio quer me matar, dizendo que o Fulano armou. É lógico que... Sem eu saber, durante a semana liguei pra ele. "Está-me dando uma mão esse rapaz, está-me ajudando. Está-me dizendo que Fulano fez isso, fez aquilo. Foi mentir, veio desmentindo testemunho agora, aí, está me ajudando". Então, cheguei onde eu



queria chegar. “Não, agora, o interesse dele... Não, mas acusou o Caio, acusou mais gente... Nós temos um seqüestro num jornal aí que diz ele que foi armado pelo Caio e mais por um Vereador que deve estar presente, que é o Barbará”. Um monte de coisa, entendeu, que a gente se surpreendeu com isso aí. Até porque o seqüestro mesmo foi um seqüestro meio complicado, que não existiu, uma coisa meio fantasiosa, mas deu problema. Seqüestro complicado, que não houve. Na realidade, eu nem estava aqui. Quando me telefonaram, eu digo: “Isso é mentira.” Nem estava aqui. Mas a minha ex-mulher está sendo processada. Tem nada que ver. Então, isso era armação e ele me preocupou, até eu saber. Daí a uma semana eu soube que ele era, aí as pessoas começaram a dizer: *“Ah! Mas esse aí é o Fulano, esse é isso, esse é isso.”* Mas eu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso aí são ligações dele para o senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ligou pra mim e eu liguei pra ele também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, o senhor ligou para ele também.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Liguei. Ele me chamava, eu liguei para ele e falava. Eu não estou sabendo quem é, sabe? Está-me dando informação, disse que trabalhava na Polícia Federal em Brasília.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Depois... O senhor conheceu ele num sábado. Na segunda, ele prestou depoimento. Na segunda, à tardinha, o senhor conversou com ele. E quanto tempo depois o senhor descobriu quem ele era?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ó, levou uma semana e pouco aí pra descobrir. Eu não sabia, ninguém conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Depois dessa semana o senhor nunca mais falou com ele por telefone?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Depois da... igual eu te falei, uma semana. Depois não falei mais. Uma semana, semana e pouco. Depois que a gente viu que ele queria dinheiro, senti que realmente ele queria era dinheiro. Não, que ele queria que a gente... Pediu dinheiro. Claramente, ele queria era arrumar o dinheiro. E eu não dou dinheiro pra extorsão nenhuma. Qualquer tipo. Eu não dou. Se seqüestrar minha mulher agora, e quer seqüestrar vão matar, porque eu não vou



dar dinheiro (*Risos.*) Vão matar, porque eu não vou dar. Eu acho isso aí um horror, até porque uma sangria. Vão fazer contra o meu o filho, vai toda a família. (*Pausa.*) Eu não vou dar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem negócios de que área?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu trabalho com títulos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Títulos?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Compra e venda de títulos públicos de todos os países: Argentina, Londres... Tudo que é título eu intermedio. Eu faço corretagem. Tenho o jornal de Uruguiana — todo mundo conhece, um jornal que tem 25 anos na praça — e a minha esposa tem uma loja. E vivo disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o negócio de títulos.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Títulos. Minha declaração de Imposto de Renda vocês devem ter quebrado. Se não quebraram, eu autorizo que entregue toda a minha declaração de Imposto de Renda este ano. Está tudo esmiuçado ali, até porque eu sofri agora há pouco uma malha fina. Então, está claro. Meu dinheiro veio todo via Banco do Brasil. Não tem nenhum dinheiro meu escondido. Todo ele declarado. Então, um livro aberto. Se quiser, eu mesmo autorizo a Receita Federal a entregar toda a declaração pra CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Só para esclarecer, V.Sa. está depondo como testemunha e não como acusado.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Pode dispensar essas afirmações.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas se for para ajudar a CPI, eu estou disposto a fazer qualquer tipo de ajuda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Prossiga, Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu acho que o que nós vamos ter que fazer, em função da discrepância tão grande entre os depoimentos, Sr. Presidente, é proporcionar uma oportunidade de que esses depoimentos sejam comprovados, porque são depoimentos extremamente contraditórios entre si, não é? É impossível que a respeito de um mesmo fato existam versões tão distintas. E é obrigação desta Comissão avançar no sentido de formar um juízo...



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...a respeito desses fatos, a respeito desses episódios, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sr. Deputado, apelo ao ilustre Relator que antes da apresentação de qualquer proposta, possamos ouvir o Deputado Colbert.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não. Eu vou só exatamente dizer que cumpri a minha parte. Eu me reservarei a fazer demais perguntas no momento que eu considerar oportuno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Adequado.

Deputado Colbert Martins, para ouvir a testemunha.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Boa-tarde, Sr. Rodrigues. Esse senhor dizer: tem uma lista de entradas e acusações policiais enormes — retenção de veículos, estelionato, estelionato, furto por descuido, homicídio, falsidade ideológica, estelionato, estelionato, outras fraudes. Era um estelionatário. Como é que uma pessoa dessa não é conhecida, não é identificada, quando ele tem uma folha policial, de 97 a 98, que é uma folha policial absolutamente suja?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu fui embora em 97 de Uruguaiana. Morei em Porto Alegre 24 anos. Voltei em... voltei em... em 99. Noventa e nove? É, 99. Então, nesse período que ele praticava isso, eu não estava morando... eu vivia em Porto Alegre, eu não estava aqui. E vinha aqui, não me junto com essa gente. Eu não ando, não sei, entendeu? Então, por que eu digo: não sabia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor não tinha conhecimento da folha?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não tinha conhecimento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa pessoa aparece, então, a partir do dia 5 de novembro, quando o senhor a encontra, a encontra na rua. Mas o senhor disse que um guarda que lhe dá segurança avisou que a figura era problemática.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, depois, depois que eu conheci ele, na semana, depois da segunda-feira que ele prestou depoimento, ele foi na minha casa umas duas vezes. Aí o guarda me conheceu: “Ah, é esse aí, é o



Fulano, o Fulano, Fulano". Mas quem é esse Fulano? Aí começou a falar quem era ele. Eu digo, mas não, está me ajudando o cara aí, está dando...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tinha informação de que ele tinha dado um depoimento que o envolveria.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele mesmo disse que ele mentiu o depoimento, a mando desse Deputado Caio Riela.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E, logo em seguida, ele se propõe a fazer uma modificação nesse depoimento?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim. Tem problema na modificação, porque o Caio Riela estaria ameaçando matar.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E aí passa a fazer também pressões ao senhor do ponto de vista econômico?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Depois que eu prestei esse depoimento...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Entendo.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - ...ele conversou com meu advogado, o Dr. Braccini, foi lá visitar o Braccini e pediu uma ajuda, que tinha saído desse Proteção à Testemunha, e aí por diante. Então, a gente... Depois que fiquei sabendo, realmente, que o intuito dele era pegar dinheiro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E o senhor não o atendeu.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, falei com ele acho que uma semana, uma semana e pouco, e não falei mais.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em nenhum momento o senhor não pagou qualquer tipo de coisa, de forma nenhuma?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, de forma nenhuma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De forma nenhuma.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa gravação que é feita então é feita com gravador da sua propriedade?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, um do jornal, um pequenininho que tinha na minha sessão.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem esse gravador ainda? Ele...



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Esse gravador eu perdi na RBS TV. O dia que eu fui dar uma entrevista, eu deixei ele para a RBS. O pessoal da RBS também deve saber que eu perdi um gravador. Acho que a repórter está aí. O dia que eu procurei o gravador, não achei. Um gravador assim, pequenininho. Não sei se eu perdi na RBS ao chegar, chegando na RBS, entendeu? Mas eu comentei lá na RBS do gravadorzinho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas, então, Deputado Pimenta, pelo que vejo, a testemunha nos coloca que, se o gravador não tem fita...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele não tem fita, não tem fita.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E ele sumiu numa audiência que representa a RBS e outra qualquer emissora, nós não vamos sequer ter o equipamento...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas ele não tem fita, o gravador.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas, se não tem fita, a gravação está dentro de um aparelho que hoje a gente não encontra mais.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas eu saí com o gravador, e gravamos. E eu fui na RBS, e derrubei ele chegando na RBS. Eu derrubei lá na RBS, mas comentei com a repórter daí que o meu gravador, onde é que estava o meu gravador, se ia procurar na RBS o gravador.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor disse que tinha trechos na gravação que uma motocicleta entrava e que não se deu para gravar tudo.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É. Mas na gravação o senhor pode ver que tem “buuuuú”.. um barulho que é de moto.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas o que é importante, Sr. Jair, é que nós deveríamos ter o original ou gravador original, até porque trata-se de uma cópia o CD. Nós temos certeza que o senhor fez o máximo possível para ter a cópia original, igual ao original. Mas como nós estamos num ambiente de discussão jurídica é preciso que se tenha o original. E, pelo que entendo, esse gravador já... o senhor não...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, eu perdi ele nesse endereço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor perdeu ele. Já não existiria esse gravador neste momento.



O senhor fez outra afirmação muito forte aí, de que nunca foi feita nenhuma apreensão de grande quantidade de armas nessa fronteira.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu tenho jornal e nunca o jornal noticiou isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De drogas, sim?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - De drogas, sim. Drogas, realmente, já houve, entendeu?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Apreensões importantes?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, já houve.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem informações de que há tráfico de drogas e armas juntos, ou não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não tenho informação nenhuma. De arma, eu não tenho informação nenhuma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De droga, sim?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - De droga sempre tem aqui em Uruguaiana, mas não tem informação de quem é, quem não é, entendeu? Falam. Comentários no geral.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu entendo. A pergunta é isso: o senhor tem essa informação de que...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É porque eu tenho o jornal, e no jornal está toda hora o pessoal noticiando, entendeu? Mas não são grandes quantidades que a gente vê aqui em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem idéia de quanto, em termo de quantidade?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não tenho nem idéia não. Não tenho idéia. Nenhuma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Vai ter um carnaval aqui na quinta-feira.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tem.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A tendência é aumentar esse tráfico de drogas nesse período de carnaval, o senhor que acompanha essas informações?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu acho que o carnaval nosso é o maior carnaval do Rio Grande do Sul. A tendência, realmente, onde tem um público muito grande... Há 30 mil pessoas aqui em Uruguaiana. Realmente, o tráfico de drogas deverá correr solto, entendeu?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Deve aumentar?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, deve aumentar.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E não existe forma, as autoridades de fronteiras não estão preparadas para poder, neste momento, mesmo sabendo que vai ter uma festa daqui a 2 dias e que vai aumentar, não se tem uma forma de prevenir ou uma ação que possa reduzir esse tipo de situação que pode ocorrer?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - A Polícia aqui do Rio Grande do Sul é muito carente. Nós aqui em Uruguaiana precisamos de um efetivo dobrado, tanto na Brigada Militar como na Polícia Civil, e não se tem essa segurança. As ruas de noite aqui não têm polícia. Então... Mas não é culpa de Uruguaiana, é geral no nosso Estado. Não sei se dá na Bahia, no Estado da Bahia, mas ocorre aqui em Uruguaiana. Infelizmente, numa área de fronteira, a gente tem pouco policiamento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem informações sobre lavagem de dinheiro?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Não tenho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem informações sobre esse assalto que houve aí numa casa corretora de câmbio, aí na fronteira também, há um mês atrás?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Soubemos, soubemos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor teve alguma informação adicional do que ocorreu?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não, não. Soubemos que assaltou, e o total. Só.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Somente a notícia que foi lá publicada.

O senhor trabalha com títulos?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem uma corretora de títulos?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Eu compro títulos ao portador de dívidas, aí intermedio. Eu não tenho título.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sim, senhor. Mas o senhor tem um estabelecimento para isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas é normal...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas o senhor é autônomo? Como o senhor trabalha com isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas é que qualquer pessoa no Brasil que tem títulos públicos — vamos botar do Brasil —, que tem títulos públicos, tem PETROBRAS, ELETROBRÁS, LTN, tem vários títulos que estão aí, esses títulos prescritos, esses títulos podres que tem aí, tem alguns que ainda valem pelo menos pra pagar conta de Imposto de Renda, pra isso, pra aquilo. Então, a gente tem e intermedia pra gente que precisa. A gente sabe quem tem, faz a intermediação.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor não tem uma corretora então para isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não tenho.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor é autônomo no ramo?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Autônomo no ramo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem contas na Argentina ou em outro país?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não tenho conta em lugar nenhum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Todas as contas suas..

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Estão no Banco do Brasil.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ... bancárias são contas em bancos nacionais.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Banco do Brasil.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem alguma informação de interesse desse senhor “Z” em poder envolvê-lo de alguma forma?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - A informação eu acho que é política, pelo que ele falou. Eu não tenho outra informação. Eu não o conheço, nunca vi. Vai me envolver por quê? Eu não cheguei a essa conclusão. Todo o mundo pensou e não achei outra saída.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor falou com ele por telefone celular tem idéia de quantas vezes? Quatro, cinco, dez?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Uma meia dúzia de vezes, dez vezes, quando muito. Nem isso.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em que momento o senhor deixou de falar, deixou de atender os telefonemas dele?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Daí uma semana e pouco é que soube que, realmente, o que ele queria era dinheiro, que era o principal dele, e fui saber, realmente, quem era ele.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor interrompe a comunicação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, aí não atendi mais. Esse cara quer me extorquir e, de repente, vai me assaltar também. Aí interrompeu.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A ameaça que o senhor sofreu na escola, no barracão...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - No barracão de escola.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa ameaça o senhor não registrou diretamente lá na Polícia...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Na Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E na Polícia Civil, sim?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Na Polícia Civil eu registrei por telefone. Me telefonaram dizendo que...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor ligou para registrar?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Fui na delegacia e fiz...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor foi pessoalmente e registrou...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Fui pessoalmente no Delegado, a Betina, e fizeram a ocorrência.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas nenhuma ocorrência anterior a essa, de uma ameaça por telefone?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Por telefone. Essa daí, uma semana e pouco, esse rapaz...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Uma ameaça pessoal aí.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pessoal. Eu não sei se alguém sabe o nome dele. É fácil saber? Se puder perguntar pra alguém da polícia que esteja aqui, vai saber o nome dele. É um que assaltou uma lotérica e tem um bracinho assim, meio torto...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas esse aí o senhor não fez um registro formal?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Esse eu comentei com o delegado federal. Não me lembro se ele colocou no dia que eu depus ali, pra fins da CPI. Mas o Delegado está ciente, porque eu informei o delegado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas foram 2 ameaças....

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Duas, uma em cima da outra.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Duas ameaças, uma próxima da outra.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É. Uma que queria matar o "Z", se eu não desse dinheiro, e dizer que fui eu que mandei matar; e outra, no mesmo dia, que se eu não... outra opção é que ia me matar. Aí eu disse: *"Bom, eu vou dar dinheiro. Matar, então"*.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O.k., eu estou satisfeito.

Deputado Francisco Appio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tenho algumas dúvidas, Sr. Jair. Por isso, tenha um pouquinho de paciência comigo.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Está bom, não tem problema.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Enquanto o senhor está folheando aí, Deputado, posso fazer uma pergunta? Deputado Appio, vou fazer uma pergunta enquanto o senhor está olhando aí, tá?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ainda não, ainda não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que está procurando aí?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Estou procurando o meu gravador e os... Os gravadores são pequenos, não é, Jair?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, é um pequenininho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O meu é tão pequeno que sumiu aqui.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Então, esse era pequenininho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Queria mostrar se era igual. Pergunte...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, eu ia falar sobre o gravador também, por isso que eu não quero atrapalhar sua pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O gravador era deste tamanho?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, desse tamanho. Por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Parecido com esse?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não, mais velho. Esse não é... Desse tamanho era, mas era... não tão sofisticado como esse. É um comum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Esse também já é comum, Jair. Jair, já se foi o tempo da fita, obviamente. Os digitais, MP3, essas coisas, são muito comuns. Mas você falou que era um gravador antigo.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É antigo, mas desses pequenininhos. Mas não tem fita. Mas é antigo. Comprei na Baixada. Até eu posso dizer onde eu comprei, aqui, e o rapaz até pode vir testemunhar, se depender...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Mas nós poderíamos, então, retificar sua declaração, porque não é um gravador antigo. Porque antigo é o de fita, desses de fita cassete.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, esse não tem fita, mas era antigo, no jornal, o que eu tinha. Esse gravador, no jornal, eu peguei do jornal. É velho, velho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Com fita cassete? Aqueles das fitinhas pequenas?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não. Não tem fita nenhuma. Direto. Ele gravava direto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Hum-hum!



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não tinha fita nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Apertava um botão...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Apertava e...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... e saía gravando?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não tem fita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É o gravador digital.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, não tem fita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Hoje não se usa mais o...

Alguns até usam. Mas este gravador que o Dr. Braccini usou, com seu consentimento...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aliás, solicitou ao senhor para gravar a fala da Testemunha Z, voltou, ainda na segunda-feira, às suas mãos?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim. Voltou para eu mandar degravar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Isso, e foi o que o senhor fez, não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu fiz. Eu saí, depois que eu gravei, e fui na RBS dar entrevista, e larguei ele com o telefone...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Essa entrevista o senhor deu logo... O depoimento dele foi dia 7 de novembro, não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor se reuniu com o Braccini e com ele na tarde do dia 7, depois...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Dia 7, isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ...depois da gravação ou depois do depoimento no Ministério Público Federal?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu fui à RBS dar uma entrevista, não lembro a data.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não lembra a data?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Eu fui à RBS... As gurias estão ali. A Talia sabe que eu fui lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, e quantos dias depois?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Bah! Não lembro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou logo a seguir?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi em seguida que deu esse estouro aqui, entendeu? Não lembro quando é que deu. Eu não estou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou seria após a publicação da revista *ISTOÉ*?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Após a publicação, com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi após a publicação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Após a publicação da revista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, o senhor ficou com o gravador do dia 7 de novembro até 14 de dezembro.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, fiquei. Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E nesse meio tempo o senhor providenciou cópias, o senhor tem em CD...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tirei cópia, tudo. Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Lembra quando é que tirou a cópia?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Na semana. Terça ou quarta-feira eu tirei a cópia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu estou insistindo num... poderia até parecer irrelevante, Jair, porque o senhor não é objeto de investigação; é a Testemunha Z que é objeto de investigação...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... mas há uma contradição. Ele afirma, por exemplo, que houve uma gravação no aparelho que estava no escritório do Dr. Braccini...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não é verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o que o senhor relata é de um aparelho que o senhor...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Que eu emprestei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... foi buscar no jornal.



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tanto é que o Braccini foi lá buscar o meu aparelho na minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - De propriedade do jornal...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - De propriedade do jornal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que o senhor emprestou ao Braccini, depois retomou.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ficou com o gravador até depois de 14 de dezembro.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, pra mandar degravar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Após a publicação na revista *ISTOÉ*, o senhor foi à RBS?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Fui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi. O senhor foi espontaneamente ou foi convidado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Eles me convidaram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi convidado a prestar depoimento.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Convidado a prestar depoimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aí, o senhor levou a gravação?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Levei e entreguei... no momento de a RBS escutar o CD. Escutaram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, o senhor levou ...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Levei o gravador e o CD.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O gravador e o CD?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O gravador e o CD.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tá.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Deixei um na RBS, que ia mandar pra....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Uma cópia do CD?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Uma cópia do CD. E larguei ali e não achei mais o gravador. Eu até comentei com as gurias da RBS: eu não sei onde está meu gravador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor teria deixado em cima de uma mesa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu devo ter deixado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim. E o senhor também não se preocupou, porque era uma matéria explosiva no gravador.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pois é, mas já tínhamos 4 ou 5 CDs gravados daquela matéria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Como o senhor é dono de jornal, o prejuízo era teu mesmo, não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não tinha nada. Já tinha a gravação gravada no...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor sabe quanto custa um gravador digital, não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu comprei ali na banca e paguei 200 reais. Não sei quanto é que custa, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Um pouco mais que isso, não é? Mas, de qualquer modo, Jair, é irrelevante. A gente está tentando aqui, na linha da investigação, saber se houve ou não houve vazamento das informações.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não houve. O Deputado Pompeo nunca me deu nada. E o Deputado, eu fui afiliado ao partido dele, concorri como Deputado Estadual, ele, Deputado Federal. Não passei na Convenção do PDT, discuti com Leonel Brizola na época, e ele vetou meu nome. E eu segui. Depois, o Deputado se elegeu, a gente ficou... não amigos, mas conhecidos, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A gravação teria sido num gravador seu, e não do Dr. Braccini? Essa é a questão, não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não era do Braccini.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Há um momento no depoimento da testemunha relacionada com um possível vazamento em que a testemunha afirma que o Dr. Braccini, reunido com o senhor e com a Testemunha Z,



apanhou numa agenda, que nós não sabemos se é esta, faremos uma acareação, o nome e o telefone do Deputado Pompeo, usou este aparelho ou um semelhante ao seu, discou para o Deputado no seu telefone, telefone de sua propriedade, e que o senhor, conversando com o Deputado, colocou no viva-voz, em cima da mesa, e conversou com ele. Esse fato aconteceu?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nunca aconteceu. É completamente mentirosa a afirmação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sei.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pode pegar meu telefone. O que ele falou, se não me engano, é 84, está aqui a conta telefônica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, o senhor poderia...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não tem nenhuma ligação para o Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Qual é o telefone, esse Motorola? Qual é o número?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O número que eu tenho, que ele teria falado, é 84070057.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por gentileza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O telefone, esse é o seu? 84?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Esse foi o que me informaram que ele estava ...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por gentileza, o senhor poderia passar a conta para...?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tem uma ligação dele aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Essa conta aqui é desse telefone que o senhor tem no bolso? O senhor poderia...?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - *(Intervenção inaudível.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor poderia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No microfone, por favor, Jair. Só para ficar registrado. Eu peço ao Relator que refaça a pergunta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, pelo que eu vi, o senhor tem contas dos seus telefones. O senhor guarda as contas?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Guardo a conta de pagar, mas o memorial eu não guardo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Guardo os pagamentos, não guardo aquele monte que vem. Mas é fácil.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o número desse telefone que o senhor tem aí?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - 85154854. Esse aqui estava estragado. Não estava funcionando na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - 85154854?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - 4854.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É o único Motorola V-3 que o senhor tem?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu acho que esse aí nem é Motorola. É um azul também desse aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem outro telefone idêntico a esse?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, esse é único.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor tem 81548...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Estão todos os meus telefones aí. Eu mandei aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem 81154854, que é esse aí? 85?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - 81154854?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, este aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse aí. O senhor tem o 99753231?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem o 84070057?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Que é esse aí, que o senhor tem a conta aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o 99725188?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor teria como nos fornecer, hoje, essa mesma conta relativa a esse mês desse telefone que o senhor tem na mão?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Esse telefone estava fora do ar nessa época. Esse telefone não estava no ar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas tem conta igual.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Posso ver se eu tenho, mas lhe garanto que ele estava fora do ar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Desde quando ele está fora do ar?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele ficou uns 3 meses fora do ar, 3 ou 4 meses.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ficou cortado, não estava funcionando?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não. Deu um problema de chip e teve que ir pra lá... para o Rio de Janeiro. Deu uma confusão e custaram a religar de novo ele. Mas, eu tenho certeza desse telefone aqui...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim. O problema era o chip ou era o aparelho?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. No aparelho. Deu um problema na central lá da TIM.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor afirma que, durante este período...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu opero, não tem problema nenhum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...nesse período, não estava funcionando esse aparelho?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É. Ele passou uns 90 dias fora do ar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse período de novembro, dezembro?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas se tiver conta eu lhe dou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só estou lhe perguntando se ele estava funcionando em novembro e dezembro.



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, acho que não estava. Novembro e dezembro não estava não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem algum outro telefone que tem viva-voz?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu nunca ouvi... não sei mexer no viva-voz, mas todos os meus devem ter viva-voz. Mas lhe dou as contas tudo. Peço as contas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Permite, Deputado? Jair... Gostaria de pedir a testemunha novamente... É possível que no mês de novembro esse telefone estivesse operando? É possível que alguma ligação o senhor tenha feito no mês de novembro?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Para o Deputado Pompeo de Mattos, com certeza, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, a colocação não é exatamente esta. É possível que este telefone estivesse operando no mês de novembro?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele ficou 90 dias fora do ar, esse telefone. Eu acho que ele não estava no ar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Poderia ser fevereiro, janeiro e dezembro, então. Novembro poderia...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não. Ele voltou faz um mês e pouco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas, de qualquer modo, vamos encurtar a conversa, Jair? Eu sei que há uma disposição, o teu advogado declarou isso, de disponibilizar todas as contas. Por favor, a título até de contribuição com as investigações, faça chegar às nossas mãos as contas do período de novembro, dezembro, de todos os telefones.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não tem problema nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Veja bem: não és obrigado a fazer, viu Jair?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas eu faço.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, é que eu disse... o teu advogado declarou aqui que tu tinhas a intenção, até para um completo esclarecimento disso.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, lógico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Veja bem: tu não és obrigado, porque não és objeto de investigação, correto?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, mas eu faço. Eu faço questão de entregar as contas. Só não tenho o memorial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim, sim.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu até pedi, até pedi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, mas isto, pede segunda via. Eles te fornecem.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu até pedi segunda via. Já pedi. E a VIVO não me entregou... até de uma. Mas eu tenho... Não tenho problema nenhum, eu forneço pra vocês, não tem problema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Veja bem, Jair, para lisura até do inquérito, gostaria que reafirmasse: não é a CPI que está pedindo os extratos de suas contas, é a testemunha, que já disponibilizou, através do depoente anterior, seu advogado, e reafirmado aqui por sua pessoa, que quer colocar à disposição, para...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu encaminho pra CPI todas as contas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É. Faz um requerimento às operadoras, elas...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Encaminho de todos os telefones que eu uso. Não tem problema nenhum. Faço o requerimento e encaminho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Perfeito.

O segundo ponto... Então, nós retificamos: não é um gravador antigo, porque digital já é, né...? Antigos são aqueles de fita.

Segundo ponto: o Motorola V-3 que estaria em uso é esse aí? Não existe outro Motorola V-3...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu só tenho este aqui. Eu só tenho esse telefone. Se é V-3, é esse.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. E que é o telefone que você usa, né, porque é o que você trouxe. Os outros você não trouxe, não é?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu não tenho... mas esse aqui eu uso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Um segundo ponto que ficou em dúvida é a respeito da Marieli, que, não sei se tem conhecimento, ela depôs aqui na CPI. Mas por que razão você afirmou, Jair, que o teu telefone está grampeado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, porque essa testemunha disse: *“Todos os meus telefones estão grampeados”*. Ele mesmo disse para mim. *“Estão grampeados, não liga”*. Eu disse: *“Bah, mas grampeados por quê?”* — *“Mas estão grampeados. Eu sei que estão grampeados. O delegado Neves me informou que estão grampeados todos os teus telefones.”* Eu digo: *“Estão grampeados, para mim é melhor. Não falo com nenhum traficante, não falo com nenhum contrabandista, estou bem. Entendeu? Que ele esteja grampeado não tem problema nenhum.”*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Jair, até convém esclarecer bem que, em determinado momento, a testemunha se apresentava como federal, como...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim, ele era....

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ao senhor também se apresentou nessas condições?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim, fez um bilhete como funcionário da Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E esse bilhete você conserva ainda?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu botei fora o meu. Por sorte, meu advogado guardou um dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O advogado tem um bilhete?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É. Encaminhou, eu acho, à Delegacia Federal, no depoimento que ele prestou na delegacia.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Vamos a outro ponto, que é o último ponto de interesse deste Parlamentar, sem prejuízo das inquirições que ainda podem ser feitas à testemunha. Marieli esteve ou não esteve no escritório do Dr. Braccini na data referida, quando lá se encontrava a Testemunha Z?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Olha, a Marieli esteve lá, mas não entrou. Não sei se ela... Sempre eu estou lá com o doutor, ela chega. Mas agora eu não sei se nesse dia que estava o “Z” ela esteve lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ela afirma que conversou contigo naquele dia.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Conversou comigo na frente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O Dr. Bra...

(Falha na gravação.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas por quê? É fácil lembrar se a Testemunha Z estava ou não estava presente.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O meu contato foi de dar dinheiro pra ela. E, com ele, ele tinha uma situação da *(ininteligível)* com ela, para devolver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Dentro ou fora do escritório?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, fora. Na frente. Não foi dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não foi dentro?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi dentro de uma ante-salazinha assim. Ela não viu a Testemunha Z.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A ante-sala do escritório?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, na frente, ali. Acho que ela não entrou não, não entrou não, porque, em seguida ela vai lá. Eu estou com o Braccini, ela vai lá. Então não lembro se ela entrou ou não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nós queremos saber se a testemunha faltou com a verdade.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, ela não viu.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Mas ela, ela atendeu... Vamos esclarecer. Ela conversou com você dentro do escritório, na ante-sala ou na rua?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Na rua, na porta. Não foi... Nem, nem entrou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nem ante-sala?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nem entrou. Não entrou. Na porta. Eu fiquei na porta e ela do lado de fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sr. Relator...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela estava sozinha?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ela tinha um filho com ela. Com um filho, se não me engano, no colo. Não, não lembro... O filho estava no carro. Acho que o filho estava no carro dela, não sei...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Senhor...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu falo com a Marieli seguido, então, não posso afirmar que, naquela data... Sei que estava com o filho. Agora, não sei se estava no colo ou se estava dentro do carro dela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sr. Relator, consigne, por favor, que a testemunha declarou que Marieli não entrou na sala, muito menos na ante-sala...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não viu a Testemunha Z de jeito nenhum, isso eu tenho certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... muito menos na ante-sala, e sim na rua.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É. Eu falei na porta com ela. Na porta, ela na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... que a testemunha não viu a Testemunha Z.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não viu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Marieli não viu a Testemunha Z.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não viu.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Outro ponto: que Marieli conversou com Braccini.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Conversou... Conversou, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Conversou?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu acho que conversou com ele, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então teria Braccini também saído?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Saiu. Saiu, saiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ao mesmo tempo que você, Jair?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Porque ela me ligou e eu falei: *"Ah, Marieli, eu estou aqui com o Braccini"*. O Testemunha Z escutou, porque eu falei com a Marieli no telefone e disse: *"Vem aqui no Braccini"*. Por isso que ele escutou que era a Dona Marieli.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ela ligou para esse telefone que... esse V-3, esse Motorola V-3.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não foi para esse, foi para o outro telefone. Para esse telefone ela não liga quase.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então o senhor estaria com vários telefones naquele momento?.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ela ligou pra um desses 4 para mim, e ligou a cobrar. É fácil identificar também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ligou a cobrar.

Jair, reforçando, mais uma vez, que: a necessidade da investigação é para elucidar os fatos que estão vinculados com eventual vazamento.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não há nenhum processo aqui nesta CPI em direção a V.Sa., absolutamente.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu quero deixar bem claro que, entretanto, existem dúvidas. A propósito, Marieli conversou com Braccini dentro ou fora do escritório?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Se ela não entrou... Falou fora com ele, porque ela não entrou no escritório.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Mas você viu o Braccini conversando com ela lá fora?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Falou. Falaram um segundo. O negócio de uma... da luz...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, provavelmente mais de um segundo, né?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, mas rápido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Força de expressão, não é? Rápido.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É força de expressão, mas é negócio de uma luz. Não foi mais que isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, neste momento, tanto o Jair como o Braccini deixaram a Testemunha Z sozinha na sala.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, mas o escritório do Braccini é pequeno. Ficou na sala...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, eu quero recolocar — e que o Relator faça boa nota disso — que, nesse instante, Braccini e Jair deixaram a Testemunha Z dentro do escritório; que, portanto, não foi visto pela Marieli...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. Disso daí eu tenho certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - ... mas que ficou sozinho dentro do escritório, porque também não havia mais ninguém.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas tem uma portinha só, também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não havia mais ninguém, não é, Jair?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não havia ninguém. Eu não vi ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, é um instante em que tanto o senhor como o seu advogado deixaram a Testemunha Z sozinha, dentro do escritório. Isto é pacífico.



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que o Relator tome nota dessa informação. E eu me considero satisfeito. Se o Relator desejar formular mais alguma questão, por favor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sobre a questão do gravador, quero entender bem direitinho. O Braccini foi lá, no sábado, à sua casa. Ele pediu um gravador emprestado. O senhor tinha o gravador em casa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha o gravador em casa. O Braccini já sabia como é que operava aquilo ali?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas é simples, é só apertar e grava.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Aí o Braccini pegou para gravar no sábado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, não sei. Ele pegou o gravador e levou o gravador. Agora, quando ele ia gravar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Porque ele falou para o senhor: *“eu estou com o cara lá no escritório..”*.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, eu vou... eu vou... Já aconteceu um caso comigo semelhante, de um problema que ele teve com um cliente dele: *“Deixa eu levar que eu vou gravar isso aí neste instante”*. E não disse que dia ia gravar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E não gravou no sábado a conversa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não sei. Gravou na segunda, se não engano. Parece que gravou na segunda, não gravou no sábado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa conversa foi na segunda?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, parece que ele gravou na segunda.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Aí ele deu para o senhor degravar?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Depois me deu o gravador...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele gravou segunda à tardinha?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ah, não sei quando.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero entender o que aconteceu.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ele gravou segunda. Agora, acho que foi antes de... do...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E quando foi que ele devolveu para o senhor o gravador?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Me devolveu segunda, à tardinha. Me devolveu o gravador na segunda-feira, à tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o cara não sabia que tinha sido gravado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não sabia. Não sabia. Não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí o senhor pegou esse gravador na segunda-feira e levou quando na Rádio Charrua?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu levei na semana à Rádio Charrua, acho que foi terça ou foi quarta, e eu degravei a fita.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse gravador tem como ouvir sem...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tinha. Eu apertava e escutava a conversa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Escutava o que tinha sido gravado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É, escutava.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, o senhor levou na Rádio Charrua e pediu pro...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Um amigo meu, o Roger, fazer a degravação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Roger fazer a degravação.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí ele fez a degravação e gravou o CD.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - A gente gravou 4, 5 CDs, entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na hora ali já saiu com 4 CDs.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Já saí. Mandeí um para a *ISTOÉ*, que tem... a *ISTOÉ*, tem uma coisa muito preocupante na *ISTOÉ*, naquela foto.



Aquela foto da *ISTOÉ*, minha, é de 98, quando eu fundei o PPS aqui em Uruguaiana. Como é que esta foto foi parar na *ISTOÉ*? Em 98!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor perguntou para eles?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Perguntei e disseram que mandaram a foto. Essa foto só quem tinha era gente chegada a mim, que é a Soraia Salomão, que, hoje, a Soraia Salomão é assessora do ex-Deputado Caio Riela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Deixa eu só entender...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Essa foto minha, pra esclarecer...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não. Quero entender uma coisa.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Hum?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, segunda-feira, pegou o gravador, foi naquela semana na Rádio Charrua.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Roger fez 4 ou 5 cópias.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ainda naquela semana.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Daí, o senhor mandou uma para *ISTOÉ*...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mandei pra *ISTOÉ*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mandou para quem?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mandei pra *ISTOÉ*, acho que... se não me engano, acho que mandei pra CPI. Acho que mandei pra CPI também, se não me engano. Mandei?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mandou para a *ISTOÉ*, para a CPI...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Entreguei uma pra RBS.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para a RBS, perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Outra ficou comigo, dei uma para o Dr. Braccini...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O que eu não estou entendendo é o seguinte: a *ISTOÉ* publicou essa matéria no dia 13 ou 14, 13 de dezembro.



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim. A *ISTOÉ* me ouviu, não colocou uma palavra minha, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Prefeito, perfeito. E essa gravação foi feita no dia 7 de novembro. O senhor foi à Charrua, suponho eu, ali pelo dia 10 ou 11 de novembro.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E mandou a cópia para a *ISTOÉ*.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não. Não sei quando eu mandei a cópia pra *ISTOÉ*. Eu mandei depois que saiu a notícia. Eles me entrevistaram e eu contei... O cara me ligou, da *ISTOÉ*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um mês depois?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pode ser um mês depois. Eu mandei depois, porque...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um mês depois, o senhor mandou para a RBS...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu dei pra RBS uma cópia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor ficou 1 mês com as cópias?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim, fiquei 1 mês com as cópias.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um mês com o gravador. Aí, no dia que o senhor foi à RBS o senhor perdeu o gravador?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Sim. E são testemunhas várias na RBS.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só pergunto se é isso, para que fique claro que é isso.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É isso. É isso. E eu mandei pra *ISTOÉ*, só pra esclarecer à *ISTOÉ*. E essa foto minha, que é uma coisa que está muito complicada, a *ISTOÉ* me ligou e eu expliquei toda a situação. A *ISTOÉ* não botou uma linha do que eu falei, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - E essa foto é de 98, quando eu fundei o PPS aqui. Como é que a *ISTOÉ* foi ter acesso a essa foto minha?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Desconheço totalmente. O senhor realmente está bem mais novo na foto.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Estou bem mais novo aí. De 98 essa foto. Como é que a *ISTOÉ* pegou uma foto, com um chapéu do PPS — nem existia PPS em Uruguaiana, a gente fundou o PPS aqui —, e largaram para lá? Há quem diga que esse matéria foi até paga, e eu estou entrando com uma ação processando a *ISTOÉ*, agora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem teria mandado essa foto?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Aí é a incógnita, entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que o senhor acha?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O que eu acho é o seguinte: quem tinha essas fotos, quando eu fundei o partido, foi uma companheira nossa da época, que era a Soraia Salomão, que hoje é assessora do Deputado Caio Riela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que foi ela que mandou a foto.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ela tinha várias fotos da época. Nem eu tinha essa foto, Deputado. Nem eu tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor continua achando que tudo isso aí foi armado pelo Caio Riela.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - O indicativo, com essa foto...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa foto para o senhor é mais uma evidência...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É mais uma evidência.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... dessa tese.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Dessa tese de que alguém podia mandar foto minha recente, porque eu tenho foto em tudo que é lugar. Agora me mandam uma foto de 98 com o boné do partido na frente! Porque eu tenho foto mais nova. Entra num *site* aí qualquer, vai pegar uma foto minha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Aí está me dando uma tese de que realmente tem mais alguém e querendo prejudicar o Deputado Pompeo de Mattos. Também não tenho motivo. Para quê? Eu não ia prejudicar, porque eu não sou candidato, não quero mais nada com política, saí.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que poderia ter uma intenção de prejudicar o Deputado Pompeo de Mattos, que nem o senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu acho que deve ter alguma coisa querendo prejudicar, pois tudo leva a crer que o Deputado... não me deu nada e faz uma celeuma dessa em cima de uma coisa que nunca existiu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não porque eu não quis, porque eu tentei, por todos os meios, que o Deputado me ajudasse.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Todos os meios significa o quê?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Pedindo para um amigo, para isso, pedindo para que me desse uma luz, entendeu? Eu estou preocupado! Eu estou numa CPI e quero saber! É um direito meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma questão, para que a gente não fique aqui com mais de uma versão sobre o mesmo fato. A senhora... Como é o nome dela mesmo?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Marieli.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela conversou com o senhor, o senhor acredita que foi na segunda-feira, aquela que o senhor estava lá. O senhor tem certeza ou o senhor acha?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu acho que foi na segunda, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Eu acho que foi na segunda-feira, porque ele estava lá; foi na segunda-feira. Se bem que ela fala todos os dias comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela ligou para o senhor antes?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Ligou, e eu disse onde eu estava.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor disse: eu estou aqui no Braccini.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Por isso que o testemunha "Z" escutou eu dizer quem era que vinha falar comigo. *"Ah, eu estou aqui no Braccini, Marieli. Vem aqui"*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A testemunha conhece ela?



O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não sei. Acho que não. Não conhece, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, não conhece. Acho que não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, pessoalmente, nunca tinha encontrado essa testemunha “Z” antes?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nunca vi na minha vida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca trabalhou para o senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, nunca. Nunca vi. Não conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca prestou nenhum tipo de serviço para o senhor?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nunca, nada. Não conhecia. Não conhecia ele. Nunca vi ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E depois também nunca mais viu?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Depois também nunca mais vi. Ele só andava por aí, mas cortei, não falei mais. Vi quem ele era, vi que ele quer dinheiro, não tem condição. Não vou dar. Eu digo, se seqüestrar a minha esposa hoje, eu não vou dar dinheiro para o resgate. Eu não dou. É meu sistema. Não dou para nenhum vagabundo também. Não tem por que dar!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor disse que foi assaltado recentemente.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Fui. Quase me mataram.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conseguiram prender quem foi?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Prenderam.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem foi?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi um tal de Nenê... Ah! o nome do outro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhecia eles ou não?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Nunca tinha visto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era gente conhecida?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era aqui de Uruguaiana mesmo?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tudo de Uruguaiana. Tudo de Uruguaiana. Tudo daqui. Os assaltantes aqui são os mesmos. Não tem... Não tem... Vai num albergue aí... A maior desgraça do mundo é largar os presos na rua, no albergue. São os mesmos que assaltam.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não conhecia nenhum desses aí?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não conhecia. Quase me mataram!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas o senhor é um cara experimentado, com guarda, com tudo, e ainda é assaltado!

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Mas aí... E tem a guarda. Mas chegaram onze e meia da manhã, de gravata, com duas bolsinhas: *"Oh, temos um negócio no shopping, queremos falar com o Jair"*. Eu olhei, os caras de gravata, onze e meia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na sua casa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Na minha casa, onze e meia da manhã, de gravatinha, de pastinha. Olhei. *"Do shopping? Manda entrar!"* Onze e meia da manhã. Aí o guarda veio, acompanhou eles até a porta, um deu um passo para trás, puxou o revólver, botou nas costas do guarda. Nem o guarda... Aí o guarda não fez nada. E o guarda armado. Fazer o que com um revólver nas costas? Aí ele abriu, me quebrou os dentes e tudo. Não mataram porque acredito muito em Deus, se não teriam matado. Me deram um tiro de 45. Até hoje está lá o buraco no meu roupeiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi um assalto violento, então.

O SR. JAIR DE OLIVEIRA - Violento, violento!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Prenderam os caras?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Prenderam. Prenderam.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conseguiu recuperar o dinheiro roubado?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não. É que ninguém recupera nada em Uruguaiana. Prender prende, mas recuperar não recupera. Eu não vi



ninguém recuperar dinheiro nenhum daqui. Assalto dá todo dia, dinheiro não aparece.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem guarda em casa?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tenho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Segurança profissional?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Profissional.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na sua firma também?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, na firma não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem segurança?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Na minha mulher tem ali segurança agora porque estão querendo seqüestrar ela. E nem vai na loja mais para evitar que ...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vigilante profissional?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Profissional.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor falou que estão armados...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Não, os que estão comigo agora não andam armado mais. Na época tinha (*ininteligível*) que usava arma. Todos armados.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha quantos seguranças?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Tinha 2.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem eram?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Bah, era o Antônio... Esse do dia do assalto era o Antônio, no dia do assalto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que época foi esse assalto?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Foi em março, abril do ano passado. Quase me mataram. E ouvindo terror todo dia. O senhor pensa que... Eu não posso sair e baixar, com medo que me assaltem. Toda hora um me dizia: "*Olha aqui, está assaltando lá na escola de samba*". Pode me assaltar. Essa semana, chegaram: "*Vão roubar teu carro da frente*".

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Te avisam?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Chego na escola... Escola de samba, sempre tem o pessoal que avisa: "*Aqui, vão te assaltar hoje, vão roubar teu carro*". Então a gente fica apreensivo. Eu até estou pensando em ir embora de



Uruguaiana. Não dá para ficar aqui. Não dá para ficar. Não posso sair, estou preso. Fico preso dentro de casa. Oito horas estou dormindo em casa. Oito horas estou em casa, a não ser agora, que tem ensaio da escola de samba, estou na escola de samba. Mas, senão, 8h estou dormindo. Não saio. Se sair, não sei se vou voltar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor teve a oportunidade aqui de apresentar sua versão, que nós esperamos que seja verdadeira e comprovada...

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - É verdade. É verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA -... para o senhor poder ficar em paz. Lamentavelmente, uma outra testemunha, a respeito do mesmo fato, tem uma versão bem diferente. Quer dizer, nós não teremos outra alternativa, mais adiante, do que confrontar esses depoimentos, porque nós precisamos voltar para Brasília com uma opinião de quem está com a verdade.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Falando a verdade, claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deputado Appio, parece que o Deputado Colbert já fez as perguntas dele. Será? Tem mais alguma questão?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não. Registre-se apenas que os portes de arma perderam validade em setembro de 2004.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Seus guardas armados tinham autorização para andarem armados?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Acho que tinham, eram guardas, deveriam ter. A guarda deveria ter. Essa firma que presta serviço...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, era uma empresa que geria isso?

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Era empresa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vamos suspender os trabalhos, não é, Presidente, por alguns minutos, para poder dar uma planejada no andamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sr. Jair, é valiosa a contribuição que V.Sa. dá, mas há necessidade de prosseguirmos. Então, gostaria que se sentisse à vontade, mas permanecesse no local. Se há necessidade de alguma coisa, o senhor pode recorrer a mim, enquanto a Comissão delibera.

Suspendemos a sessão 5 minutos.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - *(Falha na gravação)* ... a nossa sessão para agradecer a testemunha, Jair dos Santos Rodrigues. Apenas



solicitar, Jair, que faça o esforço de não se afastar da cidade durante a tarde de hoje — sei que também não é sua intenção, sei que há negócios que o senhor pretende acompanhar —, porque poderemos necessitar novamente da sua presença para elucidar alguma dúvida. Muito obrigado.

O SR. JAIR DOS SANTOS RODRIGUES - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A testemunha está dispensada.

Solicitamos ao Delegado Dornelles que introduza a próxima testemunha. Faça chegar ao recinto da CPI a testemunha Paulo Roberto Franco Pinto.

Sr. Relator, Paulo Pimenta, Sr. Deputado Colbert Martins, senhoras e senhores que nos acompanham nesta investigação da CPI do Tráfico de Armas, já se encontra a testemunha, o convocado, Paulo Roberto Franco Pinto, que vem acompanhado do advogado que lhe dá assistência, Dr. Ernani Vilela Nelsis.

Por se tratar de oitiva de convocado, solicito ao Sr. Paulo Roberto Franco Pinto que preste juramento, conforme o art. 203, do Código de Processo Penal.

Em conformidade com o art. 210, do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal.

“Art. 342. Fazer afirmação falsa ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito tradutor ou intérprete, em processo judicial, policial ou administrativo ou em juízo arbitral.”

Que proceda ao juramento Paulo Roberto Franco Pinto como testemunha. Mais perto do microfone, por favor, faça a leitura.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Passamos a palavra, para a tomada do depoimento, ao Sr. Relator, Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nós sabemos que o senhor foi preso recentemente. No entanto, a sua presença aqui não diz respeito ao fato da sua prisão.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse é um fato que não diz respeito ao trabalho desta CPI.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Portanto, nós o convocamos aqui na condição de testemunha, a fim de colaborar com uma investigação que nós estamos fazendo. E nós buscamos obter informações que possam contribuir para elucidar o trabalho que a CPI está desenvolvendo. Por isso que ele depõe aqui na condição de testemunha e não na condição de indiciado, porque não diz respeito ao episódio que levou à sua prisão.

O senhor conhece o Sr. Jair Rodrigues?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece Jair Rodrigues? Nunca falou com ele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca trabalhou com ele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece um cidadão chamado Felipe Schervenski?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece o Felipe?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe de quem se trata?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca viu, nunca ouviu falar?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não me lembro não; que eu me lembre não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Felipe da Silva Vieira.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor; não, senhor. Só de vista, só de vista só. Eu não tenho relação nenhuma com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem relação nenhuma com ele? O senhor sabe que Felipe foi preso recentemente?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não teria tido algum contato com o senhor durante o dia que ele foi preso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele falou com o senhor no dia que ele foi preso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que circunstâncias ele foi preso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não me lembro porquê.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas ele tinha falado com o senhor no dia sobre o quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não estava fazendo nada com ele. Ele chegou na minha casa para falar comigo. E daí eu não dei muito assunto para ele. Daí ele pegou e saiu, daí prenderam ele em seguida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele estava saindo da sua casa?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Pegaram ele umas 4 quadras da minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele teria estado na sua casa naquele dia?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para tratar de quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Ele não chegou a falar, ele não chegou a falar. Ele disse que estava me investigando. Falou não sei para quem lá depois, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu não conhecia ele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Conhecia de vista.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas sabia quem ele era? Já tinha conversado com ele? Alguma coisa assim ou não?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Poucas vezes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Poucas vezes. Já tinha trabalhado com ele alguma vez?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estranho o cara ir à sua casa assim, dizer que estava te investigando, falar contigo e logo depois ser preso.



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Pois é, estranho mesmo. Ele... para mim, ele não falou que estava me investigando, falou para outras pessoas, depois.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele foi lá na tua casa para quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi a primeira vez que ele foi na tua casa?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já tinha ido outras vezes?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Tinha outra vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Outra vez?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Outra vez, outras...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Outra vez, para quê, para tratar o quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não falava nada, chegava ali, ficava quieto, não falava nada. Daí eu não dava assunto para ele, e ele ia embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma pessoa que tu não conhece, só de vista, vai na tua casa...

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Pois é.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E não fala nada?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Pois é. Ele chegava, normal, conversando. Eu não dava conversa para ele, e ele ia embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nesse dia que ele foi preso, ele tinha saído da tua casa?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Tinha, mas nem tinha entrado na minha casa, ele chegou no portão e já deu volta, porque eu não dei assunto para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Jair Rodrigues tu nunca falou na vida?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Rudinei tu conhece?



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Rudinei?... Conheço um Rudinei...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é o Rudinei?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Mas eu não sei o sobrenome dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele, o que ele faz, esse Rudinei que tu conhece?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Eu não sei em que ele trabalha. É estudante, eu acho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Você já tinha sido preso em outras oportunidades antes desta?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que tipo de...?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Suspeita de roubo, assalto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Roubo, assalto. Alguma vez foi preso por alguma coisa que envolvesse arma?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que tu tem para nos dizer aqui sobre questão de armas aqui na fronteira, o que tu sabe sobre isso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sei nada, não sei de nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca ouviu falar?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O pessoal assalta desarmado aqui?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não? Foi preso, estava armado?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não. Eu nunca fui preso com arma de fogo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece o Pilo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Pilo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é o Valau?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Valau, faz uns 15 anos que eu não vejo ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é ele ou não?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Ah, é um cara aí que eu conheci. Nós morava no mesmo bairro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Moravam no mesmo bairro aqui, em Uruguaiana?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe onde é que ele anda?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem notícia dele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabia que o Valau foi morto lá em São Paulo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabia que o Valau era um criminoso aqui de Uruguaiana e foi morto lá em São Paulo, envolvido com o PCC?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor. Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabia que existe uma forte suspeita e investigação de que poderia haver uma conexão de envio de armas a partir daqui de Uruguaiana para São Paulo que abastecia o PCC, na qual o Valau estava envolvido?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca ouviu falar nisso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é o Teodoro?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Teodoro?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Mecânico.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Hã?



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Mecânico.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mecânico. Ele é amigo do Valau?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - É. Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu não ficou sabendo que trouxeram o Valau para enterrar aqui em Uruguaiana?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Fiquei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então tu sabia que ele tinha morrido.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ou tu achou que o tinham enterrado vivo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, fiquei agora há pouco. Agora há pouco. Eu nem sabia, fazia 15 anos...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu perguntei se tu sabia do cara, tu disse que fazia 15 anos que não o via e não sabia que o cara estava morto.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Fiquei sabendo agora, há pouco tempo, que tinham matado ele. Fiquei sabendo agora há pouco que tinham matado ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabia que tinham trazido para enterrar aqui em Uruguaiana?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabia que tinham enterrado aqui em Uruguaiana?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que o Teodoro tem a ver com o Valau?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não sei, não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Faziam parte do mesmo grupo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não sei, não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem alguma disposição em nos ajudar na investigação que estamos fazendo sobre a questão que envolve tráfico de armas aqui na região?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Eu queria saber dos senhores se tem um laudo psiquiátrico da testemunha.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual testemunha?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Testemunha Felipe.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um laudo...

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Psiquiátrico.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Recente?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não consta não. Sei que tem um de 98. Por que razão a pergunta?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu tem alguma dúvida a respeito do estado de saúde dele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Tenho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Baseado no quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Boatos. Boatos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quais são os boatos?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Que ele é um cara que não regula bem, que é doente; que é um cara doente, uma pessoa doente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Explica por quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Uma pessoa que fez um laudo e depois constou que ele não é uma pessoa certa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês estão presos juntos?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Oi?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estão presos juntos?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na mesma galeria?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Na mesma galeria, mas ele está separado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está separado?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Está.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que tu sabe assim que pudesse nos ajudar para entender por que ele não é bem certo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Porque ele investigava e dizia que era Polícia Federal.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Ele mostrou alguma vez algum documento da Polícia Federal?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Duas carteiras.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Foi aquele dia que ele esteve lá em casa; que ele esteve ligeiro ali. Inclusive ele disse que podia prender qualquer um. Eu disse: *“Tá, muito bem”*. Daí eu não dei conversa para ele. Aí foi quando ele saiu, que ele foi revistado não sei por quem ali e foi preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Permita-me, Relator. Ele tentou extorquir dinheiro de você?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele não lhe fez alguma proposta?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não. Ele só me perguntava por armas. Eu disse: *“Eu não sei nada de arma”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele perguntou sobre armas, sobre quem traficava armas, provavelmente, não é?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu achas que ele andava investigando ou ele andava atrás de arma para comprar?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não sei. Andava investigando diz ele. Ele disse que andava investigando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele andava atrás de informações a respeito de quem é que poderia ter arma para vender.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era esse o objetivo que ele te procurava.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Isso. Daí eu não dava conversa para ele; eu não dava conversa. Daí, ele ficava ali; daqui a pouco já ia embora.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estava investigando quem é que vende arma, teria arma para vender aqui na região?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não faço nem idéia.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele é uma pessoa das suas relações assim de amizade, que te telefonava, o Felipe?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez ele te ligou?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez tu ligou para ele? Nunca falaram por telefone?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, que eu me lembre não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Informação importante é que no dia da prisão ele saiu da tua casa. Isso é uma coisa real.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não. Ele não estava dentro da minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não, mas ele tinha estado na tua casa.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Ele tinha chegado na frente da minha casa; dali ele saiu. Mas ele não entrou no meu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí logo em seguida ele foi abordado, e isso acarretou a prisão.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele estava com as carteiras falsas da Polícia Federal.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Qual foi o motivo que ele foi preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele mostrou naquele dia na tua casa as carteiras.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Mostrou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso é importante, porque isso desconstitui a versão dele de que ele não estava com os documentos, que os documentos foram...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Só para uma seqüência, Relator.

Ele te mostrou a carteira?



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Ele só me mostrou na carteira dele, abriu a carteira e me mostrou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E você comunicou à autoridade policial?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Você desconfiou de alguma coisa?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, porque ele vive no meio de polícia, daí por isso que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tu acreditou que ele era da Polícia Federal?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Achou que seria possível?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Aí ele foi preso a algumas quadras na saída da tua casa?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não foi... O que você acha? A Polícia estava de campana, atrás dele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E nessa... Vocês estão recolhidos no mesmo estabelecimento, na mesma galeria?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não se falam?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nem quando saem para o sol, nada?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor, porque eles estão na outra parte, separados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Separados. O que você ouviu no presídio sobre o Felipe?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não ouvi muita coisa, não, porque faz uma semana que eu fui para lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Eu não sei qual é a razão que o senhor caiu... Houve algum... Do que lhe acusam?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Roubo.

O SR. ERNANI VILELA NELSI - Tentativa de furto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É um episódio recente?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Onde é que foi?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Foi aqui em Uruguaiana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi prisão em flagrante, Paulo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi prisão em flagrante?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Paulo Roberto, essa prisão foi efetuada pela Polícia Federal ou Polícia Civil?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Foi pela Brigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Pela Brigada Militar. Onde foi?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Foi aqui em Uruguaiana, na cidade mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na cidade? Você estava sozinho ou acompanhado?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Estava acompanhado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - De quem?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não conheço. Era um telemoto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Era uma moto de entrega?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim. Sim, telemoto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou seria um mototáxi?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Mototáxi é telemoto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Você tomou um mototáxi para ir a esse local?



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim. Eu ia indo para casa. Daí o rapaz viu a Polícia e saiu disparando. Daí me derrubou da moto. Daí foi constatado que a moto era roubada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tem mototáxi aqui em Uruguaiana?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Em grande quantidade?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ao tomar... Você costuma... costumava... era hábito teu usar mototáxi?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Por que razão?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Porque eu não caminho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim, mas por que não um táxi? Por que a moto?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - É mais barato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Amigos seus usam muito mototáxi?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E há uma grande quantidade de mototáxi aqui em Uruguaiana?

O SR. ERNANI VILELA NELIS - Excelência, esse depoimento vem em prejuízo ao julgamento que ele está enfrentando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas eu quero esclarecer, Dr. Ernani: eu sou autor de um projeto, no Congresso Nacional, que proíbe mototáxi. Eu até estou desviando um pouquinho do objeto, mas é relevante.

O SR. ERNANI VILELA NELIS - É que ele responde por isso. Pode vir em prejuízo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, mas ele não responde... Ele não é mototáxi, ele foi caroneiro do mototáxi. Então, eu gostaria até de... a compreensão do Dr. Ernani. É apenas para ampliação dessa tese que eu defendo, e que já teve aprovação na Câmara Federal, de que mototáxi está sendo



usado até indevidamente. Então, se V.Sa. concordar, eu gostaria de fazer só mais uma pergunta.

Nesse episódio de que você estava participando, você estava na moto, e moto, claro, te obriga a usar capacete, certo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o motoqueiro saiu em fuga quando viu a viatura?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim. Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E ele te disse por quê?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E, aí, os 2 foram presos?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, só eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o mototáxi não?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas se foi ele que disparou em fuga...

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Pois é, mas não pegaram ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Ah! Então, você saltou da moto?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, ele se atirou da moto. Ele largou a moto em andamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E quando chegou a viatura, a viatura interceptou, ele te deixou na moto?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E fugiu?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E, com isso, você caiu? Deve ter se machucado, inclusive, não é?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim. Pouco, pouco.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tu conhece esse rapaz?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quando o senhor foi tomar o mototáxi ele estava, obviamente, sem capacete.



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Estava sem capacete.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Onde é que ele faz o ponto?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Ah! Eu não sei. Eu peguei na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Pegou na rua. E aí ele estava com capacete, então?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele estava parado?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Estava andando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sem capacete?

Sr. Relator, o senhor não leve em consideração o depoimento da testemunha sobre mototáxi. O senhor deixe a este Deputado a prerrogativa do bom uso dessas afirmações.

Fique à vontade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu tenho uma série de outras questões, não sei se tu gostaria de colocar alguma coisa.

(Pausa.)

Paulo, essas limitações de movimento que tu tens são fruto do... fato de ter sido baleado e ter sido alvejado. Tu consegue dirigir nessas condições físicas que tu tem?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim. Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem carteira?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas é um bom motorista?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Dirijo normal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dirige normal. Tu já estiveste alguma vez em outros Estados fora do Rio Grande do Sul?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca saiu do Rio Grande do Sul?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca foi a São Paulo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece o Estado de São Paulo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem certeza disso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim. Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não te recorda de ter ido a São Paulo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece um cidadão chamado Aníbal Vignoli?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe de quem se trata?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem nenhuma informação a respeito dele?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca tinha ouvido falar nesse nome?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é o cidadão chamado Macarrão, apelido "Macarrão"?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não. Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é o Ita?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe que nós estamos fazendo perguntas que não dizem respeito ao teu caso.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que portanto, na medida em que tu nos auxiliar, isso são coisas que podem no futuro serem consideradas como contribuições tua à investigação que nós estamos fazendo.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a maioria desses nomes que eu estou te perguntando são nomes de pessoas conhecidas, de criminosos, de pessoas ligadas ao Município. Tu não sabe nenhum quem é?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor. Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu tenho uma informação de que tu estiveste em São Paulo junto com o Ita num Vectra branco.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não é verdadeira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não é verdadeira?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que esse Vectra teria sido inclusive locado numa empresa aqui de Uruguaiana, e que vocês teriam ido até São Paulo no sentido de levar armas e entregar essas armas para o Valau, e que ele teria sido morto inclusive porque não pagou a vocês.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Morto por quem?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por pessoas ligadas, donas dessas armas que não foram pagas. Já ouviu falar nessa história?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que o Valau é uma pessoa de Uruguaiana, que estava no PCC, que tinha ligação com vocês aqui e que tinha uma conexão de envio de armas que vinham da Argentina e que chegavam até o PCC. Que numa oportunidade inclusive tu esteve como motorista. Tem uma viagem a São Paulo aonde foram levadas armas. Tem conhecimento desse episódio?

O SR. ERNANI VILELA NELIS - Ele não é testemunha, Excelência. Ele está sendo acusado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto. Ele tem direito de responder se ele quiser ou não. Se ele achar que isso pode prejudicá-lo, ele não responde.

O SR. ERNANI VILELA NELIS - Lógico, ele está sendo ouvido como indiciado, está sendo acusado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estou perguntando se tem conhecimento.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Desconhece esse episódio?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Desconhece qualquer fato que possa nos auxiliar no sentido de algum tipo de conexão de armas que entram na Argentina, passam por Uruguaiana e vão para São Paulo. Nunca ouviu falar nisso.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nunca. Nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não há por parte da testemunha nenhuma disposição em colaborar. A informação que eu precisava era a respeito da prisão do Felipe. Não sei se de parte dos senhores há outra questão a ser considerada.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Deputado Pimenta, eu gostaria de me dirigir à testemunha, porque a testemunha fez uma inquirição à Mesa, e eu não entendi o alcance dela. A testemunha perguntou se existia algum laudo psiquiátrico sobre o Sr. Felipe.

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Por que o senhor perguntou isso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Porque eu acho que foi ele que me colocou nesse negócio de arma e coisa.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - A citação dele lhe traz prejuízos?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E o senhor sabe desse laudo psicológico como? Qual é a fonte de informações?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - É boatos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Boatos. Mas o laudo existe. Está no processo como um todo. O senhor acha que ele o prejudica por fazer citações que não são verdadeiras?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor não tem nenhum conhecimento de tráfico de armas nessa fronteira?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nenhum.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De tráfico de droga nessa fronteira?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nenhuma também.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nenhum envolvimento de pessoas que o senhor conheça também com tráfico de armas ou drogas nessa fronteira?



O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor pode responder por que o senhor está preso?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Por roubo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Roubo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Furto.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Furto? À mão armada, não?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E antes teve algum tipo de envolvimento...

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Oi?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Antes o senhor teve algum envolvimento com drogas ou armas de algum tipo?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nunca tive envolvimento com arma, nunca fui preso com arma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Com drogas de alguma forma?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nunca.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nem maconha, nem cocaína, nem nada?

O SR. PAULO ROBERTO FRANCO PINTO - Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Presidente, Deputado Appio, existe um relatório, no Poder Judiciário do Rio Grande do Sul, de 3 de abril de 1998, um laudo psicológico sobre o Sr. Felipe Silva Vieira, então com 18 anos de idade, há 8 anos atrás exatamente. E eu gostaria que esta Comissão investigasse por que esse laudo chega aqui através da Brigada Militar, no telefone 5532431101, Brigada Militar situada em Livramento, através desse telefone, através de fax - 5532431101 –, já que o Poder Judiciário e as pessoas que fazem as avaliações psicológicas de presos ou de pessoas não estão... documentos esses vinculados à Brigada Militar. Gostaria que nós investigássemos.

Nós temos aqui a cópia. A data é de 28 de novembro de 2005, do ano passado. E chega aqui esse documento novo, o qual é um documento de conhecimento de tantas pessoas aqui. Estimo que, como documento que é público também, possa ser verificado, Deputado Pimenta, como que chega esse documento



até aqui e com a sigla CPPOFO — é o fax que vem remetido. Saber somente como que esse documento chega aqui até nós.

Talvez fosse até interessante, Deputado Pimenta, que nós pudéssemos atualizar esse documento. Após 8 anos, é importante ver que situação psicológica tem esse acusado hoje. Agora entender como essa informação, que tem que vir — e é uma informação verdadeira — vem através de uma Brigada Militar e não do setor, do Poder Judiciário ou da Secretaria de Justiça, que seria o caminho comum e normal.

É só, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Agradecemos à testemunha pela sua participação nesse processo de investigação. E está dispensado Paulo Roberto Franco Pinto.

Dr. Ernani, obrigado também pela colaboração de V.Sa.

Suspendemos pelo tempo necessário para o deslocamento da testemunha enquanto já preparamos a próxima oitiva.

Esta Comissão Parlamentar de Inquérito, antes de ouvir o próximo depoimento, quer mais uma vez agradecer à comunidade pela compreensão que tem. Sabem todos os senhores que não somos aqui uma delegacia de polícia. Somos Parlamentares realizando processo de investigação, sobretudo para que ao final, no relatório, possamos conduzir e formatar projetos legislativos que ajudem a autoridade policial no combate ao crime.

Dizíamos já na CPI do Crime Organizado, Paulo Pimenta, que brilhantemente presidiu, que não foi o crime que se organizou, mas a sociedade que se desorganizou. Estamos num processo, portanto, de reorganização da sociedade. O que esta CPI pretende, com o seu Relator, com o Deputado Moroni Torgan, com os Deputados integrantes, é exatamente ouvir.

Somos, eu diria aqui, Colbert, eternos aprendizes num processo que interessa à comunidade. Tanto que a comunidade veio aqui maciçamente ao longo de todo o dia, pacientemente, acompanhou os depoimentos, compreendeu que estamos fazendo um trabalho acima de partidos políticos. Há um interesse só, que é o de buscar a verdade em várias das questões e sobretudo encaminhar propostas desta CPI para aperfeiçoamento e organização da sociedade contra o crime.



Por se tratar de oitiva de convocado, solicito ao Sr. José Delamiro Oliveira que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.

O Sr. José Delamiro Oliveira é funcionário público. Portanto, estaria dispensado do juramento, porque já tem, como servidor, essa obrigatoriedade. Mas, de qualquer forma, para que não se privilegie nem “a”, nem “b”, façamos um juramento.

Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho assim descrito no Código Penal.

“Art. 342. Fazer afirmação falsa ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete, em processo judicial, policial ou administrativo ou em juízo arbitral.”

Que se faça o compromisso.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Perfeitamente. Faço sob a palavra de honra a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O José Delamiro Oliveira está a sua disposição, Deputado Paulo Pimenta, Relator desta CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Soldado Delamiro, agradecer a sua pronta convocação. Está aqui na condição de testemunha para colaborar com a investigação que nós estamos fazendo. Tenho certeza de que a sua participação aqui vai ser de importância para nós.

O senhor está servindo aqui em Uruguaiana há quantos anos?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Dezoito anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dezoito anos.

O senhor tem quantos anos de Brigada?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Dezoito anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sempre serviu em Uruguaiana?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, senhor. Me inclui aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, é uma pessoa que conhece de fato a realidade de Uruguaiana.

O que o senhor diria a 3 Parlamentares que não são de Uruguaiana sobre a situação da criminalidade aqui em Uruguaiana, a questão da fronteira, tráfico de



armas, de drogas? Pela sua experiência profissional, o que o senhor nos diria a respeito disso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - A situação de Uruguaiana não difere dos demais centros, até porque a mídia ostenta todos os dias em suas páginas o alto índice de criminalidade. E a gente vê, conforme foi dito aqui, não é o crime organizado, são as forças públicas que se desorganizaram. Então, a gente vê que falta de políticas públicas em prol da segurança pública é que permite que os criminosos possam atuar no seio da sociedade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por ser uma região de fronteira, naturalmente, existem particularidades que são próprias de qualquer cidade com as características de Uruguaiana, Santana do Livramento, Barra do Quaraí e assim por diante.

O senhor tem participado, presenciado, freqüentemente, ocorrências que envolvem a apreensão de armas aqui em Uruguaiana?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É. Às armas que são apreendidas aqui basicamente a gente tem acesso porque trabalha com isso aí. A gente sabe das armas que são apreendidas. Existem relatórios que você faz.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tipo de arma mais comumente é apreendida?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - O mais comum é esses revólver 22, 32 da Argentina que compram facilmente na Argentina.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muita arma curta de calibre baixo que é comprada com facilidade na Argentina.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - A maioria é.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vinte e dois, trinta e dois. Munição. Tem muita apreensão de munição?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, sempre se apreende alguma coisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Arma e munição argentina?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Basicamente, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O grosso da arma e da munição que é apreendida é arma e munição de origem argentina?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É. Pela situação limítrofe, conforme o senhor mesmo falou.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

Daria para ter uma estimativa de percentual? O senhor imagina, das armas apreendidas, qual é o percentual dessas armas que são argentinas?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não tenho esse dado para lhe fornecer, mas eu acredito que, a médio prazo, se o senhor puder solicitar para a Polícia Judiciária...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas só uma idéia para a gente poder ter uma noção.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, mas aí eu não posso lhe fornecer um dado vago, não posso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. Não, mas para poder ter uma noção do que nós estamos conversando. Tem muita arma argentina apreendida. Daria para dizer isso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É que a maioria é argentina, a maioria que é apreendida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E armas de calibres maiores?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. O que se vê, de vez em quando que é apreendido, são aqueles mosquetões 762 antigos do Exército, que às vezes os caçadores têm.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Do Exército argentino?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. É, às vezes do Exército argentino e do brasileiro. Não sei lhe dizer especificamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já tiveram casos aqui de apreensão de armas do Exército argentino e de munição de uso restrito às Forças Armadas argentinas que o senhor se recorde?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, no momento eu não me recordo, mas é bem provável que tenha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece o Sr. Jair Rodrigues.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Conheci só... Sei que é um membro da comunidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca prestou serviços para ele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, senhor.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não desenvolveu nenhum tipo de atividade?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E essa pessoa que se tornou conhecida como testemunha “Z”, o senhor sabe quem é essa pessoa, conhece essa pessoa?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem relação com ela?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Relação nenhuma com ela.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já tinha ouvido falar dessa pessoa?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, eu já tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que circunstâncias?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Que ele várias vezes já foi preso pela prática do 171, do Código Penal, crime de estelionato. Sendo que, dessas vezes, algumas delas fardado com o uniforme das Forças Armadas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foram coisas recentes, coisas antigas?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Especificamente nessa situação do estelionato, eu acredito que já faz algum tempo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. Segundo nós temos a informação, seria o episódio de 1998.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É. Não tenho...[

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De mais recente, o senhor sabe de outros episódios, de outros fatos que tenham levado à prisão dele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sei do último fato, que ele foi preso aí por uma guarnição da Brigada portando uma documentação falsa de agente federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O senhor tem conhecimento de que eventualmente esse indivíduo trabalhava ou trabalharia como uma espécie de informante da Polícia, tendo inclusive participado de operações aqui na cidade de Uruguaiana e na região?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Posso lhe dizer que, por parte da Polícia Militar, não. Porque eu trabalho no Serviço de Inteligência, e para a nossa seção ele nunca fez nada, nunca nos auxiliou em nada.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem conhecimento que ele pudesse fazer esse tipo de atividade com outras autoridades na área da segurança?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, não tenho esse conhecimento para lhe dizer. Sei que para a PM eu posso afirmar que não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor trabalha na parte de Inteligência.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, senhor. Desde 99 trabalho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto.

O senhor tem conhecimento de todo esse episódio mais recente, que se acabou tornando público, de possível vazamento de depoimento, Parlamentares e, enfim, toda essa polêmica que é um dos motivos da presença da CPI aqui na cidade. E esse episódio teve um fato, digamos assim, que faz parte desse cenário, que foi exatamente essa prisão do cidadão. O senhor participou dessa operação da prisão dele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Da prisão dele eu não participei. A minha única participação nesse episódio é na verificação da autenticidade do documento na Delegacia da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe em que circunstâncias ele foi preso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu sei que ele disparou numa guarnição ostensiva da Brigada Militar, e os colegas fizeram um acompanhamento e o detiveram.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele foi, digamos assim, solicitado a parar numa ação policial, fugiu e foi...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - E foi abordado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... foi abordado e apresentou para a Polícia documentação falsa.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim. Apresentou para os colegas que o abordaram documentação de agente federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele se apresentou para os colegas da Polícia Militar como se agente da Polícia Federal fosse.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim. E aí, e aí...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O pessoal já conhecia ele? Era uma pessoa conhecida?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Digamos assim, um ato primário, não é? O cara se apresentar para a Brigada, figura conhecida na cidade, com várias passagens policiais, e dar um carteiraço de suposto agente federal. Foi uma.. Não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É isso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor teve algum tipo de contato com ele ou com a família dele nesse período mais recente que antecedeu a sua prisão?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Mas eu nunca tive contato com esse cidadão aí, nunca efetuei a prisão dele, em momento algum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a informação que faz parte do depoimento que ele apresentou de que ele teria... que a mãe dele teria registrado, em 3 oportunidades, ocorrências policiais de que pessoas teriam ido até a residência dela para procurá-lo ou para fazer ameaças, e que entre essas pessoas o senhor estaria fazendo parte dessas supostas diligências ou visitas. Há alguma coisa de concreto nessa afirmação apresentada por ele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu posso lhe dizer que com certeza é uma grande mentira da parte dessa senhora e até dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas ela registrou alguma ocorrência? O senhor tem conhecimento disso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, eu não tenho conhecimento. O senhor está me dizendo isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca tinha ouvido falar nisso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Nunca ouvi falar, até porque eu não tenho motivos para ameaçar ele. O máximo que eu poderia fazer é prendê-lo em flagrante por algum delito que ele viesse a praticar dentro da legislação vigente. Mas esse tipo de situação não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não há nenhuma procedência nessa denúncia que ele apresenta de que estaria sendo ameaçado e que inclusive



ocorrências teriam sido registradas dessas ameaças, nas quais supostamente o senhor poderia ter algum tipo de participação.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Volto a reiterar para o senhor que isso aí é uma mentira. Não existe esse tipo de situação, até porque eu não tenho motivo para isso aí, entendeu? E nunca foi ouvido, nem na esfera estadual nem federal, sobre esse tipo de ocorrência. Se existe essa ocorrência, não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor conhece esse indivíduo conhecido como Paulo Bozo?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Conheço, sim senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é essa pessoa?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É um delinqüente da cidade que está hoje preso na Penitenciária Modular.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pessoa envolvida em que tipo de crime?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Furto, roubo, objeto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor é da parte de inteligência da Polícia Militar. Nós temos uma informação de que haveria uma conexão entre traficantes de drogas e de armas, criminosos que originalmente eram de Uruguiana e que hoje estão em São Paulo, ou que estiveram em São Paulo, e que poderia estar havendo algum tipo de conexão para o envio de armas e munição originárias da Argentina, tendo como destino São Paulo. O senhor tem conhecimento? Acha que de fato esse tipo de conexão pode estar ocorrendo?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Essa conexão aí, pelo que eu já li na *Zero Hora*, existe, que eu vi elementos de Uruguiana preso pelo Delegado Luís Fernando, em Porto Alegre, com armas de grosso calibre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está falando do Cicuta?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Antes dele tinha um de origem árabe e mais outro. Existe essa conexão, eu já li nos jornais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, como agente de inteligência, acredita que de fato há uma rota, uma conexão que faz com que armas e munições originárias da Argentina sigam em direção ao centro do País?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Acredito porque o elemento que foi preso lá pelo Delegado Luís Fernando disse, saiu na *Zero Hora*, que ele...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O delegado Luís Fernando a que o senhor faz referência é o Delegado Luís Fernando Corrêa?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É. Aquele que era de Livramento e está trabalhando lá em Porto Alegre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, entendi, entendi. O senhor está falando daqueles Ponto 30 que foram apreendidos, Luís Fernando Martins. É isso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É. Um que era de Livramento, da Polícia Civil.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Delegado Fernando Martins.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - O delinquente que foi preso em flagrante disse que as armas entraram por Uruguaiana, está no jornal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês já tinham conhecimento disso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, nós não tínhamos conhecimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A parte de inteligência.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, porque a inteligência da PM ela não investiga crimes. A inteligência da PM armazena dados para abastecer o policiamento ostensivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês não recolhem informações relativas a ...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, até sei. Eu até tenho recortes de jornal, mas é...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Valau, o senhor já tinha ouvido falar nele, não?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim. Já tinha ouvido.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é o Valau?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Um que foi morto lá em São Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele era aqui de Uruguaiana?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Era.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe com que ele estava envolvido lá?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não tenho idéia, mas trabalhando legal não deve ser.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe em que circunstâncias ele foi morto?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, sei sim que ele foi executado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe em que circunstâncias?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Sei que foi executado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe por quem?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não chegou aqui... Ele veio ser enterrado aqui, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Veio. Trouxeram para cá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pois nós temos uma informação de que essa conexão passava por ele. *(Pausa.)*

O senhor já ouviu falar nisso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não; não tenho esse dado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por acaso, o senhor fez alguma ligação para Porto Alegre, buscando informações sobre o paradeiro dessa testemunha chamada Testemunha Z?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, eu não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca ligou para o Delegado Pedro, Corregedor da Polícia...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... buscando informações a respeito dessa testemunha?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não; isso aí quem ligou para o Delegado Pedro foi no dia da prisão dele, que o Dr. Sarney ligou lá para Porto Alegre para saber qual era a situação, se ele estava trabalhando...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia da prisão...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, no dia da prisão, eu sei que...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca ligou?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, eu não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca falou com ninguém a respeito dessa testemunha?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não buscou informações a respeito dela, do paradeiro dela?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em nenhuma circunstância.

E também não participou do processo que culminou com a prisão dessa pessoa?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor gostaria de colocar alguma outra questão que o senhor considere conveniente ou adequada?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Não tenho nada a declarar mais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da minha parte, são essas as questões que eu tenho para colocar.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Eu vou fazer umas indagações breves antes que passe para o Deputado Francisco Appio.

Soldado Delamiro, o senhor faz parte de uma atividade de elite da Polícia, que é a atividade de investigação, de inteligência da Polícia Militar. Mas o senhor também afirma que a Polícia Militar não tinha conhecimentos, a não ser conhecimento pela imprensa, de tráfico de armas passando pela ponte. Amas pesadas — é o que fala.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu não disse que a Polícia Militar não tem. Eu disse que eu não tenho conhecimento que passe essa arma aí.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É o senhor sozinho aqui nessa área de inteligência da Polícia Militar em Uruguiana ou tem alguma outra pessoa mais?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, nós somos 4.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Os senhores 4 não tinham nenhuma informação sobre tráfico de armas pesadas aqui passando?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Drogas?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Drogas, temos informações.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tem informações.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Até porque já foi apreendido grandes carregamentos de drogas aqui na região, tinham de avião.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - De avião também?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - De avião, sim. Já foi apreendido.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Com base em informações da PM ou informações da... Como trabalham... As pessoas trabalham integradamente com a Polícia Federal, com...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Nosso relacionamento é muito bom com a Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - É muito bom?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É muito bom.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Com a Polícia Civil?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Existe também troca de informações.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Existe também.

Com o Ministério Público Estadual?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Perfeito; é muito bom o relacionamento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Há integração de ações?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E essas informações que são definidas os senhores executam ações de repressão?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É que, como eu frisei anteriormente, a PM não investiga crimes. É competência da Polícia Judiciária, tanto a Estadual quanto a Federal.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas, se o senhor tivesse informação...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Deixa eu terminar o meu...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Desculpa.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Aí é o seguinte: fizemos o relatório de diligência e canalizamos para o MP; e, quando as informações são de interesse da Polícia Federal, para eles; e, quando é para a Civil, também.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Entendo. Então, o senhor, tendo a informação, o senhor passa a informação para o órgão que possa...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Passamos para o órgão competente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas de armas, tráfico de armas pesadas, os senhores não passaram informações porque não as tinham?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não temos.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas de drogas, isso foi passado?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Soldado Delamiro, a Polícia Militar do Rio Grande do Sul pratica segurança privada dentro da atividade dela ou não?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não é regulamentada a nossa função.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não é possível então fazer prática de segurança privada?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Vítor Manoel Torrentes é uma pessoa que teve algum tipo de segurança privada da Polícia Militar do Rio Grande do Sul?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Que eu tenha conhecimento, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Não havia segurança de policiais militares nem fora da atividade para esse Sr. Vítor Manoel Torrentes?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Que eu tenha conhecimento, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor esteve em casa do Sr. Paulo Bozo, não? Conhece? Sabe onde é que essa pessoa mora?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Conheço, sei onde mora.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Esteve em casa dessa pessoa de alguma forma?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Já estive uma vez cumprindo um mandado de busca e apreensão em conjunto com a Polícia Civil e o Ministério Público.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E teve sucesso nesse?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Dessa vez, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Algum tipo de arma apreendida nessa diligência? O senhor se lembra?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Nessa, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O seu trabalho na Polícia Militar lhe permite ter um nível de informação ampla. O senhor teria outras informações de conhecimento de pessoas que têm interesse em Uruguaiana com relação a tráfico de armas ou tráfico de drogas?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, não tenho esse dado para lhe fornecer no momento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas existem situações de conflito que possam ter necessidade de decisões, que possam haver, de pessoas que possam utilizar de compra de armas ou drogas com finalidades ilícitas aqui em Uruguaiana?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, eu não tenho pessoas que façam isso, mas, pela situação geográfica, é possível que tenha mesmo.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Essa fronteira, então, é uma fronteira aberta. Passa tudo pela fronteira?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Olha, até vou lhe falar num linguajar meio gaúcho. A ponte aqui é a casa da mãe Joana. Todo mundo sabe. O rio, o rio não é patrulhado.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O rio não é patrulhado?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - A Marinha do Brasil não tem posse para efetuar esse tipo de patrulhamento, que é um dos fatores inibidores do delito. O senhor entende?

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E pela ponte não há um controle adequado também? Minimamente adequado?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Na minha ótica de polícia, é precário o controle. Tanto é precário que agora assaltaram lá no lado argentino no meio da Gendarmería.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor tem conhecimento desse assalto?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Tenho conhecimento que foram lá assaltar. E abandonaram a Blazer aqui em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E a apreensão da Blazer, o senhor tem conhecimento dela?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Foi apreendida aqui em Uruguiana a Blazer.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Foi identificada a origem de quem dirigia ou não?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, ainda não tem, estamos buscando esses dados, mas não sei quem dirigia.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ah, os senhores estão buscando essas informações?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, estamos buscando. A Polícia Civil, eu acredito que também está buscando esses dados.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O.k. Obrigado ao senhor. Deputado Appio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu pergunto ao soldado José Delamiro se conhece a testemunha que depôs agora há pouco, Paulo Roberto Franco.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu já respondi para os outros 2 Deputados que sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu não estava aqui.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Conheço sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quero me penitenciar. Ele foi preso por roubo, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - A última prisão?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É, essa mais recente.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, a última foi por furto de uma motocicleta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Furto da moto. E ele alega que usou mototáxi e que foi interceptado. O senhor conhece essa versão dele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, não conheço até porque não fui eu que efetuei a prisão dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, quem efetuou a prisão, o senhor tem conhecimento?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Foram outros colegas da Brigada.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Interceptaram a moto, mas ele alega que estava na carona da moto.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, mas ele na situação dele de delinquência ele pode alegar qualquer coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Que o piloto fugiu. Este é o furto dele. No caso não é roubo, é furto.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Furto, furto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o proprietário da moto quem é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu não sei, como eu lhe disse. Não fui eu que efetuei a ocorrência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, não foi o senhor. Desculpe, desculpe. Ele também tem antecedentes? O senhor, como da Divisão de Inteligência...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Lógico que tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim. E, ao que consta, ele tem várias balas no corpo, não é? Sete balas no corpo. Não conhece essa versão?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O advogado confidenciou aqui que ele tem 7 balas no corpo. Tem conhecimento de algum confronto com a Brigada? A Brigada teria atirado nele ou não?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não me recordo desse fato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não há registros pelo menos que o senhor saiba, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Esse assalto, esse furto ocorreu no lado brasileiro ou no lado argentino?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, no lado argentino.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No lado argentino, ele roubou a moto lá.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Ah, não, o senhor está falando especificamente, pensei que o senhor estava falando do outro. Não, esse da moto?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, do Paulo, do Paulo.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, aqui no perímetro urbano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Por que este foi visitado pela Testemunha Z, e poucas quadras à frente a testemunha foi presa. Nessa prisão, o senhor estava agindo também ou não? Estava atuando?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, conforme eu respondi para o Dr. Paulo Pimenta, eu não estava no momento da prisão dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim. Tem conhecimento por que ele foi preso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Quem, o Testemunha Z?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Testemunha Z.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, por documentos falsos de agente federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Como é que o senhor teve conhecimento? Havia alguma denúncia contra ele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Eu ouvi pelo rádio da minha viatura que ele tinha sido abordado lá depois que fugou e se identificou como polícia federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ele foi interceptado quando saiu da casa do Paulo, não é? O.k.?! E, ao ser identificado, possuía uma documentação como polícia federal ou qualquer coisa parecida, não é?!

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, porque depois, mais tarde, lá quando o Dr. Farley analisou o documento, a diferença era latente que não era documento de agente federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E isso gerou um flagrante?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, gerou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E é a razão da prisão dele atualmente? É por isso que ele está preso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Que eu sei é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - José Delamiro, a idéia de que a Brigada Militar tem um serviço de inteligência não quer dizer que seja uma



investida de investigações, não é isso. Os senhores fazem um banco de dados ou saem para investigar pessoas?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É como eu já frisei — e vou frisar pela terceira vez —, a PM não investiga crime. Isso é competência constitucional da Polícia Civil, no âmbito estadual, e da Polícia Federal, no âmbito nacional. O Serviço de Inteligência da PM armazena dados para abastecer o policiamento ostensivo. Mas é claro que a comunidade usa o 190, que é o telefone de emergência, para passar uma enormidade de dados sobre delitos na comunidade. Dados que interessam à PM ficam conosco e dados que interessam ao Judiciário, ao MP ou à Polícia Civil e Federal é canalizado para eles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu estou tentando — desculpe, talvez o senhor tenha que repetir 10 vezes .

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não há problema. Eu repito

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não há problema. Eu estou tentando entender qual é a função da P2, que é assim chamada, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Exatamente, mas eu já lhe disse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas investiga ou não investiga?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - A Polícia Militar não é a polícia investigatória. Está previsto na Constituição o policiamento ostensivo fardado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Então, qual é o papel exatamente?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu já lhe disse: o Serviço de Informações da PM abastece o nosso pessoal. O senhor analisa o seguinte: uma turma de 9 soldados que entra na PM, eles não conhecem os delinquentes. Aí tem que ter uma seção de inteligência que diga: *“Olha, quem atua nesse delito é fulano, a quadrilha tal, a quadrilha Y”*, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. O senhor chegou onde eu queria ouvir. Então, o senhor é um banco de dados.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, eu não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor está lá há 18 anos?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, mas na Inteligência eu trabalho desde 99.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas já se vão 7 anos. É possível dizer que o senhor conhece quem são os marginais aqui em Uruguaiana.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tem muitos?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Tem bastante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Alguém que trafica armas?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Que eu conheça não, até porque o tráfico internacional de armas é uma coisa que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, existe também o local, arma roubada, contrabando. Não precisa ser necessariamente nesse porte que o senhor diz. O delinqüente que compra... Esse Paulo andava armado? É um marginal que pode andar armado? Ou é um suspeito que pode portar arma?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É, até porque ele foi preso num assalto numa lotérica e tinha arma na época que o GOE prendeu ele. Ele tinha arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Porque ele acabou de negar aqui dizendo que não estava armado.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Qual é o seu nome mesmo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu vou lhe perguntar...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu não consigo ver o seu nome daqui. Sr. Colbert?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não, não. É Francisco Appio.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sr. Francisco Appio, até hoje desconheço alguém que pratique delitos, roubos, furtos com buquê de flores. O sujeito tem que ter um...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas no dia da moto ele não tinha arma?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Pelo que eu sei não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito, perfeito. Soldado José, a P2, portanto, tem obrigação de informar ao restante da Força sobre a existência de marginais, o que é que eles fazem, onde é que eles moram.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E só vão utilizar em caso de flagrante ou...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - ... ou mandado judicial, que é outra medida legal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Exatamente. Essa testemunha fazia parte dos seus dados? O senhor tinha conhecimento das atividades do Felipe?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu já reiterei, no início — o Sr. Paulo Pimenta me perguntou isso —, que ele é estelionatário...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim, mas o senhor não se incomoda de repetir para mim, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não. Ele já foi preso fardado de oficial do Exército.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o senhor sabia que ele estava usando documentação da Polícia Federal?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não tinha esse conhecimento. Eu sabia que ele estava trabalhando para a — entre aspas — “Polícia Federal”, depois ficou comprovado que não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E quando ele foi preso por seus colegas, qual era a razão da prisão?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É porque ele ia ser abordado por uma fiscalização de trânsito e fugou da PM, da viatura.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quer dizer que, quando ele foi visitar o Paulo — não sei se o senhor tem conhecimento disso, a prisão foi algumas quadras adiante da casa do Paulo —, ele estava então pilotando uma moto.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E aí fugou na fiscalização.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Foi abordado pela viatura ostensiva da PM e fugou.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E aí, interceptado, foi revistado e surgiram os documentos?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Segundo a colega que vai ser ouvida depois; ela disse que ele se identificou como agente federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu não tenho conhecimento... será ouvida a autora, a condutora? *(Pausa.)* Perfeito, perfeito. Nós poderemos, então, abordar. Mas veja bem, Oliveira, a gente até precisa muito de você, ou de V.Sa., para esclarecer. Quando falo em CPI do Tráfico de Armas, Uruguaiana, isso passa uma imagem de que aqui é uma grande rota, de que é algo importante. No seu ponto de vista, não é tão importante assim.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Como é mesmo a pergunta?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - A CPI do Tráfico de Armas está investigando a entrada de armas estrangeiras, comércio de armas, contrabando de armas. Se vem a Uruguaiana, se isso sai, se saiu na *ISTOÉ*, saiu nos jornais, se o Valau foi morto em São Paulo e a suspeita era exatamente ligada ao tráfico de armas, tudo isso aí pode dar a impressão de que, em Uruguaiana, o comércio de armas é forte.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Olha, diante de todos esses indícios que o senhor apresenta, concordo que é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas o senhor acabou de dizer que não conhece ninguém que trafica armas.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não posso dizer que conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas, então, a P2 está precisando de reforço de colegas seus para lhe ajudarem na investigação.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Perfeitamente, serão bem-vindos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - No todo, quantos marginais seriam? Vamos imaginar, 50, 30, 10, no seu ponto de vista, pessoas suspeitas?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - De armas?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - De armas, de drogas... O senhor quantificaria? Seriam quantos? São 130 mil habitantes, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Mas a PM faz apreensões todos os dias de armas aí.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, sim. Mas não há nenhum reincidente, ninguém que já foi preso ou saiu?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Vários, claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, esse o senhor conhece, esse é um traficante de armas.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Pode ser porque a arma é Argentina. Agora, cabe um serviço mais aprofundado de investigação para saber.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas cabe ao senhor também, pelo conhecimento que tem, dizer se conhece ou não conhece traficante de armas.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor conhece?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Traficante de arma não conheço. Conheço gente que é presa com armas de procedência argentina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Uma vez, duas vezes, três vezes? Quem é que foi preso nessas condições?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Temos que ver quem, abrir a ficha e ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor tem um fichário em casa ou no quartel? Um fichário no qual o senhor anota quem foi preso, exatamente para passar para os seus colegas, Oliveira?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É remetido mensalmente para o nosso comando regional as prisões de flagrante e nele consta o nome das pessoas e a arma que foi presa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ou o senhor faz só de memória? O senhor faz um registro material, ou o senhor passa de memória?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, isso é registrado em documento. Vai um relatório mensal de 1º a 15 e de 15 a 30. Ali vão as prisões em flagrante. Quando o sujeito é autuado por porte de arma, vai o nome dele e da arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Quantos policiais militares temos aqui no nosso... aqui é batalhão, não é?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - É.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quantos policiais militares fazem o trabalho externo aproximadamente? Estou perguntando para ver quantas pessoas o senhor abastece de informações.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Abasteço todo o batalhão. Nós devemos ter cento e poucos integrantes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Para fazer chegar a essas pessoas todas, convenhamos, o senhor precisa ter uma grande estrutura, não é verdade? Provavelmente esteja num computador ou num fichário. De memória é que não é.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Nós temos computador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E esses dados estão armazenados no computador?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu já lhe disse que estão, que o formulário é remetido mensalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, e o senhor faz um banco de dados no computador, o senhor, ou quem lhe assessora...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Ficam ali. As prisões em flagrante que são feitas, todas estão ali, de armas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, só para concluir, Sr. José, desculpe se me excedi, mas eu me entusiasmo. Sou um dos maiores defensores da Brigada Militar. Acho que nós temos a mais importante Polícia Militar do País, a última reserva moral do País. E acho que nós temos que preservar isso. Temos que lutar a favor da nossa Brigada Militar, da sua qualificação, da sua remuneração. Acabei de relatar ao Secretário de Segurança, José Otávio Germano, a quem agradeço todo o apoio em nome da CPI. Fiz isso agora por telefone. Ele está embarcando para Brasília. Foi numa aeronave da Brigada que nós chegamos aqui. A nossa CPI, José, não tem estrutura, por isso desculpe nossos excessos.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não, tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nós estamos viajando por conta; nós estamos aqui realizando um trabalho que é a parte suja, que é a parte suja. Gostaríamos muito bem de estar neste momento numa tribuna na Câmara, numa Comissão. Estamos aqui nos expondo. Por isso, entenda os nossos excessos. Mas eu queria lhe perguntar de novo, porque não estou compreendendo. Se o



senhor é do serviço de Inteligência, o senhor, então, tem disponível um banco de dados com os nomes dos delinqüentes, dos que traficam armas, dos que foram presos em flagrante, reincidentes ou não.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Deixe eu lhe explicar do ponto de vista técnico como é a coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - O elemento, quando é autuado em flagrante pela PM pelo porte de arma, se ela for estrangeira para nós é mesma coisa que apreender uma nacional; ele não é autuado lá pela autoridade policial por tráfico de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Pelo porte de armas.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Claro. Então, eu não posso lhe dizer que aquele que foi preso com um 22 na vila, ou com um 32 no centro, é traficante de armas. Não posso afirmar isso, porque eu não peguei ele entrando na fronteira com a arma. Até porque, se eu pegar ele entrando na fronteira com a arma, eu tenho que apresentar na Polícia Federal, que é o órgão especializado para esse tipo de delito. O senhor entende? Por isso que eu não posso lhe dizer que aqueles reincidentes são traficantes de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Perfeito. Mas o senhor pode nos dizer quem foi pego com arma. Porque, agora, depois da nova lei, os portes de armas perderam a validade em setembro de 2004, portanto, não há mais porte de arma, a não ser o porte de arma federal. E acho que aqui, em Uruguiana, dá para contar nos dedos quem tem porte de arma federal. Correto?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Dá para contar. Então, essas pessoas que foram presas com armas foram presas uma vez, duas vezes, três vezes. Não interessa se é arma estrangeira ou arma nacional, se é de grosso calibre, ou não; o senhor tem um banco de dados.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Claro que temos. É feito um documento disso aí, das prisões. Tem, a PM tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O BO vai para o computador, para esse banco de dados da P2.



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Claro. E hoje, até, já é informatizado, *on line* com a Polícia Civil. O sujeito é autuado, até porque, se for em flagrante, já vai lá para a DP, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu pergunto ao Relator se tem interesse em tomar conhecimento de quais as pessoas que foram presas por porte de arma, se são reincidentes, ou não. Se houver interesse, poderemos solicitar ao senhor da P2 que forneça isso. Será de grande, importância, Oliveira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu considero que sim, Deputado Appio. Gostaria de fazer uma pergunta depois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Eu agradeço à testemunha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero fazer o mesmo raciocínio do Deputado Appio e colocar a seguinte situação: o Deputado Appio assume a Secretaria de Segurança do Estado; liga para o comandante da Polícia Militar aqui, e diz: *“Olha, eu tenho uma suspeita, uma informação de que pode estar ocorrendo aí um esquema de tráfico de armas”*. *“Só um pouquinho; eu tenho um cara aqui que faz 18 anos que está na Inteligência, 18 anos de Brigada”*. Está desde 89 na Inteligência, é isso?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Noventa e nove.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - *“Está há 7 anos, 6 anos, na Inteligência. O cara sabe tudo aqui. Só um minutinho que eu vou chamar ele aqui, vou falar com ele, e já respondo pro senhor.”* Aí, o comandante te chama lá, com o Secretário de Segurança do outro lado da linha: *“Escuta aqui, Delamiro, quem é o nosso principal suspeito, que possa estar envolvido no esquema de tráfico de armas aqui, em Uruguaiana?”* Tu vais responder o que para ele?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Aquilo que eu lhe falei anteriormente, que a ponte é a casa da mãe Joana. Nós temos o comércio formiga de chumbeiros, que trazem armas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, mas eu quero lhe perguntar o seguinte. Eu tenho uma situação objetiva, concreta. Quem é o principal envolvido no esquema do tráfico de armas aqui em Uruguaiana? A polícia não sabe?

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu, particularmente, não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não é da Inteligência?



O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Mas eu não sou o dono da verdade!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, meu amigo. Mas...

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Me pague a munição que eu vou descobrir, me dote de recursos, de técnicos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se não for...Não, então, é o seguinte, das duas, uma: ou a Inteligência não sabe.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - E eu já lhe disse que não

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, vocês não sabem quem eram os principais envolvidos no tráfico de armas

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Não sei. O que eu sei eu já lhe falei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, é essa a constatação. Então, o senhor vai responder ao cara o seguinte: *"O senhor me desculpe, hein, Secretário, mas o pessoal da Inteligência da Polícia não sabe"*.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu vou responder para ele o que eu lhe falei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tá bom.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - O senhor tem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era isso o que eu queria entender.

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - O senhor tem idéia do comércio formiga que existe aí?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, é evidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E o Secretário pedirá ao comandante que troque a P2. Não é isso?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Presidente, quer dizer, se nós não temos condições de obter, por parte da Polícia Militar, do seu Serviço de Inteligência, uma informação de quem são os principais envolvidos, ou, pelo menos na opinião de vocês, suspeitos de envolvimento com tráfico de armas, numa região de fronteira... Convenhamos que é uma informação básica, para qualquer investigação. O senhor não sabe nos dizer um nome!

O SR. JOSÉ DELAMIRO OLIVEIRA - Eu lhe falei que eu não investigo. Talvez a polícia judiciária possa lhe fornecer esse dado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Agradecemos ao soldado José Delamiro de Oliveira e solicitamos que dê entrada o depoente.

O Sr. Jorge Alberto Bastos Pereira?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS PEREIRA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Sargento.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS PEREIRA - Sargento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Bastos, da Brigada...

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS PEREIRA - Bastos, policial militar

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Como é oitiva de testemunha convocada, eu solicito a V.Sa. que faça o juramento.

De conformidade com o art. nº 210 do Código de Processo Penal, advirto ao depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal.

“Art. 342. fazer afirmação falsa ou negar, ou calar a verdade, como testemunha, perito, tradutor ou intérprete, em processo judicial, policial, ou administrativo, ou em júízo arbitral”.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS PEREIRA - Faço, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade, do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Com a palavra o Relator, Deputado Paulo Pimenta, para inquirição da testemunha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sargento Bastos, em primeiro lugar quero agradecer-lhe o pleno atendimento à nossa convocação. Como já fiz com relação a outras testemunhas, peço previamente escusas se a convocação, da maneira como foi feita, possa porventura ter criado algum tipo de problema para a sua agenda, ou coisa do gênero.

Sr. Presidente, quero reiterar a V.Exa. a solicitação para que as testemunhas não permaneçam no recinto, as testemunhas que foram ouvidas, que podem ser reinquiridas. Como é que eu vou fazer uma pergunta, e a testemunha se sentir à vontade para responder na presença das pessoas que estão sendo inquiridas, ou que porventura possam ser citadas. Então, eu gostaria de aguardar que a sala estivesse... para que a gente possa dar prosseguimento aos depoimentos.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Acolho a solicitação do Relator, Deputado Paulo Pimenta, e peço àquelas pessoas que foram testemunhas que, por favor, não permaneçam neste recinto.

Agradecemos-lhes a compreensão e advertimos que essas pessoas podem ser reinquiridas, neste momento ou futuramente.

Esta Comissão não é uma delegacia de polícia, mas temos interesses parlamentares. Dados serão cruzados com relação a contas bancárias, contas telefônicas e outras. O que estamos fazendo aqui é uma primeira etapa de uma investigação parlamentar, para que possamos ter medidas parlamentares ao final desta Comissão.

Se atendida a sua solicitação, Deputado Paulo Pimenta, nós reiniciamos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito obrigado. Não há nenhum interesse de criar constrangimento. No entanto, as pessoas não se sentem sequer à vontade para poder prestar depoimento. Pelo menos parece-me isso.

V.Sa. é sargento da Brigada Militar aqui, em Uruguaiana, há quantos anos?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS PEREIRA - Sou da reserva. Trabalhei 29 anos na corporação, me reformei em agosto do ano passado. E, quanto ao constrangimento, Deputado, não tem problema, porque não me sinto constrangido. O senhor pode me fazer qualquer tipo de pergunta que responderei, na forma legal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está há quantos anos aqui em Uruguaiana?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Aqui em Uruguaiana eu... eu estive de 94 a 98 em Porto Alegre, eu estava na Casa Militar, fui segurança do Governador Antônio Britto, e, de lá para cá, deram 5 anos, acho que um total de 20 anos aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor é daqui de Uruguaiana?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sou daqui de Uruguaiana. Aí eu vim para cá e trabalhei no setor de Inteligência, 5 anos no setor, de 99 até 2005.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor também é originário do setor de Inteligência da...

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Da Brigada Militar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da Brigada Militar. Vou começar, então, por onde eu terminei o depoimento do soldado Delamiro.



A título de experiência sua como sargento, como profissional da área de segurança, como alguém que tem toda essa trajetória de vida, conhece Uruguaiana, é daqui, trabalhou na área de Inteligência, o que o senhor nos diria a respeito da entrada de armas e munição via Argentina ou Uruguai, a tríplice fronteira com a Barra do Quaraí. Como é que o senhor enxerga Uruguaiana dentro desse contexto?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Bem, Deputado, eu vejo da seguinte forma. Aqui na nossa região, ela ocorre mais pela facilidade que tem como passar nas fronteiras, visto que não há uma vistoria mais intensa, onde facilita esse tráfico de armas aqui no nosso Município para os demais Estados do Brasil.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor avalia que de fato há uma rota de entrada de armas e munição vinda da Argentina que passa por Uruguaiana?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, não como de armas como também de drogas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Armas e munição. Com sua experiência como profissional da área de Inteligência da Polícia Militar, o senhor diria que há uma presença nesta rota mais especificamente de que tipo de arma?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Bem, como há facilidade de conseguir em Passo de Los Livres, é de vários calibres, tanto de metralhadores 9mm, principalmente armas descartadas no Exército argentino e que talvez estejam com acertos do próprio pessoal da Gendarmería ou da Prefeitura Naval ou... Essa facilidade faz com que esses indivíduos consigam esses armamentos para serem levados para o interior do País.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, quando diz que entram armas de grosso calibre, além das armas de menor porte, que funciona esse esquema mais, digamos assim, formiga, diz isso a partir de elementos objetivos da sua atividade profissional ou por uma percepção mais genérica? O senhor tem elementos que efetivamente demonstram que há um volume de entrada de armas 9mm, metralhadoras? Recentemente foi apreendida uma carga de 300 granadas de fabricação argentina no Rio de Janeiro, supõe-se que material bélico originário do Exército. O senhor teria elementos para nos indicar que de fato esse tipo de armamento esteja passando por Uruguaiana?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - O senhor quer dizer elementos como provas, se tem alguém envolvido, é isso?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Aqui, é como diz assim: a gente trabalha, porque tem 2 tipos de coisas: tem o informe e a informação. O que nos chegou muito foi informe, Deputado Pimenta. Agora, informação concreta, no caso da prova material do tráfico, isso aí nós nunca concluímos, nunca chegamos a esse ponto. Nós tínhamos informação. Quando eu entrei na seção eu consegui fazer um relacionamento com as demais polícias, tanto do Uruguai como da Argentina, me relacionando até com o pessoal, assim para a gente fazer um trabalho mais concreto, mais objetivo. Eles nos traziam informações — informes, aliás — de pessoas que estariam fazendo esse tipo de tráfico.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor destacaria assim algum indivíduo que esteja preso ou foragido que mereça destaque, digamos assim, em termos de uma investigação com o possível envolvimento nesse tipo de atividade?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Olha, destaque não se tem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas, num hierarquia de prioridades em termos de investigação, quem é que o senhor colocaria nas primeiras colocações?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, nós tínhamos assim, que era o elemento na época, vamos dizer, antes de ter morrido, o Valauzinho. Segundo esse delinqüente, ele fazia esse tipo de transporte, esse tráfico de armas. E também chegou informes à seção de que o Paulo Bozo estaria envolvido, o tal de Ezequiel Felipe Vieira também estaria envolvido. Então chegou informes para nós, mas não informações concretas, porque nós teríamos o hábito de, quanto tivéssemos informações concretas, nós levávamos sempre ao conhecimento da Promotoria e a gente trabalhava através de mandados de...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Esse Valau é aquele que estava em São Paulo?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Em São Paulo, exato. Inclusive nós trabalhamos... segundo informes que ele tinha aqui, inclusive ele conseguia... acho que andava, e nós trabalhávamos em cima, e ele sempre conseguia fugir. Não sei se tinha informantes que levasse para ele. Ele era um cara assim bastante inteligente no sentido de fugas. Acredito que ele era abastecido de informações.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele era uma pessoa que mantinha vínculos com Uruguaiana?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, sim. Mesmo ele estando impedido na Comarca de Uruguaiana, ele se atrevia e vinha aqui à nossa cidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pois nós temos também uma informação que vai nessa direção, de que haveria uma conexão e que ele seria a ponte entre a possível ocorrência da entrada dessas armas de mais grosso calibre. Ele era uma figura que estava integrada ao esquema do PCC, em São Paulo, e acabou sendo morto e foi enterrado aqui, em Uruguaiana. Inclusive teria sido morto em função de desacerto financeiro, pela falta de pagamento de armas que entraram aqui pela fronteira. O senhor tem conhecimento de alguma coisa nesse sentido?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Chegou sim. Eu tomei conhecimento através de informes que teriam ocorrido fatos, mas não no sentido de pagamento, e, sim, desacerto, mas o tipo de desacerto não cheguei a tomar conhecimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já ouviu falar num tal de Ita, criminoso aqui da região?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, não recordo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como o senhor diz, nos meus informes também, esse Paulo Bozo seria um excelente motorista, mesmo com as condições limitadas que tem do ponto de vista físico, e que em mais de uma oportunidade teria sido a pessoa que fazia esse transporte. O senhor acha que tem algum nível de fundamento nessa informação?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, chegou um informe para nós, inclusive, que ele se envolvia em caso que nós dizemos aqui de pirataria do asfalto, era roubo de cargas, (*ininteligível*), assalto em estâncias. Sempre tinha isso aí. E, pela deficiência física dele, as pessoas que foram vítimas muitas vezes davam as características dele. E quanto à habilidade em dirigir, isso ocorre, ou ocorria porque agora no momento ele está preso, acredito. Ele por várias vezes fugou das nossas viaturas, em alta velocidade, inclusive ele sempre conseguia — o termo como a gente diz — desovar ou abandonar os veículos que possivelmente tinham sido furtados. Inclusive, tenho conhecimento de que ele tinha o hábito de depenar os veículos. É por aí a coisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Paulo Chicuto, o senhor conhece?



O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim. Foi um policial militar nosso. Foi preso indo para Porto Alegre. Inclusive, eu li pelos jornais que ele levava armas de grosso calibre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele foi preso com uma calibre 12 e uma pistola 45, do Exército argentino, inclusive essa prisão ocorreu durante o período de depoimentos da CPI em Porto Alegre. E essa pistola 45 estava com o brasão do Exército argentino. A informação que nós temos é que ele estaria envolvido dentro desse esquema. As pessoas imaginam que, quando falamos em tráfico de armas, é assim um caminhão cheio de armas. Mas, na realidade, eu estou convencido de que isso ocorre de uma forma... Tanto é que ele estava dentro do ônibus. Segundo os jornais argentinos, dentro de uma sacola. E essas armas, é bom que se diga, iam para a Região da Serra, ao que tudo indica abastecendo a quadrilha desse traficante, o Seco. Armas que têm sido utilizadas para assaltos a carro-forte, assaltos a banco, na região do Vale do Taquari, na Região da Serra, na Região da Grande Porto Alegre. Realmente, esse indivíduo é uma pessoa que estava sendo investigada por vocês. Esse Paulo Chicuto era uma pessoa que vocês sabiam que estava envolvida nesse tipo de crime?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim. Inclusive, nós fizemos um trabalho em cima da residência dele, dele também, com mandado judicial, é lógico, de busca e apreensão. Depois de termos feito as buscas e várias vezes alguns acompanhamentos que fazíamos dele, ele até foi ao nosso quartel se queixar de motivo de perseguição, sendo que a gente já tinha conhecimento de que ele já andava fazendo esse tipo de tráfico de armas, que, como o senhor disse, é o tráfico formiga, que levava 2 armas, aquela coisa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Sacoleiro de arma, mais ou menos isso?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Pode ser. Aqui varia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Felipe, o que o senhor nos diz sobre ele?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Em que sentido, Deputado?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse personagem.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - O senhor quer saber como assim? O senhor poderia ser mais claro?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele é uma pessoa que o senhor diria que tem informações fidedignas daquilo que diz a respeito do que ocorre na região em termos de tráfico, em termos de crimes. Ele mostra ou pelo menos tenta parecer ser uma pessoa muito bem informada. Em diversas oportunidades, inclusive, foi uma espécie de informante informal — se é que se pode dizer isso — de operações que tiveram resultado. Essa do Chicuto, por exemplo, ele disse que tinha dentro do ônibus uma pessoa com armas assim, assim, assado; o pessoal foi lá e tinha. O que o senhor me diz sobre esse nível de informação e detalhes que ele tem?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Deputado, é o seguinte: eu, quando cheguei aqui, que eu assumi a seção, em 99, me falaram no Felipe — ele é mais conhecido por Felipe Schervenski.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Esse Schervenski é um nome...

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Talvez seja fantasia. Até ele tentou se aproximar de nós e eu percebi que as informações dele, muitas eram fantasiosas. Bem como eu já sabia de ocorrências como a que ele tinha dado, como se diz, um carteaço de Oficial do Exército, como ele usava. Isso, quando eu cheguei aqui. Então, eu afastei esse elemento como informante nosso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Ele, antes da sua chegada, de alguma forma...

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Se ele dava informação para o nosso pessoal, não tenho conhecimento. Agora, quando eu cheguei aqui, que eu comecei a tomar conhecimento de até que pé estava a situação da seção, aí eu comecei a ver o nome dos informantes, e fui vendo a credibilidade de cada um. E ele foi uma das pessoas que, para mim, não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não inspirou confiança.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não inspirou confiança. Então, ele foi descartado da nossa...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando essa testemunha prestou depoimento pela primeira vez à nossa CPI, de uma maneira um pouco inusitada, eu diria, o Delegado Corregedor da Polícia Civil do Estado, agentes da Polícia Federal, que estavam, digamos assim, fazendo a guarda dessa testemunha, receberam telefonemas, entre elas do comandante, à época, da Polícia Militar, aqui em Uruguiana. O senhor, em alguma oportunidade, nesse período de junho, julho,



antes mesmo de o senhor entrar para a reserva, o senhor se lembra de ter feito contato com alguma autoridade policial, buscando informações a respeito do paradeiro do Felipe?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Ocorreu o seguinte: nosso comandante foi designado a fazer o inquérito, na época. Não sei se coincide com isso que o senhor está me perguntando. Eu, como era agente da seção, tomei conhecimento, e fiz diligência na localização no caso do Felipe. Fui à residência dele, para ele ser intimado, para ele ser ouvido, umas 2 ou 3 vezes, o qual não foi localizado. E tive informação da mãe dele e do padrasto dele — se não me falha a memória, é o padrasto dele — de que ele não se encontrava em Uruguaiana, que ele estava sob a guarda da Polícia Federal. Aí eu consegui o telefone dele celular e fiz uma ligação da minha seção — porque temos o telefone linha livre, no nosso caso —, fiz uma ligação para o telefone que me foi dado, aí consegui falar com ele. Aí foi que eu disse para ele que... onde ele estava, que o comandante precisava ouvir, que estava sendo procedido o inquérito. Aí...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Inquérito relativo a quê, sargento?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Devia ser a esses depoimentos, depoimentos do Felipe. Acredito que tenha sido...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi instaurado o inquérito?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - O comandante da época, ele ouviu pessoas, porque, segundo, ele denunciou pessoas da nossa corporação, que estariam envolvidas nesse tráfico.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Isso é importante. Existe um procedimento investigatório interno instaurado dentro da Polícia Militar, em função de depoimentos dados por essa testemunha? O senhor tem conhecimento disso?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não. Investigação dele, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dos fatos?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Dos fatos, não também. Eu não fiz esse tipo de trabalho. Se alguém fez... Porque...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas ele seria ouvido pelo comandante em que circunstância, como o quê?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Mas ele não chegou a ser ouvido.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas o senhor disse que pessoas foram ouvidos. Quem é que foi ouvido?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Foram as pessoas que ele acusou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foram ouvidos?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por quem?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Acredito que seja pelo comandante.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O procedimento formal?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Acredito que sim. Porque eu não acompanhei o procedimento. Eu só fiz a diligência, no caso dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor chegou a ligar para outras pessoas além dele, e buscar informações a respeito do paradeiro dele?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim. Ele me deu o telefone do delegado que eu não recorde o nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pedro Urdangarin, Corregedor da Polícia Civil? Poderia ser.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não vou citar o nome, porque seria até injusto eu dar o nome de uma pessoa errada. Mas eu sei que eu fiz o contato e uma pessoa se identificou como delegado. Aí, eu perguntei se ele estava sob a responsabilidade desse delegado, aí ele me disse que não, que não tinha conhecimento do Schervenski, no caso do Felipe, não tinha conhecimento nenhum dele, e que ele não teria arrumado serviço nenhum para o Felipe também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto. Como é que vocês ficaram sabendo desse depoimento dele à CPI?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não. Eu fiquei sabendo porque eu trabalhava no setor de Inteligência. E quem faz esse serviço de levantamento, no caso das diligências, para intimar as pessoas civis, no caso, éramos nós, para evitar até constrangimento nas pessoas que vão dar o depoimento no quartel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Mas, veja bem, na mesma semana em que esse depoimento foi colhido, o primeiro depoimento...

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Em que época foi?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso ocorreu em junho ou julho — não me lembro a data —, nessa mesma semana, ele foi contatado.



O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Porque teve um depoimento dele, que acredito seja... Eu acho que eu nem estava na seção quando ele deu o depoimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele deu um depoimento na seção?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não. Eu não estava na seção. Eu sei que ele deu um depoimento que vem da Corregedoria, vem para o comandante, e era referente a esse fato que eu narrei para o senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor entrou para a reserva em agosto do ano passado?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Depois que o senhor foi pra reserva, o senhor teve algum tipo de contato com esse indivíduo ou com alguém da família desse indivíduo?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não. Com a família dele, não. Eu tive um contato numa ocasião. Que eu moro na Andradas, na região (*ininteligível*) conhece. E próximo à minha casa, a meia quadra, tem uma padaria. E eu fui comprar pão e, nesse momento, ele chegou. Ele chegou e aí...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Contato ocasional?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Ocasional.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por acaso, o senhor esteve alguma vez na residência dele, depois de entrar para a reserva?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Na residência dele, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor teve algum contato com a mãe dele, procurou algum familiar dele?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, também. Depois da reserva, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor teve algum tipo de acompanhamento informal de participação no processo de prisão dele?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Que época?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Agora.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - A última, em que ele estava com a carteira de identidade falsa da Polícia Federal?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, não tive participação.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acompanhou de alguma forma?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, porque eu fiquei sabendo, em seguida, porque o pessoal me falou, que o pessoal sempre tinha... Como ele vinha fazendo esse tipo de coisa, quer dizer, aí o pessoal foi lá e me comunicou: *“Olha, o Felipe estava com as identidades assim”*. Mas foi questão de mero conhecimento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Jair Rodrigues, o senhor conhece?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Conheço da cidade. Ele...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha algum tipo de acompanhamento a respeito dele, do Setor de Inteligência da Polícia Militar?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca teve?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Nunca tivemos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi considerado pelo Setor de Inteligência como uma pessoa que não merecia maiores cuidados.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não digo assim maiores cuidados, mas a gente procurava mais ou menos saber alguma coisa a respeito dele, que às vezes os informantes davam para nós. Mas como fugia um pouco da nossa área, porque isso aí pertenceria mais à Polícia Federal, a gente procurava conversar com os colegas da Polícia Federal e até comentava certos assuntos, mas não tinha nada de concreto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De minha parte, não há nenhuma outra questão, Sr. Presidente, com relação ao Sargento Bastos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Obrigado.

Com a palavra o Deputado Francisco Appio.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Já lhe peço desculpas, Bastos, se eu repetir alguma pergunta que fizeram. No adiantado da hora — estamos aqui há várias horas —, é comum que a gente saia um pouco, para atender um telefone etc. O Bastos, eu o conheci ao tempo realmente da segurança do Governador Antônio Britto. Eu não sabia que o senhor era de Uruguaiana, mas fazia parte do *staff* do Governador. A P2 tem uma função, e nós procuramos exaustivamente com o Oliveira antes. O senhor não ouviu o depoimento dele, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor não estava aqui?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Eu não estava.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E não ficou bem claro, não sei se por temor, talvez pela forma com que o estava inquirindo. Ele é uma testemunha, não é um acusado e, portanto, não há motivo para qualquer constrangimento, mas não deixou clara a função. Por exemplo, Bastos, ele não sabe quem são as pessoas que foram presas com porte de arma, mesmo as reincidentes, as que voltaram a ser presas. Hoje, tem flagrante pelo porte de arma. O porte de arma, desde setembro de 2004, foi extinto, perdeu a sua eficácia. Então, quem portar uma arma hoje é preso em flagrante. Ele não sabe quem é. O que me parece é que não é nem muito culpa dele, parece que a P2 não está bem definida a sua função. Estou certo ou estou errado?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - A P2 começou a se estruturar quando começaram esses grandes crimes no País. Até, como o senhor é uma pessoa bem informada, era através da televisão, rádio, que havia necessidade de serviços de Inteligência, porque antes, na minha época, quando entrei, que foi em 78, a P2 era considerada um terror na corporação, visto que mais se preocupava em fazer levantamento referente ao próprio pessoal da guarnição em atividades ilícitas, bem que como hoje ainda continua. Mas a finalidade hoje, como existe a união das forças policiais, tipo de todo pessoal que trabalha em setor investigatório, como da Polícia Civil, da Polícia Federal, que é para trocar esse tipo de informações. Então, devido a isso, a gente... a função da segunda seção, realmente, é levantar informes, fazer um relatório e encaminhar para o delegado. Aliás, não é a segunda. A gente informa ao comandante toda atividade ilícita que está ocorrendo ou alguma coisa referente à droga dentro da cidade. E o certo mesmo é encaminhar para o comandante. O comandante, através de ofício ou algum contato, talvez até pessoal, informa as autoridades responsáveis por essa área. Quer dizer que nós não temos aquele serviço diretamente investigatório. A não ser que...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não é um segredo, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não é um serviço secreto. Bem que teria que ser, porque dentro do Serviço de Inteligência, segundo as normas de leis que tem, o agente deveria ser secreto, mas como não tem estrutura pra isso, a corporação não tem estrutura, o Estado não oferece essas condições... Tanto é que,



em 5 anos aqui, nós fizemos 350 prisões com cumprimento de mandados, estouramos várias casas onde tinha tráfico de droga, era refinada cocaína e essas coisas todas. Então a gente se expunha, eu me expunha junto com o pessoal que trabalhava comigo na seção, sendo que o certo não seria, a esse tipo de atividade, nós comparecermos. Mas, devido à falta de elementos, a gente se obrigava a participar das operações, até pondo em risco a segurança dos nossos familiares.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O que pode gerar uma falsa impressão até de incompetência ou de desconhecimento da função quando, na verdade, pode ser autopreservação, porque o soldado mora na vila praticamente junto com o traficante. Estou correto nesse raciocínio, Bastos?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Está. Inclusive aqui em Uruguaiana não tem quem não me conheça. Geralmente as pessoas vinham a nós, quando dava furto de veículos, de caminhonete, e nós trabalhávamos em cima. E muitos recuperamos. Porque quando eu entrei para a seção, embora tendo essas horas para trabalho, a minha meta era a seguinte: a hora que precisasse, independente de hora, de carga de horário, teria que estar pronto para atividades-fins.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Isso também gera uma forma de retaliação, de rancor da outra parte, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Outra parte, como assim?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - A bandidagem.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Ah! Acredito que sim, porque...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que ele é um informante privilegiado, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Exato. Nós mesmos, éramos... eu, no caso, como os outros meus colegas, que nós éramos 4 que trabalhávamos, nós éramos muito mal vistos porque nós atuávamos mesmo, nós não tínhamos receio de nos apresentar. Então, virou quase uma rotina. Dava qualquer problema de furto na cidade, nós éramos procurados na seção. E mesmo, às vezes, nós dizíamos que não era competência nossa, que, a partir do fato consumado, seria com a parte investigatória da Polícia Civil, mas o pessoal mesmo nos procurava. Aí, a gente, tendo que dar uma resposta pra sociedade, pela deficiência do efetivo da Polícia Civil — eu também não culpo eles, que o senhor bem sabe que a deficiência no Estado é grandíssima —, a gente, pra dar uma resposta pra aquela pessoa que a



gente via que, muitas vezes, não tinha condições financeiras, então a gente trabalhava em cima e quase sempre se descobria os veículos furtados, as pessoas que estavam envolvidas, entende? Eles negociavam. Aqui em Uruguaiana já estava um rito. Pegava os carros e já fazia um tipo de comércio.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Então é possível que a P2 também não saiba de tudo, não é? Por exemplo, a pergunta que eu fiz ao Oliveira — se sabe quem é que compra arma roubada, quem é que foi preso com arma —, praticamente ele disse que não tinha lembrança, não sabia quem é.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Esse Oliveira que o senhor fala é José Delamiro de Oliveira?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É. É o José, o José Delamiro mesmo. Foi o depoente anterior, que trabalhava com o senhor, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Trabalhava comigo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É correto esse raciocínio? De repente, a P2 não é essa investigação, esse serviço secreto que transparece para a opinião pública.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim. Não é um serviço secreto, visto que nós somos agente da 2ª Seção; eu era agente da 2ª Seção e a gente não preservava a nossa integridade física. Então, praticamente éramos uma polícia ostensiva, porque mesmo trajando trajes civis...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - À paisana.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - À paisana. Nossas viaturas eram conhecidas, porque não tem como ninguém não saber.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É possível que algum componente da guarnição, da brigada, possa também prestar serviço de segurança privada nas horas extras, fora do horário normal? É possível que isso possa ter ocorrido ou esteja ocorrendo: segurança a pessoas, a terceiros? Vou direto ao assunto, Bastos. Alguns nomes têm sido vinculados a determinadas pessoas por prestarem serviço de segurança a elas, pessoas que também já foram presas por tráfico de armas. Então é inevitável a vinculação. Acha que é possível isso?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - O senhor diz assim...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que um brigadiano possa, fora do horário normal, prestar serviço a um traficante de armas?



O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Eu acredito que não, que isso aí é fora da nossa finalidade e de ética.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E a P2 teria denunciado, porque é uma das atribuições, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Nós éramos os primeiros a fazer o relatório ao Comando informando e a trabalhar em cima, porque nós temos a P2, que é a PM2...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - PM2.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - A PM2, que é em Porto Alegre. Então a gente informaria ao Regimento e, ao mesmo tempo, nós informaríamos à P2, que é a chefia geral dos setores de Inteligência. Já daria informações pra que eles tomassem uma providência, visto que nós somos conhecidos dentro do quartel. Então, nós não poderíamos fazer um trabalho em cima de um policial militar da nossa corporação, visto que, em seguida, vazaria o serviço.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Mas a informação iria à frente, não é? No caso do Paulo Chicuto, a informação das suas atividades ilícitas foi comunicada no escalão superior?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, nós comunicamos ao nosso comandante. E o Paulo Chicuto já tinha sido, já estava fora das forças policiais militares há tempo. Ele não...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Já tinha sido expulso?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Já, já, já.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Algum outro policial militar foi expulso, se é que se tem lembrança disso, também por operar ilicitamente?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não. Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não tem lembrança. Aqui na região de Uruguaiana.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Aqui de Uruguaiana, não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sabe em que circunstâncias o Paulo Bozo teria levado armas depois de um assalto?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim. Ele teria nas instâncias que ele... geralmente, segundo dizem as testemunhas e vítimas, mais as vítimas, que as armas eram levadas. E acredito que ele levava pra fora do País, aliás, pra fora do



Estado aqui. *(falha na gravação.)* Na época que eu tive assim... o pessoal não usava ou não usa essas armas de grosso calibre pra fazer os assaltos.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Apesar da dificuldade de locomoção dele, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, mas isso não impede nada de ele fazer as atividades ilícitas. Isso não impede. Por incrível que pareça, a deficiência dele não impede nada.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Considera um elemento perigoso?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Eu o considero um elemento perigoso, visto que uma vez também foi preso em uma agência lotérica e, logo o fato consumado, ele foi preso e posto em liberdade. Não sei qual o motivo, mas me chegou ao conhecimento de que foi deliberado pelo, não sei se juiz ou juíza, na época, porque ele não oferecia perigo à comunidade. Até estranhei uma atitude dessa, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ele teria assaltado o empresário, furtado armas, que acabaram em São Paulo. Tem conhecimento desse furto verificado aqui em Uruguaiana?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Conheço. Eu tenho o nome do empresário.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Nós temos essa informação num depoimento. Vou retificar a pergunta, então, pra dizer ao Bastos que, evidentemente, há depoimentos e depoimentos. Alguns são reservados. A pergunta fica prejudicada porque, se dissermos quem é o empresário, obviamente vão te cobrar, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, já entendi aonde o senhor quer chegar. É o seguinte: eu soube que houve um assalto na residência do Jair Rodrigues. Agora, eu sei que levaram dinheiro dele. Agora, quanto a armas, não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não, mas não era esse empresário.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Ah, não?!

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não, não.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Que eu sei de empresário é esse.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Fica prejudicada a pergunta.



Ao tempo em que atuava na Inteligência, tinha conhecimento se algum colega seu se transformara em colecionador? O que também não é crime ter várias armas, para quem atua principalmente na segurança pública não é absurdo, é uma coisa comum. Hoje, claro, em face da nova legislação, existem esses impedimentos. Tinha conhecimento se alguém colecionava?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Colecionador de armas eu não tenho conhecimento; agora, ter mais de uma arma, sim, porque eu mesmo...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Era até uma exigência da função, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Claro. Eu mesmo, eu tinha uma pistola 380, tenho ainda meu revólver e tinha um rifle, que era meu, mas tudo registrado, dentro da legalidade.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É bom explicarmos para a opinião pública que o Estado fornece às vezes equipamento obsoleto...

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Exato.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - ...e que, para preservar a sua integridade, era obrigado a comprar uma arma melhor. É isso?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Exato.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Registrada.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Eu trabalhava com uma ponto 40 e usava a minha em caso de necessidade, quando a gente ia dar um traque; se caso precisasse usar — nunca for preciso ser usada. Aquela ali ficava pra minha reserva, no caso de extrema necessidade. Eu fui bem preparado pra isso. Inclusive já tive vários enfrentamentos com delinqüentes; no ano passado, eu baleei 2 aqui na agência lotérica. Mas tudo saiu bem.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor dispõe hoje de que armas?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Hoje eu disponho de um 38.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E as demais armas?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - A outra arma minha foi furtada (*ininteligível*), acredito, que eu saí com ela e ela sumiu de dentro da viatura. Não vou dizer quem foi. Eu sei que eu dei por falta dela dentro do (*ininteligível*.)

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Dentro da viatura...



O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, da nossa viatura, discreta. Uma 380.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Viatura discreta?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Exato.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Mas era mais de uma que o senhor tinha. Chegou a ter 3 armas ao mesmo tempo, não é?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Eu tinha um rifle 22.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E esse rifle?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Esse rifle eu doei para o José Delamiro.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Por quê? Ele é colecionador?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Não, não; porque ele é meu compadre, e eu resolvi, pra não ficar com 3 armas em casa, visto que eu estaria na reserva, que eu não ia deixar 3 armas, porque a gente está passivo, de uma hora pra outra, arrombarem a minha casa. Então, ficar na mão de um delinqüente seria pior. Então, resolvi doar e ficar com uma pra minha segurança.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hoje o senhor está na reserva?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, desde agosto de 2005.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor porta esse 38?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Porto.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Carrega consigo?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Carrego.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Com amparo legal pra...?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Sim, nós temos amparo legal, pela Constituição.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - As outras armas o senhor não teria amparo?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Teria porque as minhas armas são registradas. Não era na Polícia Federal, agora já estão sendo pela Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO — Que tipo de porte o senhor tem hoje?

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - É o porte pessoal. A própria carteira funcional me ampara a usar uma arma, qualquer arma, desde que eu tenha ela



registrada. E, no momento em que for abordado, eu tenho de apresentar o porte dela e mais a minha identidade funcional.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Perfeito. Bastos, muito obrigado pela contribuição que deu a esta Comissão. Eu estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Eu também. Não vou fazer outras perguntas. Considero-me atendido no depoimento prestado. Sargento, muito obrigado pela sua atenção a esse chamado.

O SR. JORGE ALBERTO BASTOS - Obrigado. Qualquer coisa, estamos à disposição aí. Mesmo na reserva, pra ajudar o pessoal aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Muito obrigado.

Solicitamos uma testemunha, por favor.

(Falha na gravação) que esta Comissão faz na Câmara de Vereadores de Uruguaiana ouvindo agora a soldado Adriana Farias da Silva, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Por se tratar de oitiva de testemunha convocada, solicito à senhorita Adriana Farias da Silva que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.

Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto a depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal:

“Art. 342. Fazer afirmação falsa ou negar, ou calar a verdade, como testemunha, perito, tradutor ou intérprete, em processo judicial, policial ou administrativo ou em juízo arbitral”.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - *“Faço, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Muito obrigado, Soldado Adriana.

Passo a palavra ao Relator desta CPI, Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em primeiro lugar, quero agradecer a sua presença, por ter atendido prontamente a nossa convocação. Sabemos que, por ter sido feita em caráter de necessidade, possivelmente possa ter criado algum tipo de transtorno na sua agenda pessoal.



A senhora está servindo, está lotada, aqui em Uruguaiana há quanto tempo?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Doze anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doze anos.

A senhora tem quanto tempo de brigada?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Treze anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Treze anos. Praticamente, então, toda a sua carreira dentro da Polícia aqui em Uruguaiana.

A senhora é aqui de Uruguaiana?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora é natural de onde?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Santana do Livramento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Santana do Livramento.

A senhora sempre trabalhou na parte de policiamento ostensivo ou em alguma função administrativa ou de Inteligência dentro da Polícia Militar?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Policiamento ostensivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sempre policiamento ostensivo.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - E interno também, mas que é dentro do policiamento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que a senhora teria a colaborar com esta CPI, pela sua experiência como policial de linha de frente, no objeto principal da investigação desta CPI, que é a ocorrência de situações que envolvem apreensão, prisões em flagrante, cumprimento de mandados, de armas e munições provenientes da Argentina e mesmo do Uruguai, em função da proximidade da fronteira da Barra do Quaraí? O que a senhora nos diz a respeito disso? É freqüente? É comum? Que tipo de arma? O que a senhora nos diz a respeito disso?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - É, o senhor diz na...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia-a-dia do trabalho.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim, são feitas várias apreensões de armas, geralmente que são da Argentina, revólveres geralmente. Já fiz várias prisões de pessoas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tipo de arma?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - ...com revólver 32, 38.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muita arma argentina?



A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Munição?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Municíadas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Armas de calibre maior? A senhora recorda de ter participado?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No máximo 38?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pistola, rifle, esse tipo de coisa?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Pistola, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pistola também.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nove milímetros?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Ah, eu não me recordo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora diria que são apreensões que revelam um esquema organizado ou mais individual de ação, para que essas armas e munições cheguem ao Brasil? Alguém que abastece de forma freqüente e regular ou são pessoas que elas mesmas se viram no sentido de tentar conseguir esse tipo de arma na Argentina?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - São elementos que foram abordados e portavam...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora não fez nenhuma apreensão de maior volume, de alguém que pudesse ser um fornecedor de armas e munições?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. A senhora conhece o Sr. Jair Rodrigues?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, só por nome.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só por nome. O que a senhora nos diz a respeito desse indivíduo conhecido como Paulo Bozo? Quem é ele, do ponto de vista do crime aqui em Uruguaiana?



A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - É um elemento de alta periculosidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Paulo Bozo?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Tem várias passagens. É um mau elemento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É considerado um criminoso de alta periculosidade.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora acredita que ele possa ter envolvimento com criminosos de outras regiões do Estado ou do País, que pudessem estar envolvidos em algum tipo de conexão para fornecimento de armas e munição?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Ah, eu não sei lhe dizer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe. A senhora já ouvir dizer sobre um tal de Valau?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Valau é um vadio também, é um elemento que já foi preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem notícia dele ou não?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Atualmente, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe das relações dele, das conexões dele com o Município?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E esse Felipe, a senhora conhece?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Fiquei conhecendo porque fiz a prisão dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhecia.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora podia nos relatar em que circunstâncias ocorreu essa prisão?



A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Em policiamento ostensivo na área do Bozo, Bairro de Santo Antônio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era de dia, de tarde?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - De tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De tarde.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Nós visualizamos uma moto saindo da casa do Bozo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da casa do Bozo.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Como ele já é conhecido, nós deslocamos para abordar essa moto. Estávamos a uma quadra mais ou menos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma operação de rotina, digamos assim.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Serviço normal, de policiamento ostensivo. Aí, quando chegamos próximo e sinalizamos para ele parar — era uma pessoa só que estava conduzindo a moto, de capacete —, ele fugou. Daí, nós pedimos apoio pelo rádio de outras viaturas que estivessem próximas para a abordagem do elemento, da moto com o elemento. Ele seguiu por várias quadras, e nós atrás, e o abordamos umas cinco ou seis quadras, aí juntamente com o apoio de outras viaturas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na realidade, vocês não sabiam nem quem é que vocês estavam perseguindo?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor. Ele estava com capacete.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estava saindo da casa do Paulo Bozo...

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Simplesmente porque ele estava saindo da casa de um elemento já conhecido, que é mau elemento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Feita a prisão... a abordagem, digamos assim, qual foi o desdobramento?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Quando nós conseguimos parar ele, juntamente com o apoio de outros colegas, o colega revistou ele. Tiramos seu capacete; ele se virou de frente pra nós e se identificou como um policial federal a serviço do delegado. Aí nós pegamos a documentação, uma carteirinha da Polícia



Federal. Ele estava bem calmo, tranqüilo, não reagiu, nada. Aí a gente perguntou por que é que ele tinha fugado. Nisso já fizemos contato para verificar a situação da documentação, uma carteira de policial federal. Aí os colegas fizeram contato com o Delegado Farley, se não me engano, que fez um ofício dizendo que ele não era Policial Federal e que não estava a serviço. Ele tinha duas carteiras de policial federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele estava de posse da carteira e a apresentou a vocês?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim, ele tirou da carteira e disse: *“Calma, eu sou policial federal e estou a serviço do delegado”*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E a senhora conduziu o flagrante dele até a delegacia?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Eu apresentei ele; eu e o outro colega.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora saberia me dizer quais foram os demais policiais que acompanharam esse flagrante?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Eu, o Soldado Timóteo e o Soldado Moreira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Soldado Belarmino teve alguma participação nesse episódio?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Sargento Bastos?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tiveram qualquer tipo de participação ou envolvimento nesse flagrante?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele, com perdão da expressão, na maior cara-de-pau deu um carteirão e disse que era policial federal?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Tranqüilo, uma pessoa fria, que, olha, acreditava-se que ele era um policial.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Num primeiro momento, até vocês chegaram a ficar na dúvida se poderia ser real aquela documentação, digamos assim? Parecia carteira...



A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Era uma carteira de policial federal. Ele tinha duas. Ele apresentou uma e depois ele apresentou a outra. Uma azulzinha e uma branca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estava armado?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Permita-me, Sr. Relator?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com todo o prazer.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - A senhora conhecia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Deputado Appio, já que V.Exa. interrompe, vou registrar a presença da Dra. Karina Leonetti, Juíza de Direito Titular da Vara de Execuções Criminais.

Dra. Karina, muito obrigado pela sua presença.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Refaço a pergunta. A senhora conhecia esse cidadão que deu o carteirinho?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ele exibiu a carteira ou na averiguação...

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Ele tirou a carteira e apresentou.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quer dizer, não foi na busca que a carteira...

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Na revista, o senhor quer dizer?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ele tomou a iniciativa e deu o carteirinho.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E a senhora não tinha visto esse elemento?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não o conhecia?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Seus colegas o conheciam?



A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Os que estavam na abordagem não. Era eu, o Soldado Timóteo e o Moreira.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Obrigado, Sr. Relator.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Volto a palavra ao Deputado Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A senhora conhece uma carteira de policial federal, quente, digamos assim?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Os demais colegas policiais militares, quando as outras viaturas vieram em socorro, dar apoio ao chamado conheciam a figura detida?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Na hora ali foi muito tumultuado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se alguém reconheceu: *"ah, é o fulano. Esse é o fulano"*.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não. Ninguém. Tenho uma xerox aqui, não sei se está em tamanho natural, mas é uma carteirinha...

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - É uma carteira...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma carteira pequeninha assim.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - É. Tipo a nossa assim, só que policial federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma carteira como essa, só que...
(*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - O senhor diz o tamanho? É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Eu quero dizer que estou satisfeito e suficientemente esclarecido com o depoimento da soldado e não tenho nenhuma questão a perguntar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Muito obrigado.

Deputado Francisco Appio, V.Exa. quer fazer alguma pergunta à depoente?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não. O que desejava era saber se a Soldado Adriana tinha conhecimento desse Felipe. Sabia do Bozo, não é?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Do Bozo, sim, que estava...

Naquela data Bozo estava cumprindo pena ou não? Tem conhecimento?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Não, estava em liberdade.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Estava em liberdade. Sabe por que razão ele foi preso?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Pelo roubo de uma moto.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Roubo ou furto?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Furto.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Furto da moto. Ele pilota a moto mesmo com o problema físico que ele tem, não é isso?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Era ele e outro. Eu não estava de serviço no dia em que ocorreu a prisão dele. Sei que eles tinham roubado uma moto de uma residência.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Seriam duas pessoas?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - É. Um teria fugido e o Bozo estaria no local.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É a versão dele. Uma outra versão é a de que ele estava pilotando a moto.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Aí não sei lhe dizer.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Perfeito.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Só sei que atualmente ele está preso.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em razão do furto da moto.

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ele teria sido responsável também no passado por assalto a um empresário. Tem conhecimento desse fato?

A SRA. ADRIANA FARIAS DA SILVA - Ele tem várias passagens, por roubo, furto. Com os argentinos ele já se atracou. Várias passagens. Estabelecimento comercial...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Queremos agradecer à Soldado Adriana Farias da Silva pelo seu depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito. Muito obrigado.



Testemunha convocada: Rudinei Goulart Bastos.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Como se trata de oitiva de testemunha convocada, solicito ao Sr. Rudinei Goulart Bastos que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.

Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal:

“Art. 342. Fazer afirmação falsa ou negar, ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral.”

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - *“Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado”.*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Passo a palavra ao Deputado Paulo Pimenta, Relator desta CPI.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor encontra-se aqui na condição de testemunha a fim de colaborar com a investigação que está sendo desenvolvida por esta Comissão, em nome da Câmara dos Deputados, para investigar o suposto envolvimento de pessoas da cidade, da região, com a ocorrência do tráfico de armas e outros crimes correlatos. Em primeiro lugar, eu gostaria de saber: o senhor é natural daqui de Uruguaiana?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor, sou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Desenvolve que tipo de atividade profissional?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu sou autônomo, eu faço desenho com vidros e coisa, não é; agora, por último, eu estou comprando carro e revendendo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Comprando e vendendo carro?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem alguma atividade fixa?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor. Não. Agora, por último, sim?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem declaração de Imposto de Renda?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Vou começar a declarar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não tenho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quantos carros o senhor possui?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Agora eu comprei um Chevette para reformar e vender; compro a preço baixo, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem outros veículos?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Tenho, tenho uma Parati.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma Parati e um Chevette.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso. Tenho uma Parati e um Chevette.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem algum outro carro que o senhor possua?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor. Não

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em nome de familiares?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor é casado?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sua esposa tem carro?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, tem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que carro é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Um Celta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ela trabalha?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, trabalha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é a atividade?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É vendedora. Trabalha na Nicola, na *(ininteligível)*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor tem conhecimento de alguma situação que justifique a presença desta CPI em Uruguaiana para tratar do tema do tráfico de drogas e armas? O senhor acha que Uruguaiana é uma cidade



que pode ser considerada uma rota de entrada nesse tipo de situação criminosa proveniente da Argentina no Brasil?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu acredito que aqui, no caso, como fronteira, é possível, porque é fronteira com a Argentina e o Uruguai, a gente não sabe; tem uma do rio também. Aqui a gente vê muita coisa ser comentada, também assim pela rádio, não é? Então, pelo que eu tenho a dizer é isso aí, não é? Até eu gostaria de saber por que eu fui chamado também?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi chamado porque o senhor foi citado nos depoimentos.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece o Sr. Jair Rodrigues?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Só por nome; só por nome assim, não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca falou com o Sr. Jair Rodrigues?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor; nunca falei com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não tem nenhuma relação pessoal com ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nenhuma relação. Nenhuma relação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca fez nenhum negócio com ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece um argentino chamado Aníbal Vignoli.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não; não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe de quem se trata?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, tampouco.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece um argentino de apelido Pono?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, também não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece o Paulo Bozo?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece também?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não conheço, só por falar assim, que comentam muito assim, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Pilo, o senhor conhece?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Também não conhece?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tom Dias também não conhece?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Tampouco.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece o Alexandre?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Alexandre de quê?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma pessoa que poderia ter algum tipo de envolvimento com esse tipo de atividade. Conhece algum Alexandre?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, Alexandre... Se tivesse sobrenome, quem sabe, não é? Mas por Alexandre só, não. Tenho conhecido assim Alexandre, mas, tem um vizinho meu que é do lado...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - (*Ininteligível*) que esses outros eu perguntei e o senhor prontamente respondeu, e esse Alexandre o senhor...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, porque tem um vizinho meu que é do lado de casa, Alexandre. Do lado da minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. E com o Jair Rodrigues o senhor nunca trabalhou?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nem com o Paulo Bozo?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Felipe, o senhor conhece?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É... inclusive esse Felipe, uma volta ele me procurou, cerca de uns 3 anos atrás, lá na minha casa. Queria comprar droga. E eu falei assim para ele: Pô, tu tá louco. Você não trabalha com isso aí? Ele disse: "*Não, é que me indicaram aqui, que tu consegue*". Eu disse: Não, negativo. Cortei ele assim, não é? Aí, inclusive, faz uns 3 meses mais ou menos, começou a rondar a minha casa. Aí, eu disse ué, por que tá rondando a minha casa? E passava



com carros, vários carros estranhos, placa de Porto Alegre, até inclusive eu passei a anotar a placa. Eu tenho anotada em casa, e consultava na Internet, pedia para a minha irmã as placas, e nenhuma existia, dava distinto: no caso era um Laguna, e dava num outro carro, entende? Aí eu volto à noite e tá passando lá em casa com um vidro escuro, assim meio que parou, eu estou chegando e comecei a seguir ele. Aí chamei a Brigada Militar por telefone, e comecei a seguir, e dando a direção de onde estava indo. Aí, seguindo, seguindo ele, ele foi acabar parando bem em frente à Civil, e bem na hora quando eu cheguei — eu cheguei atrás — a Brigada, duas viaturas, chegou. Eu falei: Ó, este carro faz hora que está rondando a minha casa lá. Inclusive estava recebendo telefonema anônimo na minha casa, que iam invadir a minha casa, não sei o quê. Aí a Brigada Militar pegou e desceu um policial, depois ele me falou que era um policial, a Brigada, e estava o Felipe junto. Aí ele disse assim: *“Olha, é que o pessoal é da polícia”*. Mas não me disse nem que polícia que era, se Federal ou Civil, e que estavam investigando uma pessoa suspeita perto da minha casa. Aí eu passei para ele a relação das placas tudo, e ele disse: *“Não, realmente a placa não existe, porque eles têm liberação para andar com placa fria”*. Inclusive depois o meu pai fez ocorrência lá, tudo lá, e o Felipe eu vi descer do carro, junto com a polícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Desculpe-me, Sr. Relator, mas eu não entendi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu também não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Não entendi, Sr. Rudinei.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O senhor, um carro suspeito na sua porta, o senhor avisa a polícia pelo telefone?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor; acho que interpretei mal, então; interpretei mal. Começava a passar carro na frente da minha casa, vários dias, carro suspeito assim toda hora cruzando. Aí, estou chegando em casa uma noite e vi aquele carro, fez a volta na esquina e voltou, o carro de vidro tudo escuro, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Que carro que era?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Era um Siena. Eu tenho a placa lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Fiat Siena?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Fiat Siena.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Com vidros escuros?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Escuros, é. Aí, eu falei: Ué, vou seguir ele. Comecei a seguir e ele disparou. Disparou, eu chamei pelo celular a Brigada: Ó, tô seguindo um carro suspeito e que eu faço? *“Não, segue, e vai me dando a direção”*. E eu fui seguindo e dando a direção. Dei um monte de volta na cidade, e aí ele acabou parando bem em frente à Civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Entendi: em frente à Delegacia da Polícia Civil.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - E justo quando eu estou chegando assim, chegou a Brigada, duas viaturas: Olha o carro aí — eu é que tô no telefone. Aí abordaram, o pessoal desceu, desceu o Felipe junto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Junto com quem?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Junto com um outro — para mim ele era da polícia, porque a Brigada falou que ele era policial.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era um carro, uma viatura da Polícia Militar.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, um carro civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Esse Fiat Siena.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Esse Fiat Siena.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Então, desceram duas pessoas, o Felipe e mais um outro?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - E mais um outro. Aí a Brigada me disse que eles eram policial que estavam investigando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Os dois eram policiais?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Que os dois eram policiais — mas o Felipe é policial também? Ele disse: *“Sim, é”*. Aí eu: Tá. Eu disse: Não, tem todas as placas aqui, ó. Aí eu passei para a polícia, para o brigadiano, aí eles começaram a puxar e nenhum carro existia, daí ele disse: *“Não, realmente eles têm autorização de andar com as placas frias”*. Aí eu disse: Estão toda hora cruzando a minha casa lá e até, inclusive, 2 dias antes estavam ligando lá para a minha casa, ameaçando e coisa. Aí o pai foi e registrou ocorrência na Civil — até eu tenho lá a ocorrência e tudo lá —, e citou o nome do Felipe até. Está registrado na Polícia Civil. Aí o pai foi e



registrou a ocorrência lá na Civil. Até tenho lá a ocorrência e tudo lá, não é? E ele citou o nome do Felipe, até. Tem lá, registrado na Polícia Civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - E o outro nome, da outra pessoa que acompanhava o Felipe?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não identificou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Não identificou?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não identificou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o policial militar que lhe disse que eles eram policiais, quem era?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Ah, não me recordo o nome. Na época... porque eles não me deixaram nem descer da camionete. Não deixaram descer, não é? Aí olhou assim... porque aportou a segurança, não sei o quê. Aí eu assim... Eu disse: "Não, eles são da polícia", que eles eram policiais. Aí, passei as placas todas para eles: "Não, eles estão rondando a minha casa lá, não é?" Aí eu sei que dessa vez eles nunca mais cruzaram lá em casa. Nunca mais. Eu não sei porque é que esse Felipe queria armar alguma coisa para mim, mas não tem o que armar, não é? Desde essa vez, que ele queria... chegou à minha casa dizendo que ia comprar droga... *(Falha na gravação. Pausa.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conheceu o cidadão que, pelo que me consta, está preso, de nome Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor, conheci.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Até... inclusive, quando eu lhe falei que eu trabalhava com desenho, eu prestei serviço para ele, na vidraçaria dele. E conheci, até... inclusive fui testemunha dele, no julgamento dele até, que consta, deve constar disso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe quem é o Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Diz que é considerado um dos maiores traficantes, não é? Chefe, coisa assim. Até fui testemunha dele, no julgamento dele, que foi até...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando nós éramos Deputados Estaduais, eu e o Deputado Francisco Appio...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...nós coordenamos aqui no Estado uma CPI de combate ao crime organizado.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E essa CPI fez um enfrentamento em que várias prisões ocorreram. Foi desbaratada, junto com a Polícia Federal, uma quadrilha de um traficante de drogas chamado Ney Machado. Você já ouviu falar desse nome?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, já ouvi pela TV, já.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe de quem se trata?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Como?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe de quem se trata?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sim. Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Dizem que era um chefe de tráfico, não é? É que eu vi pela TV, não é? Pela TV.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a nossa investigação... E depois foi comprovado que o braço dessa organização na região da fronteira, mais especificamente aqui em Uruguaiana...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...era esse Braccini. O senhor tem conhecimento desse fato?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Depois eu tive conhecimento. Depois.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ficou sabendo que Braccini era o homem de Ney Machado aqui na região?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, eu fiquei sabendo pela... Até... inclusive por júri e tudo, não é? E comentário também: TV, rádio e tudo, não é? Mas eu tinha ele como um comerciante. Assim, prestava serviço para ele, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi testemunha de defesa dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso, de defesa dele.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi testemunha de defesa de Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso, testemunha dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De Braccini, do grupo de Ney Machado.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Que depois... fui saber depois.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe mais ou menos com quem o senhor estava envolvido?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Tive noção depois. Tive noção depois. Depois que aconteceu tudo, sim. Aí tive noção de todo... do fato todo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor prestava serviço de...?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - De jato de areia. Fazia serviço de desenho...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Jato de areia para Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso, na vidraçaria dele lá na 15 de Novembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele tinha uma vidraçaria?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa vidraçaria era um ponto de droga dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Que eu saiba, não. Era de comércio. Pelo menos, que eu sabia, era de comércio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde é que funcionava o ponto de drogas dele aqui?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele não foi preso? O senhor não acompanhou o julgamento?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu acompanhei o julgamento. Ele foi preso...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi condenado?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Foi condenado. Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na condenação não...?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Mas não deu. Que eu saiba, não deu nenhum ponto, nada assim, porque tinha a ligação — não é? — com tráfico, e... Por isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E além dessa atividade relativa a jato de areia...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...o senhor nunca estabeleceu ou participou de qualquer outro tipo de serviço com o Sr. Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não, senhor. Somente isso, que eu preparava em casa, não é? E ia lá, pegava e depois deixava lá para ele. Ficava ali conversando fiado assim com ele um pouco ali, não é? Mas nenhuma outra atividade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem algum caminhão?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, tinha. Eu vendi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tinha um caminhão?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quantos?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Um só.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um caminhão?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Um só.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tinha um caminhão. Quanto valia esse caminhão?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu vendi fazem... Como foi ano passado, eu vendi ele... Vendi barato. Vendi ele foi por R\$ 40 mil em dinheiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quarenta mil?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu peguei e repassei já, não é? Peguei e repassei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tinha o caminhão, tinha carro...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, carro não tinha. Tinha só o caminhão.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só o caminhão?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Aí vendi e comprei um carro para mim, não é? Aí fiquei negociando carro, assim, agora, não é? (*Pausa.*) Até... inclusive estou fazendo agora a carteira para ver se pego a de motorista também, não é? Porque está meio feia a coisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - As acusações de que o senhor poderia estar envolvido mais diretamente com o Sr. Braccini e teria conhecimento das suas atividades relativas a tráfico de drogas na região o senhor considera improcedentes?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Jair Rodrigues, o senhor nunca falou com ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nunca, nunca falei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca ligou para ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca prestou nenhum serviço a ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nunca, nunca, nenhum serviço para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas sabe de quem se trata?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sei de quem se trata, não é? Assim, de ver pela TV, até... inclusive, não é? Mas, assim... nunca falei pessoalmente com ele, nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o advogado Braccini? O advogado Braccini o senhor conhece?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Por nome, sim, conheço ele também, mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas pessoalmente também não?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nunca, pessoalmente. Nunca fui apresentado, nada, para ele, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor já cumpriu pena por algum delito?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor. Não, senhor. Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Responde a algum processo?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Também não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está com a ficha limpa?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De minha parte, não tenho nenhuma questão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Deputado Francisco Appio.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Tem interesse... Rudinei Leal, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, Goulart Bastos. Leal é o meu pai.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ah! sim. Goulart...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Bastos.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Seu pai mora aqui também, Rudinei?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sim, mora aqui, em Uruguaiana. Eu moro com ele, até.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum. Você foi testemunha de defesa de Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - De que é que ele era acusado e você testemunhou a favor dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É que ele estava sendo acusado de tráfico e coisa, não é? Aí foi acusado, e eu fui testemunha dele, como ele estava trabalhando... Inclusive eu prestava serviço para ele, não é? De jato de areia, não é? Foi assim que eu fui testemunha dele.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ele estava trabalhando em quê?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Ele tinha uma vidraçaria.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - A vidraçaria era dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso, era dele. Aí eu prestava serviço para ele, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Essa vidraçaria está com quem hoje?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu soube que... Aquilo ali ele alugava de um senhor de Panambi, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sei.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Aí parece que depois o de Panambi assumiu, não é? E agora está com outro dono, agora, ali, parece, trocando de dono.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E você continua prestando serviços de...?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não; agora eu estou prestando serviço só para o meu padrinho aqui da Ríspoli, não é? Só para ele.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Rudinei, ao tempo em que você conheceu Braccini, você trabalhava para ele, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Prestava serviço na vidraçaria, só.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Na vidraçaria, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso, somente isso.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Autônomo, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não era empregado de carteira, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor. Não, não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E costumava viajar com ele também, ou não?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu fui só uma vez viajar com ele.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Aonde?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu fui a Passo Fundo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Passo Fundo?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É. Até... Foi aí que eu entrei de testemunha, porque eu estava viajando uma semana com ele, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - E eu estava até, inclusive, não é? Aí foi quando ele me pediu o meu testemunho para dizer que realmente ele estava viajando. Aí eu disse: não, não tem problema.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Foi esse o fato, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso. Aí eu disse: não tem problema.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Por quê? Naquela semana que vocês viajaram teria ocorrido alguma coisa de que acusavam ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Aparentemente ocorreu sim, a queda de um avião aí.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ah, sim, foi naquele período da... e da apreensão... não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Da carga, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E lá em Passo Fundo, o que é que vocês foram fazer lá?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu fui para conhecer lá, não é? Conheci a família dele, saímos, fomos a uma festa lá, e depois vim embora com ele. Mas eu não vi nada raro assim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Vocês, com isso, ficaram uma semana fora?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, ficamos uns 3 dias.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Três dias? Ele te convidou para ir junto a Passo Fundo?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso, porque ele estava comprando umas máquinas novas lá de jato, não é? E aí... se era meu interesse também, não é? Eu disse: não, vou lá conhecer, não é? Porque tem que se aperfeiçoar, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Nesse tempo, você não sabia, Rudinei, quem era Braccini. Veio saber mais tarde, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu vim saber mais tarde. Mais tarde eu vim saber.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sabe onde é que ele se encontra hoje?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Olhe, eu ouvi falar que... parece que está para Passo Fundo, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quando é que foi esse júri aí?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso aí foi em... (*ininteligível*). Faz o quê? Uns 4 anos...



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quatro anos, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Uns 4 anos mais ou menos, 4 anos. É, 4 anos.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum. Isso ocorreu depois da CPI a que o Deputado Paulo Pimenta fez referência, o Deputado presidiu e nós relatamos, e onde Braccini era o braço forte, nessa região, de Ney Machado. Mas na época você não sabia disso?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Não sabia. Fui saber depois.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - As pessoas com quem Braccini se encontrou em Passo Fundo também...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu não conhecia. Eu não conhecia também.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Eram revendas de automóveis?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Foi em vidraçaria, até.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em vidraçaria?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Uma grande lá, até eu estive com ele, até.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum. Nesse tempo em que você teve amizade com Braccini, você nunca desconfiou de atividades ilícitas dele, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Para ser bem sincero, não, porque era uma pessoa assim, muito comunicativa, brincalhona, não é? E nunca, nunca desconfiei.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ele, ao contrário de você, não era filho de Uruguaiana — porque você é filho de Uruguaiana.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim. Sou filho de Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Seu pai também?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Meu pai também.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E ele não?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Ele não. Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Chegou e também ficou pouco tempo aqui, não é?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É, ele ficou pouco tempo, não é? O que eu sei, assim, porque ele me comentava, é que ele tinha sido preso em Passo Fundo, não é? E aí ele pediu transferência para cá.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Veio cumprir a pena aqui?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Veio cumprir a pena aqui. Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E ele te disse por quê, qual é a razão da prisão, do cumprimento de pena?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Ele me falou que estava... que tinha se envolvido em algo raro, não é? Mas não me disse o quê. Eu também não quis perguntar, não é? Afinal...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E não te incomodava trabalhar para alguém que tinha sido preso por algo raro?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, porque isso aí era um comércio que ele tinha, de movimento, assim, de vidro, e é o meu ramo, não é? E ele me pagava direitinho. Chegava todo final de semana ele me pagava, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum. É... Jair de Oliveira, esse nome te diz alguma coisa?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Jair de Oliveira, não. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Região de Novo Hamburgo?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não é seu conhecido?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Não conheci, não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Diferente do nome que foi proposto aqui...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Marcelo, de Quaraí, é das suas relações?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não. Não senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não conhece nenhum Marcelo de Quaraí?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Não senhor.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Tem amizades em Quaraí?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Quaraí? Tenho, só um casal, que é de Quaraí e mora aqui. Um é farmacêutico e a outra é vendedora.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não, não. Lá, que mora lá?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Tem pessoas de Quaraí que moram aqui e que você conhece.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Que moram aqui.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Lá não tem nada?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, lá, não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Alguma vez fez alguma viagem a Foz do Iguaçu?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Nunca esteve lá?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E você continua na sua profissão? Alguma vez foi acusado de alguma coisa, Rudinei?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim. Já fui acusado.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - De quê?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Fui acusado e até... inclusive fui envolvido com negócio de bebida, de... na direção, álcool, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, sei. Não, mas... alcoolismo, então, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Mas tráfico de armas, de drogas, furto e roubo, violência, isso não?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Estive uma vez envolvido, até... inclusive foi porque eu andava com a mulher de Braccini, não é? Que... foi só isso aí. Mas até... inclusive... (*Risos.*)

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, mas ele te denunciou por causa disso?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não, não.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você está dizendo isso agora porque ele está preso, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Hum. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas eu não acredito. Esteve envolvido com quem? *(Risos.)*

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Era a ex-mulher, não é? Era a ex-mulher.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi acusado de estar com a ex-mulher dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Era a “ex” dele, não é? Aí, como ele foi preso, eu continuei fazendo serviço para ela, não é? Ela veio para cá. *(Risos.)* Aí, sabe como é... *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele foi preso e você continuou prestando serviços.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Mas ele já não estava mais com ela. Não estava mais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas você teve que responder por isso?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não, não. Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Então não houve registro nenhum.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não, não. É só... fato, assim, de ameaça.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Você quer até se vangloriar de que ficou com a mulher de Braccini?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Rudinei, acho que você podia ter evitado esse comentário. Veja bem, eu lhe pedi se teve alguma ocorrência, se era acusado de algum crime, e você trouxe à tona aqui uma coisa pessoal tua e da mulher.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, sim, sim. Não, eu até...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ela não era mais mulher dele, não é?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, não era mais dele, mas era como mulher...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Se você trazer todas as suas história de amor para dentro desta Casa vai ser complicado.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Isso complica, é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Queria que você trouxesse as outras histórias.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você afirma que não tem... não pesa sobre você, não tem na sua ficha nenhuma acusação sobre armas, sobre drogas, sobre furto e roubo, isso não?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não tem nada?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não tem.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Nunca cumpriu pena?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E é um prestador de serviço autônomo, não é?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E sempre trabalhou aqui?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sempre aqui, sempre aqui em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Então, não sei, Sr. Relator, qual é a razão da presença dele nesta CPI.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Até me desculpem, até eu queria saber o porquê, porque eu fiquei surpreso hoje, porque eu não estava em casa, aí chegaram 3 agentes federais à minha casa, e meu pai, apavorado, perguntou o que é que estava acontecendo, não é? Aí eu cheguei em casa: ó, "teve" 3 policiais federais. Mas o que é que houve? Aí eu peguei, tomei um banho, peguei um advogado. Vou lá ver o que está acontecendo, não é? Aí quando chego aqui, daí dizem que tem (*ininteligível*). Ah, só falta ser esse Felipe, ou alguma coisa. Pensei assim, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor conhecia o Felipe?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Foi dessa vez que eu lhe falei que ele me procurou lá na minha casa, não é? Daí... dizendo que queria comprar drogas.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Tá, mas hoje, como é que você ligou ao Felipe hoje?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, porque hoje deu o negócio na TV, meio-dia, e olhei essa parte aí.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Deu o que na televisão?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Da testemunha “z”, envolvido com tráfico de armas, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, mas aí era o “z”, não era o Felipe.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, mas...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ou você sabia que o Felipe era o “z”?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Todo o mundo sabe que ele é o “z”.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Todo o mundo sabe?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Todo o mundo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E ele vem encapuzado aqui.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não sei por que ele vem encapuzado. Todo o mundo sabe na cidade. Todo o mundo sabe.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E aqui a agente se esgoelando para proteger o cara, e ele é o cara mais conhecido da cidade.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Exatamente. E é isso que me surpreende, não é? Porque toda a cidade sabe que é ele. Ele papagaiava em toda a cidade que era Polícia Federal, porque eu sei, porque comentavam, não é? Dava carteira de Polícia Federal, usando colete e tudo. E isso é que... eu me surpreendo, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - A razão do Sr. Rudinei estar presente é exatamente pela citação feita em testemunho pela testemunha “z”. Em razão disso, a razão do convite, da convocação de V.Sa. é exatamente essa. Mas eu vou encerrar esta audiência fazendo uma pergunta só: o senhor agora transaciona com carros?



O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Tem conhecimento de carros roubados nessa cidade?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É só comentário assim na rádio, não é? Mas de mais, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Não tem nenhuma...?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O senhor está num ramo onde existem...

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É legal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O seu ramo é legal. Mas existem problemas com relação a roubos de carro nessa região?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É, existem, exatamente, existem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O senhor está a par de um assalto que houve perto da fronteira de uma casa de câmbio 1 mês atrás?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Eu ouvi comentarem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Um carro roubado?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - É, o carro parece que é até brasileiro, não é? Que passou para cá. É o comentário, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O senhor sabe de outras informações de carros roubados aqui que possam ter sido usados em assalto?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor. Não sei, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Carros roubados que possam ter sido trocados por armas?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, senhor. Não sei, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Carros usados em transporte de tóxico?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Também não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Nenhum tipo...?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Nenhuma informação desse tipo?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Nenhuma, nenhuma mesmo.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que me permitam, mas me ocorreu lembrar que o senhor está sob juramento.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Como testemunha, não pode faltar com a verdade.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor aceitaria uma acareação com “z”?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não tem problema nenhum. Desde que ele tire o capuz, não é? Todo o mundo sabe quem é ele, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca... o senhor recebeu alguma vez telefonema dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor ligou alguma vez para ele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor ligou alguma vez para Jair Rodrigues?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nem recebeu ligação dele?

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Se eu nem conheço, só conheço assim, pela TV, Jair Rodrigues, não é? Pessoalmente, não. Conversar, nunca conversei com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Muito obrigado, então, ao Sr. Rudinei Bastos. Agradecemos a sua presença, no atendimento ao chamado desta Comissão.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Está encerrado o seu depoimento.

O SR. RUDINEI GOULART BASTOS - Posso ir para a minha casa? Posso? Tá, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Sr. Francisco Carlos Alegre Recoba. Por se tratar de oitiva de testemunha convocada, solicito ao Sr.



Francisco Carlos Alegre Recoba que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho, assim descrito no Código Penal: *“Art. 342. Fazer afirmação falsa ou negar ou calar a verdade, como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial ou administrativo, ou em juízo arbitral.”*

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Muito obrigado. Após o juramento, tem a palavra o Deputado Paulo Pimenta, Relator desta CPI. *(Pausa.)* Por solicitação do Relator, nós vamos suspender por 2 minutos. Retornamos logo em seguida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Para inquirição, a palavra volta ao Relator, Sr. Paulo Pimenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Recoba, vulgo Bolão, não é isso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem conhecimento da ocorrência de uma operação policial conjunta, realizada pela Polícia Federal e Polícia Civil aqui do Estado, intitulada Operação Serraluz-Nóia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que operação foi essa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Ah, foi uma operação que envolveu policiais da... acho que de todo o Estado, acho, e que envolveu a Polícia Federal e a Polícia Civil. Fizeram diligências em várias cidades do Rio Grande do Sul, inclusive aqui em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Operação Serraluz-Nóia foi uma operação que tratou da questão do tráfico internacional de armas e munições, uma primeira operação conjunta, realizada pela Delegacia Especializada da Polícia Federal em conjunto com a Polícia Civil, que tratou do tráfico de drogas nas regiões da fronteira do Brasil com Paraguai, Uruguai e Argentina. Essa operação, considerada extremamente exitosa, conseguiu constatar uma conexão de entrada de armas e munições no País que tinham como destino a região metropolitana de Porto Alegre, o Vale dos Sinos, a região de Caxias, com forte conexão com uma



quadrilha da qual faz parte o cidadão chamado Jair Oliveira. O senhor sabe quem é Jair Oliveira?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Jair Oliveira?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É um rapaz que esteve preso junto comigo no Central, que mora na região de São Leopoldo, se não me engano. Novo Hamburgo, por aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que o senhor esteve preso com ele no Central?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Por causa de... em razão dessa operação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas qual era a sua participação nesse episódio?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Até agora eu não entendi direito o porquê dessa participação minha com ele lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. O senhor já conhecia Jair Oliveira?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conheceu quando foi preso lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tomado de surpresa pelo fato de ter sido preso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe por que foi preso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, eu sei que foi por razão dessa operação aí, mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas de que é que o senhor foi acusado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Na questão, lá, eles estavam falando sobre tráfico de armas, tráfico de drogas, lavagem de dinheiro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual era a sua participação nisso? Segundo a denúncia, qual era a sua participação na quadrilha?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu não entendi até agora a participação, por causa de que inclusive não existiu denúncia; existiram vários... eu fui acusado de vários artigos aí, mas depois, no fim, ficou sem denúncia nenhuma. Era tráfico de drogas, tráfico de armas e lavagem de dinheiro, segundo me lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na realidade, essa é uma investigação que permanece sendo feita. A denúncia não ocorreu na oportunidade porque ocorreu um conflito de competência entre a Justiça Federal e a Justiça Estadual, a fim de definição de qual deveria ser de fato o objeto, quem de fato tinha competência para tocar essa investigação. Essa investigação foi decidida num amplo trabalho, desenvolvido pela Polícia Federal e pela Polícia Civil, de inteligência, que tem, em anexo, um conjunto de transcrições de ligações telefônicas autorizadas pela Justiça, no qual em várias oportunidades o seu nome aparece, e o senhor participa dessas conversas com o próprio Jair. O senhor tem conhecimento disso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eles me mostraram...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Diminui um pouquinho a potência desse... Tem 2 gaúchos aqui, mas tem 1 baiano. O povo baiano vai congelar aqui.

(Não identificado) - Não, eu estou querendo, mas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O baiano é muito quente. Está muito forte, isso aí. E aí...?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eles me mostram lá, na razão da prisão lá, uma ou duas gravações, na qual eu não reconhecia a minha voz.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não reconheceu?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não reconhece que foi o senhor o gravado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor, não reconheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No dia 21 de maio de 2005 o Sr. Jair Rodrigues define detalhes que deveriam orientar o recebimento do criminoso alcunhado de Bolão de armas adquiridas por Jair de diversas maneiras e que eram levadas à Região da Serra pelo policial militar Chicuta. O senhor o conhece?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Conheço, desde menino.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Desde menino.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É, desde menino.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe se porventura ele tem algum tipo de envolvimento nesse tipo de atividade?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu não sei, por causa de que eu nunca tive relação assim... nenhuma relação afetiva com ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe onde anda Chicuta?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor. Eu não faço a mínima idéia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Bolão? Supostamente, é o senhor.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E que os mesmos levavam o armamento adquirido na cidade de Rivera até a região de Caxias do Sul, material esse que era repassado a uma pessoa de nome Marcelo Fetter. O senhor sabe quem é Marcelo Fetter?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sei, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Marcelo Fetter?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Marcelo Fetter é um rapaz que está preso acho que na... na PEJ, acho, ou no Central, não sei onde. E ele esteve detido, esteve preso comigo aqui na Modulada de Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nesse mesmo caso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor, noutra... noutra ocasião.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor foi preso por quê?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Por... tráfico de droga.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tráfico de drogas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Trazendo da Argentina?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De onde?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Nem me lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não lembra por que o senhor foi preso?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu me lembro que foi por tráfico de droga, mas faz um bom tempo. Eu não me lembro de onde...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não lembra de onde a droga veio? Foi acusado pelo quê? Foi condenado, não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, mas eram 5 gramas!

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, era pouquinha coisa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É, 5 gramas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Que tipo de droga?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Cocaína.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Cinco gramas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Uma vez só, E mais nunca?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi pego fronteira ou dentro do Brasil mesmo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, aqui em Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aqui em Uruguaiana.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí o senhor conheceu Marcelo Fetter na cadeia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente, na cadeia. Ele foi plantão junto comigo, na época.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por posse, Marcelo Fetter.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor lembra por que é que ele era preso na época?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Parece que era assalto, furto, coisas assim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Nenê, o senhor conhece?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o que chamam de Paulo Corvo?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Também não. Conheci lá, não é? Agora, quando estive preso no Central.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conheceu lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, conheci lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Marcelo Fetter o senhor já conhecia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Marcelo Fetter eu já conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa investigação e esse trabalho revelam que o senhor e Chicuta... O que me chama a atenção é o nível de detalhes desse trabalho de inteligência feito pela Polícia Civil com a Polícia Federal, como eu já disse para o senhor, com transcrição de depoimentos. Certamente isso terá ainda desdobramentos, e a eventual colaboração do senhor nesta CPI... Porque, veja bem, esse caso está em andamento. Não nos interessa essa investigação. O que nos interessa é entender essa conexão, essa rota que permite a entrada de armas e munição de maneira ilegal no Brasil. Eu não sei nem se o senhor sabe, acredito que sim, mas esse Jair Oliveira que o senhor conheceu lá, que chamam de Jair Cabeludo, é considerado o principal responsável pelo abastecimento de armas e munição. O senhor sabe quem...?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...é considerado bandido número 1 do Estado? O senhor sabe quem é o bandido número 1 do Estado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Também não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Seco, o senhor sabe quem é o Seco?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca ouvi falar?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Já ouvi falar, mas não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma quadrilha especializada em assaltos a carro forte, roubo de banco, que tem matado vários policiais e cidadãos no Estado do Rio Grande do Sul, em crimes que ocorrem na região do Vale dos Sinos, na Região da Serra, no Vale do Taquari, no Vale do Rio Pardo, com algumas



operações, inclusive com a utilização de dinamite e armas de altíssimo calibre? O senhor tem consciência do que lhe acusam, do crime que hoje tem tirado a vida de muita gente do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não sabia que Paulo Chicuta foi preso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu soube. Ele esteve preso junto comigo no Central.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, preso agora, há pouco.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, isso não. Não soube.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com arma?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Ah, sim. Foi à época em que esteve preso junto comigo, no Central.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pegaram ele no ônibus?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com uma 45 e uma 12?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe para quem é que ele estava levando?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe quem é Ramão Carlos Sarda Garcia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sei, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é essa pessoa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É um senhor que trabalha com armas, com relógios de precisão, com... Ele tem uma oficina de armas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Na Rua José Garibaldi, se não me engano, próximo ao Bique.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual Município?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Aqui de Uruguaiana.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabia que Ramão Carlos Sarda Garcia é considerado um dos principais responsáveis pela compra e venda de armas e munição, adquiridas na Argentina e no Uruguai, com o intuito de abastecer a quadrilha de Jair Oliveira, o Seco, na prática de assaltos a instituições bancárias, de roubos de carro-forte, conforme demonstrado em investigação das Polícias Civil e Federal?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Também não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor achou que ele era um simples...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...relojoeiro?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Achei que ele era um simples funcionário, como ele é na oficina dele, ali.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabia que tem interceptações de conversas, captadas com autorização da Justiça, que revelam contatos entre Ramão, o Bolão, no caso o senhor, Francisco Carlos Alegre Recoba, intermediando a compra de munições e armas, e essas conversas revelam claramente a sua participação nesse esquema criminoso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não sabia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que é que o senhor diz a respeito disso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu não acredito, a respeito disso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não acredita que o que eu esteja falando aqui seja verdade?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não. Eu não estou dizendo isso. Eu estou dizendo que eu não acredito que ele... que eu esteja... que eu tenha falado isso aí. *(Falha na gravação. Pausa.)*

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...de Oliveira Barros? Sabe quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não estou lembrado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é uma figura conhecida como Pavão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Também não.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Jarvis Chimenes de Arruda...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...traficante internacional de drogas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nos monitoramentos telefônicos autorizados pela Justiça, aparece a ligação de Paulo Sérgio de Oliveira Barros, vulgo Careca; Marcelo Fetter, que o senhor conhece...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...Francisco Alegre Recoba, conhece? O Bolão, o senhor. Vítor Fetter, sabe quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sei, esse eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Vítor Fetter?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É irmão de Marcelo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece de onde?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Conheço ele de quando ele visitava o irmão dele na penitenciária.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De onde é que ele é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu acho que é de Santa Catarina.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Erotildes Franco da Silva, sabe quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sei, agora sei quem é.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É o Nenê, que estava preso junto conosco lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Nenê. O senhor sabe quem é João de Farias, o Apucarana?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor, nunca ouvi falar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - São absolutamente claras as provas que demonstram a ligação entre Paulo Sérgio de Oliveira Barros, o Careca... Sabe quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Agora eu sei quem é.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Através do nome; é o gringo que chamam de Careca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é ele na história?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu conheci ele jogando sinuca lá em Farroupilha, junto com Marcelo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor costumava ir a Farroupilha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu ia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fazer o quê?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu ia lá, porque os guris moravam lá, e aí...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual são os guris?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Vítor e Marcelo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah, o senhor ia lá para visitar Vítor e Marcelo.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Nenê também é lá de Farroupilha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Nenê é daquela região ali.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Jair Oliveira o senhor nunca encontrou lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Vi ele uma vez. jogando sinuca lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Jair Oliveira também jogava sinuca com vocês lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Vi ele uma vez lá. Até nem sabia quem ele era, quando vi ele lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Agora, Sr. Presidente, eu poderia aqui continuar desdobrando esta investigação. Felizmente, ao que tudo indica, não há nenhuma disposição por parte de Bolão, se é que eu posso chamá-lo assim. O senhor é conhecido como Bolão.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sem problema.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A título de curiosidade, Sr. Presidente, essa é a famosa investigação, aquela cujo resultado revelou, entre outras coisas, interceptações telefônicas no Uruguai, aquela conversa a respeito do comboio, da participação de pessoas do nosso país vizinho que davam proteção à movimentação dessa carga, com participação direta de Marcelo Fetter e de Vítor. Mas segundo a investigação, Sr. Presidente, a droga e as armas, consideradas pela Polícia Federal e pela Polícia Civil um arsenal, passaram por Santana do Livramento e Uruguaiana até chegar aos depósitos da quadrilha na Capital e na Serra. Fuzis Fal AK-47, HK e Uzi, e explosivos, que eram revendidos ou alugados a grupos criminosos como o de José Carlos dos Santos, o Seco, foragido número 1 do Estado. Segundo o Delegado Rafael França, da Delegacia de Repressão a Entorpecentes da Polícia Federal, o bando tem ligação direta com traficantes internacionais e consegue armas até do Exército argentino, e o Sr. Recoba, juntamente com o Sr. Paulo Chicuta, seriam operadores desse esquema permanente de carregamento de armas e munição da fronteira para o centro do Estado. O que me preocupa, Sr. Presidente, antes de eu devolver a palavra aos senhores, é que uma grande operação que foi desenvolvida pela Polícia Federal, no primeiro momento pela Polícia Civil e depois pela Polícia Federal, e já foi objeto, e é objeto de investigação desta CPI, quando foi apreendido em Santa Cruz, no ano passado, com volume expressivo de armas e munição, com características e calibres idênticos aos que são utilizados por essa quadrilha, igualmente provenientes da Argentina e do Uruguai, da qual os investigados — um deles nós ouvimos, e o outro nunca conseguimos ouvir —, que estavam em Santa Cruz, hoje estão estabelecidos em Uruguaiana. Foram apreendidas armas com os mesmos calibres, munição do mesmo tipo de arma dessas que supostamente Recoba e Chicuta levavam para Jair Oliveira, e conseqüentemente para o Seco, de modo que nós teremos que solicitar à própria Polícia Federal um detalhamento dessa informação de que essas pessoas investigadas estariam inclusive se estabelecendo profissionalmente aqui no Município, fato absolutamente estranho, em função do volume de armas apreendidas e da forma como essa investigação teve desdobramento na região do Vale do Rio Pardo. E eu acho que cabe aí... Lamentavelmente, nós buscamos citar um dos envolvidos para que ele prestasse depoimento hoje, mas ele é uma figura bastante difícil de ser encontrada e foge



desta CPI há já vários meses. Mas talvez, como eles vão se estabelecer aqui profissionalmente, a Polícia Federal possa nos auxiliar. E vamos ver se a gente consegue descobrir também, antes de ir embora, alguém que tenha relação com eles aqui, que os conheça, para a gente poder entender também quais são as conexões que fizeram com que eles viessem se instalar aqui, no Município de Uruguiana. A palavra está à disposição, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Obrigado. Passo a palavra ao Deputado Francisco Appio.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Francisco Carlos Alegre Recoba, o Bolão, é citado em alguns depoimentos por ações na região da Serra Gaúcha. Que cidades o senhor conhece na Serra?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu conheço Caxias...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Mais perto do microfone, aí.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu conheço Caxias e as cidades por onde eu passei quando fui para a Serra, mas de passada, assim, Garibaldi, Farroupilha...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Bento Gonçalves?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Bento.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, Bento eu conheço.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Conhece Bento. Que atividades você tinha na região, Recoba?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Na região da Serra eu não tinha atividade nenhuma. Eu estava me mudando para a região da Serra. Eu levei os meus filhos daqui para trabalharem lá e estava procurando moradia lá, para...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Trabalhar onde lá, Recoba?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Elas trabalham numa empresa de... é um frigorífico, um abatedouro de aves.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E o senhor, na expectativa dos empregos, também estava se mudando para lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu estava me mudando para lá.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Qual é a sua profissão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu sou motorista.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Motorista. E atuando na região por muito tempo, ou não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, as minhas filhas faz um ano que estão morando lá, e aí, como elas conseguiram serviço, eu também estava tentando me mudar para lá, já para ver se trabalhava lá, tinha algum (*ininteligível*) serviço.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, mas a sua permanência lá foi por quanto tempo, mais ou menos?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Ah, eu só ia assim, quando era possível eu levar alguma coisa para minhas filhas, e procurava um estabelecimento para mim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Isso antes do episódio da prisão com Chicuta, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Antes disso. Em que ano foi isso aí?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Em 2005.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em 2005? Não, o ano em que você esteve na região da Serra. Em 2004, então?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em 2005?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Em 2005.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E desistiu de se transferir para lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor. Eu estou até... ainda continuo procurando casa lá, minha família está lá...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você tem carteira de motorista. Qual é a categoria?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - AB.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em Bento Gonçalves, qual era o seu contato lá em Bento?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não tenho contato nenhum em Bento, com ninguém, lá.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em Garibaldi?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Também não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em Farroupilha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - A única pessoa com que eu me dava, que morava em Farroupilha, era Marcelo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E em Caxias do Sul?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Em Caxias do Sul, ninguém.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Então o seu ponto de referência era um só?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, era Caxias e Farroupilha, no caso, porque era a única pessoa com quem eu me dava, no caso, aí.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor tem conhecimento de que em alguns depoimentos o seu nome é citado como uma conexão para ajudar o transporte de armas para a região da Serra?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Tenho conhecimento disso.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor está respondendo a processo por isso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não? O senhor foi detido, recolhido ao Presídio Central...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - ...ao tempo em que ocorreu a prisão de Chicuta? Naquela época?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É, uns 30 dias após a prisão dele.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E em razão de que é que o senhor foi preso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Da Operação Serraluz.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, mas qual era a acusação que eles fizeram?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Acredito que a investigação fosse por tráfico de armas.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, mas algum caso específico?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não? O senhor foi citado e foi preso. Teria sido citado por quem? Quem teria feito a denúncia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não sei.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor ficou quanto tempo recolhido para investigação?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Oitenta e cinco dias, parece.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É um tempo extremamente longo, não é? Sinal de que havia evidências fortes, senão nenhum juiz manteria o senhor recolhido, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Mas foram mantidas nessa permanência todas as pessoas que foram presas.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Todas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Todas.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor já disse aqui que desconhece quem é Jair Oliveira, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que não tem conhecimento de quem é, e o que Ramão é um armeiro que atua aqui.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - As suas relações com o Ramão são de amizade ou fazia negócios com ele?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, eu levei eu acho que uma ou duas vezes uma pistola minha para ele limpar e um relógio do táxi que eu tinha para ele arrumar para mim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor era motorista de táxi?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - A arma era de sua propriedade?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor mantém ainda a arma?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, foi apreendida pela Polícia Federal nessa operação.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que arma era?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Era uma pistola 380, Taurus.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você adquiriu onde essa pistola?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Aqui, em Uruguaiana mesmo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - De quem?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Uns 14 anos atrás.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - De quem?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - De uma loja, da Casa do...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ah, você comprou numa loja?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, comprei numa loja.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Registrou...?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Registre, tudo direitinho.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Registrou a arma. Você chegou a ter porte de arma ou não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Cheguei a ter.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Fornecido onde?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Aqui em Uruguaiana mesmo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Aqui em Uruguaiana?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ao tempo em que o porte era fornecido pela Delegacia de Polícia Civil?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Pela delegacia, sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor lembra qual foi o delegado que...



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, não lembro.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não está lembrado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, isso foi... Deve fazer quase 15 anos isso.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quinze anos?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Francisco, Passo Fundo faz parte da tua vida também, ou não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - O quê?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Passo Fundo.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Passo Fundo? Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você conhece...?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quer dizer, fora Bento, Garibaldi, Farroupilha e Caxias...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não tenho outra... nenhum outro...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Em Bento Gonçalves teve alguma permanência mais prolongada?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor. Eu fui a passeio a Bento. Por isso que eu conheço.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - A passeio. O senhor está arrolado num inquérito volumoso que produziu prisões, apreensões de armas, e que certamente está ainda no processo de investigação e pelo qual o senhor provavelmente vai ter que responder.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor constituiu advogado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Para esse processo?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Isso.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quem é seu advogado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É Luís Alberto Rota.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim. E o senhor está sendo acusado especificamente de quê?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Olhe, até agora não deu para entender bem, porque eles... a princípio, eles tinham colocado no indiciamento policial vários artigos ali, era lavagem de dinheiro, tráfico de arma, tráfico de droga...

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E o senhor cometeu alguns desses crimes?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Entende que Ramão possa ter cometido alguns desses crimes?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu acredito que não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E que Chicuta possa ter cometido alguns desses crimes?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - A respeito de Chicuta... Eu não tinha, assim... Como é que eu vou lhe dizer? Relação de intimidade nenhuma, assim, com ele. Conheço ele há muitos anos, porque me dou com o pai dele, mas relação com ele não tinha. A gente não se fechava muito.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, mas o senhor, de posse das informações que tem, entende que ele possa ter praticado algum crime?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Aí, é muito relativo. Eu não sei. Eu não sei lhe dizer isso aí.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor sabe por que ele está preso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor conviveu com ele no Presídio Central?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Como eram conterrâneos, provavelmente conversaram muitas vezes.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, porque ele estava separado. Ele era um ex-PM, então ele tem um tratamento diferenciado.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quer dizer, o senhor não encontrou Chicuta dentro do Presídio Central.



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Encontrei, mas no corredor, assim, esporadicamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sem tempo de conversar.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sem tempo de conversa.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não trocaram informações?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor sabe onde ele se encontra hoje?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não tem conhecimento?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - De armas o senhor conhece. O senhor era portador de uma arma...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - ...importante, não é? Há facilidade de compra dessas armas aqui em Uruguaiana?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E fora de Uruguaiana?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Acredito que não, também. Antigamente parece que tinha facilidade para se comprar na Argentina, mas agora parece que não, não tem facilidade nenhuma para se comprar.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - É claro, faz bastante tempo, muito tempo, o senhor talvez nem lembre qual foi a motivação que o levou a comprar uma arma e a tirar um porte, mas pode ser que se lembre.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Para ter em casa, porque essa é uma arma que eu tive ela por 14 anos, e nunca usei. Sempre estive dentro da minha casa.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum. Adquiria munição onde?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Aqui, nas lojas de arma, também.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você adquiriu muita munição para essa arma?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, poucas vezes, porque eu não usava quase a pistola. Usava lá no final de ano, em comemoração.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que tipo de comemoração, Francisco?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Final de ano.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Você dava tiros...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - ...para o ar?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Comemorava dando tiro?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum. Isso é muito comum aqui na cidade. Agora é que não é mais, não é? Mas era.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor afirma que era muito comum...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Era muito comum.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - ...comemorar dando tiros?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu vi várias pessoas. A gente ouve muito... muitas pessoas fazerem isso.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Quer dizer, na ausência de fogos de artifício, bala?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Bala. Acha correto, Francisco?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, hoje em dia eu sei que é incorreto, que pode até causar acidentes, não é?

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - As pessoas morrem por causa de bala, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor teve algum episódio antes dessa prisão, ou algum envolvimento, ou alguma acusação? Já respondeu a cana por isso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu já, já estive preso por tráfico de drogas, eu falei.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Tráfico de drogas?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - E chegou a cumprir quanto tempo de prisão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Cumpri 2 anos e 4 meses.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Dois anos e 4. Se foi condenado é porque realmente o senhor não conseguiu provar a inocência.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Traficava drogas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, era uma droga de uso. Mas é que me condenaram (*ininteligível.*)

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sim, sei. E o senhor ainda hoje é usuário?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Conseguiu superar?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - De que forma o senhor superou o vício?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Porque eu não cheguei realmente a me viciar; praticamente provei e desisti.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Mas portou, tanto é que foi preso, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Que quantidade o senhor tinha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Era na média de... não chegou a 5 gramas.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Hum, hum. E por essa razão ficou preso tanto tempo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Não conseguiu demonstrar que era apenas usuário, e não traficante?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.



O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Nós, é claro, nós teremos acesso aos inquéritos.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - O senhor afirma que foi condenado pelo porte de 5 gramas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - De 5 gramas.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Foi onde a condenação?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Aqui em Uruguaiana mesmo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Cumpriu pena aqui?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Cumpri pena aqui mesmo.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Isso foi em que ano? Terminou em que ano?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu estou terminando a condicional agora.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Ah, sim. O senhor está em... E a prisão de Porto Alegre lhe prejudicou nessa condicional?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Sr. Presidente, é evidente que o meu xará quer manter, quer preservar a sua posição. Ele não colabora com a nossa investigação. Ele está aqui na condição de testemunha, fez juramento. Portanto, Francisco, se alguma coisa não for verdadeira, nós obrigatoriamente teremos que chamá-lo mais uma vez. Deseja corrigir alguma coisa que disse ou deixou de dizer?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Nada mais a declarar?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Nada mais a declarar.

O SR. DEPUTADO FRANCISCO APPIO - Também de nossa parte, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Concluindo, eu faria duas perguntas ao depoente: V.Sa. não reconhece as ligações telefônicas que a Polícia Federal apresenta?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - V.Sa. diz que não são verdadeiras?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, eu não disse isso. Eu disse que eu não reconhecia as que eles me mostraram lá, até porque eu ouvi acho que foi uma ou duas, uma ou duas só que eles me mostraram lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Mas o senhor não reconhece a sua voz naquelas ligações?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Mas o senhor pode fazer um teste, falando ao telefone, sendo gravado e comparadas as duas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Isso aí é possível de ser feito para definir se a voz é efetivamente a sua ou não. E seguramente isso...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É. Eu acredito que sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - ...deverá ser feito também. Em uma dessas ligações que o senhor faz para o Sr. Ramão, o senhor oferece caramelos para ele. Ele gosta de caramelos ou não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu não me lembro disso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Mas a gravação está aqui.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O senhor tem por hábito oferecer caramelo a outra pessoa ou não?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Na linguagem de tráfico, "caramelo" pode ter outra definição?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Pode ser.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Pode? Seria qual?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não sei, poderia ser até munição, no caso, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - É possível não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Mas há uma gravação do senhor, o senhor oferecendo ao Sr. Ramão alguns caramelos. Essa gravação está em poder da Polícia Federal. Alguma vez uma pistola argentina foi apreendida em casa de algum familiar seu?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Onde aconteceu isso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Em Caxias do Sul.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - E a pistola era de procedência argentina?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É Browning, não sei se é argentina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Não é brasileira?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não é brasileira. Não é nacional, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - E houve uma apreensão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Houve, sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Houve uma apreensão dessa... do Exército argentino, houve uma apreensão na casa de familiares seus?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Quando aconteceu isso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Foi agora, na Operação Serraluz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - O senhor conhece essas pessoas, quase todas aqui citadas na Operação Serraluz? A maioria?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - A maioria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - A maioria? A arma existe, essa arma argentina, essa pistola Browning existe?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Existe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - As ligações telefônicas provavelmente o senhor deve reconhecer que algumas delas existiram, porque até disso se tem algum tipo de informação positiva. O senhor participou dessa organização criminosa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Que a Polícia Federal desbaratou?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor. Eu não participei de nenhum tipo desses crimes que o senhor está falando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Nenhum tipo de ação?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Colbert Martins) - Bom, acredito que vamos ter... Vou passar novamente a palavra ao Sr. Relator, antes que encerremos esta oitiva.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor poderia nos dizer em casa de quem foi apreendida essa pistola?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Da minha filha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa pistola era de quem?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Era de Marcelo?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De Marcelo Fetter?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que essa pistola estava na casa de sua filha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Por causa de que no dia que eu estava para vim para Uruguaiana de volta, porque eu tinha ido lá levar umas coisas para minhas filhas, ele tinha tido... tinha levado um corredão da polícia lá, e andava apavorado. Aí ele me telefonou e disse que precisava falar comigo. Aí se encontrou conosco e disse: estou com alguns problemas aí, tu não guardas? Eu disse: estou indo embora para Uruguaiana, só vou voltar daqui a 1 mês, 2 meses, quando vier trazer mais algumas coisas para minhas filhas. Aí ele me pediu para guardar. Eu disse: ah, não vou poder guardar, porque estou indo viajar. Aí ele disse assim: não, mas não vou ocupar. Dá para deixar lá guardada? Aí eu disse que dava. Inclusive nem informei para as minhas filhas que teria guardado a pistola lá, para quando eu voltasse entregar para ele de volta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor escondeu a pistola na casa dela?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que lugar?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Dentro de um microondas. Não, de uma lavadora de louça.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dentro de uma lavadora de louça?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É, que não estava em uso, no caso. Estava guardada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não estavam lavando louça?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, estava guardada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Durante 2 meses não ia ser utilizada?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor fez um favor para o Marcelo...

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...e escondeu uma pistola na casa de sua filha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Criando a possibilidade de ela ter que pagar uma cadeia também por conta disso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ela sabe disso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, ela não sabia, ela nem sabia que a arma estava guardada lá em casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ela não sabia. Que tipo de relação o senhor estabelece com sua filha para ter um gesto como esse, que pode fazer com que ela possa pagar uma cadeia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É que jamais imaginei que iria acontecer o que aconteceu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas não seria uma atitude eu diria até quase covarde de sua parte, porque expor uma pessoa que não tem nada a ver com isso?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, porque a partir do momento em que fui preso eu assumi a responsabilidade sobre a arma.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então o senhor assumiu que a arma era sua?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu assumi que eu tinha guardada a arma, que era eu que tinha guardado a arma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como a polícia descobriu que a arma estava lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Por causa de que fizeram buscas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fizeram buscas na casa de sua filha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que idade tem sua filha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Uma tem 23 e a outra tem 20.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E elas moram na Serra há bastante tempo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Há 1 ano e uns 3 meses, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Trabalham lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Trabalham, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em qual atividade?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Elas trabalham num abatedouro de aves.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - As duas foram daqui para lá para trabalhar?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Foram daqui para lá para trabalhar. Faz 1 ano e pouco que elas já estão na firma lá, trabalhando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero dizer ao senhor que espero que esse inquérito possa ser concluído o mais rapidamente possível e que, em função de uma situação que pretendo inclusive investigar, a desse suposto conflito de competência entre a Polícia Federal e a Polícia Civil, que permitiu que a denúncia contra os senhores não fosse feita dentro do prazo legal, que esse inquérito possa ser concluído o mais rapidamente possível. Estou absolutamente convicto de que se



trata da mais perigosa quadrilha do Estado do Rio Grande do Sul, responsável pelo maior número de assassinatos, de mortes, de assaltos a carros-fortes e a bancos, e que infelizmente tem a participação de pessoas como o senhor, que, pela frieza que demonstrou no depoimento, uma pessoa que é capaz de esconder uma arma na casa de uma filha, expondo-a, revela de fato a dimensão de sua responsabilidade. Sequer ficam constrangidos diante do mal que têm causado para a sociedade de forma geral. Esse esquema de Oliveira Seco, abastecido por pessoas como o senhor, Chicuta e esses outros, tem sido responsáveis pelo assassinato de diversos policiais militares, policiais rodoviários, guardas de banco, e eu sinceramente espero que a Polícia Federal conclua rapidamente esse inquérito e que o senhor possa, junto com seus comparsas, pagar por todo o mal que os senhores têm promovido no Estado do Rio Grande do Sul e em todo País. Então, eu não gostaria que o senhor saísse daqui hoje achando que pelo menos eu, como Relator, tenha acreditado em nenhuma palavra que o senhor nos disse aqui hoje.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É um direito do senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu tenho certeza disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Antes de dispensar a testemunha, pergunto ainda a Francisco: as suas filhas tiveram algum tipo de envolvimento como o seu — drogas, armas?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Nunca. Nunca tiveram envolvimento nenhum com nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E por que razão se fez a busca e apreensão na casa dela?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Pelo fato de eu ficar hospedado na casa delas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Foi uma denúncia?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não sei. Eu acho que é baseado em investigação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Marcelo teria dito que entregara a arma para o senhor, provavelmente?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tem certeza de que Marcelo não lhe entregou?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Tenho certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sabia da atividade de Marcelo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Além dessa arma que você comprou e registrou, e teve porte de arma, teve outras armas registradas em seu nome?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E por que razão esse armamento todo, Francisco?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu tive duas armas, eu acho, registradas no meu nome.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, mas por que razão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Porque eu gostava de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - O senhor gostava de arma.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Gostava de arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - É possível dizer, então, que a distância entre a sua atividade e o comércio de armas é muito pequena. O senhor poderia ter sido um negociante de armas, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Mas, não fui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não foi? Nem mesmo nessa relação de amizade com Ramão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Nem mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Mas era capaz de guardar uma arma suspeita — porque é claro que você suspeitou da arma, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Não teria sido mais fácil dizer a Marcelo: não, não tira essa bomba de mim?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, eu até tentei. Disse para ele que eu ia viajar, todo o resto.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Se tinha algum... Por que... por que você fez isso? Devia alguma obrigação a Marcelo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, não devia obrigação nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Porque isso aí, se o senhor fez mal para a tua filha, fez bem para o seu amigo. Mas por que essa inversão de valores? Fez bem para o seu amigo, um favor, e fez mal para a sua filha, colocando-a em risco?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É como eu já disse, eu imaginei que jamais aconteceria o que aconteceu. E como era por um curto tempo, e eu nem estaria lá, no caso, e como minhas filhas passam o dia inteiro no trabalho, só vêm em casa para dormir, eu não imaginei que aconteceria o que aconteceu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quantos anos o senhor tem?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Quarenta e três.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Convém já ir analisando o que é uma responsabilidade, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Colocar em risco a segurança... O senhor é casado?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sua esposa mora aqui ou mora lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Está morando lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Está morando lá. O senhor está sozinho aqui?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu só vim aqui para assinar a condicional e por causa desse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, já está retornando para lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E não está trabalhando?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Agora, no momento, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Chegou a trabalhar lá?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Em local nenhum?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, em local nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - E do que o senhor está vivendo, Francisco?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - A minha mulher e as minhas duas filhas trabalham, e eu tenho a minha casa que está alugada aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quanto é que recebe de aluguel aqui?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É... R\$ 450.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Quer dizer que é a sua renda, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É interessante isso. Essa casa está alugada para quem?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Para um conhecido meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É Daniel o nome dele, um rapaz que tem uma eletrônica.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele mora nesta casa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor. Faz anos que ele mora aqui. Ele tem eletrônica.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tem só uma casa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Só uma casa. Só essa, da General Canabarro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tu te hospedaste onde aqui, ou te hospedas onde, neste tempo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Na minha mãe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, a sua mãe mora aqui?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Mora aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ah, mora aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essa casa em que tu moras, da Rua General...



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Canabarro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tem uma casa no terreno ou mais de uma casa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Uma casa no terreno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Tu não possuis nenhum outro imóvel?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Então, a sua renda é de R\$ 400. Essa é a sua renda?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, a minha é esta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Você vive com R\$ 400?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Sim, porque também a média salarial... Não imagino que suas filhas e sua mulher estejam ganhando muito bem. Qual é o salário?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Entre as 3 deve dar, em média, quase R\$ 2 mil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - As 3, R\$ 2 mil. Você, mais R\$ 400, para sustentar... *(Falha na gravação. Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Dirigiu caminhão?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Nunca?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe quem é Neide da Silva Brum?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece uma residência localizada na Quadra 5, casa 13, no Bairro Pró-Morar?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Assim, por endereço, assim... não estou sabendo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Sra. Neide da Silva Brum vem ser a avó de Vítor. Sabe quem é Vítor?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sei, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Vítor?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É um rapaz que estava preso. Já faleceu. Um conhecido meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vítor Paez?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O filho dele?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece? Essa Neide da Silva Brum tem alguma coisa a ver com Vítor? Está lembrado agora de quem é ela?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Ah, é a avó... é a sogra de Vítor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sogra de Vítor?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor. Agora, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe se Neide tem filha?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é o nome dela?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Marta, esposa de Vítor Hugo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Marta, esposa de Vítor Hugo?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Marta Brum. Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece Marta?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Conheço, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece Neide também, então?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim. Agora estou sabendo quem é.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sabe quem é Vítor também?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sei, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E quem é o proprietário dessa casa em que ela mora, Neide?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Se eu não me engano, é de Clineu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De Clineu?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é Clineu?



O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É o Boca, que também estava na operação aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Boca, que também estava na operação?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - É. Foi preso junto comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E Boca é seu parceiro?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não. Parceiro, não. Conhecido.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhecido. Essa casa é dele?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele aluga essa casa para Neide?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Acredito que sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem alguma coisa a ver com essa casa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem alguma coisa a ver com qualquer pessoa que mora nessa casa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Também não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não conhece? Só assim de... passagem?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Só assim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conhece o dono da casa?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim.

(Não identificado) - É amigo do dono?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Sim. Conheço ele faz muito tempo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Francisco, a menos que queira declarar algo mais, está dispensado.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Eu não tenho mais nada para...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Pediria apenas que ficasse. O senhor não tem pretensão de viajar nas próximas horas, não é?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Peço que permaneça na cidade porque poderemos solicitar maiores informações. Poderemos necessitar da sua presença. O senhor vai pernoitar onde, hoje?

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Na casa da minha mãe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Na casa da sua mãe. Muito obrigado, Francisco Carlos Alegre Recoba.

O SR. FRANCISCO CARLOS ALEGRE RECOBA - Posso me retirar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Com certeza. Sr. Presidente, Sr. Relator, Deputado Colbert Martins, suspenderemos a sessão por 5 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - *(Falha na gravação.)* ...sessão. E por se tratar de oitiva de testemunha convocada, solicito ao Sr. Ramão Carlos Sarda Garcia que preste juramento conforme o art. 203 do Código de Processo Penal. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho assim descrito no Código Penal: *“Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar, ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial ou administrativo, ou em juízo arbitral.”* Sr. Ramão, por favor, faça o juramento.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que eu souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Muito obrigado. Ramão Carlos Sarda Garcia é a testemunha para depor, meu caro Relator.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na realidade é Ramão, não é?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Positivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ramão Carlos Sarda Garcia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Francisco Appio) - Ramão.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Ramão em português, e Ramon em espanhol.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor é “doble chapa”?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Pode ser.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Cidadania, o que mais, além de brasileira? O senhor tem cidadania...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, não, não, só brasileira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só brasileira.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Se pronuncia Ramon em espanhol. É o que eu tentei explicar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ramon. O senhor tem bastante relação com a Argentina e com o Uruguai?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Com o Uruguai principalmente, e com a Argentina.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor mora aqui em Uruguiana há muitos anos?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sessenta anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Toda a vida foi armeiro?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, uns 40 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Profissão? O que fez... a sua atividade profissional é essa?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É, e fui caminhoneiro também, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Caminhoneiro. Depois passou a lidar com arma?

(Não identificado) - Achou perigoso ser caminhoneiro?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, com arma eu lido desde de pequeno.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor fazia o quê? Trabalhava com...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Tirei cursos nas Forças Armadas e tal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No Brasil?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - No Brasil, no AGGCE, *(ininteligível)* General Câmara.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Um armeiro registrado?



O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Com CR, pelo Serviço de Fiscalização de produtos controlados, até 2007.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Até 2007. Continua trabalhando como armeiro?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Continuo trabalhando como armeiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E trabalha... Arruma arma, é isso?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Conserto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conserta. Fabrica também?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só conserta?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Só conserto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mais arma nacional, ou mais arma estrangeira?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, mais arma nacional. Pode ser até estrangeira, desde que ela tenha o registro, com o devido registro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor só trabalha com arma registrada?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É. E tenho permissão também para conserto de armas de uso restrito, desde que venha a autorização do Serviço de Produtos Controlados.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estou vendo que o senhor é uma pessoa esclarecida, estabelecida profissionalmente.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Há tempos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Família local, creio eu. Como é que seu nome se envolveu nesse episódio Operação Serraluz-Nóia?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Isso até hoje eu não estou sabendo, mas eu vou procurar esclarecer.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ah! Então... Sim, como é que o envolveram nisso?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É o que vou esclarecer daqui a mais uns dias.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas nos conte.



O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Eu só soube lhe dizer que eu estava em casa, domingo para segunda, e foi uma viatura da Polícia Federal, com mais agentes da Civil, do DEIC, e me levou um mandato de busca e apreensão, na minha oficina.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Porque eu moro num lugar, e a oficina é em outro. Eles já tinham estado na oficina e não conseguiram abrir a porta da referida oficina. Aí, foram lá, me solicitaram, eu vim com eles. Abri a oficina, abri os cofres, mostrei as armas que eu tinha e mostrei a documentação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Nada acharam. Acharam... Para dizer que nada acharam, uma Remington, uma arma velha de mil, oitocentos e quarenta e pouco, um calibre 45, que há mais de 50 anos não é fabricado, e essas armas que o pessoal usa para decoração, em cima de lareira.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É. E uma pistola velha que eu uso para fazer teste em massa de polimento, porque eu tenho tudo que é... banho de níquel, banho de oxidação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem alguma passagem policial nesses anos todos? O senhor respondeu por algum crime?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem algum envolvimento por...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Crime, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Respondeu por alguma questão de natureza penal?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, foi respondido em 1904, mas foi feita uma apreensão de armas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mil novecentos e quatro?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Mil novecentos e noventa e quatro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Noventa e quatro.



O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Noventa e quatro. Não sou tão velho.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu estava estranhando como o senhor era conservado. (*Risos.*)

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - (*Risos.*) Não, em 94, desculpe. Mas tudo foi esclarecido. Foi cumprida a pena, tudo legal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Ramão, o senhor conhece o cidadão conhecido como Bolão?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É um cliente meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Cliente seu?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Cliente meu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tipo de serviço o senhor presta para ele?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Já limpei várias vezes uma pistola Taurus PT-58, registrada, que ele tem, tá? Já consertei velocímetro do carro, porque ele era taxista, tá? Esses são alguns dos serviços que eu prestei para ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor conhece uma pessoa chamada Jair de Oliveira, vulgo Jair Cabeludo?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Fiquei conhecendo quando estive preso lá no Presídio Central.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quem é essa pessoa?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não sei lhe dizer. Fiquei conhecendo ele na Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor não o conhecia?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, não conhecia. Nem sei a origem, nem sei a (*ininteligível*).

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - daquelas pessoas que foram presas na Operação Serraluz-Nóia, quem mais além de Recoba o senhor já conhecia?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - O... Chamam ele de Boca.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Boca.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Daqui de Uruguaiana também.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Já conhecia Boca?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Já. Boca eu conhecia desde menino...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Do presídio também, não?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, não, não. O Boca, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe que essa operação da Polícia Federal e da Polícia Civil foi uma operação precedida de todo um trabalho de inteligência...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - O que faltou, nesse ponto o senhor vai me desculpar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...e tem interceptações telefônicas...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...onde aparecem conversas suas, nas interpretações.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Isso... isso eu duvido. O senhor fez o teste do gráfico para ver se era realmente a minha palavra?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso... isso o inquérito, ele vai...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Tá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem o direito de ter... de sustentar que elas não são suas, não é? Ligação, por exemplo, do Bolão, conversa do Bolão com o senhor.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E a Polícia Federal, com a Polícia Civil, concluiu que, supostamente — quem sou eu aqui para afirmar, antes da conclusão...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Imaginaria isso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...que seria o senhor um dos responsáveis pela compra e venda de armas e munições adquiridas na Argentina e no Uruguai, com o intuito de serem repassadas a Jair Oliveira. Veja o senhor que se trata de uma acusação gravíssima, na medida em que constitui o Sr. Jair Oliveira — creio que o senhor deve saber disso...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Eu sei.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...nada mais, nada menos do que o fornecedor de armas e munição para a quadrilha do Seco...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sim, já li isso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...foragido número 1 do Estado, envolvido nos principais crimes de assalto a banco e carro-forte no Estado do Rio Grande do Sul. Então, é uma acusação muito grave, muito forte, que coloca V.Sa. como, eu diria, um dos principais suspeitos de ser fornecedor. O senhor é armeiro em Uruguaiana, na fronteira. Por que razão o senhor acredita que essa situação esteja se voltando contra o senhor?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Simplesmente por eu ser armeiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha, assim, que do nada...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Simplesmente porque... E a imaginação também. Imaginam: arma e armeiro; ligam uma coisa com a outra. Agora, o senhor pode fazer um levantamento, tanto na Polícia Federal, como na estadual; veja se houve, anos atrás, alguma apreensão de arma comigo, algum tráfico de arma comigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu sou daqueles que procuram de fato partir do princípio de que as pessoas são inocentes, e quero crer que o senhor esteja aqui falando a verdade. Mas eu quero insistir com o senhor; quer dizer, que fato, que elemento provocou, segundo a sua versão, tamanha injustiça? Veja bem, o senhor...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Eu acho que houve uma investigação falha. Posso lhe dizer isso. Posso lhe afirmar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que isso?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Eu acho que é um pouco de incompetência na investigação, porque simplesmente me prenderam. Eu tenho antecedentes; toda Uruguaiana, praticamente, me conhece. Então, chegam, prendem o cidadão. Está lá o cidadão 85 dias que... praticamente 85 dias. A minha firma é pequena, já vinha com esse problema de negócio de arma, dificuldade, tem de ir a Polícia Federal, tirar guia de tráfego; então, o movimento reduziu a zero. E nesses dias, o que é que houve? Simplesmente faliu a firma. Como eu lhe falei há pouco, lá atrás, a ligação de armeiro com armas é muito fácil. Agora, você precisa



provar. Precisa dizer: olhe, Fulano, está aqui a prova. Isso é de que necessita, porque é fácil de prender o cidadão que está estabelecido, tem endereço fixo, botar na cadeia e deixar a família à mercê, que passe fome, que as contas atrasem. Tem lá, ó: basta ver que foi feito a busca no BACEN para ver se eu tinha contas. Nem... só tinha um cartão de conta, ainda vencido, e eu até estava no SPC por conta disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Alguma vez, Sr. Ramão, o senhor intermediou a compra ou a venda de armas e munições adquiridas da Argentina ou do Uruguai?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Eu uso, usava e uso o sistema de consignação. O senhor tem uma arma que está registrada, o senhor me dá uma autorização, eu vou fazer a venda para outra pessoa, e faço o mesmo procedimento, faço a transferência do registro. Isso não é proibido para uma arma usada, no caso do armeiro, porque reza no meu CR que eu tenho permissão para *(ininteligível)*.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A legislação, até pouco tempo atrás, era uma legislação muito mais liberal. Correto?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Era mesmo liberal. Positivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era comum que as pessoas aqui na região da fronteira, tradicionalmente a atividade de caça, sempre foi uma atividade, eu diria, quase que cultural, nesse nosso pampa gaúcho...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É uma cultura do nosso Estado.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ir ali para se comprar uma caixa de munição e a *(ininteligível)*, isso era uma coisa corriqueira. Correto?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Positivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se falarmos lá com os nossos pais, avós, são coisas comuns, consideradas uma coisa natural. E ali, do outro lado, quando compravam um quilo de cebola, se achassem lá um 22 ou 32 que achassem interessante, traziam junto. E houve uma mudança cultural provocada por uma alteração da legislação. Mesmo antes dessa mudança da legislação, o senhor não comprava munição, não arrumava armas para os uruguaiois, para os argentinos, não lhe procuravam?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Até que poderia arrumar, porque eu indo como pessoa física para o lado de lá...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Antes da legislação — não estou querendo aqui comprometer o seu... eu quero entender como é que funciona o esquema.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Eu só quero explicar o seguinte: eu, como pessoa física, poderia ir para o lado de lá e arrumar, não tem lei que me impeça de fazer isso. Ou tem? Eu não levo ferramenta, eu vou usar ferramenta às vezes, mas nunca fiz isso aí. E outra: munição eu nunca compro, porque o cidadão, quando me leva arma para conserto, ele é obrigado a me levar a capacidade de munição que a arma dispara, ou seja, 5 tiros, 4 tiros, 6 tiros. Então, não existe necessidade de eu comprar munição, e nem de comercializar também, porque eu nunca comercializei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor... quando o senhor foi detido, foram encontradas na sua oficina...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...anotações relativas à venda e controle de estoque...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...de munição 762 e 556.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Isso aí deve ser um engano. Anotações, pode ser, mas não referentes à venda, porque eu tenho uma enciclopédia...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em que pé, essas anotações?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - ...vamos dizer, uma coleção de livros, que seguido o pessoal me telefona e quer uma informação. Dizem: me dá uma informação; quantos grãos, qual é o projétil, qual é o fulminante — que vem ser a espoleta — que vai numa munição 556 ou num 762, entendeu? Então, são informações que eu dou para gente conhecida que me telefona, colegas de clube de tiro também.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor, pelo que eu percebo, sustenta que não se tratava de anotações...?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. De venda, não; de anotações, sim. E até...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De controle de estoque?



O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - De anotações, sim. Até...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Anotações de quê?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Anotações, bem, vamos dizer assim, 556, vai tantos grãos de pólvora, ou projétil.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Controle de estoque?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Controle de estoque não existe. Eu nunca tive isso aí, porque para ter controle de estoque eu teria que ter a munição, teria que ter a parte...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ou intermediar. Assim como o senhor intermedia compra e venda de armas, poderia intermediar compra e venda de munição.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Compra e venda, no caso, eu já lhe expliquei, só como consignação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu entendi.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Entendeu? O senhor chega lá e me deixa uma arma: está aqui, está aqui o registro. Quando passa e faz a transferência do registro, eu entrego a arma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É natural que o cidadão que tem uma arma, principalmente num momento em que a legislação se torna mais restritiva, que ele procure alternativas para a compra de munições. Não lhe parece?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sim, mas aí já compete a ele e não a mim vender.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, é natural também que o cidadão procure um armeiro, porque se até a polícia quando pensa em arma lembra do armeiro, imagine o cidadão comum.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sim, mas acontece o seguinte: que aí já eu teria que ter outro tipo de registro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor participa de clube de tiro?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Ah, participo. Participo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E adquire munição onde?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, eu faço... Eu não sou tanto um praticante, eu sou mais um árbitro. Eu vou nos polígonos uruguaios. Agora estão reativando o polígono em Passo de Los Libres. E já vou lhe informar o seguinte: os



amigos de tiros emprestam as armas para eu atirar, para evitar aquela burocracia que a gente tem, tá?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o senhor diz que não se tratava de controle de estoque.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o senhor nega que as interceptações telefônicas que creditam ao senhor, as transcrições, sejam suas.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Não existe, porque eu só vou... Se eu tivesse falado, tudo bem. Mas se os senhores têm dúvida, a melhor coisa que tem que fazer é a prova do gráfico, para ver se realmente é a minha voz. Mas, não existe isso aí. A informação, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A Polícia Federal credita e transcreve como suas.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Ah, ela pode fazer, mas ela não fez um gráfico ainda. Eu quero que faça.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estou partindo de uma informação de hoje; pode ser que a informação de amanhã...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Sim. Não, foi o depoimento que eu dei antes.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...seja outra. E que... *(Pausa.)* E que o senhor, segundo, mais uma vez, a investigação, juntamente com Bolão, intermediava compra de munição e armas. Segundo uma transcrição aqui, numa oportunidade esse Bolão oferecia para o senhor caramelos. O senhor se lembra de o Bolão ter vendido caramelos para o senhor?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Caramelos? Caramelo, que eu sei, é o de chupar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lembra de ele ter ligado para o senhor para vender caramelos?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, não me recordo disso aí.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pode ter ocorrido?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não. Pode ter ocorrido o seguinte, eu vou ser claro...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele era taxista, não é? Então...



O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Eu vou ser claro, eu vou lhe explicar. Eu comprei um *trailer*, um *trailer* comercial (*ininteligível*) dele, e vieram alguns objetos que eu teria que devolver para ele, porta-copos, mais coisas de *trailer*, e veio uns chicletes e veio uns caramelos, tá?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está indo bem no seu depoimento, Sr. Ramão.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - E foi devolvido para ele, o senhor pode chegar aí, chamar ele pessoalmente, e a gente faz a acareação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está indo bem no seu depoimento. (*Risos.*) Então, é melhor o senhor dizer que não teve ligação. O senhor quer dizer que Bolão ligou para o senhor para perguntar se o senhor queria comprar uns caramelos que estavam dentro do *trailer*?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, não. O senhor não confunda. Eu tenho relações com ele nessa parte, já foi dado no meu depoimento...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor comprou o *trailer* de Bolão.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - ...já foi dado no meu depoimento lá na Polícia Federal de Porto Alegre esse detalhe, para não deixar dúvida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele ligou para o senhor lhe oferecendo caramelos?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, ele não ligou oferecendo caramelos. Eu fiz a devolução para ele dos objetos que tinha lá dentro, porque não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Em uma ligação telefônica na qual vocês negociam a possível compra e venda de caramelos?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Também insisto que não existe essa ligação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E com Boca, como é que era a sua relação?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, o Boca? Não tinha relação com ele. Tinha... conhecia ele desde pequeno, mas não em relação assim, mais...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca teve negócio com ele, nunca comprou nada, vendeu, intermediou?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, nada, nada, nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Clineu...



O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Clineu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe se Clineu tinha relação com Bolão?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Tinha, ele é amigo dele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor sabe que alguns desses pagamentos de venda de armas e munição Jair Oliveira depositava na conta de Clineu?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não, as particularidades pessoais deles eu não...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor nunca negociou com Jair Oliveira?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Nunca, nunca conversamos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Nunca vendeu armas? É mesmo? E não se conheciam?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Nem conhecia, nem conhecia.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Talvez poucas pessoas aqui na região conheçam tanto de arma e munição como o senhor, correto?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Positivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Se o senhor tem, como o senhor mesmo diz, uma enciclopédia, que o pessoal... O senhor acha que Uruguaiana é uma rota?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - De quê?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De tráfico de armas e de...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...e de munição? Como é que vem na Argentina e vai por dentro do Brasil sem passar por Uruguaiana?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Isso aí eu não posso lhe informar. Quem tem que lhe informar é...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, eu estou lhe perguntando...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - ...é a Receita.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...se o senhor, como...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - O que me compete é só consertar as armas.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu lhe perguntei não como...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Agora, sobre rota, não. Não sei lhe dizer nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que cruzam aqui arma e munição?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - O senhor quer que eu lhe explique o...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - ...o meu conhecimento, o que eu tenho?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quero.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - O que existe, o que existia aqui... porque, assim como a nossa legislação de arma mudou, a legislação de arma argentina mudou também. O senhor pode passar para o lado de lá e se informar com qualquer comerciante, tá? O que existia, de primeiro, era que o pessoal tinha facilidade para ir ali comprar um revólver Doble, um Ítalo ou um Bagual, desse revólver que é uma liga, não é alumínio, não é antimônio, é uma porcaria. Então, isso aí é que deu fama para o pessoal. E talvez pegasse... alguém vendesse alguma arma de calibre mais pesado, então...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No Uruguai?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - ...isso aí, uma meia dúzia. Então..

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No Uruguai? *(Falha na gravação. Pausa.)* ...com Chicuta?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - ...que levava uma arma 12 e uma pistola.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quarenta e cinco?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Outra coisa que eu quero esclarecer para os senhores, porque eu estou vendo que os senhores não têm conhecimento, essas armas, principalmente a 45, a sistema Colt ou a *(ininteligível)*, que vêm com carimbo do exército argentino, dessas armas já foi dado baixa há muitos anos, há mais de 30 anos, e foram vendidas para o público quando era outra a legislação na Argentina.



(Não identificado) - É o caso dessa pistola.

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - É o caso dessa pistola

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma pistola...

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Isso não é a arma de uso do exército, porque o calibre 45 há muito tempo na Argentina deixou de ser de uso restrito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, mas ela foi do exército argentino? É isso que o senhor quer dizer então?

O SR. RAMÃO CARLOS SARDA GARCIA - Foi há tempos, e depois foi dado baixa, como aqui os veículos que o Exército vende (*Fim da gravação.*)